UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

LUCIANA VIEIRA SOUZA DA SILVA

**A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São
Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)**

São Paulo
2015

LUCIANA VIEIRA SOUZA DA SILVA

**A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São
Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)**

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Mestre
em Filosofia do Programa de Pós-Graduação
em Estudos Culturais

Versão corrigida contendo as alterações
solicitadas pela comissão julgadora em 7 de
julho de 2015. A versão final encontra-se em
acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP
e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
da USP (BDTD), de acordo com a Resolução
CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração: Estudos Culturais

Orientador: Prof. Dr. Rogério Monteiro de
Siqueira

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Silva, Luciana Vieira Souza da

A missão italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da
Universidade de São Paulo : ciência, educação e fascismo (1934-1942) /
Luciana Vieira Souza da Silva ; orientador, Rogério Monteiro de Siqueira. –
São Paulo, 2015

261 f. : il

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação
em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Ensino superior - São Paulo - História. 2. Ensino superior - São
Paulo - Influência italiana. 3. Fascismo. 4. Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da USP. 5. Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da USP. I. Siqueira, Rogério Monteiro de, orient.
II. Título

CDD 22.ed. – 378.8161

FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: Luciana Vieira Souza da Silva

TÍTULO: A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Professor/a doutor/a: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Professor/a doutor/a: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Professor/a doutor/a: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pela bolsa concedida (processo FAPESP 2012/24076-3) e à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado.

Ao Rogério Monteiro de Siqueira, um agradecimento mais do que especial. Com toda a paciência e serenidade do mundo, desde 2008, passando por três projetos de iniciação científica e um Trabalho Final de graduação, tem me ensinado o que é fazer história da ciência. Agradeço por ter despertado em mim o gosto pela pesquisa, por ter acreditado que era possível, por ter confiado em mim tantas vezes e por me proporcionar a realização de um sonho que eu jamais pensei que fosse possível, mas que hoje é real.

À minha família, Eliseu, Cidinha e Lucas, por sempre me apoiarem, compreenderem minhas ausências, pelas nossas discussões filosóficas e por sempre me mostrarem, através do exemplo, que tudo (ou quase tudo) é possível. No final da confecção desse trabalho passamos por momentos bem conturbados, com os quais pudemos aprender e nos unir. Obrigada por fazerem parte de minha vida.

À Taís Tesser, grande companheira, que me apoia desde sempre, que me ouve e consegue suportar os meus piores momentos (que não são poucos), que está ao meu lado para o que der e vier. Não teria palavras para dizer o quanto você é importante para mim. Sem sua paciência, dedicação, carinho, atenção e apoio, nada disso teria sido possível. À sua família, Ida, Carlos e Vitor, que sempre me acolheram com grande carinho, obrigada, de coração.

Às amigas queridas, Patrícia Viana, Stella Costa, Sheila Araujo, Larissa Dellisa, Luciana Andrade, Viviane Capetine, Juliana Carmo, Amanda Hora, pelos momentos de descontração e troca de experiências, fundamentais em todo esse processo. À Lauren Souza e à Paulinha Saes, pela acolhida em Campinas e pelos momentos especiais.

Aos amigos queridos, Norton Silva, Reginaldo Holanda, Rodrigo Oliveira, Guilherme Pagoti, Zaqueu Oliveira, André Estudante, os quais, mais perto ou mais longe, sempre me apoiaram.

Agradeço à Dona Maria Josefa, Dona Maria, Sr. Zé e Renata pelos conselhos, ajuda e todo o carinho.

Ao pessoal do Arquivo da Escola Caetano de Campos; Dona Beth e Cida do Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda” (CAPH-FFLCH-USP), sempre solícitas e atenciosas comigo; à Walkiria Fucilli Chassot, do Arquivo Histórico do Instituto de Física da USP; ao pessoal do Arquivo Público do Estado de São Paulo; ao pessoal do Arquivo Histórico da *Accademia Nazionale dei Lincei*, em Roma, principalmente aos meninos da reposição de material, sempre atenciosos e gentis; ao pessoal do *Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri* (ASMAE), em Roma, principalmente ao senhor Giuseppe Penzato, sempre gentil e solícito; ao pessoal da Biblioteca do Instituto de Matemática da Università degli Studi di Ferrara, por toda ajuda e acolhida, principalmente à senhora Chiara Casoni, sempre gentil e atenciosa; ao Dott. Paolo Evangelisti, do Arquivo Histórico da Camera dei Deputati, em Roma, pela atenção e disposição com que me recebeu. Agradeço também ao pessoal do Consulado do Brasil em Roma e, principalmente, à Embaixada Brasileira, que prontamente confeccionou o documento necessário à minha entrada no ASMAE. Agradeço, também, ao pessoal do Centro de Documentação do GHEMAT, em Osasco.

À Palma, Rosa e toda a família Peluso, sou infinitamente grata pela acolhida em Roma, por todas as demonstrações de carinho, pelas carbonaras e pastas com pesto (grazie, ragazze!). Agradeço imensamente à Bruna Iodice, por ter possibilitado esse contato, por toda a ajuda e atenção para com meu intercâmbio e, também, pelas valiosas lições de italiano durante o mestrado.

Ao professor Giovanni Paoloni, por aceitar me receber em Roma e pela orientação quanto ao contato com os arquivos. Agradeço também ao Programa Santander de Bolsas de Mobilidade Internacional - Programa de Mobilidade Estudantil Internacional de alunos de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, pelo auxílio concedido.

À professora Ana Paula Simioni (IEB-USP), pela maravilhosa disciplina e por me sugerir um documento do Arquivo Público do Estado de São Paulo, o qual foi fundamental para o redelineamento de minha pesquisa. Ao professor José Renato de Campos Araújo (EACH-USP), pela análise do projeto na disciplina do IEB e pela sugestão de bibliografia sobre a imigração italiana no Brasil.

Aos professores e professora da banca do Exame de Qualificação, por suas relevantes considerações: Thomás Augusto Santoro Haddad (EACH-USP), Bruno Bontempi

Júnior (FE-USP) e Maria Amélia Dantes Mascarenhas (FFLCH-USP).

À Lúcia Parra, pelas dicas com relação ao material do DEOPS e pelos encontros com o grupo de estudos. Aos demais colegas de orientação e grupo, Alexandre Gilsogamo, Nina Rosa Fernandes e Paulo de Vicentis, agradeço pelas experiências trocadas.

Ao Sérgio de Gouveia Neto, obrigada pela disposição em me ajudar com as moedas antigas.

Aos/às funcionários/as da EACH: da biblioteca, da seção de pós-graduação, aos/às queridíssimos/as do *bandejão* (Amô Clarice, que não está mais por lá) e todos/as que lutam diariamente para o bom funcionamento (sempre com alguma novidade turbulenta) da nossa Escola.

Aos/às professores/as da EACH, de Ciências da Natureza e Estudos Culturais, que direta ou indiretamente contribuíram para a presente pesquisa.

Ao pessoal do *Pink – Beleza e Bem-Estar*, principalmente Fernanda Kalil e Valkiria Breda, por sempre entenderem as minhas faltas (fundamentais para que eu passasse no processo seletivo do mestrado) e as inúmeras chatices acadêmicas. Agradeço também à Diva, Maroca, Alecinho, Mery, Ana, Vanessa, Rosi, Ray, Nete, Lurdinha, todos e todas clientes que tive a oportunidade de atender e conhecer, bem como toda a equipe que sempre me apoiou e acolheu. Amigos de outros espaços, que a vida me deu a oportunidade de conhecer: Rogério Gomes, Val, Erilson, Rodrigo, Eliana e família, Keilinha, Edi, Ester, Maria e tantos outros. Vocês são demais. A experiência no salão me fez conhecer coisas que a universidade jamais seria capaz de ensinar.

*A todos e todas,
gratidão.*

Canto de resistência

*Hoje, pois, nós, transgressores e transgressoras
das regras desse mundo social,
quebramos, rasgamos, pulamos as barreiras
em um enfrentamento diário do preconceito de classe
e de tantos outros preconceitos.
Não somos a elite intelectual.
Não somos os eleitos entre os mais preparados.
Podem nos jogar seu lixo e ascarel.
Continuaremos a resistir.*

(Luciana Vieira)

RESUMO

SILVA, L. V. S. **A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)**. 2015. 261 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Entre os anos de 1934 e 1942, um grupo de professores que ficou conhecido como Missão Italiana foi contratado para reger algumas cadeiras das ciências exatas e literatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. No presente trabalho, estudamos as negociações institucionais e diplomáticas entre os governos italiano e brasileiro que permitiram a vinda da Missão ao Brasil, a partir da análise de uma série de documentos presentes em arquivos do Brasil e da Itália. Estudamos, também, o modo como a Missão Italiana foi recebida pela imprensa paulista e carioca, bem como a circulação do grupo em espaços dentro e fora da universidade, a partir da análise de diversos jornais do período. Para compreender o envolvimento da Missão Italiana com o cenário de debates do ensino secundário brasileiro, mobilizamos e analisamos os discursos que ela proferiu no período, tendo em vista as possíveis correntes de pensamento as quais os professores se alinhavam ou buscavam refutar. Também estudamos o contato desses professores com a formação das primeiras gerações de matemáticos da FFCL, no que tange ao incentivo à pesquisa, ao engajamento em uma rede internacional de circulação de cientistas e à produção das primeiras teses de doutoramento. Verificamos que o Regime Fascista, que esteve diretamente envolvido na contratação da Missão Italiana, bem como a pertença desses professores ao Partido Nacional Fascista, inicialmente, não foi um problema para a sua vinda ao Brasil. Acompanhando o trabalho da Missão Italiana ao longo dos anos, observamos que as condições de sua permanência no Brasil vão se deteriorar somente com o rompimento das relações diplomáticas em 1942, momento em que a Missão é desmantelada. Nesse estudo, gostaríamos de defender que a passagem desse grupo de professores pelo Brasil não deve ser analisada somente sob a ótica de uma Itália Fascista imperialista, que pretendia dominar o espaço científico e universitário brasileiro, mas como um encontro entre culturas, onde ambas as partes buscaram se beneficiar dos acordos entre Itália e Brasil.

Palavras-chave: Missão Italiana. Fascismo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. História do ensino superior.

ABSTRACT

SILVA, L. V. S. **The Italian Mission of the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras of the Universidade de São Paulo: science, education and fascism (1934-1942).** 2015. 261 p. Dissertation (Master's Degree in Philosophy) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, 2015.

In 1934, a group of Italian professors, called the Italian Mission, was hired to teach some disciplines of exact sciences and literature areas of the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras of the Universidade de São Paulo. In this work, we study both institutional and diplomatic negotiations related to the Mission arriving between Italian and Brazilian governments, based on an extensive series of documents obtained in archives of both sides. The reception in the press and the circulation of these professors in many institutions including the university were studied taking some newspapers as sources. Public speeches of the group were analyzed focusing on their considerations on both the high school system and some educational discussions of the period. We also studied the contributions of the Mission for the constitution of the first generation of Brazilian mathematicians, specially their motivation for the research, the insertion in an international net of researches and the production of the first PhDs thesis on the subject. We observed that the very presence of the fascist regime in the hiring process of the Mission and the fellowship of the group to the fascist national party was not seem as a problem in the Brazil at the beginning of the process. Following the work of the Italian Mission, we see the deterioration of the conditions of permanence of the Italian professors only in 1942 with the rupture of diplomatic relations between Brazil and Italy, when the Mission is dismantled. We would like to sustain that the arriving of the Italian Mission would not be analyzed only from the point of view of the imperialist fascist Italy, who in fact intended to influence the Brazilian scientific field, but as a intercultural encounter, where both Brazil and Italy took advantage in the process.

Keywords: Italian Mission. Fascism. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Higher education history.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Salários dos professores da <i>Missão Italiana</i>	88
Tabela 2: Valores de alguns produtos em 1940.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação da imprensa brasileira pela Embaixada Italiana em 1928.....	52
Quadro 2: Classificação da imprensa brasileira pela Embaixada Italiana em 1937.....	52
Quadro 3: Discursos sobre educação presentes no Anuário de 1934-1935 da FFCL.....	132
Quadro 4: Opúsculos da <i>Summa Brasiliensis Mathematicae e Physicae</i> na <i>Raccolta Fantappiè</i>	188

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Charge</i> publicada pela <i>Minervina</i> , satirizando a visita de Theodoro Ramos a Mussolini, na Itália.....	60
Figura 2: Foto de Fantappiè em publicação dos alunos da FFCL.....	102
Figura 3: Detalhe do distintivo de Fantappiè em publicação dos alunos da FFCL.....	103
Figura 4: Foto de Onorato em publicação dos alunos da FFCL.....	103
Figura 5: Detalhe do distintivo de Onorato em publicação dos alunos da FFCL.....	104
Figura 6: Símbolo ligado ao “Partito Nazionale Fascista”.....	104
Figura 7: Cartão de identificação de Luigi Galvani junto à OND de São Paulo.....	108
Figura 8: Cartão de identificação de Ettore Onorato junto à OND de São Paulo.....	109
Figura 9: Ficha de Giacomo Albanese junto ao DEOPS.....	111
Figura 10: Capa do opúsculo <i>Sôbre uma modificação da fórmula de Cauchy</i> , de Omar Catunda (1946).....	190
Figura 11: Marcas de leitura de Fantappiè no opúsculo <i>Classical theory of the point electron (part 1)</i> , de Mário Schenberg (1946a).....	190
Figura 12: Dedicatória de Schenberg (1937) a Fantappiè.....	191
Figura 13: Dedicatória de Schenberg (1937b) a Fantappiè.....	192

LISTA DE SIGLAS

ACS – Archivio Centrale dello Stato
AESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo
AHIFUSP – Arquivo Histórico do Instituto de Física da Universidade de São Paulo
ASANL – Archivio Storico della Accademia Nazionale dei Lincei
ASMAE – Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri
CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”
CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DEOPS – Delegacia de Ordem Política e Social
DIE – Direzione Generale degli Italiani all'Estero
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DOSP – Diário Oficial do Estado de São Paulo
EUA – Estados Unidos da América
FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FNF – Faculdade Nacional de Filosofia
GHEMAT – Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil
GUF – Gioventù Universitaria Fascista
IBECC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
MAE – Ministero degli Affari Esteri
MinCulPopolare – Ministero della Cultura Popolare
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
OESP – O Estado de S. Paulo
OND – Opera Nazionale Dopolavoro/ Organização Nacional Desportiva
PD – Partido Democrático
PNF – Partito Nazionale Fascista
PRP – Partido Republicano Paulista
UMI – União Matemática Italiana
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução	16
Considerações teórico-metodológicas.....	21
Arquivos, bibliotecas, fontes e modo de análise.....	24
Organização dos capítulos.....	30
 1 A chegada da <i>Missão Italiana</i> no Brasil: circulação na universidade e outros espaços sociais	 33
1.1 A mobilização das <i>Missões Estrangeiras</i> no início da FFCL: relações de diplomacia e propaganda cultural.....	39
1.2 Relações diplomáticas e política externa fascista na formação da <i>Missão Italiana</i>	47
1.3 A recepção da <i>Missão Italiana</i> em 1934.....	62
1.4 Novos professores em 1936.....	75
1.5 Modificações nas instalações da FFCL e na <i>Missão Italiana</i> em 1937 e 1938.....	77
1.6 Substituições e modificações em 1939.....	84
1.7 Os contratos entre 1940 e 1942.....	85
1.8 A <i>Missão Italiana</i> como embaixadora cultural.....	91
1.9 A <i>Missão Italiana</i> e a visita de Guglielmo Marconi ao Brasil.....	112
1.10 O outro lado da propaganda cultural italiana: intercâmbios de estudantes, professores e conhecimento.....	115
 2 Em defesa do ensino formativo e humanístico: os discursos da <i>Missão Italiana</i> e suas relações com o ensino secundário brasileiro e italiano	 126
2.1 A crítica ao enciclopedismo.....	136
2.2 O apelo ao orgânico.....	145
2.3 Uma solução para o problema: reformas do ensino pensadas por Luigi Fantappiè e Giacomo Albanese.....	150
2.4 A circulação das ideias da <i>Missão Italiana</i>	163
2.5 Anti enciclopedistas, pró-orgânicos ou fascistas?.....	167
 3 A Partida?	 173
3.1 O rompimento dos contratos da <i>Missão Italiana</i>	179
3.2 Retorno à Itália, retorno ao Brasil: a manutenção dos laços científicos, acadêmicos e	

afetivos da <i>Missão Italiana</i>	186
Considerações Finais	199
Bibliografia	202
Obra de referência.....	210
Fontes	211
Arquivos Visitados.....	211
Bibliotecas Visitadas.....	211
Jornais Consultados.....	212
Artigos, opúsculos, livros e capítulos.....	214
Apêndices	219
Apêndice A: Discursos da <i>Missão Italiana</i> (1934-1942).....	219
Apêndice B: Discursos dos professores italianos visitantes (1934-1942).....	222
Anexos	223
Anexo A: Contratos dos professores da <i>Missão Italiana</i> com a FFCL no período de 1940 a 1943.....	223
Anexo B: Projetos de Reforma de Luigi Fantappiè e Ernesto Luis de Oliveira Júnior.....	241

INTRODUÇÃO

No ano de 1934, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), um grupo de professores italianos, que ficou conhecido como *Missão Italiana*, foi contratado para ocupar algumas das cadeiras das ciências exatas e literatura da instituição (D'AMBROSIO, 1987; WATAGHIN, 1992). Tendo em vista os interesses de Benito Mussolini, líder político da Itália Fascista (1922-1943), em enviar intelectuais para o exterior a fim de promover propaganda cultural (BERTONHA, 2001), o presente estudo procurou compreender de que modo a passagem da *Missão Italiana* nos campos¹ acadêmico-científico e educacional teria contribuído para tal empreitada, uma vez que não existem estudos dedicados especialmente a esse tema². Parte de nosso interesse pela relação entre propaganda cultural e atuação no ambiente universitário partiu da leitura de entrevistas de ex-alunos, que diziam que tanto os livros-texto quanto as aulas eram em italiano³, fazendo com que aqueles que quisessem aprender matemática ou física tivessem que se esforçar em compreender, primeiro, a língua e a cultura italiana. Lendo as notas de aula de Cândido Lima da Silva Dias, observamos que, de fato, o conteúdo era todo em italiano (TÁBOAS, 2005). Essas questões nos chamaram a atenção e, por isso, passamos a procurar por estudos que tivessem se ocupado da passagem da *Missão Italiana* pelo Brasil, tendo em vista não só os conteúdos por eles ensinados, mas também o ambiente transformado pela presença do grupo, em um sentido de *trocas interculturais*.

Um primeiro estudo dedicado ao tema é o de Ubiratan D'Ambrosio (1987), *A influência italiana nas atividades científicas brasileiras*, que apresenta não somente a passagem da *Missão Italiana* por São Paulo, mas também os italianos que atuaram em outros locais e períodos. Segundo D'Ambrosio (1987), havia uma preocupação da recém fundada FFCL com relação a uma possível presença de italianos ligados ao fascismo no corpo docente,

-
- 1 A ideia de campo (BOURDIEU, 2007) será vista nesse trabalho, sobretudo quando estudamos a trajetória dos professores italianos para além das posições previamente combinadas em que eles deveriam atuar, como nos contatos com a colônia italo-brasileira.
  - 2 O estudo de Bertonha (2001) foi o primeiro a suscitar que existiram relações entre a vinda da *Missão Italiana* ao Brasil e as estratégias do governo fascista em promover propaganda cultural italiana no exterior. No entanto, não foi objetivo desse autor empreender uma pesquisa detalhada sobre esse tema, o que nos motivou a investigar a fundo a questão.
  - 3 Dias, 1994. A fim de estabelecer uma organização à dissertação, optamos por citar entrevistas, depoimentos, biografias, autobiografias, relatórios, relatos, documentos institucionais, jornais e documentos presentes em arquivos nas notas de rodapé. As referências bibliográficas, por sua vez, foram citadas no corpo do texto. Ao final da dissertação, pode-se consultar a relação de fontes, arquivos e bibliotecas visitadas na seção “Fontes”.

o que fez com que eles fossem designados para as cadeiras das ciências exatas e literatura italiana⁴. D'Ambrosio (1987) ressalta o trabalho desenvolvido por Ettore Onorato, na Mineralogia, mas dirige uma atenção mais especial aos matemáticos Giacomo Albanese e Luigi Fantappiè e aos físicos Gleb Wataghin e Giuseppe Occhialini. Um ponto interessante do estudo de D'Ambrosio (1987) é que ele lembra da atuação da *Missão Italiana* do Rio de Janeiro, que contou com nomes de matemáticos como Gabrielle Mammana, Luigi Sobrero e Achille Bassi. D'Ambrosio (1987) também ressalta o retorno da maior parte dos professores italianos por conta dos eventos ligados à Segunda Guerra Mundial e menciona o trabalho desenvolvido por outros matemáticos italianos, tais como Mauro Picone, que trabalharam no Brasil após o término da Guerra.

O trabalho de D'Ambrosio (1987) destaca o trabalho de matemáticos e físicos, mas não menciona o nome de todos os professores italianos que compuseram o grupo que veio para a FFCL. Neste sentido, um estudo que se dedicou à compreensão da *Missão Italiana* de maneira mais ampla foi o de Lucia Wataghin (1992), intitulado *Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos*. Nesse trabalho, a autora apresenta o nome de todos professores italianos contratados no período inicial da FFCL:

Gleb Wataghin (Física Geral e Experimental) (1934-1949)
 Ettore Onorato (Mineralogia e Geologia) (1934-1938)
 Luigi Fantappiè (Análise Matemática) (1934-1939)
 Francesco Piccolo (Língua e Literatura Italiana) (1934-1937)
 Nos anos seguintes, os anuários da Faculdade registram:
 Giacomo Albanese (Geometria) (História das Matemáticas) (1936 – abril 1942)
 Luigi Galvani (Estatística) (1936 – abril 1942)
 Ottorino de Fiore di Cropani (Paleontologia e Geologia) (1937-1942)
 Giuseppe Ungaretti (que substituiu Francesco Piccolo, na cadeira de Literatura Italiana) (1937 – abril de 1942)
 Attilio Venturi (Língua e Literatura Grega) (1938-1939)
 Giuseppe Occhialini (1938 – abril 1942)
 Carlo Tagliocozzo (professor 'contratado', para dar o curso de Teoria Matemática da Eletricidade) (1/3 a 31/12/1944)
 Vittorio de Falco - (Língua e Literatura Grega) (1/3/1939 a 24/4/1942).
 Narciso Mensciassi Lupi - assistente da cadeira de Geometria (abril 1938 – abril 1942) (WATAGHIN, 1992:157).

Wataghin (1992) também traz o panorama histórico de criação da USP e da FFCL, bem como trechos de depoimentos que tratam da passagem dos professores italianos. Ela fala

---

4 Problematizaremos essa questão no capítulo 1.

sobre o retorno do grupo em 1942, por conta da Segunda Guerra Mundial. No entanto, a autora ressalta a permanência de alguns deles, como o físico Gleb Wataghin

(que não era italiano o bastante para sentir-se seguro na Itália fascista em estado de guerra), Occhialini (que era nitidamente antifascista), e o barão Ottorino de Fiore, que na época estava doente e não pôde embarcar no navio para Itália (WATAGHIN, 1992:158).

A autora problematiza a permanência dos físicos Wataghin e Occhialini ao colocar que existem relatos de que o governo inglês teria vetado o retorno deles, “porque os considerava perigosos por suas pesquisas em física nuclear” (WATAGHIN, 1992:158). Mesmo assim, no Brasil, eles teriam sido afastados de cargos de destaque dentro da USP. A autora também aborda um pouco dos feitos da *Missão Italiana* no Brasil tendo como fonte, principalmente, entrevistas de ex-alunos e demais pessoas que conviveram com o grupo, bem como os Anuários da FFCL. Os principais dados apresentados são relativos à biografia dos sujeitos, bem como um pouco das relações que eles estabeleceram no Brasil, além da área de pesquisa a que cada um deles se dedicou. Ao longo do texto da dissertação, apresentaremos algumas das análises de Lucia Wataghin (1992), em complemento aos nossos resultados.

Existem outros trabalhos que abordaram a passagem dos professores da *Missão Italiana* pelo Brasil, como a tese de Plínio Táboas (2005), *Luigi Fantappiè: influências na matemática brasileira. Um estudo de história como contribuição para a educação matemática*. Nesse trabalho, Táboas traz alguns dados biográficos do matemático, mas seu objetivo é analisar de que modo a passagem pelo Brasil contribuiu para suas pesquisas com a Teoria dos Funcionais Analíticos, a partir das notas de aula de Cândido Lima da Silva Dias e outros textos de Fantappiè. Outro trabalho que se dedicou a compreender a passagem de um dos membros da *Missão Italiana* pelo Brasil foi a dissertação de Maria Helena de Luca (1983): *Giuseppe Ungaretti no Brasil: Mito e Crônica*, que traz diversas análises sobre as relações estabelecidas pelo poeta no Brasil, além de seus interesses de pesquisa. Outros dois trabalhos sobre Ungaretti são a dissertação (1993) *Giuseppe Ungaretti. Razões de uma poesia e outros ensaios. Traduções e comentários* e a tese (1999) *Ungaretti e os modernistas: encontros e desencontros*, de Lucia Wataghin, onde encontramos diversas menções aos laços estabelecidos por Ungaretti com brasileiros e suas impressões sobre o Brasil.

Dois trabalhos que também nos auxiliaram a pensar a passagem da *Missão Italiana* pelo Brasil foram o de Patrick Petitjean (1996) e o de Hugo Suppo (2000). No entanto, esses

trabalhos dedicam atenção especial aos franceses. Outro trabalho que trouxe contribuições para compreender a contratação dos professores estrangeiros da FFCL foi o de André Felipe Cândido da Silva (2013), um estudo original sobre a diplomacia entre Brasil e Alemanha que esteve envolvida na contratação da *Missão Alemã*. Esses trabalhos abordam as negociações e os possíveis interesses que nortearam as contratações dos professores estrangeiros. No entanto, notamos que havia a necessidade de um estudo semelhante que se ocupasse exclusivamente dos italianos.

Alguns autores que defendem a ideia de que a vinda da *Missão Italiana* para a FFCL esteve intimamente ligada às políticas externas imperialistas de Mussolini, conforme podemos observar em Lucia Wataghin (1992). O historiador italiano Leonardo Gariboldi, ao falar sobre a vinda de Giuseppe Occhialini ao Brasil, afirma que a política externa do fascismo “favorecia a emigração de cientistas italianos na América Latina com a ideia de proceder a um surto de colonização cultural daqueles países” (GARIBOLDI, 2007:70, tradução nossa).

Um estudo que abordou essa questão de modo mais substancial foi o de João Fábio Bertonha (2001), *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, onde o historiador buscou evidenciar os diversos meios encontrados pelo governo italiano para que o fascismo e a cultura daquele país penetrasse no Brasil. A partir de pesquisas em arquivos brasileiros, italianos e de outros países, Bertonha (2001) traz um rico e original conjunto de fontes que demonstram tal estratégia. Ali encontramos a menção a nomes da *Missão Italiana*, como Vittorio de Falco, Giacomo Albanese, Ottorino De Fiore di Cropani, Francesco Piccolo, Luigi Fantappiè, Luigi Galvani, Ettore Onorato, Gleb Wataghin, Giuseppe Occhialini e Giuseppe Ungaretti, os quais “colaboraram muito, sem dúvida, para a divulgação da cultura e da ciência italianas no Brasil e para o enriquecimento intelectual brasileiro” (BERTONHA, 2001:292). Bertonha defende que, além da maioria desses nomes ter certa proximidade ao fascismo, ainda “fizeram questão de incluir temas fascistas em suas atividades acadêmicas” (*Idem*, *ibidem*: 292).

O objetivo de Bertonha (2001), porém, não foi o de se aprofundar na questão da *Missão Italiana* ter atuado em favor da propaganda cultural, mas evidenciar as diversas estratégias adotadas pelo governo italiano para tal empreendimento, sendo a *Missão* apenas parte disso. Cabe ressaltar que, inicialmente, a presente pesquisa de mestrado buscava

compreender a trajetória de alguns escritores de livros didáticos de matemática de origem italiana, que tiveram passagem pela FFCL. No entanto, após o contato com essa bibliografia, surgiu-nos o seguinte impasse: continuar pesquisando sobre a trajetória desses sujeitos, tomando como suficientes os estudos de Luca (1983), D'Ambrosio (1987), Wataghin (1992; 1993; 1999), Petitjean (1996), Bertonha (2000; 2001), Táboas (2005) e Gariboldi (2007) como referências com relação à passagem da *Missão Italiana* pelo Brasil, ou, a partir desses estudos e, principalmente, das fontes por eles utilizadas, buscar mais documentos em arquivos brasileiros e italianos, procurando compreender de que modo a *Missão Italiana* exerceu essa tarefa de missão cultural no Brasil, por conta de uma suposta proximidade de alguns deles à ideologia fascista. Arriscamos a segunda opção.

Tendo em vista que esses estudos sustentam a ideia de que a *Missão Italiana* era composta, em grande medida, por pessoas ligadas ao fascismo ou às suas políticas externas, procuramos entender qual o sentido da palavra *fascista*, naquela época. Segundo um dicionário italiano, *Il Novissimo Melzi* (1938), fascistas são

aqueles inscritos (matriculados) ao P.N.F., cada um dos quais comanda um *fascio di combattimento*, órgão político com jurisdição comunal, às dependências, em cada prov. da *federação dos fasci di combattimento*. Fora da It., comandam a organizações análogas. Todos constituem uma milícia a serviço do Estado (MELZI, 1938:427, tradução nossa).

Assim, fascistas são, em primeiro lugar, aqueles inscritos no Partido Nacional Fascista (PNF) e, em segundo, aqueles que comandam instituições fascistas dentro e fora da Itália. Nesse sentido, os professores da *Missão Italiana* que fizeram parte do PNF, mesmo que por razões de obrigatoriedade, podem ser considerados fascistas. Ressaltamos que a obrigatoriedade de filiação partidária não significava, necessariamente, o compartilhamento das ideias defendidas por Mussolini (HORTA, 2009) e, portanto, um sujeito poderia ser *fascista* por “obrigação”, mas não por afinidade ideológica. Um problema, ao tratarmos desse tipo de definição, é o imaginário que construímos acerca do fascismo, por conta das atrocidades humanitárias cometidas por regimes totalitários durante a Segunda Guerra Mundial. De todo modo, quando estudamos esse tema, devemos tratá-lo de acordo com as definições do período e não conforme nossas crenças e impressões pessoais.

Nos arquivos institucionais da USP, encontramos diversos discursos proferidos pela *Missão Italiana* sobre a temática do ensino, o que, inicialmente, nos chamou a atenção, uma

vez que eles não contavam com publicações nessa área, conforme pode ser observado nos Anuários da FFCL. Tendo em vista que eles poderiam estar em missão cultural, a participação deles nos debates educacionais brasileiros poderia revelar um pouco de seus posicionamentos políticos e ideológicos. Em arquivos italianos, sobretudo aqueles que contavam com documentação diplomática, encontramos diversos telegramas, cartas e relatórios que tratavam da passagem do grupo pelo Brasil. Assim, passamos a considerar importante despendar uma atenção maior a esse momento inicial, de formação e atuação da *Missão Italiana*. Caso contrário, esse trabalho de mestrado incorreria no erro de ignorar um trecho da história da FFCL e da USP que não foi suficientemente estudado pela historiografia, mas que, tendo em vista o rico volume de fontes encontradas, poderia se revelar uma contribuição para estudos futuros, inclusive aqueles que se dedicassem a analisar trajetórias de vida de matemáticos ou outros profissionais que tivessem em comum o contato com a *Missão Italiana*.

A partir daí, a pesquisa passou a contar com o seguinte objetivo: compreender de que modo a passagem da *Missão Italiana* pela FFCL contribuiu, ao mesmo tempo, para a propaganda cultural italiana e para auxiliar a construir o projeto de universidade pensada pelos paulistas. Especificamente, buscamos compreender os trâmites burocráticos e diplomáticos que propiciaram a formação desse grupo, bem como as decisões políticas que fizeram com que ele se desfizesse após o rompimento diplomático entre Brasil e Itália, em 1942. Além disso, buscamos analisar os discursos da *Missão Italiana* sobre educação, tendo em vista os intensos debates vivenciados por esse campo de saber no Brasil no período de atuação do grupo. Um último objetivo específico foi o de evidenciar de que modo as relações estabelecidas pela *Missão* foram afetadas após o retorno do grupo ao país de origem, tendo em vista a hipótese de que, uma vez que o Brasil se posicionou na Guerra contra a Itália, desencadeando uma verdadeira perseguição aos italianos que viviam no país, também a *Missão Italiana* poderia ter sentido tais efeitos, em certa medida.

Considerações teórico-metodológicas

Sob quantas perspectivas poderíamos analisar a passagem da *Missão Italiana* pelo Brasil? Conforme mencionamos anteriormente, o governo italiano demonstrava grande interesse em divulgar sua cultura no exterior, durante o Regime Fascista (BERTONHA,

2001). Neste sentido, poderíamos compreender a vinda da *Missão* ao Brasil como uma espécie de *colonialismo científico-cultural*. No entanto, a ideia de colonialismo pode remeter a uma via de mão única, onde um polo mais ativo exerce suas pressões sobre o outro polo, receptor passivo. Esse não parece ter sido o caso da *Missão Italiana* da FFCL.

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico sobre a fundação dessa instituição, observamos que existia um grande interesse por parte do *grupo do Estado*, formado por indivíduos ligados ao jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP), em fundar uma universidade. Conforme veremos adiante, mais do que um projeto educacional, eles tinham em vista um projeto de poder (CARDOSO, 1982; LIMONGI, 1989). Uma outra característica desse grupo era a *francofilia*, que consistia em uma apreciação aos produtos culturais franceses, o que os levaria a procurar professores dessa nacionalidade para ocupar parte das cadeiras da instituição (CARDOSO, 1982; PETITJEAN, 1996; SUPPO, 2000). Por outro lado, existiram cientistas brasileiros que mantiveram relações sociais com alemães (SILVA, 2013) e uma densa colônia de ítalo-brasileiros que teria reivindicado professores dessa nacionalidade para as cadeiras da FFCL⁵, o que acabaria trazendo à tona uma verdadeira batalha pelas cadeiras da nova faculdade.

Sendo assim, passamos a problematizar um pouco mais essa tese de que a *Missão Italiana* teria exercido um *colonialismo cultural*⁶, dadas as possíveis pressões provenientes do Brasil para que esses professores fossem contratados. Neste sentido, encontramos o conceito de *zonas de contato interculturais*, de Kapil Raj (2007), que se aproximava mais de nossos questionamentos de pesquisa.

De acordo com esse conceito, ao se estudar um evento em história das ciências que envolva o encontro entre dois povos distintos, mais importante do que ressaltar o quanto um grupo exerceu pressão no outro, é compreender como ambos os grupos mudaram após interagirem e, também, qual o conhecimento produzido durante e após esse momento. De fato, Kapil Raj (2007) não negligencia o fato de que determinada cultura construa uma autoimagem dominadora ou superior, mas isso não pode ser tomado a cabo por quem escreve a história, conforme muitos estudiosos têm feito ainda hoje. Ao contrário, ao invés de pensarmos em oposições como “centro” e “periferia”, podemos pensar em “pontos de encontro” e passar a escrever a história não da *ciência*, termo que tem muitas ligações com

5 Mesquita Filho, 1969.

6 Alguns estudos se ocuparam em compreender como a ciência e a cultura foram usadas como instrumentos de poder, dentro de lógicas imperialistas (cf. PYENSON, 1989; SAID, 1995).

um tipo particular de cultura produzida sobretudo na Europa Ocidental, mas a história do conhecimento, onde devemos considerar tudo o que esteve envolvido no processo: sujeitos, materiais, instrumentos, laboratórios, casas, livros, cadernetas, mão de obra etc⁷.

Em seu estudo, Kapil Raj (2007) busca evidenciar o quanto certos eventos amplamente estudados pela historiografia das ciências, que costumam afirmar que a ciência moderna foi produzida na Europa Ocidental, na realidade surgiram a partir desses encontros interculturais, onde ambas as partes tinham interesses e tiraram proveito de tal situação. Ele busca retirar dos países não-europeus o título de *colonizados*, uma vez que eles também participaram dos processos de construção do conhecimento.

Em nosso estudo, do mesmo modo, apesar dos paulistas que contrataram a *Missão Italiana* demonstrarem grande apreço pela cultura europeia ocidental, considerando-a mais civilizada e, por isso, mais apta a educar a chamada *nova elite intelectual dirigente* (CARDOSO, 1982), foram eles quem procuraram os italianos para contratá-los, em um movimento de pressão interna. Conforme poderá ser visto na presente dissertação, o governo brasileiro também ajudou a trazer a cultura italiana para o Brasil, em diversos momentos, mesmo antes da passagem da *Missão Italiana* pela FFCL. Com relação à ciência, em diversos discursos *a posteriori* os fundadores da USP vão dizer que o Brasil precisava começar a produzir *ciência pura e desinteressada*⁸. Por outro lado, quando os italianos chegaram, o Brasil já contava com centros de produção do saber e, também, com instituições como a Academia Brasileira de Ciências (SIQUEIRA, 2014), onde, inclusive, um dos professores da *Missão Italiana*, Luigi Fantappiè, chegou a ser nomeado sócio honorário⁹ e outros sujeitos

7 Um possível questionamento a esse conceito seria a possibilidade de incorrer em uma abordagem que ignorasse as relações de poder. Assim, devemos, a todo momento da pesquisa, refletir sobre quais as escolhas de cada grupo em um universo de possíveis (BOURDIEU, 1996), considerando que os grupos são diferentes e que ocupam diferentes posições sócio econômicas, o que pode ser determinante para as representações de suas culturas e no modo como um grupo social compreende o outro.

8 Cf. Azevedo (1971) e Mesquita Filho (1969).

9 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35, p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939. Em seu estudo, Bertonha (2001), na nota 79, indicou as pastas “Varie” e “San Paolo, Università - Professori Italiani” como sendo importantes para um aprofundamento das questões referentes aos professores italianos que foram para São Paulo. À época do estudo de Bertonha (2001), a organização das *bustas* (caixas) era diferente daquela que consultamos para o desenvolvimento da presente dissertação – a *busta* 276, citada por Bertonha, por exemplo, é, hoje, a de número 35, a qual citamos na presente nota. Para o presente estudo, além de consultarmos as pastas sugeridas por Bertonha (2001), também procuramos por documentos em outros fundos, conforme será observado ao longo desta dissertação. Devemos dar destaque a esse Relatório de Fantappiè ao Diretor da FFCL, supracitado, que, além de ser redigido em português e estar presente em um arquivo italiano, se revelou uma importante fonte documental tanto para a compreensão da trajetória de vida do matemático quanto para a história da USP.

italianos também publicaram trabalhos nos periódicos dessa instituição, conforme veremos adiante. Assim, veremos que os professores italianos não só trouxeram as suas contribuições em termos de educação e ciência como também participaram de entidades já existentes no Brasil.

Outro detalhe importante é o que compreendemos por *Missão Italiana*. Em seu estudo, Lucia Wataghin (1992) apresenta os nomes de professores e assistentes, bem como professores que se dedicaram a cursos de curta duração. A fim de estabelecer limites para a pesquisa, restringimos ao presente estudo apenas os professores contratados para as cadeiras, excluindo os assistentes e aqueles que comandaram cursos mais curtos. No entanto, incluímos o nome de Giuseppe Occhialini porque, apesar de ter sido contratado inicialmente como assistente, em um segundo momento passou a ser professor responsável por uma das cadeiras da subseção de Física, conforme veremos adiante.

O conceito de *zonas de contato interculturais*, que em alguns momentos chamamos de *encontros interculturais*, por entender que essas *zonas de contato* representam *encontros*, nos orientou com relação à coleta e análise das fontes, pois buscamos evidenciar tanto os trâmites que levaram à contratação da *Missão Italiana* quanto as relações por eles estabelecidas no Brasil. Além disso, buscamos evidenciar os resultados desse *encontro* entre culturas no momento em que a *Missão* retornou ao seu país e, ainda assim, acabou mantendo parte das relações que firmou anteriormente. Por outro lado, o professor que permaneceu no Brasil, Gleb Wataghin, também acabou participando de processos surgidos a partir desse encontro.

Arquivos, bibliotecas, fontes e modo de análise

Entre os anos de 2013 e 2015, foram visitados diversos arquivos e bibliotecas para a coleta de fontes documentais.

O primeiro arquivo visitado foi o acervo do *Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda”* (CAPH), pertencente à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP). Ali foram consultados os *Anuários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP* referentes aos anos de 1934 a 1949, que

contemplam o período em que a *Missão Italiana* esteve no Brasil e trazem importantes informações sobre o cotidiano acadêmico, os programas dos cursos, as atividades extracurriculares promovidas pela instituição, bem como uma série de discursos dos professores. Um primeiro cuidado com esse tipo de fonte é com relação ao fato dela ter sido produzida pela própria instituição. Assim, os discursos têm objetivos específicos. Por um lado, podem ser considerados parte da autoimagem institucional, como uma “vitrine” para a sociedade daquilo que é produzido ali. Por outro, devem ser compreendidos dentro de seu contexto de produção, tendo em vista o cenário institucional e, também, aquele com o qual eles dialogam.

No caso desses discursos, em específico, sabemos que eles foram produzidos em um momento de grandes debates educacionais no Brasil e, tendo em vista o interesse do grupo de fundadores da USP pelo ensino secundário, devemos ter em mente as possíveis intenções da FFCL para que seus professores tratassem desse assunto. Do mesmo modo, a *Missão Italiana* contava com determinadas intenções ao aceitar entrar nesse debate, fosse pelo fato de procurarem cumprir com aquilo que lhes era designado, fosse por conta de suas experiências dentro da educação superior e secundária da Itália, que também vivenciava importantes debates durante o Regime Fascista (HORTA, 2009). Neste sentido, Quentin Skinner desenvolveu um conceito chamado “contextualismo linguístico”, no qual procurou evidenciar que, em uma história das ideias e dos intelectuais, é importante procurarmos quais as intenções dos autores ao produzirem seus textos. Segundo esse conceito, devemos compreender os textos como parte do contexto em que foram produzidos (SOUZA, 2008). Assim, no caso dos discursos, nos preocupamos em entender de que modo a FFCL agiu para que seu corpo docente participasse dos debates do ensino secundário e, quando possível, qual o público a que eles se dirigiam, além de procurar evidências com relação ao alcance desses discursos, algo apreendido, por exemplo, através da consulta aos jornais do período. Outra inspiração metodológica para compreender o significado dos conceitos utilizados pelos professores italianos em seus discursos foi o trabalho realizado por Robert Darnton (1986), em *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*, no qual o historiador procurou os diversos significados da palavra *gato* para desvendar as possíveis intenções de um grupo de tipógrafos, que matou todos os gatos de um vilarejo como vingança aos patrões.

Algumas das questões que nortearam a análise dos discursos foram as seguintes: em

que medida a *Missão Italiana* estava ciente dos debates educacionais brasileiros? Como eles se posicionavam em relação às diferentes correntes de pensamento, à organização dos programas, livros didáticos e formação de professores? É possível apreender traços da *educação fascista* nos discursos desses professores? Quais ideias eram compartilhadas pelos professores, nesse sentido?

Outra questão importante no que se refere ao trabalho com os Anuários, é que observamos uma distinção entre os textos apresentados nas seções temáticas¹⁰ e as atas das reuniões entre diretoria e professores. Assim, procuramos analisar os textos respeitando as divisões internas do suporte, encarando uma parte como “vitrine” da instituição para a sociedade e a outra como discussões de “bastidores”. Essas divisões internas diferem tanto no estilo da escrita, de modo que uma se preocupa em utilizar um tom de solenidade e a outra em trazer os detalhes das discussões, quanto no tipo de conteúdo que veicula. Confrontar essas informações auxiliou-nos a compreender parte das intenções dos autores dos discursos.

Outro documento consultado no CAPH foi a *Revista Filosofia, Ciências e Letras*, um periódico organizado pelo grêmio de estudantes, que conta com muitas informações interessantes sobre a vida acadêmica da faculdade, além de artigos escritos por professores e alunos. Essa revista tem um caráter diferente dos Anuários, primeiro pelo fato de ter sido produzida pelo corpo discente e, segundo, por conta do conteúdo veiculado¹¹, a partir do qual podemos sugerir que ela tinha o objetivo de circular entre os próprios alunos e professores da instituição. No entanto, notamos a presença de publicidade¹², o que pode indicar que a revista tinha certa visibilidade ou que, simplesmente, alguns estabelecimentos comerciais se disponibilizaram a patrocinar a revista para fazer propaganda de seus produtos. Outro documento consultado foi o *Boletim de Física da FFCL/USP*, no qual constam artigos produzidos por professores da *Missão Italiana* e seus alunos. Na biblioteca “Florestan Fernandes” (FFLCH-USP), foram consultados os *Anuários da USP*, a fim de complementar

10 Por exemplo: Organização das Seções e Subseções de ensino; Atividades de Extensão; Conferências.

11 Analisando as diferentes edições da revista, observamos textos de professores e alunos sobre temas ligados à pesquisa do respectivo autor e, também, temáticas mais gerais. Ao final dos volumes, encontramos informações sobre jogos universitários e diversas atividades promovidas pelo grêmio, dentro e fora da faculdade.

12 Encontramos anúncios de material de microscopia, livrarias, material ligado ao ensino de ciências, mapas, cerveja, frigorífico, móveis, restaurantes, cristais, casa de meias, ferragens, alimentos em geral, loterias, material automotivo, calçados, entre outros. O primeiro número da revista não apresenta anúncios. A partir do número dois, eles estão presentes nas primeiras páginas. O número seis não conta com publicidade e, a partir do sete, eles surgem nas páginas ao longo da revista. Nos números subsequentes observamos uma quantidade maior de anúncios.

algumas informações fornecidas pelos *Anuários da FFCL*, além de livros do período, como *Brasile Moderno: Terra Incantata*, de Luigi Galvani (1948).

No CAPH entramos em contato com o inventário¹³ do *Arquivo Histórico do Instituto de Física da USP*, onde toda a documentação pertencente a esse acervo está devidamente classificada e comentada. A partir desse inventário foram selecionados os documentos que poderiam auxiliar na composição da dissertação e, posteriormente, foram consultados no próprio *Acervo Histórico*. Foram coletados documentos referentes aos contatos dos professores italianos com a comunidade científica no Brasil e no exterior; as cartas trocadas entre as embaixadas e que fizeram parte dos trâmites de contratação da *Missão Italiana*; as notas dos professores referentes ao rendimento acadêmico dos alunos, nas mais diversas formas de avaliação; as listas de livros comprados pelo Departamento de Física; e tudo o mais que tivesse alguma relação entre professores italianos da FFCL e comunidade italiana local.

Alguns dos livros utilizados como fonte primária foram consultados na Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, na do Instituto de Matemática e Estatística e na do Instituto de Física, todas da Universidade de São Paulo.

Também foi visitado o *Arquivo Público do Estado de São Paulo*, onde foram encontrados alguns dos números da *Revista Filosofia, Ciências e Letras* que não constavam no CAPH e também o documento EO1145 - *Instrução Pública - registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) 1943*, onde constam os contratos firmados entre a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e os professores estrangeiros da FFCL. Esse documento foi essencial para compreender o regime de trabalho do corpo docente. Ainda nesse arquivo, foram encontrados prontuários de três professores da *Missão Italiana* registrados junto ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS), o que auxiliou-nos a compreender parte do envolvimento dos professores com a comunidade de ítalo-brasileiros de São Paulo, sobretudo a camada fascista.

Também foram realizadas pesquisas em jornais do período em que a *Missão Italiana* esteve no Brasil, entre 1934 e 1942. Na plataforma on-line da *Hemeroteca Digital Brasileira*, da Fundação Biblioteca Nacional¹⁴, que conta com uma série de periódicos digitalizados, foram consultados os seguintes jornais: *Correio da Manhã*, *Correio Paulistano*,

---

13 HAMBURGER, A. I. (coord.). *Departamento de Física da FFCL-USP (1934-1961)*. São Paulo, 1999.

14 Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 26 mar. 2014.

Diário da Noite, *Diário de Notícias*, *Diário Carioca* e *Il Pasquino Coloniale*. Os jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Noite* foram consultados no acervo digitalizado do jornal *Folha de São Paulo*¹⁵ e o jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP) também foi consultado em seu acervo digitalizado¹⁶. A intenção de levantar as notícias referentes aos professores italianos foi a de compreender a circulação dos professores na cidade de São Paulo, bem como levantar os períodos em que realizaram viagens de estudos e de férias, o público que os acompanhava nos cursos extra curriculares que ministravam, o modo como a imprensa se posicionou diante da contratação de professores estrangeiros, entre outras informações nesse sentido. Além disso, conforme mencionamos anteriormente, alguns dos discursos foram coletados em jornais do período.

O uso de jornais como fonte já é realidade em uma série de trabalhos em história da educação, das ciências e outras áreas, mas devem ser operados com um certo cuidado. De acordo com Capelato (1989:12), a imprensa é “um agente da história que ela também comenta”. Assim, os jornais não somente apresentam as notícias, mas se posicionam em relação aos eventos. A figura do jornalista, nesse sentido, é a de um agente social que tem sua ação materializada em suas tomadas de posição, o que faz com que os jornais privilegiem não somente determinadas notícias em detrimento de outras, mas as apresentem também de acordo com os projetos políticos de fundo aos quais estão (explícita ou implicitamente) ligados.

O *Diário Oficial do Estado de São Paulo* (DOSP)¹⁷ também foi incorporado ao conjunto de fontes da presente pesquisa por contar com informações despachadas pelos órgãos oficiais, o que também auxiliou na compreensão dos trâmites referentes à contratação de alguns dos professores. Além disso, a contratação dos professores Luigi Fantappiè e Gleb Wataghin, ainda em 1934, foi motivo de exaustivos debates na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Também foram consultados os “diários oficiais” italianos, a chamada *Gazzetta Ufficiale del Regno*¹⁸, onde encontramos diversas leis promulgadas durante a Itália Fascista e que foram úteis para compreender o contexto social a que pertencia a *Missão Italiana*.

Também tivemos acesso ao acervo de *Entrevistas do Programa de História Oral* do

15 Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em 26 mar. 2014.

16 Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em 26 mar. 2014.

17 Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/>>. Acesso em 26 mar. 2014.

18 Disponível em <<http://augusto.digitpa.gov.it/>>. Acesso em 30 abr. 2015.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV)¹⁹, onde encontramos algumas entrevistas que auxiliaram na compreensão do contato entre os professores da *Missão Italiana* e o ambiente acadêmico da FFCL. Nesse mesmo arquivo, foram coletados documentos do fundo Gustavo Capanema, que revelam a participação da *Missão Italiana* tanto no cenário da educação superior quanto da secundária.

Na segunda metade de 2014, foram visitados alguns arquivos italianos. Em Roma, foram consultados: *Archivio Centrale dello Stato*, em específico os fundos do “Ministero della Cultura Popolare”, da “Segreteria Particolare del Duce” e do “Ministero della Pubblica Istruzione”; o *Archivio Storico della Camera dei Deputati* e o *Archivio Storico della Accademia Nazionale dei Lincei*, em específico os fundos de “Tullio Levi-Civita”, “Atti della Accademia Nazionale dei Lincei” e “Guglielmo Marconi”; o *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri*, em específico o fundo “Affari Politici – 1931-1945 (Brasile)”. Também foram consultados documentos presentes na Biblioteca do Departamento de Matemática da *Università degli Studi di Ferrara*, na cidade de Ferrara, ao norte da Itália, onde se encontra *Raccolta Fantappiè*²⁰, na qual foram consultados diversos opúsculos que pertenceram ao matemático italiano.

Os documentos consultados nesses arquivos se revelaram importantes fontes para se compreender a passagem da *Missão Italiana* pelo Brasil, bem como os efeitos do *encontro intercultural* que o grupo vivenciou a partir do trabalho na FFCL e, também, fora dela. Entre os documentos diplomáticos, procuramos aqueles que, de alguma forma, indicaram os trâmites que envolveram a contratação da *Missão Italiana* e, também, como eles eram vistos pelo governo de seu país, como cientistas e/ou embaixadores culturais. As cartas trocadas entre os cientistas, como aquelas presentes no arquivo da *Accademia Nazionale dei Lincei*, nos ajudaram a compreender de que modo as redes de sociabilidade favoreceram a propaganda científica e cultural no Brasil e, também, auxiliaram a colocar os futuros cientistas brasileiros em contato com uma rede científica internacional, sobretudo através da publicação de trabalhos e da realização de intercâmbios.

Com relação à *Raccolta Fantappiè*, de Ferrara, o acervo conta com cerca de 4700

¹⁹ Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/base>>. Acesso em 06 ago. 2015.

²⁰ O material presente na *Raccolta Fantappiè* foi organizado pelos professores G. Gambini e L. Pepe, no início dos anos de 1980, a partir de uma doação realizada ao Instituto de Matemática daquela Universidade. Organizados em ordem alfabética, os opúsculos podem ser consultados mediante agendamento (GAMBINI & PEPE, 1982).

opúsculos e demais estratos de trabalhos científicos, tanto de autores italianos, que representam a maioria, quanto de autores estrangeiros (GAMBINI & PEPE, 1982). Para auxiliar na busca por textos, os professores Gambini & Pepe (1982) elaboraram um inventário, onde trazem, entre outras informações, a relação de autores dos opúsculos. Tendo em vista a grande quantidade de material encontrado, foi estabelecida a seguinte metodologia de trabalho: procurar os opúsculos de autores brasileiros, por conta da passagem de Fantappiè pelo Brasil; os opúsculos de figuras conhecidas da história da matemática, como Scorza, Klein e Severi, bem como de físicos, como Schrödinger, tendo em vista os possíveis debates que Fantappiè poderia estabelecer com eles; além destes, também entramos em contato com os opúsculos das áreas de filosofia e educação, tendo em vista a atuação e participação de Fantappiè nos debates educacionais brasileiros.

Para compreender as relações estabelecidas por Fantappiè, procuramos por dedicatórias e cartas anexas aos opúsculos. Entre os selecionados, procuramos por marcas de leitura²¹ deixadas pelo matemático, as quais poderiam indicar se ele leu e como leu determinado texto. Uma estratégia para se realizar um estudo das marcas de leitura pode ser a de procurar anotações entre as linhas ou mesmo nas laterais das páginas; dobras nas páginas, que podem indicar que o leitor procurou “marcar” um ponto onde teria parado de ler para continuar depois; marcações de página com outros papéis que, eventualmente, podem ter sido esquecidos dentro dos livros (BLAIR, 2003).

Também visitamos o Centro de Documentação do Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT), onde consultamos algumas cartas e manuscritos do professor Euclides Roxo, para complementarmos as discussões sobre os intensos debates na área do ensino secundário brasileiro e, principalmente, aqueles da área da educação matemática, que contaram com a participação de Luigi Fantappiè e Giacomo Albanese.

Organização dos capítulos

O primeiro capítulo, intitulado *A chegada da Missão Italiana no Brasil: circulação*

---

21 Para Chartier (2002), as marcas de leitura vão variar de acordo com a objetificação e apropriação que cada indivíduo faz do livro. Assim, os objetivos do sujeito no ato da leitura, seus interesses com relação ao tema ou ao autor e mesmo o modo como manuseia o livro, vão conduzi-lo a executar determinadas práticas.

na universidade e outros espaços sociais, busca apresentar alguns dos acontecimentos que levaram à fundação da Universidade de São Paulo e, principalmente, de sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde a *Missão Italiana* atuou. Procuramos compreender quais as movimentações e interesses políticos por trás da fundação da USP e da FFCL. Nesse capítulo, apresentaremos parte dos interesses do chamado *grupo do Estado* em torno da criação de uma universidade em São Paulo. Também apresentaremos análises das diversas trocas interculturais ocorridas quando da passagem do grupo pelo Brasil, tendo em vista tanto os esforços do governo italiano em divulgar sua cultura no exterior quanto as pressões brasileiras para que eles executassem tal empreitada. Assim, buscamos evidenciar de que forma os interesses dos brasileiros dialogaram com os dos italianos para a construção desse espaço acadêmico e de que forma ambos os lados se beneficiaram da política externa fascista de divulgação da cultura italiana. Outra questão levantada nesse capítulo é relativa aos esforços da memória institucional da FFCL em se afastar do fato de que existiam sujeitos declaradamente fascistas naquele espaço, o que, confrontado com os documentos do período, evidencia que o fascismo não era propriamente um “problema” para os fundadores daquela universidade.

O segundo capítulo, *Em defesa do ensino formativo e humanístico: os discursos da Missão Italiana e suas relações com o ensino secundário brasileiro e italiano*, tem como objetivo analisar os discursos dos professores italianos sobre educação, compreendendo-os como parte do contexto de debates do ensino secundário brasileiro e italiano do período. Constatamos um maior engajamento por parte dos matemáticos Luigi Fantappiè e Giacomo Albanese e, por isso, procuramos compreendê-los, também, dentro do campo específico da educação matemática secundária. Tendo em vista o engajamento político dos professores italianos e as aspirações do fascismo para com a educação, procuramos por possíveis materializações de suas posições ideológicas em seus discursos sobre o tema. Outro ponto importante foi o de procurar compreender qual o alcance dos discursos da *Missão Italiana*, em termos de repercussão de suas ideias. Nesse sentido, consultas aos jornais do período e à documentação diplomática foram fundamentais, pois observamos tanto esforços dos italianos em divulgarem suas ideias quanto brasileiros comentando sobre elas.

O terceiro capítulo, *A partida?*, traz as movimentações políticas, sobretudo aquelas relacionadas ao advento da Segunda Guerra Mundial e ao rompimento diplomático entre

Brasil e Itália, que levaram à quebra de contrato da *Missão Italiana*. Apesar das políticas hostis do Estado Novo, regime político comandado por Getúlio Vargas (1937-1945), observamos que a partida da *Missão Italiana* da FFCL não significou, propriamente, o rompimento das relações pessoais, sociais, afetivas e acadêmicas que eles estabeleceram com o Brasil. Assim, procuramos evidenciar quais os eventos que propiciaram o “fim” da *Missão Italiana* na FFCL, quais as vantagens e desvantagens resultantes das quebras contratuais e, também, quais laços foram mantidos, mesmo após o retorno desses professores.

1 A CHEGADA DA MISSÃO ITALIANA NO BRASIL: CIRCULAÇÃO NA UNIVERSIDADE E OUTROS ESPAÇOS SOCIAIS

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar os movimentos do chamado *grupo do Estado* que culminaram na fundação de uma universidade em São Paulo e, em seguida, possibilitaram a vinda da *Missão Italiana* ao Brasil. Além disso, buscaremos analisar a circulação desses professores italianos tanto no espaço institucional quanto fora dele, tendo em vista os laços que estabeleceram com a colônia ítalo-brasileira, sobretudo com grupos fascistas. Conforme se verá, existiu uma pressão da parte brasileira para que eles fossem contratados e, por outro lado, existia uma Itália Fascista interessada em divulgar sua cultura no exterior de diversas maneiras, sendo o envio de professores e intelectuais uma das estratégias adotadas, conforme defendido por Bertonha (2001).

A fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP) pode ser compreendida sob diversos ângulos, dentre eles o viés político. Neste sentido, podemos destacar a movimentação de sujeitos ligados ao jornal *O Estado de S. Paulo* (OESP), o chamado *grupo do Estado* (CARDOSO, 1982; LIMONGI, 1989). O núcleo desse grupo era formado principalmente por Júlio de Mesquita Filho, Francisco Mesquita, Armando de Salles Oliveira e Fernando de Azevedo²² (CARDOSO, 1982).

Desde os anos de 1920, através dos editoriais do jornal, o grupo defendia a ideia de se fundar uma universidade no Estado de São Paulo, com o objetivo de formar uma nova *elite intelectual*, que deveria se ocupar da direção do país. Essa defesa surge de maneira explícita no texto *A Crise Nacional*, de Júlio de Mesquita Filho, publicado em 1925. A crise de que fala o autor seria aquela das oligarquias²³, que se revezavam na dirigência do Brasil desde a proclamação da República e estariam em crise desde a sua formação, pois seriam responsabilizadas pelas dificuldades relacionadas à questão da democracia no Brasil. Em sua

---

22 Fernando de Azevedo permaneceu na redação do jornal de 1923 a 1926 e, apesar de suas ligações com o *grupo do Estado*, não pode ser considerado um membro fixo, pois circulava em outros grupos também, dada sua trajetória no campo da educação. De todo modo, Azevedo contava com um posto de destaque no grupo, por ser reconhecido como intelectual e ter participado da campanha pela criação da USP (CARDOSO, 1982).

23 Essa oligarquia era formada, principalmente, por descendentes dos grandes latifundiários (CARDOSO, 1982). Segundo Limongi (1989), eram sujeitos pertencentes a famílias de grande prestígio social e econômico.

opinião, a entrada dos negros em outros setores da vida social, por conta da Abolição da Escravatura, desestabilizou a moral da sociedade, proporcionando o que ele denominou “decadência moral” (CARDOSO, 1982). Para Mesquita Filho, outro fator preocupante era a grande imigração de estrangeiros, que “teria retardado ainda mais o despertar da opinião pública” para as questões políticas e nacionais (*Idem, ibidem*:34). Entre as possíveis soluções apresentadas por Mesquita Filho, estaria a de se fundar uma universidade no Estado de São Paulo, pois ele acreditava que esse tipo de espaço tinha a função de “formar as elites indispensáveis à obra de regeneração política da sociedade brasileira e à superação da 'crise nacional', com a destruição do poder das oligarquias” (*Idem, ibidem*:37). Em sua análise de *A Crise Nacional*, Bontempi Júnior (2001:138) observa que “à universidade (...) caberia a tarefa de formar as elites ilustradas, único grupo social capaz de realizar positivamente a obra de regeneração política da sociedade brasileira, mas também de formar o professorado secundário e superior”.

Outro documento publicado pelo OESP em que se observa a ideia da fundação de uma universidade é o *Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo*, de 1926, organizado por Fernando de Azevedo e do qual participaram professores do ensino normal, secundário e das escolas superiores de Medicina, Direito e Engenharia, além de jornalistas (CARDOSO, 1982). Segundo Limongi (1989), o critério de escolha desses sujeitos foi a proximidade com a *Liga Nacionalista*²⁴ e com os movimentos reformadores iniciados por Sampaio Dória, por volta de 1920. As notas introdutórias e a conclusão foram redigidas por Fernando de Azevedo e, para os convidados, foi enviado um questionário, que tocava em diversas questões relacionadas à educação (CARDOSO, 1982).

De acordo com o *Inquérito*, o mal do ensino seria a “ausência de uma 'política de educação' norteadas não por homens, mas por princípios, ausência que levaria a um crescimento do aparelho de ensino” (CARDOSO, 1982:28)

não por via de “evolução orgânica”, mas por meio de enxertos, retoques e achegas, variáveis segundo a fantasia e os caprichos individuais e tendências as mais das vezes criadas não por convicções de uma *elite orientadora*, mas por circunstâncias políticas na composição precária dos governos

---

24 A *Liga Nacionalista* surgiu em julho de 1917 e dela fizeram parte nomes como Mesquita Filho, Amadeu Amaral, presidente da Academia Paulista de Letras, e Monteiro Lobato. Ela representaria, além de um caminho obrigatório para quem desejasse seguir a carreira política, uma espécie de oposição ao Partido Republicano Paulista (PRP), constituindo um embrião do Partido Democrático (PD), com a observação de que a *Liga* não era um partido e, naquele momento, não era possível seguir uma carreira paralela ao PRP (LIMONGI, 1989).

(AZEVEDO *apud* CARDOSO, 1982:28, grifos da autora)²⁵.

A ideia seria, portanto, formar uma elite que educaria o povo, como se fosse uma “massa” a ser moldada. Neste sentido, seria

a elite que teria condições de propor um projeto para a nacionalidade que estivesse acima das paixões partidárias, na medida em que ela é concebida como composta pelas iniciativas particulares, esclarecidas e sustentadas em todas as classes e direções (CARDOSO, 1982:29).

Nesse contexto, a universidade teria dois papéis principais: o de formar professores secundários e superiores, e o de preparar e aperfeiçoar as classes dirigentes, o que representaria tanto as suas funções educacionais quanto as políticas. A universidade não apenas transmitiria a ciência, mas seria como um “organismo vivo” na sociedade. Em outras palavras, a universidade seria a responsável por trazer um espaço que viabilizasse o processo de civilização (CARDOSO, 1982).

O *Inquérito*, para garantir que sua concepção de educação fosse reconhecidamente democrática, definia elite como sendo uma classe acessível, aberta e passível de se formar a partir de qualquer camada social, em uma tentativa de obscurecer o caráter político de seu projeto de educação. Assim, através dessa suposta democracia, o Estado seria capaz de chegar a todas as classes sociais e recrutar os cidadãos mais aptos a compor essa elite intelectual (CARDOSO, 1982).

Além de chamarmos a atenção para a campanha em favor da criação de uma universidade, devemos ressaltar a superioridade com que o *grupo do Estado* concebia o Estado de São Paulo, em detrimento dos demais estados brasileiros. Para esses sujeitos, a universidade deveria ser fundada naquele estado por acreditarem que dali deveria “partir o movimento pela regeneração política da sociedade brasileira” (CARDOSO, 1982:39). Em *A Comunhão Paulista* (1922), Mesquita Filho defendia que São Paulo deveria exercer um “imperialismo benéfico”, em ação similar ao que foi feito pelos Bandeirantes, no passado, mas tendo em vista, dessa vez, a regeneração nacional (*Idem, ibidem*:39). Para Mesquita Filho, com a crise das oligarquias e início da decadência moral, somente “um grupo teria fundamentalmente resistido a este processo: o do jornal *O Estado de S. Paulo*” (*Idem*,

---

25 AZEVEDO, F. A educação pública em S. Paulo: problemas e discussões; inquérito para “O Estado de S. Paulo” em 1926. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937, p. 4.

ibidem:40)²⁶.

O papel da universidade no Estado de São Paulo seria, portanto, o de iniciar um movimento, através da formação de uma nova elite dirigente e intelectual, de regeneração da nacionalidade, que se estenderia por toda a nação. Segundo Cardoso (1982),

É importante que se retenha que o controle da Universidade, por um determinado grupo, implica o poder de propor e reproduzir um determinado projeto político para a sociedade. É dentro dessa proposição que a Universidade aparece como ponto nuclear do projeto da Comunhão (CARDOSO, 1982:42).

Assim, tendo em vista os movimentos do jornal *OESP* antes da criação da USP, podemos apreender que no projeto político de poder do *grupo do Estado* a universidade representava o “núcleo fundamental, na medida em que, sendo o centro de formação e reprodução das elites dirigentes, o seu controle permitiria, em termos de concepção de mundo, à formação daquelas elites” (CARDOSO, 1982:52). Sendo assim, o projeto inicial da USP era muito mais político e ideológico do que educacional, o que entra em confronto direto com a memória dos fundadores da universidade, que buscam se distanciar do passado político e imprimir a imagem de que aquela universidade *sempre* teve como principal objetivo trabalhar em favor do ensino e da cultura e ciência desinteressadas (CARDOSO, 1982).

Com relação aos limites legais, a USP foi criada dentro do que foi estabelecido pelos decretos nº19.851 e nº19.852 de 11/04/1931 do Governo Provisório, a chamada Reforma Francisco Campos, que tratou sobre o ensino secundário e o superior. Os três pontos definidos pelo decreto, no que tange à instituição das universidades, são: i) sobre sua organização; ii) sobre a reorganização da Universidade do Rio de Janeiro e do ensino superior da República; iii) sobre a criação do Conselho Nacional de Educação. Um ponto frisado na Reforma era sobre a universidade não ser apenas um local de ensino, mas também de cultivo da “ciência pura” e “cultura desinteressada” e, além disso, também ressaltava a necessidade de se criar, dentro da universidade, uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras²⁷, como célula aglutinadora (CARDOSO, 1982).

26 Neste sentido, o *grupo do Estado* se considerava a própria *Comunhão Paulista*, ou seja, os responsáveis por difundir uma nova mentalidade pelo Brasil, em um movimento de regeneração nacional (CARDOSO, 1982).

27 Uma oposição verificada por Cardoso (1982) entre o decreto de criação da USP e a Reforma Francisco Campos é com relação ao nome da FFCL: ao invés de Faculdade de Educação, Ciências e Letras, conforme proposto pela Reforma, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Para a autora, isso representa a função política da universidade: ao invés da formação de professores, havia preocupação em formar uma nova classe intelectual.

O fator decisivo para a criação da USP foi a nomeação de Armando de Salles Oliveira para a interventoria federal no Estado de São Paulo, em 1933. A USP seria a resposta cultural de São Paulo para o 9 de julho de 1932²⁸, ao ver do próprio *OESP* (CARDOSO, 1982). Em sua autobiografia, Fernando de Azevedo afirma que Mesquita Filho lhe telefonou “logo que voltou do exílio, para me convocar para a luta que vínhamos sustentando havia tantos anos (...) Pediu-me então (...) que elaborasse o projeto de decreto-lei, com que se criaria a Universidade de S. Paulo”²⁹. Desde a proposta inicial existia a ideia de se reunir dentro da nova universidade faculdades já existentes no estado. Segundo Fernando de Azevedo, para evitar problemas futuros, eles procuraram representantes dessas instituições³⁰.

Por fim, a USP foi fundada em 25 de janeiro de 1934, data cuidadosamente escolhida por ser aniversário da cidade de São Paulo, a partir da publicação do decreto nº 6.283. De acordo com o decreto, comporiam a USP as seguintes faculdades: Faculdade de Direito; Faculdade de Medicina; Faculdade de Farmácia e Odontologia; Escola Politécnica; Instituto de Educação; Escola de Medicina Veterinária; Escola Superior de Agricultura; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada pelo mesmo decreto de fundação da USP; e o Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais, que deveria ser criado em outro momento (CARDOSO, 1982).

No próprio decreto de criação da USP foi ressaltado, entre outros, o seu papel de formar as classes dirigentes, trabalhar na consciência nacional e nos problemas da nacionalidade, além de promover a cultura desinteressada e a ciência pura (CARDOSO, 1982:122-123).

Segundo Irene Cardoso, “O Decreto reafirma a concepção de universidade que vem sendo defendida desde o primeiro momento: a presença da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como núcleo fundamental do sistema universitário e a instituição de alta cultura” (CARDOSO, 1982:123). De acordo com a autora, a USP e, particularmente, a FFCL,

é o lugar da formação e reprodução do 'público novo', das elites dirigentes, e ao mesmo tempo a condição da conservação e reprodução do projeto de hegemonia cultural e política, de São Paulo e da Comunhão, dentro da nacionalidade.

28 Em 9 de julho de 1932 o estado de São Paulo realizou um levante armado contra o Governo Provisório de Getúlio Vargas (cf. Cardoso, 1982).

29 Azevedo, 1971, p. 120.

30 Instituto de Educação: Almeida Jr.; Escola Politécnica: Theodoro Ramos e Fonseca Teles; Faculdade de Medicina: Raul Briquet e André Dreyfus; Faculdade de Direito: Vicente Rao; Instituto Biológico: Rocha Lima e Agésilau Bittencourt (cf. Cardoso, 1982; Limongi, 1989).

A Universidade e a sua Faculdade de Filosofia são as herdeiras do projeto da Comunhão.

Efetivamente, a interventoria de Armando de Salles Oliveira, em São Paulo, um homem do 'grupo do *Estado*', mesmo que fruto do compromisso, é elaborada ideologicamente como representativa da Comunhão no poder (CARDOSO, 1982:157).

Após a assinatura do projeto, o engenheiro e professor da Escola Politécnica, nomeado primeiro diretor da FFCL, Theodoro Augusto Ramos³¹, foi enviado à Europa para contratar professores, enquanto Fernando de Azevedo, Almeida Jr. e Sampaio Dória escreviam os estatutos da USP (LIMONGI, 1989). Segundo Bontempi Júnior (2001:45), pelo fato da FFCL se considerar o “novo”, em relação às faculdades tradicionais que costumava criticar, seus dirigentes decidiram contratar professores na Europa, em lugares que consideravam mais civilizados. Um discurso de Mesquita Filho proferido anos depois da criação da FFCL procurava reforçar essa oposição aos quadros docentes universitários brasileiros, uma vez que ele colocava que

se o objetivo que tínhamos em vista era uma reforma ampla e profunda do processo cultural vigente, não se concebia que lançássemos mãos de indivíduos cujos diplomas ostentavam a chancela de faculdade onde se ministrava um ensino por todos os títulos insuficiente³².

Segundo as memórias de Fernando de Azevedo, deveriam ser feitas duas exceções com relação à contratação de estrangeiros: Ramos se ocuparia da cadeira de Análise Matemática, pois ele já seria responsável por essa disciplina na Escola Politécnica, e o próprio Azevedo ficaria responsável pela de Sociologia. No entanto, ele afirma que tanto ele quanto Ramos não teriam aceitado, “por entendermos que também para essas cadeiras, deviam ser contratados professôres estrangeiros”³³.

O decreto da USP previa que a FFCL não contaria com sistema de cátedras, o que

---

31 Theodoro Augusto Ramos foi um dos professores interrogados pelo *Inquérito* de Fernando de Azevedo, em 1926, participou de um questionário organizado pelo diretor da Politécnica, em 1929, e costumava defender a criação de uma universidade. Além de engenheiro, teve uma agitada carreira política: em 1932, participou do levante paulista e, em dezembro daquele ano, foi nomeado prefeito da cidade de São Paulo, pelo então interventor federal General Waldomiro Castilho de Lima, tendo ficado no cargo por alguns meses. Uma das razões para seu afastamento da prefeitura foi uma implicância com relação aos gastos empreendidos pelo estado em obras de tratamento de esgoto, quando iniciaram suas divergências com a Escola Politécnica, uma vez que boa parte dos engenheiros que assinavam tais obras tinha ligações com a instituição (CELESTE FILHO, 2013).

32 Mesquita Filho, 1969, p. 191.

33 Azevedo, 1971, p. 122-123.

pode estar intimamente ligado ao fato de que inicialmente seriam contratados professores estrangeiros para compor os quadros docentes da instituição, pois eles não deveriam permanecer muito tempo no Brasil. Essa ideia se reforça quando observamos que, após o retorno desses professores, o sistema de cátedras é implantado (BONTEMPI JÚNIOR, 2001; CELESTE FILHO, 2013).

Esse momento de partida de Theodoro Ramos à Europa para contratar professores assume grande importância no presente estudo, uma vez que é a partir desse momento que começa a mobilização da *Missão Italiana*. Assim, analisaremos a seguir as movimentações em torno de aproximações diplomáticas que envolveram o Brasil e três países europeus que se beneficiaram desse momento de contratação de docentes: França, Alemanha e Itália.

1.1 A mobilização das Missões Estrangeiras no início da FFCL: relações de diplomacia e propaganda cultural

Dentro desse movimento de contratação de professores estrangeiros, a primeira que trataremos será aquela relativa aos franceses, a chamada *Missão Francesa*. Existem dois importantes estudos que se dedicaram em compreender esse evento: o de Patrick Petitjean (1996) e o de Hugo Suppo (2000). De uma maneira geral, Suppo (2000) procura fazer uma certa crítica ao trabalho de Petitjean (1996), ao procurar evidenciar a atuação da *Missão Francesa* como embaixadora cultural de seu país, fato que teria se iniciado antes da criação da USP e se estendido até um período posterior ao retorno da maioria dos docentes à França, abrangendo um período um pouco maior do que aquele de que se ocupa Petitjean. De todo modo, ambos trabalhos representam importantes contribuições para a historiografia da FFCL.

Esses dois autores concordam que George Dumas teve um papel central na contratação dos professores franceses. De acordo com Petitjean (1996), existia uma cooperação entre Brasil e França ainda

no início do século XX, sob a égide do Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les Relations avec l'Amérique latine. Em São Paulo, sucessivamente, a União Escolar Franco-paulista antes da Primeira Guerra e o Liceu Franco-paulista nos anos 20 foram os frutos dessa cooperação. Laços pessoais formaram-se entre George Dumas (...) e Júlio de Mesquita Filho (com seu grupo de amigos do jornal *O Estado de S. Paulo*), e

com professores das escolas profissionais superiores da cidade (...) (PETITJEAN, 1996:260-261).

O médico e psicólogo francês, George Dumas, atuou no Brasil como um embaixador cultural de seu país³⁴. Durante suas viagens, estabeleceu importantes laços com membros da elite brasileira, principalmente aquelas camadas que esboçavam simpatia pela cultura francesa, como o grupo de Mesquita Filho (SUPPO, 2000). O objetivo do trabalho de Suppo (2000) é situar a *Missão Francesa* da FFCL nesse contexto em que era realidade a propaganda cultural francesa e, assim, compreende que esses professores atuaram como embaixadores dessa política pelo menos até os anos de 1940.

Uma das questões levantadas por Petitjean (1996), a partir da análise de depoimentos dos professores brasileiros Paulo Sawaya e Paulo Duarte, e do francês Paul Arbousse-Bastide, é a de que os professores europeus foram escolhidos seguindo critérios estabelecidos no Brasil e não em seus países originais. Isso não significa que não existiram negociações entre os países para a escolha dos nomes, mas que a demanda e a palavra final teriam se dado pela parte brasileira.

Assim, o contato estabelecido com os franceses já existia quando Ramos partiu para a Europa e se encontrou com Dumas, na Itália, em março de 1934. Na ocasião, teriam ficado designadas aos franceses as seguintes cadeiras: geografia, sociologia, história, filosofia, literatura francesa, filologia greco-latina, física matemática e literatura greco-latina. Para a Itália seriam reservadas apenas três e, para Alemanha, duas: zoologia e literatura alemã. Ainda teria uma cadeira para a Inglaterra, a de literatura inglesa (PETITJEAN, 1996). No entanto, a cadeira de física matemática foi alvo de disputa entre França e Itália, e “os fundadores da USP tentaram beneficiar-se dessa rivalidade franco italiana” para contratar professores pelo melhor custo-benefício (*Idem, ibidem*:262). De acordo com Suppo (2000), Dumas escolheu professores que tinham alguma relação com a *École Normale Supérieure*, da qual foi aluno.

Na França, Ramos teve certa dificuldade para contratar os professores por conta da duração do contrato, que era de três anos. Também não foi simples, para Dumas, encontrar professores dispostos a isso. O contrato oferecido por Ramos, além do tempo de duração,

---

34 Com a criação do Liceu Franco-Paulista, diversos professores franceses proferiram palestras no Brasil e alguns deles chegaram a publicar artigos no *OESP*. Nessas publicações, falavam sobre a necessidade de se criar uma Faculdade de Filosofia e Letras e uma Faculdade de Ciências, que teria como principal objetivo criar um vínculo entre ensino e pesquisa e formar os chamados intelectuais e cientistas desinteressados (Cf. CARDOSO, 1982).

estabelecia que a França deveria arcar com as viagens de ida e volta dos professores, além de oferecer um complemento de salário, para que eles contassem com uma parte em moeda brasileira e outra em francos. O contrato ainda proibia que os professores se dedicassem a outras atividades que não aquelas diretamente ligadas a ensino e pesquisa na FFCL, principalmente atividades de caráter político ou religioso. Após diversas negociações, os primeiros franceses contratados foram: Émile Coornaert (História da Civilização), Robert Garric (Literatura Francesa), Pierre Deffontaines (Geografia), Paul Arbousse-Bastide (Sociologia), Étienne Borne (Filosofia e Psicologia), Michel Berveiller (Literatura Greco-Latina) (PETITJEAN, 1996). Como podemos notar, a Itália teria vencido a batalha da física matemática.

A maioria desses professores lecionava em liceus, diferentemente dos alemães e italianos, que já contavam com carreiras acadêmicas mais avançadas (PETITJEAN, 1996). Neste sentido, Cândido Dias, que foi assistente do italiano Luigi Fantappiè e teve certo contato com George Dumas,

(...) insiste sobre a curiosidade que constitui a diferença de critérios entre os diferentes países: professores titulados, para os alemães e os italianos, e mais jovens para os franceses. Uma seleção feita pelas autoridades acadêmicas para os italianos; para os franceses com base nas relações pessoais de Georges Dumas; e de exclusões da universidade para os alemães (PETITJEAN, 1996:269).

De fato, boa parte dos professores franceses enviados ao Brasil estavam no início de suas carreiras, conforme Claude Lévi-Strauss afirma em seu livro, *Saudades de São Paulo*, citado por Suppo: “Meus colegas da missão universitária francesa e eu éramos, quase todos, pequenos professores em liceus de província cujo desejo de evasão, cujo gosto pela pesquisa havia chamado a atenção de George Dumas” (LÉVI-STRAUSS *apud* SUPPO, 2000:334)³⁵. Por outro lado, os professores italianos já contavam com um extenso currículo quando embarcaram para o Brasil. É o caso do matemático Luigi Fantappiè, que ao ser contratado para a FFCL já havia publicado cinquenta e quatro artigos científicos e ocupava, desde 1932, a cátedra de Análise Infinitesimal da Universidade de Bolonha, onde também era diretor do *Instituto Matemático Salvatore Pincherle*, desde novembro de 1933³⁶.

O professor alemão, Heinrich Rheinbolt, quando contratado para a FFCL, também

35 LÉVI-STRAUSS, C. *Saudades de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 8.

36 Universidade de São Paulo, 1937a.

contava com longa trajetória no campo científico e na educação universitária; desde 1922, atuava como assistente das aulas experimentais do *Instituto de Química da Universidade de Bonn*, passando a docente livre de química em 1924 e “assistente encarregado pela direção do Departamento Analítico Inorgânico do Instituto de Química da universidade e dos estudos químicos para os professores das escolas superiores”, em 1927³⁷. Quando contratado para a FFCL, também em 1934, Rheinbolt era membro da Sociedade Científica de Strasburgo e havia publicado o livro *Chemische Unterrichtsversuche*³⁸, setenta e seis trabalhos científicos e participado da orientação de trinta e cinco dissertações.

Enquanto o trabalho de Petitjean (1996) se dedica mais a compreender, nesse momento inicial, os contatos entre Dumas, Ramos e outras figuras na arregimentação dos professores franceses, Suppo (2000) busca destacar o caráter propagandístico daquela *Missão*. Segundo esse autor, analisando a documentação diplomática francesa e brasileira, verificou que a palavra “propaganda” pode ser encontrada facilmente. Para Suppo (2000), ainda que esses professores tenham sido contratados para ensino e pesquisa, aos poucos o que eles vão fazer é continuar aquele movimento de propaganda cultural francesa iniciado ainda nos anos de 1920, dentro da esfera política e intelectual. Desse modo, inclusive a atuação de George Dumas teria sido em favor desse projeto.

Uma primeira questão, nesse sentido, seria: qual o interesse desses professores franceses em fazer propaganda cultural no Brasil? Para Suppo (2000), além das motivações com relação aos benefícios à carreira pessoal de cada um, “as causas mais profundas se encontram no nacionalismo que permeia todos eles; antes de tudo, estão lá para lutar pelos interesses franceses, que são 'universais', eliminando assim todas as possíveis divergências ideológicas” (SUPPO, 2000:333). Uma outra expressão da propaganda cultural observada por Suppo (2000) era relativa às aulas, que eram ministradas sempre em francês, o que era parte da chamada *francofilia*, quer dizer, parte daquele projeto maior de propaganda francesa no exterior. Neste sentido, mesmo as conferências proferidas pelos professores franceses, citadas por Petitjean (1996) dentro de outro contexto, podem ser consideradas parte dessa propaganda, se concordarmos com a tese de Suppo, uma vez que eles tratariam de temas gerais, como religião, questões sociais e política. O trabalho de Suppo (2000) é interessante, sobretudo, porque traz à tona, de uma maneira clara e direta, os interesses da parte francesa na

---

37 Universidade de São Paulo, *op. cit.*, p.302.

38 RHEINBOLT, H. *Chemische Unterrichtsversuche*, XX, 326 pag., 112 fig., - editor Theodor Steinkopff-Dresden, 1934.

contratação dos professores, livrando a parte brasileira do estatuto de receptor passivo das *Missões Estrangeiras*, em certa medida.

A mobilização da *Missão Alemã* se formou de maneira ligeiramente diferente da francesa. Conforme mencionado no trabalho de Petitjean (1996), Ramos foi atrás dos professores de origem judaica perseguidos pelo nazismo. No entanto, para compreender esse momento, seguiremos um outro trabalho, o de André Felipe Candido da Silva (2013), que se ocupou de compreender, especificamente, a contratação dos professores alemães para a FFCL, no que tange aos aspectos diplomáticos.

Segundo Silva (2013),

enquanto os professores italianos e franceses obtiveram vantagens de seus respectivos governos ao se apresentarem como missionários da política cultural externa, os alemães não contaram com as mesmas regalias, uma vez que a origem judaica tornou problemática sua condição de representantes da nação alemã num momento em que os judeus foram considerados excluídos do ideal da “*Volksgemeinschaft*” (comunidade nacional) (SILVA, 2013:403).

No caso dos alemães, de acordo com o professor Paulo Sawaya, os nomes foram sugeridos pelo microbiologista e patologista Henrique da Rocha Lima, “diretor do Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal, criado em São Paulo em 1927” (SILVA, 2013:405). Além disso, ele teria pertencido à “primeira geração de médicos que participou com Oswaldo Cruz da criação do Instituto de Manguinhos no Rio de Janeiro” e teria “trabalhado por 18 anos (entre 1909 e 1927) no Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo” (*Idem*, *ibidem*:405).

Conforme vimos no caso francês, George Dumas foi a ponte nas relações de propaganda cultural francesa no Brasil e, depois, o principal braço para a contratação dos professores. No caso alemão, Rocha Lima, no período em que trabalhou na Alemanha, realizou diversas ações em favor da cooperação germano brasileira, enviando intelectuais brasileiros para a Alemanha e trazendo alemães para o Brasil. Todo esse contato o gabaritou para participar da escolha dos nomes alemães quando da fundação da USP (SILVA, 2013).

Em seu estudo, Petitjean (1996) fala sobre Paulo Duarte que, em suas memórias, disse ter partido para a Europa ao lado de Ramos para contratar os franceses, o que não se observa quando ele analisa a documentação da época. Do mesmo modo, Silva (2013) observa

que Paulo Duarte teria feito afirmações de que foi ele o responsável por contatar Rocha Lima, a fim de que ele indicasse professores. No entanto, analisando a correspondência trocada entre ele e Júlio de Mesquita Filho, o autor observa que eles tiveram um grande contato, uma vez que Rocha Lima chegou, inclusive, a frequentar a fazenda do jornalista no interior de São Paulo e ainda escrevia para o jornal *OESP* (SILVA, 2013), o que relativiza e problematiza, mais uma vez, as memórias de Paulo Duarte.

Petitjean (1996) afirma que os professores alemães contratados eram de origem judaica. De fato, isso é confirmado pelo estudo de Silva (2013), que afirma que, quando Theodoro Ramos se dirigiu à Europa para contratar os professores, Rocha Lima escreveu para seu contato, o médico Fritz Munk, de Berlim, informando sobre a passagem de Ramos pela Alemanha e pedindo ajuda para a indicação dos nomes. No entanto, pedia que fossem “não-arianos ou arianos não bem vistos” (SILVA, 2013:406). A indicação de Rocha Lima foi o judeu Ernst Bresslau, que já estivera no Brasil algumas vezes e tinha causado uma boa impressão. Por fim, foram contratados, inicialmente, os seguintes nomes: Felix Rawitscher (Botânica), Heinrich Rheinboldt (Química) e Ernst Bresslau (Zoologia) (SILVA, 2013).

Uma questão fundamentalmente problematizada por Silva (2013) é a seguinte: por que os professores alemães indicados para a USP, Bresslau, Rawitscher e Rheinboldt, eram judeus? É comprovado que Rocha Lima tinha pedido isso na carta a Munk, mas de onde teria partido tal motivação? Por uma lado, poderia ser uma exigência de Mesquita Filho, por outro poderia ser uma espécie de ação humanitária, de acolhimento aos judeus perseguidos pelo Regime. De todo modo, Silva (2013) acredita não possuir fontes necessárias que o permitam responder essa pergunta.

O mais velho do grupo de três alemães, o professor Bresslau, foi quem tomou a frente das negociações. Foi ele quem informou a Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores, no dia 22 de maio de 1934, que ele e seus colegas fecharam contrato com a USP e procurou conseguir benefícios semelhantes aos dos colegas franceses e italianos, pois os subsídios fornecidos pelo governo poderiam ajudar a formar a subseção que eles viriam a ocupar, sob a justificativa de que, caso demorassem para dar a resposta, poderiam perder as cadeiras em questão. Inclusive, ele informou que a cadeira de Geologia e Mineralogia, que inicialmente seria ocupada por um alemão, já havia sido destinada à Itália, graças às pressões daquele governo (SILVA, 2013). É interessante notar que, no caso alemão, para conseguir

emigrar para o Brasil, os próprios professores destacavam as rivalidades entre os três países. Segundo Silva (2013:408), “O zoólogo não só explorava a rivalidade entre os países europeus para persuadir o governo alemão a lhes conceder vantagens como insinuava um possível ônus financeiro ocasionado pela falta de apoio oficial”. No entanto, seria muito difícil que esses professores conseguissem apoio governamental, por conta da origem judaica.

Os professores alemães insistiam que deveriam ter um tratamento diferenciado dos demais judeus, pois poderiam atuar como representantes da Alemanha. É interessante notar que os professores utilizam como estratégia a questão da propaganda cultural, para que pudessem ir embora da Alemanha nazista. No entanto, o governo relutava, justamente pelo fato deles não serem arianos e, portanto, não poderiam ser considerados representantes daquele país (SILVA, 2013).

Sobre a intenção de permanência no Brasil, Rheinboldt aceitou o contrato sem maiores ressalvas, enquanto Rawitscher pediu que ficasse somente por seis meses e no final de 1934 confirmasse a contratação. Algo questionado foi o complemento de salário assegurado pelos governos italiano e francês, o que não se verificava no caso dos alemães (SILVA, 2013).

Uma peça chave para que a *Missão Alemã* conquistasse alguns “benefícios”, foi o cônsul alemão em São Paulo, que conseguiu, por exemplo, que o professor Bresslau recebesse sua aposentadoria em solo brasileiro. Um dos argumentos do cônsul para convencer o governo de seu país era a insistência na possibilidade de perder cadeiras para Itália e França. Apesar de conseguir receber sua aposentadoria, Bresslau morreu pouco tempo depois e uma nova batalha se iniciou: a do recebimento da aposentadoria por sua esposa. Com a morte de Bresslau, um novo nome deveria ser indicado para a sua cadeira. Assim, foi contratado Ernst Marcus, a partir de negociações entre brasileiros e governo alemão (SILVA, 2013). Conforme podemos observar, a partir das mobilizações dos professores franceses e alemães, as cadeiras teriam sido distribuídas de acordo com a nacionalidade: humanas para os franceses, ciências naturais para alemães e exatas para os italianos (além da literatura italiana e, mais tarde, a grega, que sairia das mãos dos franceses, conforme veremos adiante).

Uma característica da *Missão Italiana* foi a manutenção dos laços institucionais com a Itália. Em 1941, por exemplo, o matemático Giacomo Albanese assinou um artigo escrito para a *Revista Bibliográfica da USP* como “Professor Catedrático de Geometria na

Universidade de Pisa, em comissão na Universidade de S. Paulo”³⁹, o que simboliza o caráter temporário de sua “missão” em solo brasileiro. O físico Gleb Wataghin também manteve ligações com a Universidade de Turim (FREIRE JUNIOR & SILVA, 2014). Attilio Venturi, que tem uma rápida passagem pela FFCL, chegou a ocupar a cadeira de língua e literatura grega interinamente, retornando após alguns meses ao seu cargo de diretor do Colégio Dante Alighieri⁴⁰. Fantappiè, em uma carta endereçada ao cientista italiano Tullio Levi-Civita, em 1935, ressaltou o caráter temporário de seu trabalho junto à FFCL, assinando da seguinte forma: “Professor originário da R. Universidade de Bolonha, temporariamente na Universidade de São Paulo do Brasil”⁴¹. O barão Ottorino De Fiore di Cropani era apresentado pela imprensa brasileira como professor da Universidade de Catânia⁴². Em um discurso proferido em 1936, Luigi Galvani também teria ressaltado que sua experiência universitária no Brasil não duraria muito tempo⁴³. Além disso, conforme veremos ao longo do presente capítulo, os italianos eram comissionados por seu governo, o que os colocava em um papel de representantes culturais e científicos, o que lhes impunha uma relação constante com a Itália, que costumava acompanhar de perto o desenvolvimento de suas atividades.

Segundo depoimento de Paulo Duarte, publicado em 1947, as cátedras que “ensinam a pensar” não poderiam ficar sob a responsabilidade de indivíduos provenientes de países totalitários (PETITJEAN, 1996:261-262), o que é visto com estranhamento por Bontempi Júnior (2001),

seja porque justifica a indiferença quanto à presença de fascistas ou nazistas em uma faculdade liberal, desde que permanecessem nas cadeiras de ciências exatas ou naturais, seja porque dá a entender que apenas o fato de ser alemão ou italiano faria de um professor de sociologia ou filosofia um simpatizante de regimes autoritários. Ora, bastava trazer para as cadeiras que “ensinam a pensar” os inimigos dos regimes – nomes não faltariam na Alemanha e na Itália (BONTEMPI JÚNIOR, 2001:47-48).

A despeito das considerações de Paulo Duarte, mais uma vez problemáticas, os alemães contratados para a FFCL, conforme vimos a partir do trabalho de Silva (2013), enfrentaram diversas dificuldades por conta da origem judaica. Com relação aos professores

39 Albanese, 1941, p. 25.

40 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Istituto di Alta Cultura Italo-Brasiliano”. Carta do cônsul G. Castruccio para o *Ministero degli Affari Esteri*, de 13/03/1940.

41 ASANL/Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1934, L. - 1935, O. Box 16. Carta de Luigi Fantappiè a Levi-Civita, de 31/10/1935, tradução nossa.

42 Correio Paulistano, São Paulo, 25, ago. 1938, p. 4.

43 Universidade de São Paulo, 1937b, p. 76.

italianos, apresentaremos, a seguir, os resultados obtidos a partir das pesquisas realizadas nos arquivos brasileiros e italianos, que podem ajudar a compreender como se deu a mobilização da *Missão Italiana* e suas relações com o fascismo italiano.

1.2 Relações diplomáticas e política externa fascista na formação da Missão Italiana

A *Missão Italiana* começou a se formar em 1934 e o último membro a ser incorporado ao grupo chegou em 1940. Fizeram parte dela os seguintes nomes: da primeira fase, entre 1934 e 1935, Luigi Fantappiè (1901-1956), para a cadeira de Análise Matemática e Geometria; Gleb Wataghin (1899-1986), para a de Física Geral e Experimental; Francesco Piccolo (1892-1970), para a de Língua e Literatura Italiana; e Ettore Onorato (1899-1971), para a de Mineralogia e Geologia⁴⁴. Em 1936, chegaram a São Paulo os professores Giacomo Albanese (1890-1947), para a de Geometria Projetiva e Analítica e História das Matemáticas; e Luigi Galvani (...-1954), para a de Estatística⁴⁵. Em 1937, Piccolo foi substituído pelo poeta Giuseppe Ungaretti (1888-1970). No mesmo ano, com o desdobramento da cadeira de Mineralogia e Geologia e criação da cadeira de Mineralogia e Petrografia, que ficou sob a responsabilidade do professor Onorato, foi criada a cadeira de Geologia e Paleontologia, para a qual foi contratado o professor barão Ottorino De Fiore Di Cropani (...-...). Ainda nesse ano foi contratado o assistente Giuseppe Occhialini (1907-1993), para a cadeira de Física Geral e Experimental. O professor Attilio Venturi (...-...), diretor do Instituto Médio “Dante Alighieri”, que já se encontrava no Brasil, foi contratado para a cadeira de Língua e Literatura Grega⁴⁶, sendo substituído em 1939 pelo professor Vittorio de Falco (1898-1980)⁴⁷.

Para compreender a formação da *Missão Italiana*, no entanto, é preciso compreender um pouco da cooperação diplomática que existia entre o Brasil e a Itália, antes mesmo da fundação da USP.

Os contatos mais substanciais entre esses dois países se iniciaram com a grande

44 Universidade de São Paulo, 1937a.

45 *Idem*, 1937b.

46 *Idem*, 1938a.

47 *Idem*, 1953a. Parte do estudo relativo à chegada da *Missão Italiana* no Brasil, em específico a sua recepção pelos jornais do período, foi publicada no artigo “A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da SP e o imaginário da imprensa e do paulistano sobre o fascismo antes da Segunda Guerra”, de minha autoria e de meu orientador, prof. Rogério Monteiro de Siqueira (SILVA & SIQUEIRA, 2014).

imigração de italianos, após a abolição da escravidão brasileira, em fins do século XIX. Desde os anos de 1850, o Brasil passava por um momento de enfraquecimento da escravidão, o que incentivou a criação de políticas públicas para facilitar a imigração de trabalhadores para o país. As elites dirigentes brasileiras consideravam importante incorporar à massa trabalhadora indivíduos oriundos de países considerados “civilizados”. Com isso, o caminho se abriu para o povo europeu que passava por sérias crises de desemprego, em grande medida por conta da emergência do capitalismo e perda de espaço dos pequenos produtores agrícolas. Assim, dois fatores contribuíram para a imigração em massa, principalmente de italianos, em fins do século XIX: i) a ideia de que os indivíduos nascidos no continente europeu seriam mais “civilizados”, mais aptos ao trabalho do que os negros (muitos deles ex-escravos ou descendentes pessoas escravizadas) e ii) a questão da possibilidade de “embranquecimento” da população brasileira, pela “mistura” entre europeus italianos e sujeitos nativos (ALVIM, 1986; LESSER, 2001).

No entanto, esse grupo que estamos chamando de *italianos* passa a se reconhecer dessa maneira somente depois de chegar ao Brasil (CARELLI, 1985). Antes disso, se reconheciam como vênnetos, calabreses, lombardos, sicilianos, entre outros, de acordo com a região da Itália de que eram provenientes (ALVIM, 1986). Um dos fatores que podem ter levado a essa busca por uma nacionalidade comum teria sido o problema da língua; nem todos falavam italiano, mas, sim, o dialeto de sua região, o que dificultou a comunicação entre grupos provenientes de regiões diferentes. Assim, muitas vezes, a primeira língua a aprenderem no Brasil era o italiano e, depois, o português (CARELLI, 1985; PETRONE, 1991).

A colônia italiana que se instalou na área urbana, grande parte na cidade de São Paulo, chegou a se agrupar de acordo com a região de origem. Os napolitanos, por exemplo, ficaram no Brás, os calabreses no Bixiga e os venezianos no Bom Retiro (CENI, 2011). Carelli (1985) aponta ainda que

na distribuição ecológica dos italianos, todos os bairros ao longo dos ramais de estrada de ferro (Santos-Jundiaí e Sorocabana), particularmente Bom Retiro e Barra Funda, apresentam características muito semelhantes às do Brás. Constituem a cidade baixa, ao contrário dos bairros aristocráticos, como Higienópolis ou Campos Elíseos, que se encontram nas colinas arejadas (CARELLI, 1985:35-36).

Essa agregação de imigrantes italianos em bairros vizinhos dentro da cidade de São

Paulo favorecia a manutenção de suas práticas sociais e culturais. A ideia de que o retorno à Itália ficava cada vez mais distante e de que era preciso efetivamente se estabelecer no Brasil, propiciou o surgimento de uma identidade que passou a ser compartilhada por esse grupo não mais de calabreses, vênnetos ou lombardos, mas de *italianos*: a *italianità* (LESSER, 2001). Esse sentimento, esse orgulho italiano, teve origem ainda nos primeiros anos da grande imigração e é um princípio que unia os indivíduos da colônia; era algo para além do simplesmente *ser* italiano, mas a prática cotidiana da cultura italiana, o orgulho de um passado nacional que, muitas vezes, fora desconhecido até a vinda para o Brasil, mas que havia sido despertado por conta da situação de estar em uma nação estrangeira (CARELLI, 1985), o que é comum em processos migratórios (LESSER, 2001). Mesmo os filhos dos imigrantes nascidos no Brasil que, a partir daquele momento, poderiam se reconhecer como brasileiros, carregavam a presença do orgulho italiano no modo como eram classificados: ítalo-brasileiros⁴⁸. Algumas das iniciativas tomadas para a manutenção da *italianità* foram a criação de associações para reunião de ítalo-brasileiros, como o *Circolo Italiano*, fundado em 1911, a circulação de jornais, como *Fanfulla*, *La Tribuna Italiana*, *Il Secolo*, *Avanti!* e *Corrieri d'Italia*⁴⁹, além da criação de escolas, sobretudo primárias, onde o ensino se dava em língua italiana. Um importante centro propagador dessa cultura na cidade de São Paulo surgiu em 1912, a partir de esforços conjuntos da colônia no Brasil e do Ministério das Relações Exteriores da Itália, o *Collegio Dante Alighieri*, inicialmente dirigido por Rodolfo Crespi (TRENTO, 1989).

No ano de 1919, teve início na Itália uma ideologia política que iria modificar e aumentar significativamente a propaganda política cultural italiana não só no Brasil, mas em diversos outros países onde existiam colônias italianas. O *Fascio di combattimento*, criado por Benito Mussolini, se tratava de um partido “com um programa de nacionalismo, ataque à classe liberal, republicanismo, anticlericalismo e anseios de renovação social, [que encarnava] as posições de uma pequena burguesia irrequieta e, principalmente, dos ex-combatentes” [da primeira grande guerra] (TRENTO, 1986:16, colchetes nossos). Com o passar dos anos, o

48 Os diálogos entre a cultura pré migratória e a cultura nativa podem gerar um sujeito que, apesar de ter nascido já na nação para onde os pais imigraram, se reconhece ainda como pertencedor da cultura da “pátria mãe”, mesmo que nunca a tenha conhecido (cf. Lesser, 2001).

49 De acordo com Trento (1989), são consideravelmente elevados os números de exemplares voltados à colônia italiana que circularam entre os anos de 1885 e 1920, porém, “apesar do elevado número de italianos residentes no Brasil, em sua grande maioria tratava-se de analfabetos ou semianalfabetos e, de qualquer modo, de pessoas cujo horário de trabalho ou cujos compromissos eram tão pesados que não lhes permitiam qualquer aproximação com os jornais, tanto em língua italiana quanto em português” (TRENTO, 1989:184).

Partido Nacional Fascista (PNF) cresceu e ganhou importantes adeptos e simpatizantes, como o próprio Papa Pio XI (TRENTO, 1986).

Uma das características do fascismo italiano era a propaganda ideológica no exterior, que tinha por objetivo conquistar adeptos nas comunidades de italianos e descendentes que viviam fora da Itália. Desde os anos de 1920, o Brasil foi alvo dessa propaganda, através da circulação de livros e jornais em idioma italiano e criação de centros culturais, como o *Istituto Italo-Brasiliano di Alta Cultura*, e a fascistização⁵⁰ de centros já existentes, como o próprio *Circolo Italiano* e o *Colegio Dante Alighieri*. Durante os anos de 1930, ocorreu uma intensificação dessa propaganda e novas ferramentas de divulgação foram adotadas, como a internacionalização de intelectuais e professores universitários, que viajavam sob o pretexto de divulgação científica e cultural (BERTONHA, 2000).

Aquele velho orgulho italiano que teria sido despertado ainda nos primeiros anos de imigração entre os indivíduos que compuseram as colônias italianas no Brasil, já não era tão presente nos anos de 1930. Assim, a propaganda fascista funcionou como um combustível, para reacender na colônia a *italianità*, a identidade italiana, o orgulho de compartilhar uma mesma origem, uma mesma cultura nacional (TRENTO, 1989). José Renato Araújo enfatiza essa ideia, ao concluir que

sem dúvida nenhuma, o fascismo ganharia adeptos entre os “italianos” fixados na cidade de São Paulo, contudo não no sentido da conversão ideológica pretendida pelas autoridades ligadas ao PNF. O binômio Itália=Fascismo funcionaria assim em terras tropicais a partir de uma perspectiva completamente diversa daquela difundida na Itália, criando a positividade de ser italiano numa sociedade que, até então, essa categoria era encoberta pelo preconceito e pelo desprezo (ARAÚJO, 2003:252).

Portanto, a assimilação da cultura e da ideologia fascista não estava propriamente centrada na assimilação política que o Regime suscitava na Itália, mas na reaproximação àquela identidade que os fazia reconhecer-se enquanto grupo. De acordo com Trento (1989), apesar das iniciativas do governo italiano em propagar a ideologia fascista no Brasil, os números absolutos de indivíduos efetivamente filiados às instituições autoproclamadas fascistas, durante todo esse período de fascistização, são consideravelmente baixos. De todo

---

50 O termo fascistização era utilizado pelos próprios fascistas para se referir aos processos de recepção e incorporação da ideologia fascista nos mais diversos setores da vida social. Em diversos documentos governamentais se encontra essa expressão, como em “Fascistizzazione della Scuola”, publicado em um jornal do PNF em 1930 (Fonte: ACS/Segreteria Particolare del Duce. Carteggio Riservato (1922-1943), b. 30, p. “Gran Consiglio”, s.p. 8 – 1930. “Fascistizzazione della Scuola”, 27/03/1930).

modo, isso não isola o fato de que a propaganda que vinha da Itália para o Brasil era massiva e que diversos meios foram adotados para esse fim.

As relações entre o Brasil e a Itália, desde os tempos da grande migração até a ascensão do fascismo italiano, foram rodeadas de interesses de ambas as partes. Entre os anos de 1920 e 1930, a emigração para o Brasil já havia diminuído significativamente, sendo os sujeitos ítalo-brasileiros constituídos, em grande medida, por filhos e netos de italianos (TRENTO, 1989). O que ocorre nesse período é uma mudança nas relações entre os dois países, onde a Itália buscava se reaproximar politicamente do Brasil e as motivações partiam, justamente, da busca pela propagação do ideário fascista. De acordo com Bertonha (2001),

o renovado interesse italiano pelo Brasil se deu num momento em que os interesses econômicos italianos no país (dada a permanência de relações comerciais apenas incipientes e a contínua assimilação da colônia italiana) iam diminuindo, o que revela que foram realmente os sonhos fascistas da construção de um Império e de um sólido prestígio internacional para a Itália (centrados, obviamente, na Europa e na zona mediterrânea, mas que podiam ser levados a cabo, se houvesse possibilidade e oportunidade, em outros locais), que explicam o renovado esforço fascista em influenciar os rumos políticos do Brasil (BERTONHA, 2001:67).

Essa difusão de um ideal estrangeiro de forte conotação patriota, em solo brasileiro, se deu de diferentes maneiras. Houve aceitação do fascismo não só por camadas da colônia italiana, como também de pessoas ligadas ao *Integralismo* e, antes da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, pelo *Estado Novo*, de Getúlio Vargas. É preciso ter em mente que boa parte dos ideais defendidos pelo fascismo foi aceito em um primeiro momento, mas algo que passou a incomodar alguns brasileiros foi a questão do nacionalismo italiano, que entrava em confronto com os ideais nacionalistas de Vargas (BERTONHA, 2001). Em seu estudo, Bertonha (2001) traz um interessante quadro que resume o posicionamento da imprensa brasileira ante ao fascismo, de acordo com a Embaixada italiana, nos anos de 1928 e 1937. Apresentaremos, a seguir, a classificação dos jornais que consultamos para nosso estudo.

Quadro 1: Classificação da imprensa brasileira pela Embaixada Italiana em 1928

Nome do jornal	Classificação
Diário da Noite	antifascista
O Estado de S. Paulo	conservador antifascista
Correio Paulistano	oficioso
Correio da Manhã	democrático antifascista

Fonte: Quadro adaptado de Bertonha (2001:347)⁵¹.

Quadro 2: Classificação da imprensa brasileira pela Embaixada Italiana em 1937

Nome do jornal	Classificação
Correio da Manhã	democrático, artigos fascistas e antifascistas
Diário Carioca	democrático, antifascista por conveniência
Diário da Noite	democrático, antifascista
Diário de Notícias	democrático
O Estado de S. Paulo	liberal e antifascista
Correio Paulistano	filo fascista
A Gazeta	filo fascista

Fonte: Quadro adaptado de Bertonha (2001:350)⁵².

Esses documentos apresentados por Bertonha (2001) indicam que o governo italiano estava acompanhando a recepção do fascismo pela sociedade brasileira. É interessante que em nenhuma das listas aparecem os jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, que também atuaram enquanto representantes de projetos de uma elite paulista (CAPELATO, 1989). Apesar disso, encontramos uma menção ao Regime italiano na edição de 23 de dezembro de 1925 da *Folha da Manhã*, onde foi publicada uma nota intitulada *A Ameaça do Fascismo*. Infelizmente, o estado de conservação do jornal não permite que o nome do autor do texto esteja completamente legível, podendo ser identificado o segundo nome, “Conde”, o que não prejudica o entendimento de que o jornal foi um veículo utilizado com a finalidade de exprimir ideias de alerta quanto à penetração do fascismo no Brasil.

O autor do texto, Conde, tem o objetivo de questionar a publicação de um novo

51 Fonte do quadro original: “ASMAE/Affari Politici 1919-1930 (Brasile), b. 905, p. 1642. Informe Embaixada italiana de 27/2/1928” (BERTONHA, 2001:347).

52 Fonte do quadro original: “ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 16, p. “Situazione Politica interna 1938”, ‘Elenco Giornali Brasiliani – 1937’” (BERTONHA, 2001:350).

estatuto do partido para as colônias no exterior, mais especificamente para o Brasil, intitulado *Partito Nazionale Fascista – Delegazione per gli Stati Uniti del Brasile – Nome per la Costituzione Dei Fasci*, que havia recebido há poucos dias por Rocchetti⁵³. As preocupações esboçadas por Conde vão no sentido do quanto a política fascista para o Brasil havia se modificado, se comparada ao que dizia o estatuto de 1921. Em seu entendimento, o governo italiano pretendia penetrar demais nas terras brasileiras, provocando interferências para além da propaganda fascista que já se fazia presente. A grande estratégia adotada por Conde para refutar esse estatuto recém publicado foi a de deslegitimar a sua autenticidade, apontando que ele não estaria assinado por nenhuma autoridade e, dentre outros pontos fracos, trazia um sentido de *ideologia fascista* diferente daquele que foi determinado no estatuto de 1921. Conde ainda busca apresentar argumentos de que não era interessante permitir que representantes oficiais do fascismo agissem no Brasil ao afirmar, por exemplo, que

o acervo de violências, de crimes praticados pelo 'fascismo' para galgar e se manter no poder são bem característicos da sua fereza específica. Agora mesmo o mundo inteligente se move ante a ameaça declarada do 'fascismo' ou de seu chefe de voltar ao Imperio Romano (...)⁵⁴.

Esses argumentos podem ser compreendidos como um grande alerta à população, ao menos ao público leitor do jornal, ressaltando a posição contrária de Conde com relação à penetração do fascismo: “Gravem todos os leitores esse facto, o 'fascismo' pretende transportar-se para a nossa terra fingindo ignorar que ella é uma Republica”⁵⁵.

É evidente que não podemos classificar todo o projeto político da *Folha da Manhã* como sendo antifascista. No entanto, a partir da leitura dessa nota é possível observar que a “elite” ali representada estava atenta à propaganda do fascismo e, também, às iniciativas do governo italiano em se aproximar cada vez mais da colônia ítalo-brasileira.

O jornal *OESP*, nas duas avaliações do governo italiano apresentadas por Bertonha (2001), foi considerado antifascista. Em 1928, foi classificado como conservador e, em 1937, a inclinação política foi denominada liberal. De todo modo, *OESP* chegou a procurar o consulado italiano em São Paulo em 1935, pedindo material que servisse de apoio para publicar notícias da Itália, entre anuários, almanaques, biografias de homens ilustres,

---

53 De acordo com Bertonha (2001), Emílio Rochetti foi o responsável pela criação do primeiro *fascio* de São Paulo, em 1921, e responsável por chefiar a Secretaria Regional dos *Fasci all'Estereo* até 1928.

54 *Folha da Manhã*, São Paulo, 23, dez. 1925, p. 4.

55 *Idem, ibidem*.

monumentos, dados referentes às instituições italianas, estatísticas, dados econômicos e financeiros e demais publicações oficiais. Parte desses documentos poderia vir a fazer parte da Biblioteca do jornal⁵⁶. Por outro lado, quando o jornal passou a ser dirigido por Abner Mourão, um homem considerado amigo dos italianos, em 1940⁵⁷, o cônsul italiano de São Paulo começou a observar uma mudança de postura com relação ao fascismo⁵⁸. Antes, o jornal publicava diversos artigos criticando o Regime de Mussolini, o que incomodava o consulado e o governo italiano, que o classificava como maçônico, hebraico e antifascista⁵⁹. No entanto, ainda que a memória dos fundadores da USP e o próprio governo italiano tendesse a colocar *OESP* em oposição ao fascismo nos anos de 1930, antes da intervenção federal ao jornal, existem alguns pontos que podemos trazer ao debate, a fim de problematizar ainda mais essas questões.

As relações mais próximas entre o governo italiano e os fundadores e futuros dirigentes da USP se iniciaram em 1933, quando Armando de Salles Oliveira foi nomeado Interventor Federal de São Paulo. A Itália acompanhou de perto a Assembleia Constituinte, de 1933. O Embaixador Roberto Cantalupo manteve o Ministério dos Negócios Exteriores (MAE) informado sobre as nomeações de Vargas, entre elas a de Armando de Salles Oliveira. Em uma carta reservada enviada para o MAE, Cantalupo informava que no dia 15 de novembro teve início a Constituinte,

com a solenidade muito relativa consentida a partir da desenvoltura protocolar e da falta de estilo típicos desse País, bem como por conta do caráter extremamente popular que o Chefe do Governo Provisório quis deliberadamente conferir à cerimônia⁶⁰.

Cantalupo dizia que já havia acompanhado diversas inaugurações parlamentares em diferentes países, mas “nunca tinha visto um espetáculo tão demagógico e, direi francamente,

56 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 30, I.9. p. 3, s.p., 13 “O Estado de São Paulo”. Carta do Consulado Italiano em São Paulo para o R. *Ministero della Stampa e Propaganda*, Roma, em 17/07/1935.

57 Em março de 1940, o jornal *OESP* saiu das mãos do *grupo do Estado*, entrando em sua fase de intervenção federal, que durou até 1945. Nessa fase, a diretoria foi comandada por Abner Mourão (SILVA, 2009).

58 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35, p. “Celebrazione 28 ott. 1939. 4 nov 1939, s.p. “O Estado de S. Paulo”. Carta de G. Castruccio, consul de S. Paulo, para o *Ministro della Cultura Popolare Direz. Den. della Propaganda*, de 01/06/1940.

59 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35, p. “S. Paulo – Stampa”. Carta do Cônsul G. Castruccio para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro e para o *Ministero della Cultura Popolare*, de 20/04/1939.

60 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 4. ufficio 5, p. “Rapporti Politici”. Relatório reservado de Roberto Cantalupo ao *Ministro degli Affari Esteri*, de 18/11/1933, tradução nossa.

plebeu”⁶¹. Cantalupo demonstrou incomodar-se com a presença de deputados negros e “mulatos”, bem como com o modo como os parlamentares, em geral, estavam vestidos e da presença de um grande público que acompanhava os trabalhos, dizendo que tudo aquilo “não poderia dar um quadro mais completo sobre a imoralidade fundamental que no Brasil determina todos levantes políticos”⁶².

Fato que interessa à presente pesquisa é a nomeação de Armando de Salles Oliveira. Segundo Cantalupo, na mesmo relatório enviado ao MAE, os paulistas disseram que não fariam oposição a Vargas, que participariam das eleições e colaborariam com a elaboração da nova Constituição, desde que ela fosse liberal e democrática. Se a nova Constituição fosse ditatorial, os paulistas teriam prometido abandonar a Constituinte.

Após uma conversa com Armando de Salles, Cantalupo foi informado que o Estado de São Paulo não queria se arriscar em uma luta armada, como também não era a favor de se separar (militar, econômica, política e territorialmente) do restante do país. A partir de sua conversa com Armando de Salles, Cantalupo passou a acreditar que o estado contava com autonomia econômica e capacidade de se desenvolver independentemente dos outros estados, por conta de sua “população ativa e civilizada, completamente branca, rica de capitais”, ao passo que outros estados é que seriam dependentes dele⁶³.

Logo após a Constituinte, Roberto Cantalupo realizou uma viagem a São Paulo. Apesar dele esperar ser recebido com hostilidade, por conta de um “orgulho regionalístico” que ele observava nos paulistas, afirmou que foi muito bem recebido pelo já interventor Armando de Salles e, também, pela imprensa local. Cabe ressaltar que em seu relatório ao Ministro dos Negócios Exteriores, o embaixador classificava São Paulo como uma verdadeira “capital europeia”, por conta da quantidade de italianos que imigraram para a cidade e que, ainda naqueles tempos, se fazia densamente presente⁶⁴.

Além de Armando de Salles, o embaixador foi recebido pela família Mesquita, do jornal *OESP*, classificado por Cantalupo como o “máximo órgão democrático” do estado. Segundo seu relato, os paulistas eram “avessos à pseudo ditadura de Getúlio Vargas” e eram favoráveis à liberdade plena. No entanto, Cantalupo teria se espantado com o tom filo fascista

61 *Idem*.

62 *Idem*.

63 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 4. ufficio 5, p. “Rapporti Politici”. Relatório reservado de Roberto Cantalupo ao Ministro degli Affari Esteri, de 18/11/1933.

64 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 4. ufficio 5, p. “Rapporti Politici”. Carta de Cantalupo ao Ministro degli Affari Esteri, de 30/11/1933, tradução nossa.

do pronunciamento de Armando de Salles Oliveira na ocasião do banquete oficial, a partir do qual ele teria concluído que “o antifascismo dos partidos democráticos paulistanos realmente terminou”⁶⁵. Em sua opinião, a causa do sucesso seria a penetração da política mussoliniana no país e ele iria ainda mais longe: acreditava que as autoridades paulistanas e os jornais teriam aproveitado sua viagem para “declarar-se francamente admiradores do Fascismo”⁶⁶. Segundo Cantalupo, o acolhimento com que fora recebido por aqueles democratas foi sincero. Na ocasião de sua visita, ele chegou a proferir um discurso no Teatro Municipal, onde procurou não se preocupar com os possíveis antifascistas e deixou clara a ligação que observava (assim como os fascistas de seu tempo) entre a Itália Fascista e a Itália do Ressurgimento, onde o *Duce* Mussolini era o grande responsável por trazer o melhor de cada tempo para o seu Regime. Tendo em vista o acolhimento do público que o assistia, ele aproveitou a oportunidade para dizer que “finalmente a Itália avança sobre as vias do mundo portando uma ideia universal” e dizia que, com essas palavras, teria comovido a todos presentes⁶⁷.

Assim, o balanço de Cantalupo, após sua viagem à São Paulo, foi o de que não existia mais antifascismo naquele estado. Ele acreditava que sua “visita tenha feito bem aos nossos conterrâneos de S. Paulo, não somente no sentido de atraí-los para o Fascismo, como também para dar a eles, em relação aos brasileiros, orgulho do próprio País (...)”⁶⁸. Cantalupo complementou colocando que sua “impressão geral sobre a eficiência patriótica da nossa coletividade: é mais do que nunca uma preciosa matéria-prima para a edificação da *italianità* no Brasil”⁶⁹. De acordo com Cardoso (1982), antes dos “liberais” do jornal *OESP* terem problemas com o *Estado Novo*, sobretudo após a candidatura de Armando de Salles para a presidência da república, em 1937, antes do golpe de Estado de Getúlio Vargas, o grupo não era tão liberal quanto parecia. Aliás, de acordo com essa autora, eles eram, de fato, um pouco fascistas, tendo em vista o teor dos discursos que eles publicavam no jornal. De acordo com Cardoso (1982),

Justamente neste intervalo, 1934-1937, exacerbam-se os conteúdos autoritários do 'grupo do *Estado*' e são devidamente traduzidos na linguagem da Comunhão. Apesar de em determinados momentos ficar difícil distingui-

---

65 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 4. ufficio 5, p. “Rapporti Politici”. Carta de Cantalupo ao Ministro degli Affari Esteri, de 30/11/1933, tradução nossa.

66 *Idem*.

67 *Idem*.

68 *Idem*.

69 *Idem*.

los do próprio fascismo, nunca é assumida a postura autoritária como sua. Afinal, a Comunhão é liberal e democrática, imagem que acabou sendo reforçada posteriormente, quando o 'grupo do Estado' tendo se afastado de Getúlio Vargas ao lançar a candidatura de Armando de Salles Oliveira, caiu em desgraça no Estado Novo. O alinhamento na oposição a este possibilitou ao 'grupo' reaparecer após 1946 com a imagem liberal e democrática recomposta (CARDOSO, 1982:21).

Existe ainda uma outra questão importante. Antes dessa aproximação entre o governo italiano, através de seu embaixador no Brasil, e membros do Partido Democrático (PD)⁷⁰, entre eles Armando de Salles Oliveira e Júlio de Mesquita Filho, já havia uma relação entre a Itália e um dos fundadores daquele partido: o prefeito (1934-1938) Fábio Prado. Em 1932, ele foi homenageado com a honraria de *Grande Ufficiale della Corona d'Italia* e, em 1937, lhe foi conferido o título de *Commenda dei SS. Maurizio e Lazzaro*⁷¹. Cabe ressaltar que Fábio Prado matinha uma relação próxima com uma parte da elite ítalo-brasileira de São Paulo, uma vez que era casado com Renata Crespi, filha do industrial italiano Rodolfo Crespi (ABDANUR, 1992).

Em suas memórias, Júlio de Mesquita Filho fala sobre uma suposta pressão da colônia ítalo-brasileira, para que fossem contratados professores italianos para a USP, conforme trecho a seguir.

Atravessava o mundo então um dos momentos mais críticos da sua evolução. Mussolini, na Itália, Hitler, na Alemanha, de mãos dadas, assentavam as últimas medidas que os seus planos de conquista universal impunham. (...) Ora, éramos [mentores da FFCL] irredutivelmente liberais (...) Essa nossa posição obrigava-nos a evitar que as cátedras da Faculdade de Filosofia pudessem cair nas mãos de adeptos do credo italiano, sobretudo aquelas que mais aptas se mostravam a influir na formação moral da nossa juventude. Concorria para complicar o problema o fato de contar São Paulo um número elevado de filhos da Península, a maioria dos quais não escondia as suas propensões para aceitar as diretrizes da Roma fascista. Ameaça de monta e tanto mais digna de nossos cuidados quanto cada dia se mostrava mais impertinente a pressão que sobre o governo paulista exerciam a colônia e o governo italianos. Pretendiam impor a vinda de numerosos membros das Universidades fascistas para integrar a nova Congregação. Contornamos a

70 O Partido Democrático (PD) foi fundado em 1926 e diversos membros do *grupo do Estado*, como Mesquita Filho e Armando de Salles Oliveira, fizeram parte dele. O PD era, na realidade, uma dissidência do Partido Republicano Paulista (PRP), o qual, até aquele momento, governava o estado sem oposição. Assim como OESP, o PD falava em uma “republicanização” da república e do combate ao analfabetismo, além do voto secreto (CARDOSO, 1982).

71 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 17, p. “Mostre – Esposizioni”, fasc. 1 “Esposizione Commemorativa dell’Immigrazione Ufficiale nello Stato di San Paolo”. Telegrama do Consulado Italiano de São Paulo para o MAE e para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 01/06/1937. Segundo Bertonha (2000), a concessão de honrarias figurava entre as diversas estratégias da Itália Fascista para se aproximar de intelectuais estrangeiros.

dificuldade oferecendo à Itália algumas cadeiras de ciência pura – Análise Matemática, Geometria, Estatística, Geologia, Mineralogia e Língua e Literatura Italianas (...) As futuras 'elites' não seriam vítimas da deformação intelectual resultante da prédica, nas cátedras, de teorias esdrúxulas, que repugnavam à índole e às tendências inatas da nossa gente⁷².

No entanto, o que os documentos diplomáticos indicam é que essa pressão veio de um outro grupo: o dos professores da Faculdade de Direito da USP. Segundo o cônsul italiano em São Paulo, G. Castruccio, Reynaldo Porchat, professor de Direito Romano daquela faculdade e primeiro reitor da USP, teria sido o responsável por chamar “da Itália para ensinar na Faculdade de Ciências dessa Universidade paulista os professores italianos Fantappiè, Onorato, Piccolo, Wataghin, Occhialini, Albanese, De Fiore, Ungaretti”⁷³. Aliás, em setembro de 1939, Porchat foi homenageado pelo governo italiano com o título de *Commendatore dell'Ordine della Corona d'Italia*, quando ainda era reitor⁷⁴, o que reforçou ainda mais os laços entre ele e o governo italiano. Outro professor da Faculdade de Direito indicado para receber homenagem por sua cooperação com a Itália foi Jorge Americano que, na época, era vice presidente do Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, com o título de *Commendatore della Corona d'Italia*⁷⁵.

Analisando a documentação diplomática entre o Brasil e a Itália no período de fundação da USP, não encontramos nenhuma menção à viagem de Theodoro Ramos à Europa. Até o momento, sabe-se que Ramos teria se dirigido até a Academia de Ciências Italiana e conversado com dois eminentes cientistas: Francesco Severi, da matemática, e Enrico Fermi, da física, responsáveis por indicar os nomes de Fantappiè e Wataghin⁷⁶, respectivamente, o que sugere que, dada a urgência da contratação de professores para a recém fundada FFCL, os contatos se deram de uma maneira, inicialmente, informal. Silva (2000), por sua vez, afirma

72 Mesquita Filho, 1969, p. 192.

73 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Carta de G. Castruccio para Geisser Celesia, de 07/02/1938, tradução nossa. Ver também: ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Relato enviado pelo Cônsul G. Castruccio para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, com cópia para Geisser Celesia, *Direttore Generale della Propaganda all'Esteri – Ministero della Cultura Popolare, R. Ministero degli Affari Esteri*, em Roma, de 07/02/1938.

74 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 23, p. “Onorificenze e Onoranze”. s.p. 1 “Onorificenze”. *Appunto per L'Ufficio del Cerimoniale*, de 11/09/1939.

75 Não sabemos estimar se a homenagem se efetivou, uma vez que o setor responsável pelas homenagens aos estrangeiros teria dito que não o conhecia. Ver: ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. “Onorificenze ed Onoranze”, s.p. 1 “Onorificenze”. *Appunto per la Direzione Generale Affari Transoceanici*, de 25/07/1940, e *Appunto per il Cerimoniale*, de 30/07/1940.

76 Cf. Wataghin (2010) e Táboas (2005).

que os nomes de Fantappiè e Wataghin foram sugeridos pelo próprio Ramos.

Em entrevista à *Folha da Manhã*, Theodoro Ramos forneceu alguns detalhes de sua circulação pela Itália e de como chegou aos nomes dos italianos da primeira leva da *Missão*. De acordo com a publicação, antes de efetivamente contratar esses professores, Ramos participou de uma série de

conferencias com altas autoridades escolares (...) Na Italia, conferenciou com o ministro Parini, director dos Italianos no Estrangeiro, e com os professores Severi e Bertoni, da Universidade de Roma e da Academia de Italia e tambem com os professores Levi-Civita e Enriques, da Universidade de Roma e Academia dei Luizee⁷⁷. (...) Teve, ainda, uma entrevista de cerca de meia hora com Mussolini, e que versou sobre assumptos diversos de ordem geral, além do que dizia respeito á missão que o levára á Italia, visitou detalhadamente os institutos de Mineralogia, Geologia e Paleontologia, da Universidade de Roma⁷⁸.

Além da mobilização do corpo docente, conforme já apontado por Petitjean (1996), outro objetivo de Ramos na Itália era conhecer um pouco mais da cultura e organização universitária do país. Aliás, é pertinente falarmos um pouco da recepção da notícia do contato entre Ramos e Mussolini. Ao contrário do que se poderia imaginar, não foi encontrada nenhuma menção negativa referente a esse contato no jornal *OESP*, que além de ser classificado por Mesquita Filho como liberal, ainda era encarado pela Embaixada italiana como um impresso antifascista, de acordo com Bertonha (2001). Na realidade, uma representação sobre esse encontro foi encontrada por Celeste Filho (2011) no impresso *Minervina*, órgão do grêmio estudantil da Escola Politécnica, em uma publicação do dia 9 de junho de 1934, poucos dias após a notícia ser publicada pela *Folha da Manhã*. Na *charge* (figura 1), Ramos daria de presente a Mussolini o livro *Vectores Fascistas*, recebendo em troca uma camisa negra, em alusão aos exércitos fascistas (CELESTE FILHO, 2011).

⁷⁷ O jornal pode ter errado a grafia ao se referir à *Accademia dei Lincei*.

⁷⁸ *Folha da Manhã*, São Paulo, 03, jun. 1934, capa.

Figura 1 – Charge publicada pela *Minervina*, satirizando a visita de Theodoro Ramos a Mussolini, na Itália (Fonte: CELESTE-FILHO, 2011:107).

Celeste-Filho (2011) acredita que a sátira produzida pelos alunos da Escola Politécnica contra a figura de um de seus professores catedráticos está relacionada a outros eventos que envolveram o professor, que teriam como centro as rivalidades entre a FFCL e a Politécnica.

Em um artigo publicado com Rogério Monteiro de Siqueira, trouxemos outra interpretação para essa charge. Para nós, o tom humorístico dessa representação não está somente nas oposições que ela traz:

gordo em branco versus magro em preto, ou na ingenuidade de Ramos, risonha, contente, frente a truculência de Mussolini, ou na troca da ciência pela política; mas, sobretudo, na aproximação que ela sugere entre os dois ao colocar Theodoro Ramos executando a saudação romana (SILVA & SIQUEIRA, 2014:138).

O que existia, de fato, era uma oposição entre os brasileiros “natos” e a *italianità*, em geral, como uma certa afronta aos símbolos nacionais. Conforme lembrado por Lévi-Strauss (1957), quando foi erguida em São Paulo uma estátua de Augusto, esta passou a ser motivo de piada entre os brasileiros. Assim, a aproximação entre Ramos e Mussolini pode ter

sido criticada, através da *charge*, por conta de uma oposição mais antiga entre símbolos nacionais brasileiros e italianos (SILVA & SIQUEIRA, 2014).

Enquanto Ramos estava na Europa em busca de professores, existia uma briga sendo travada entre os dirigentes da FFCL e o governo italiano, que envolvia a cadeira de Língua e Literatura Italiana, que por pouco não existiria na instituição. No dia 01 de março de 1934, o MAE enviou um telegrama para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro com o seguinte título: “Exclusão da língua italiana das matérias de ensino da Universidade de S. Paulo”⁷⁹. Segundo o MAE, a exclusão dessa cadeira na USP faria parte de um movimento crescente no Estado de São Paulo, iniciado em 1926, contra a língua italiana. Para o governo italiano isso era um absurdo, pois acreditava que, na realidade, essa língua deveria ser a mais importante do Brasil depois do português, “por razões óbvias”⁸⁰. No dia seguinte, o embaixador Cantalupo informou ao MAE que já teria entrado em contato com Armando de Salles, que prometeu resolver a situação e também comenta sobre os professores contratados para a FFCL: “sobre o envio de professores italianos supérfluo ilustrar interesse máximo que temos de fazer com que venham aqui professores que me foram requisitados”⁸¹. Assim, é possível que Reynaldo Porchat tenha pressionado os fundadores da USP para que italianos fizessem parte do corpo docente, que os nomes tenham sido escolhidos na Itália e, por fim, encaminhados através de Cantalupo. No dia 18 de abril de 1934, a situação parece ter sido resolvida, pois a Embaixada Italiana recebeu um telegrama do MAE informando que os primeiros professores contratados para a USP foram Luigi Fantappiè, Francesco Piccolo e Gleb Wataghin⁸². Não encontramos em nenhum desses documentos menções à contratação de Onorato. A razão deve ser a de que ela tenha se dado depois, quando Ramos já teria passado pela França e pela Alemanha (PETITJEAN, 1996; SILVA, 2013).

Por conta de sua intervenção para que a cadeira de literatura italiana se efetivasse junto à USP e por ter requerido que um grupo de professores italianos fosse contratado para a universidade (ainda que o tenha feito por pressão de Reynaldo Porchat), Armando de Salles Oliveira foi homenageado pelo MAE com a honra de *Gran Cordone dell'Ordine della Corona*

79 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 7, p. “Scuole”. Telegrama enviado da DIE/MAE para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 01/03/1934, tradução nossa.

80 *Idem*.

81 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 7, p. “Scuole”. Telegrama enviado da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro para a DIE/MAE, de 02/03/1934, tradução nossa.

82 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 7, p. “Scuole”. Telegrama da DIE III Scuole MAE para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 18/04/1934.

d'Italia, em maio de 1934⁸³.

Essas informações vêm para corroborar a ideia de que o Brasil participou ativamente da contratação dos italianos, quer dizer, ambas as partes estavam interessadas no evento. Além disso, devemos confrontar o discurso de Mesquita Filho, que dizia que a colônia ítalo-brasileira teria pressionado para a contratação de professores italianos.

Ora, se confiarmos nos relatos de Cantalupo, quando de seu encontro com Armando de Salles, não parece ter havido resistência, nem do Interventor, nem de Mesquita Filho, com relação aos fascistas italianos e sua ideologia. Mais do que isso, devemos lembrar que Cantalupo atribui ao discurso de Armando de Salles um caráter de filo fascista, o que nos ajuda a problematizar, de novo, a memória dos fundadores da USP que, conforme dizia Cardoso (1982), busca imprimir um caráter liberal e democrático à universidade. Outra questão trazida por Cardoso (1982) é sobre o diferente tratamento de Mesquita Filho e Armando de Salles para o comunismo e o fascismo. Enquanto o primeiro foi duramente combatido, o segundo teria sido criticado vez ou outra, mas sem a mesma ênfase. Essas questões, aliadas aos documentos analisados até o presente momento, nos fazem refletir que o modo como o fascismo era tratado pelos fundadores da USP nos anos de 1930 e, depois, em suas memórias, não era o mesmo. No início, o fascismo não parecia incomodá-los tanto, mas depois essas filiações políticas passaram a ser ignoradas e, às vezes, negadas⁸⁴. Ao analisarmos o engajamento da *Missão Italiana* à ideologia do fascismo, trataremos novamente dessas questões⁸⁵.

1.3 A recepção da Missão Italiana em 1934

Os dois primeiros professores a desembarcarem no Brasil foram Fantappiè e Piccolo, e suas chegadas foram manchete em diversos jornais. A *Folha da Manhã* trouxe notícias mobilizadas por seus correspondentes na Europa, sendo uma delas proveniente de

83 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 7, p. “Onorificenze”. *Appunto per la Direzione Generale Affari Politici*, de 30/04/1934, e *Appunto per l'ufficio del Cerimoniale*, de 03/05/1934.

84 Um exemplo é o que Petitjean (1996) observou no depoimento de Paulo Duarte, que diria que os professores italianos seriam de esquerda.

85 Parte dessas discussões foram realizadas no artigo publicado com meu orientador de mestrado, Rogério Monteiro de Siqueira, citado anteriormente (SILVA & SIQUEIRA, 2014). Essa discussão se iniciou na ocasião de meu Exame de Qualificação, a partir dos comentários do prof. Bruno Bontempi Júnior, a quem agradecemos pelas considerações.

Viterbo, cidade em que Fantappiè nasceu, na Itália, que dizia que “Vae partir breve para S. Paulo o professor Luigi Fantappiè, afim de lecionar na cadeira de geometria analytica da Universidade daquelle Estado, de accôrdo com o convite que recebeu do governo brasileiro”⁸⁶. No corpo da matéria, o jornal apresenta uma pequena biografia do matemático, engrandecendo seus feitos acadêmicos e sua experiência universitária. Ao final, informa que Fantappiè se deslocou até Roma com a finalidade de se despedir de Mussolini, antes de embarcar à América do Sul. Não fica claro se essa era uma prática comum naqueles tempos ou se havia efetivamente alguma relação mais próxima entre os dois.

Alguns dias depois de chegarem a São Paulo, os professores Fantappiè e Piccolo foram à redação da *Folha da Manhã* agradecer pelas notícias veiculadas, onde foram anunciadas suas contratações e recepção⁸⁷. Os jornais *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias* e *OESP* trataram mais especificamente do momento em que os professores chegaram ao Brasil, cada um priorizando determinados aspectos desse evento, dos quais destacaremos alguns, a fim de compreender como foi a recepção dos primeiros membros da *Missão Italiana*, ao menos pela imprensa. O *Correio da Manhã* enfocou a chegada no Rio de Janeiro do navio onde Fantappiè e Piccolo estavam à bordo, colocando que os dois teriam como destino o porto de Santos, de onde partiriam para São Paulo. No entanto, os professores decidiram permanecer alguns dias no Rio de Janeiro, a pedido do embaixador italiano, Roberto Cantalupo⁸⁸. É interessante a afirmação trazida pelo jornal de que os dois professores estavam otimistas com relação ao período que passariam no Brasil: “Ambos visitam, pela primeira vez, o nosso paiz e, por isso, quando nos falaram ainda a bordo, não puderam conter expressões de contentamento e nos affirmaram estar certos de que sua permanencia entre nós será a mais agradável”⁸⁹.

O *Diário da Noite* também tratou da chegada do navio *Oceania*, onde estavam os professores italianos, e as informações são basicamente as mesmas apresentadas pelo *Correio da Manhã*, inclusive o fato do colaborador do jornal ter conversado com os professores ainda

86 Folha da Manhã, São Paulo, 01, mai. 1934, p. 3.

87 *Idem*, 5, jun. 1934.

88 De acordo com Bigazzi (2007), Roberto Cantalupo foi embaixador da Itália no Rio de Janeiro entre 25/08/1932 e 02/01/1937. Em 1934, conseguiu que o jornal antifascista *Il Corriere Del Popolo d'Italia* fossem fechados. De acordo com Bertonha (2001:292), o embaixador Cantalupo fez uma apresentação dos professores da USP ao Ministro da Educação Gustavo Capanema, entre 1934 e 1935 (Fonte do autor: “Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, Arquivo Gustavo Capanema, Série Correspondência, Rolo 2, f. 341, Carta sem data do Embaixador Roberto Cantalupo”).

89 Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11, mai. 1934, p. 3.

à bordo do navio. Uma informação relevante é sobre a duração dos contratos que, assim como os dos franceses, de acordo com Fantappiè e Piccolo, seriam de três anos. Algo que merece ser destacado é o modo como o *Diário da Noite* apresenta a chegada dos professores; em primeiro lugar, a notícia é apresentada já na capa da edição. No meio da página, vem o título da notícia, “A bordo do 'Oceania'”, com tamanho das letras maior do que as demais notícias e o subtítulo, em tamanho um pouco menor, conta com os dizeres: “Chegaram dois professores italianos contractados para a Universidade de Philosophia, Sciencias e Letras de S. Paulo – Um famoso aviador em viagem de nupcias – Passou pelo Rio a companhia lyrica que vae trabalhar no Colon”⁹⁰. Notemos que o subtítulo traz algo sobre os passageiros “ilustres” do navio e, em primeiro lugar, estão os professores da FFCL, seguidos por outras personalidades que o jornal talvez considerasse eminentes. No decorrer da notícia, quando são finalmente apresentados Fantappiè e Piccolo, são adicionadas fotos dos professores, somente de seus rostos, e a legenda diz o seguinte: “Os professores Luigi Fantappié e Francesco Piccolo, que vão leccionar em São Paulo”⁹¹. Outra questão a se considerar sobre essa notícia é que o *Diário da Noite*, conforme pode-se observar nas informações editoriais trazidas no cabeçalho da edição, é um jornal produzido no Rio de Janeiro, o que revela que não só a imprensa paulista estava atenta às movimentações em torno da FFCL, mas também a carioca.

Não poderíamos deixar de mencionar a recepção da *Missão Italiana* representada pelo *OESP*, em torno do qual existia um grupo muito interessado na constituição da FFCL. O contato entre o colaborador do jornal e os professores se deu no hall do Hotel Esplanada e buscou trazer algumas das percepções que os professores possuíam sobre o Brasil, bem como algumas informações biográficas. Foi apresentada a universidade de origem de Fantappiè, a Universidade de Bolonha, e também o cargo por ele ocupado na ocasião, de diretor do Instituto Matemático Salvador Pincherle, na mesma universidade. Algo que nos chamou a atenção foi o fato do *OESP* ter noticiado que o professor Fantappiè era filiado ao PNF desde 1º de junho de 1921⁹².

As relações entre Fantappiè e a ideologia fascista, aliás, estão presentes em outros momentos da notícia, como quando informam que o professor se dedicava não só à sua área específica, a Análise Matemática, mas também havia publicado trabalhos em outros campos do conhecimento, que “referem-se á organização cultural e social da Italia ('Cultura Fascista',

90 *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 10, mai. 1934, 2ª ed., capa.

91 *Idem*.

92 *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15, mai. 1934, p. 5.

-1928) e aos problemas oriundos dos recentes resultados e desenvolvimento da Mathematica e da Physica (Discurso proferido no Congresso de Milão, em 1931, da Sociedade Italiana para o Progresso da Scienza)”⁹³. É interessante notar que o Anuário da FFCL referente aos anos de 1934-1935 traz o currículo dos professores contratados nesse período e apresenta a lista de publicações de cada um. No entanto, essa publicação de Fantappiè na “Cultura Fascista” não é mencionada, ao passo que essa outra de 1931, o discurso em Milão, parece ser citada, mas com o título em italiano: “*Su alcuni indirizzi delle scienze matem. nel momento scientifico presente*. Atti XX Riun. Soc. Ital. Pr. Sc., vol. I (Milano, sett. 1931)”⁹⁴.

O professor Piccolo também é citado na notícia do OESP como um intelectual ligado ao fascismo, conforme pode ser observado na seguinte passagem: “tomou parte na grande guerra e inscreveu-se, em 1922, no Partido Nacional Fascista”⁹⁵. Outra relação entre Piccolo e o fascismo é estabelecida quando, entre as publicações do professor até aquele momento, foi apontada a colaboração que firmara com a revista “Educação Fascista”⁹⁶.

A chegada dos professores Gleb Wataghin e Ettore Onorato também foi registrada pela imprensa jornalística. O *Correio da Manhã* trouxe em destaque a manchete “Vultos da arte e da sciencia passam pelo Rio no 'Augustus’”⁹⁷, e no seu terceiro subtítulo é mencionada a chegada dos dois professores italianos para a FFCL. Existem diversas passagens interessantes nessa notícia. A primeira delas é o modo como Wataghin foi apresentado: “O professor Wataghin Gleb que é, também, italiano, não obstante o nome não dizer (...)”⁹⁸. De fato, o físico nascera na cidade de Birsula, na Rússia⁹⁹, mas era naturalizado italiano (SALMERON, 2002). No entanto, o que é curioso, é a preocupação do jornal em ressaltar essa questão. Não são apresentados maiores detalhes sobre a trajetória acadêmica de Onorato até aquele momento, mas é lembrado que ele vai lecionar na cadeira de Mineralogia da FFCL, posição que ele já ocupava anteriormente na Universidade de Cagliari. Diferentemente de Fantappiè e Piccolo, os professores Wataghin e Onorato viajam para o Brasil acompanhados de suas famílias. Em nenhum dos documentos consultados para essa pesquisa foi encontrada alguma

---

93 *Idem*.

94 Universidade de São Paulo, 1937a.

95 O Estado de S. Paulo, *op. cit.*, p. 5.

96 *Idem*. De acordo com Montino (s.d.), “L'Educazione Fascista” era uma publicação destinada aos candidatos de concurso ao magistério nos anos 1930. Seu texto era formado por discurso doutrinador e propagandístico da ideologia fascista.

97 Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 20, jun. 1934, p. 5.

98 *Idem*.

99 Universidade de São Paulo, 1937a.

informação referente aos laços familiares de Fantappiè e Piccolo, porém a decisão de Wataghin e Onorato em virem acompanhados pode revelar um pouco da expectativa desses professores com relação ao projeto da FFCL e, também, ao período que passariam no Brasil¹⁰⁰.

Notícias mais breves sobre a chegada de Wataghin e Onorato foram apresentadas, ainda, no *Diário de Notícias*¹⁰¹ e no *Diário da Noite* (Rio de Janeiro)¹⁰². No entanto, diferentemente de como ocorreu quando da chegada dos primeiros professores da *Missão*, Fantappiè e Piccolo, a chegada dos dois novos membros não recebeu a mesma atenção da imprensa jornalística. O próprio *OESP* não trouxe nenhuma informação sobre esse momento de chegada na cidade de São Paulo, como havia feito com os dois primeiros.

Desde 1934, se iniciaram as séries de conferências públicas promovidas pela FFCL. Conforme veremos mais adiante e, principalmente, no segundo capítulo da presente dissertação, essas conferências se mantiveram ao longo do tempo em que a *Missão Italiana* permaneceu no Brasil e estiveram, inclusive, previstas em seus contratos. Nesse primeiro momento, as conferências ocorreram no Instituto Histórico e, de acordo com o Anuário de 1934-1935, contaram com um elevado número de ouvintes¹⁰³. Nos anos seguintes, elas também passaram a realizar-se na Faculdade de Direito e no Instituto de Educação.

Com relação aos alunos, os primeiros anos da FFCL foram um tanto quanto conturbados. Apesar do projeto de universidade dos paulistas prever atingir e formar uma nova elite intelectual e dirigente, algumas modificações foram realizadas ainda no início do funcionamento da instituição, para garantir que ela continuasse a existir. A primeira turma, de julho de 1934, teve uma quantidade razoável de matriculados: cento e oitenta e dois alunos. No entanto, a maioria deles fazia parte de uma “elite paulistana”, que estava mais interessada em conviver com a cultura francesa do que efetivamente buscar uma formação universitária. Isso se refletiu nas matrículas para o segundo ano, onde o número caiu para trinta e sete. Entre os novos alunos matriculados, trinta e quatro realizaram o vestibular e noventa e nove foram dispensados, por já contarem com um diploma de nível superior. Para garantir mais alunos na FFCL, foi criado o comissionamento para professores primários, que poderiam se afastar de seus cargos e continuar recebendo os vencimentos para estudar. A partir dessa nova seleção,

---

100 Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 20, jun. 1934, p. 5.

101 Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 20, jun. 1934.

102 Diário da Noite, Rio de Janeiro, 19, jun. 1934.

103 Universidade de São Paulo, *op. cit.*, p. 218.

foram incorporados mais oitenta e cinco alunos (LIMONGI, 1989:159-161). No entanto, o perfil *elitista* da primeira turma deu lugar a uma classe de professores primários, o que chamava a atenção dos professores (LIMONGI, 1989).

Claude Lévi-Straus, em seu livro *Tristes Trópicos* (1957), fala sobre a falta de interesse de seus alunos em ler as obras originais, as quais conheciam apenas superficialmente. Ele diria que ele e seus colegas eram

alvo dos assaltos de estudantes duma ignorância total com relação ao passado, mas cuja informação estava sempre alguns meses adiante da nossa. Contudo, a erudição, de que não tinham nem o gosto, nem o método, lhes parecia, apesar de tudo, um dever; assim, suas dissertações consistiam, fôsse qual fôsse o assunto, em uma evocação da história geral da humanidade, desde os macacos antropóides, para terminar, através de algumas citações de Platão, de Aristóteles e de Comte¹⁰⁴.

Já em 1936, dos 37 alunos do segundo ano, 32 se matricularam para o terceiro, que seria também o último. Neste ano, foi criado um novo mecanismo para atrair novos alunos: a concessão de bolsas de estudo. Assim, se matriculam 84 alunos para o primeiro ano. A maior parte dos alunos se destinara à Filosofia e a menor à Física. Apesar de parecer uma boa estratégia, sobram bolsas de estudo, as quais foram oferecidas aos veteranos, como forma de reduzir a evasão (LIMONGI, 1989: 161-162). As maiores taxas de evasão ocorreram entre os dispensados do vestibular, que já contavam com outra formação superior e “estes resultados recomendam que desconfiemos das construções grandiosas dos planos e fins da universidade projetados por seus mentores” (LIMONGI, 1989:165). Analisando as fichas dos alunos da FFCL e das faculdades “profissionais”, Limongi (1989) observa que as chamadas *elites* continuavam a seguir carreiras como direito e engenharia, não se interessando pela FFCL.

Contratados os primeiros professores ao longo do ano de 1934, iniciaram-se parte dos cursos da FFCL. As seções de Filosofia, Ciências Sociais e Políticas, Geografia e História, e Letras, sendo essa última aquela da qual o professor Piccolo fazia parte, foram alocadas provisoriamente no prédio da Faculdade de Medicina. A subseção de Ciências Matemáticas, da qual o professor Fantappiè fazia parte, foi para a Escola Politécnica. As demais seções ainda aguardavam a organização de suas instalações para início de funcionamento somente em 1935. Foi o caso da subseção de Ciências Naturais, para onde veio o professor Onorato, que se alocou no prédio da Faculdade de Medicina, e da subseção

---

104 Lévi-Strauss, 1957, p. 105.

de Ciências Físicas, para a qual veio o professor Wataghin, que se alocou junto à Matemática, no prédio da Escola Politécnica, na região central da cidade de São Paulo¹⁰⁵.

Os professores Fantappiè e Wataghin, inicialmente destinados a comporem o quadro docente da FFCL, chegaram a ministrar aulas em cadeiras da Escola Politécnica que estavam vagas¹⁰⁶. Foi o caso da cadeira de Complementos de Geometria Analítica, Nomografia e Cálculo Integral, que desde 1932 estava vaga graças à aposentadoria do professor catedrático, mas que vinha sendo ocupada interinamente por José Octavio Monteiro de Camargo. No ano de 1933, ocorreu o concurso para provimento de professor catedrático para essa cadeira, no qual Theodoro Ramos, ao lado de outros nomes, participou como membro da banca julgadora. Na ocasião, o candidato classificado em primeiro lugar foi, justamente, o então professor interino, J. O. Monteiro de Camargo. Porém, o candidato classificado em segundo, Omar Catunda, não concordando com o resultado do concurso, apresentou um requerimento junto à Secretaria de Educação e Saúde Pública, ainda no ano de 1933, a partir do qual conseguiu impedir que J. O. Monteiro de Camargo assumisse a cátedra, fazendo com que o concurso ficasse em suspenso até que a justiça analisasse o caso (MARAFON, 2001).

Assim, no dia 16 de julho de 1934, o professor Luigi Fantappiè foi designado pelo então diretor da Escola Politécnica, Francisco Emygdio de Fonseca Telles¹⁰⁷, a ocupar aquela cadeira, uma vez que estava previsto no Estatuto Universitário da USP a nomeação de um mesmo professor para cadeiras semelhantes da FFCL e da Politécnica, conforme observamos em documento enviado ao Secretário de Educação e Saúde Pública:

Tenho a honra de comunicar a V.Ex. que achando-se vaga a cadeira nº3 – Complementos de Geometria analítica. Elementos de Nomografia. Calculo diferencial e integral, e sendo permitido, de acordo com o art. 110 dos Estatutos da Universidade de S. Paulo, que a mesma cadeira, ou parte dela, sob a regencia do mesmo professor, seja comum a mais de um instituto universitário, convidei, nos termos do Regulamento da Escola Politecnica e dos Estatutos da Universidade o Professor Luigi Fantappiè, da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras para reger a referida cadeira.

Comunico outrossim a V. Ex. que o Conselho Universitário, na sua última sessão, tomou conhecimento desta providência, tendo nessa ocasião ficado esclarecido que o contrato do aludido professor com a Faculdade de

¹⁰⁵ Universidade de São Paulo, 1937a, p. 217.

¹⁰⁶ Estava previsto no projeto da USP que as cadeiras básicas de ciências, como matemática e química, fossem transferidas para a FFCL. Assim, os alunos da Politécnica, por exemplo, deveriam estudar na Faculdade de Filosofia para cursarem essas disciplinas (CELESTE FILHO, 2013).

¹⁰⁷ Fonseca Telles estava muito mais alinhado ao grupo de fundadores da USP e, por isso, teria sido nomeado para o cargo de diretor da Politécnica, o que teria desencadeado o levante dentro daquela Escola (BONTEMPI JÚNIOR, 2001).

Filosofia, Ciências e Letras, faculta tal medida sem onus para a Universidade¹⁰⁸.

Boa parte dos conflitos entre a FFCL e a Escola Politécnica têm relação com essa cadeira (CELESTE FILHO, 2013). No documento supracitado, fica claro que uma das preocupações do diretor era enquadrar a designação de Fantappiè como um ato legal de sua parte, por estar dentro dos Estatutos da Universidade de São Paulo e ter sido aprovado na última reunião do Conselho Universitário. Dois dias depois da nomeação de Fantappiè, Fonseca Telles expediu um novo documento, deliberando que, a partir daquela data, ficava disponível a quantia de 3.200\$000 (três mil e duzentos réis) para cobrir os custos de um assistente para o professor Fantappiè¹⁰⁹. Curiosamente, o assistente nomeado foi Omar Catunda, o candidato classificado em segundo lugar no concurso de 1933. Apesar de alguns dos depoimentos colhidos por Marafon (2001) indicarem que Theodoro Ramos teria escolhido Omar Catunda para ocupar a cadeira de catedrático no concurso de 1933, a autora afirma que, após analisar as atas da Congregação da Escola Politécnica, ficava claro que, na realidade, Ramos não teria optado por nenhum dos dois candidatos e, mais do que isso, a opinião dele era a de que nenhum deles estaria apto a ocupar a posição de catedrático. Apesar disso, Lima (2006) afirma que foi o próprio Theodoro Ramos o responsável por indicar Catunda para o cargo de assistente, o que entra em confronto com as análises apresentadas por Marafon (2001).

A nomeação de Fantappiè foi um assunto amplamente debatido nas sessões da Congregação da Escola Politécnica. Parte dos professores que compunham aquele colegiado se posicionava contrária a essa decisão, afirmando que o professor Fonseca Telles teria agido de maneira arbitrária, não respeitando a Escola como um todo e, principalmente, a sua Congregação. Dentre eles podemos citar o professor Abrahão Ribeiro, que considerava essa decisão ilegal por três motivos: primeiro, pelo fato do professor Fantappiè não ser brasileiro; segundo, por não ser catedrático e, em terceiro lugar, por acreditar que os interesses daquela Escola não seriam atendidos caso não fosse contratado um professor de orientação estritamente profissional, “não vendo vantagem nenhuma no ensino demasiado cultural” de

---

108 USP, Escola Politécnica, Cop. de Expediente n.135, fls. 104, Arquivo Morto da Escola Politécnica. In: MARAFON, A.C.M. *Vocação matemática como reconhecimento acadêmico. Tese*. Doutorado em Educação: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2001, p. 302.

109 USP, Escola Politécnica, Cop. de Expediente n.135, fls. 107, Arquivo Morto da Escola Politécnica. In: MARAFON, *op. cit.*, p. 302.

Fantappiè¹¹⁰.

No mesmo mês em que Fantappiè foi nomeado para reger a cadeira de Complementos de Geometria Analítica, Nomografia e Cálculo Integral da Escola Politécnica, o professor Wataghin foi nomeado para a cadeira de Física (partes I e II), que também estaria vaga¹¹¹. No ano de 1935, os professores Fantappiè e Wataghin ainda foram designados a dividir uma outra cadeira que estaria vaga por conta do afastamento de Theodoro Ramos, a de Mecânica Racional, precedida por Cálculo Vetorial, ficando Wataghin responsável pelo conteúdo referente à mecânica racional e Fantappiè pelo de cálculo vetorial¹¹². Segundo Celeste Filho (2013), quando Theodoro Ramos viajou à Europa para contratar os professores, ele não teria se afastado formalmente de sua cadeira (Mecânica Racional, precedida de Cálculo Vetorial), o que é interessante e nos faz pensar se sua viagem não teria sido às pressas, dada a urgência de início dos trabalhos na FFCL. Tendo em vista a viagem não avisada à Escola, Ramos nomeou o professor Lucio Martins Rodrigues para substituí-lo neste tempo. Quando retornou da Europa, Ramos foi nomeado diretor geral da Diretoria Nacional de Educação, em julho de 1934, ficando nela até março do ano seguinte. Em abril de 1935, Ramos assumiu novamente a sua cadeira na Politécnica, porém Lucio Martins Rodrigues continuou a ocupá-la de maneira interina, por conta dos afastamentos de Ramos por razões de problemas com sua saúde. Em dezembro daquele ano, Ramos morreu, por complicações cardíacas (CELESTE FILHO, 2013:28).

Durante esses conflitos em torno das cátedras, ainda em 1934, Fonseca Telles recorreu ao Conselho Universitário da USP, alegando que a Congregação da Politécnica não queria reconhecer os cursos ministrados por Wataghin e Fantappiè. A solução encontrada foi a de que os cursos já lecionados fossem validados e se tomassem novas medidas dali em diante. De todo modo, em 1936, a Politécnica nomeou, definitivamente, o professor Lucio Rodrigues para aquela cadeira, fato que foi informado à FFCL, por ser uma cadeira comum (CELESTE FILHO, 2013). No documento intitulado *Um conflito entre a Congregação da Escola Politécnica e o Conselho Universitário da Universidade de São Paulo perante o Conselho Nacional de Educação*, a Politécnica acusava o Conselho Universitário de desrespeitar a

110 O professor Abrahão Ribeiro não especifica o que considera “ensino demasiado cultural”, apesar de considerar que Fantappiè siga essa orientação. Ver Atas da Congregação da Escola Politécnica: “Cópia da Trigésima quinta sessão do Conselho Universitário”. In: MARAFON, *op. cit.*, p. 309.

111 USP, Escola Politécnica, Cop. de Expediente n.135, fls. 107, Arquivo Morto da Escola Politécnica. In: MARAFON, *op. cit.*, p.302.

112 SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil). Quinta feira, 31 de Dezembro de 1936. Num. 297 – Anno 46º, p. 37.

posição contrária de sua Congregação, com relação à centralização das cátedras (BONTEMPI JÚNIOR, 2001).

Não sabemos precisar, por enquanto, o período exato em que Fantappiè se ocupou da cadeira de Complementos de Geometria Analítica, Nomografia e Cálculo Integral. O que se sabe é que entre 1933 e 1938, ano em que finalmente J. O. Monteiro de Camargo conseguiu assumir a cátedra, as discussões em torno do processo movido por Catunda para anulação do concurso e a nomeação de Fantappiè não se restringiram somente às sessões da Congregação da Escola Politécnica e do Conselho Universitário da USP, mas também às sessões solenes da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, onde o deputado do Partido Republicano Paulista (PRP), Mariano de Oliveira Wendel, também professor da Escola Politécnica, proferiu uma série de discursos que atacavam diretamente o professor Theodoro Ramos, por todo seu envolvimento nesse cenário (CELESTE FILHO, 2009).

Na 87ª Sessão Ordinária da Assembleia Legislativa de São Paulo, ocorrida em 22 de outubro de 1935, o deputado Mariano Wendel tomou a palavra para defender sua posição ante ao processo do concurso de 1933, naquela ocasião ainda não solucionado, e lembrava que havia mais de 15 meses que ele se encontrava nas mãos do então interventor federal de São Paulo, Armando de Salles Oliveira. Na opinião de Wendel, o episódio do concurso de 1933 era parte do que ele denominava “Campanha de Desprestígio”, a qual vinha sendo movida contra a Congregação da Escola Politécnica e que teria se iniciado ainda em 1931, quando Theodoro Ramos, “Secretario do Capitão João Alberto, na pasta da Educação e Saúde Publica, impoz á Escola, uma refórma sem audiencia de seus professores”¹¹³, o que implicou tanto em mudanças estruturais quanto didáticas.

Wendel acreditava que, no ano de 1933, a posição de Ramos ante ao concurso foi mais uma tentativa de desmoralização da Congregação. No mesmo momento em que o concurso foi colocado em suspenso, a Escola Politécnica teve sua estrutura modificada, por conta de reformas nos Estatutos Universitários. Se antes os diretores eram nomeados a partir de uma lista tríplice enviada pela Congregação, a partir daquele momento era o governo estadual que os escolhia. Esse foi o caso da nomeação de Fonseca Telles, que foi compreendido por Wendel como alguém movido por interesses outros, primeiramente pelo fato de que a sua primeira ação como diretor foi o afastamento de J. O. Monteiro de Camargo

---

113 SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil). Quanta feira, 23 de Outubro de 1935. Num. 245 – Anno 45º, p. 18.

e, em seguida, a nomeação de Fantappiè¹¹⁴.

De acordo com Wendel,

as aulas da cadeira de calculo, como previa o contracto do prof. Fantappiè, assignado em Roma, passam a ser dadas em conjuncto para os alumnos da Polytechnica e os possíveis alumnos da Faculdade de Sciencia, unidos inexplicavelmente os cursos, sem audiencia da Congregação da Escola Polytechnica no mais ostensivo desacato ás leis¹¹⁵.

O que apreende-se do discurso de Wendel é a defesa da autonomia da Congregação da Politécnica, que estaria sendo desrespeitada com a nomeação de Fantappiè, uma vez que o diretor Fonseca Telles a teria feito diretamente, sem consulta ao colegiado daquela instituição.

O descontentamento da Escola Politécnica para com a designação de Fantappiè para reger uma de suas cadeiras foi representado no discurso de Wendel em diversos momentos; ao retomar a questão da nomeação daquele professor, assim se expressava:

Assim, servindo ás suas paixões, em nome das excellencias de um sabio estrangeiro em contraposição aos direitos de um professor paulista, na mais ousada das theses didactoriais a actual administração da Escola consegue satisfazer aos seus desejos, ainda mesmo que para tanto tenha que infligir á Congregação mais esse descredito. Si é que o objetivo principal não seja o descredito daquela instituição.

Todavia, cumpre registrar que existe para todo o professor nacional, cahido no desagrado do governo, o perigo de ver seu nome confrontado, e sua vida profissional cotejada pelos amigos do governo, nas situações de mando, com qualquer celebridade estrangeira que attenda aos attractivos do thesouro paulista¹¹⁶.

É interessante compreender a posição defendida pelo deputado Wendel não como uma representação individual diante da designação de Fantappiè para uma cadeira da Escola da qual fazia parte. Mais do que isso, esse posicionamento pode ser compreendido como a representação de uma categoria, a dos professores de uma escola antiga que desde o decreto de criação da USP via a sua autonomia ameaçada. As discussões em torno da legalidade ou não da decisão de Fonseca Telles e da contribuição de Theodoro Ramos naquilo que Wendel denominava “campanha de desprestígio” podem ter relações com toda uma mudança na estrutura de poder que aquela Escola detinha antes de fazer parte de uma universidade. Além disso, havia interesses políticos envolvidos no conflito, afinal Wendel era deputado pelo PRP,

---

114 *Idem, ibidem.*

115 *Idem, ibidem.*

116 *Idem, ibidem.*

enquanto Ramos pertencia ao PD.

De acordo com Táboas (2005), a Escola Politécnica promoveu o concurso da cátedra de Complementos de Geometria Analítica, Nomografia e Cálculo Integral no ano de 1933 porque sabia que um grupo de professores estrangeiros seria contratado. Segundo esse autor, a promoção de um concurso evitaria que uma cadeira vaga fosse ocupada por um professor de fora daquele círculo de engenheiros politécnicos. De todo modo, o autor não apresenta as fontes que sustentam essa informação.

Uma interessante contribuição trazida pela tese de Táboas (2005) é um trecho da entrevista concedida pelo professor emérito da USP, Milton Vargas, que comenta sobre as rivalidades entre Monteiro de Camargo e o italiano Luigi Fantappiè. Em suas palavras,

(...) Monteiro Camargo, que tinha ganho o concurso para matemática na Politécnica e que anularam para a vinda do Fantappiè (...) Camargo fez um grande erro, na vida, de brigar com o Fantappiè; se ele não tivesse brigado com Fantappiè, se ele tivesse aceito aquela coisa toda, talvez ele fosse um dos grandes matemáticos brasileiros. Em vez dele, quem foi assistente do Fantappiè foi o Catunda, que era muito inferior ao Camargo.... Mas essa briga do Camargo com o Fantappiè, para mim foi uma perda, um drama para a matemática brasileira. Camargo, em primeiro lugar, o Camargo era muito mais inteligente do que o Catunda (VARGAS *apud* TÁBOAS, 2005:49-50)¹¹⁷.

Assim, o professor Milton Vargas afirma categoricamente que o concurso foi anulado para que Fantappiè fosse contratado, o que não pode ser levado em consideração, pois, conforme vimos no início desse capítulo, a *Missão Italiana* foi contratada somente após a publicação do decreto da USP, em janeiro de 1934, um projeto de universidade pensado pelos paulistas desde os anos de 1920. De todo modo, o que o discurso do professor Milton Vargas traz de mais importante é que Monteiro de Camargo parecia endossar o coro daqueles politécnicos que se opunham à nomeação de Fantappiè. O que não é de se estranhar, uma vez que ele teria se classificado em 1º lugar para a cadeira que o italiano vinha ocupando, mesmo sem ter prestado um concurso. Além disso, a nomeação de Catunda para ser assistente do italiano pode ter colaborado para aumentar as rivalidades entre as duas instituições, uma vez que, além de ter ficado em segundo lugar, ainda movia um processo judicial que impossibilitava a nomeação de Monteiro de Camargo.

Em 1937, os estudantes da FFCL e da Politécnica ainda compartilhavam as aulas

---

117 Entrevista concedida a Plínio Táboas e Claudio Possani, 5 jul. 2000.

das cadeiras de Cálculo, Mecânica Racional e de Física. Nesse ano se iniciaram os embates mais efervescentes. Em uma votação no Conselho Universitário, para decidir o futuro das cátedras, Ernesto de Souza Campos, então diretor da FFCL, defendia que estas fossem concentradas na FFCL. O diretor da Politécnica também era a favor, mas a Congregação de sua Escola era contra (CELESTE FILHO, 2013). Segundo Celeste Filho (2013), os cursos da FFCL que ocorriam na Politécnica tiveram que mudar de local neste mesmo ano.

Apesar de, em um primeiro momento, esses conflitos entre as instituições sugerirem que entre os professores também poderiam ter surgido certas hostilidades, algo que também é levantado por Milton Vargas no caso de Fantappiè e Monteiro de Camargo (TÁBOAS, 2005), existiram situações de cooperação entre italianos e politécnicos. Uma dessas situações ocorreu em abril de 1936, quando Wataghin escreveu para Tullio Levi-Civita, pedindo que ele publicasse na Itália um trabalho do engenheiro Lucio M. Rodrigues, sobre mecânica celeste¹¹⁸. Aliás, Wataghin costumava enviar trabalhos produzidos no Brasil para que Levi-Civita publicasse nos *Atti della Accademia Nazionale dei Lincei*. Esse era um periódico de grande circulação, no qual qualquer pesquisador poderia publicar, porém somente os sócios regulares poderiam apresentar os trabalhos nas reuniões da *Accademia*¹¹⁹. Isso fazia com que fosse fundamental o contato com os sócios, tais como Levi-Civita.

A despeito dos problemas com relação ao espaço físico disponível e às rivalidades entre a FFCL e a Escola Politécnica, no ano de 1935, os professores Fantappiè e Wataghin organizaram o Seminário Matemático e Físico, que promoveu reuniões semanais entre eles e seus alunos, com o objetivo de tratarem de temas que não podiam ser trabalhados durante as aulas. Participaram dos Seminários em 1935, além dos professores Fantappiè e Wataghin: Omar Catunda, Cândido Dias, Mario Schenberg, Miguel Aguiar, Fernando Larrabure, Julio Rabin e Fernando Furquim de Almeida¹²⁰. Em alguns encontros, participaram professores estrangeiros, como Levi-Civita e Angelo Tonolo. Além disso, Fantappiè costumava incentivar que os alunos estudassem a partir das obras originais, pois, com isso, acreditava que eles aprenderiam mais e se habituariam com o meio científico. No início, as reuniões do Seminário eram anunciadas pelos jornais, “afim de dar a maior divulgação possível a essa atividade da

118 ASANL. Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1935, P – 1936. Box 17. Cartão postal (com foto da Av. Tiradentes – SP) enviado por Gleb Wataghin para Levi-Civita, de 07/04/1936.

119 ASANL. Atti della Reale Accademia Nazionale dei Lincei. Anno CCCXXXIV. 1937 (XV). Serie sesta. Rendiconti. Classe di Scienze fisiche, matematiche e naturali. Volume XXVI. - Fascicolo 1-2. Comunicazioni pervenute all'Accademia durante le ferie del 1937. Roma. Dott. Giovanni Bardi – tipografo della R. Accademia Nazionale dei Lincei.

120 Universidade de São Paulo, 1937a.

Faculdade, e pô-la em contato mais íntimo com o ambiente culto da capital”¹²¹. Com o passar do tempo, os assuntos foram se aprofundando e, com isso, se restringindo cada vez mais somente ao pessoal da FFCL e, por isso, foi dividido em Seminário Matemático e Seminário Físico¹²².

1.4 Novos professores em 1936

Ainda distribuídos entre as salas da Faculdade de Medicina e da Escola Politécnica, no ano de 1936 novos professores chegaram à FFCL para compor o grupo da *Missão Italiana*. Foram eles: Luigi Galvani, que veio da Faculdade de Economia e Comércio da Universidade de Nápoles e foi contratado para reger a cadeira de Estatística; e Giacomo Albanese, que veio da Faculdade de Matemática de Pisa, para a de Geometria (projetiva e analítica) e História das Matemáticas¹²³. Esses professores foram indicados por Luigi Fantappiè¹²⁴.

A chegada do professor Galvani foi noticiada pela *Folha da Manhã*, que trouxe uma foto sua ao lado do professor Fantappiè. Segundo a notícia de capa, Galvani estava no Brasil havia alguns dias e foi entrevistado no Hotel São Bento, onde se hospedou. De acordo com o professor, suas expectativas ao vir para o Brasil eram as melhores, por considerá-lo um país amigo da Itália. Antes de se dirigir à cidade de São Paulo, porém, passou alguns dias no Rio de Janeiro, assim como Fantappiè e Piccolo, e informou à *Folha da Manhã* ter se maravilhado com as “belezas naturais” daquela cidade. Sobre São Paulo, Galvani teceu os seguintes comentários:

São Paulo já era meu conhecido de longa data. Na Itália, tive ocasião de travar conhecimento, por meio de livros e de pessoas, ou brasileiras ou mesmo italianas que aqui já tinham estado (...) Já conhecia os feitos dos bandeirantes e, como todos os estrangeiros que ouvem falar num Brasil e num São Paulo deslumbrante, tinha imenso desejo de conhecer¹²⁵.

121 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

122 *Idem*.

123 Universidade de São Paulo, 1937b.

124 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

125 Folha da Manhã, São Paulo, 21, mai. 1936, capa.

É notável, no depoimento de Galvani, seu esforço em agradar o público leitor, sobretudo quando ele demonstra conhecimento da história dos Bandeirantes, elemento constitutivo da identidade paulista¹²⁶. Chegando à cidade, Galvani dizia ter sido recebido por algumas personalidades, como o prefeito, Fábio Prado, o secretário da Educação e Saúde Pública, Cantidio de Moura Campos, e o diretor da FFCL, prof. Almeida Prado, que assumiu a direção da faculdade após a morte de Theodoro Ramos¹²⁷.

Por sua vez, *OESP* noticiou a chegada de Galvani de maneira mais discreta do que a *Folha da Manhã*. Ao lado de outras notícias sobre a USP, a edição trouxe ao longo do corpo do texto o seguinte subtítulo: “Professor Luigi Galvani – Chegou a S. Paulo o novo professor de Estatística da Faculdade de Philosophia, Sciencias e Letras”¹²⁸. Assim, o jornal fez uma breve apresentação do professor, que contava com informações curriculares, tais como sua universidade de origem, a participação do “Institut International de Statistique”, entre outras sociedades científicas da Itália, e ainda foi mencionado que o professor já havia publicado mais de setenta trabalhos científicos. Apesar da nota ser mais curta do que aquela apresentada pela *Folha da Manhã*, as informações ali contidas buscavam apresentar o professor Galvani como um cientista com carreira já estabelecida na Itália, que vinha ao Brasil contribuir com seus feitos.

Não encontramos notícias referentes à chegada de Giacomo Albanese nem na *Folha da Manhã*, nem no *OESP*. O *Correio Paulistano* citou o nome de Albanese junto à lista de passageiros que deram entrada no porto de Santos em 6 de agosto de 1936, através do vapor *Conte Blancamano*, que vinha da cidade de Trieste, na Itália, sem maiores informações pessoais¹²⁹. Uma vez em São Paulo, o professor assinou um contrato de três anos com a FFCL, no dia 10 de outubro daquele mesmo ano¹³⁰.

O Seminário Matemático e Físico, que teve início ainda em 1935, continuou sendo realizado durante o ano de 1936, onde participaram como palestrantes os professores Luigi Fantappiè, Gleb Wataghin e o recém chegado Giacomo Albanese, além de Omar Catunda, Mario Schenberg, Yolande Monteux e Fernando Larrabure. Além do Seminário, a subseção de

126 Conforme vimos em Cardoso (1982), o grupo de Mesquita Filho buscava ressaltar o movimento dos Bandeirantes em seus discursos, tomando-o como inspiração para as novas “revoluções” que o estado deveria encabeçar.

127 *Folha da Manhã*, *op. cit.*

128 O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19, mai. 1936, p. 8.

129 *Correio Paulistano*, São Paulo, 6, ago. 1936.

130 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl.1.

matemática ainda criou o *Jornal de Matemática Pura e Aplicada*, do qual participaram os professores tanto da matemática quanto da física¹³¹. De acordo com D'Ambrosio (1987), esse jornal não passou do primeiro número e os Seminários não duraram muito tempo, mas essas experiências teriam sido importantes para se iniciar o que denomina de *tradição*, “comum nas universidades italianas e que resultou, na Universidade de São Paulo, na criação da Sociedade Matemática de São Paulo e no Boletim da mesma” (D'AMBROSIO, 1987:517). Segundo Fantappiè, para a impressão do jornal ele teve que pedir ao governo estadual para comprar tipos matemáticos e gregos, “que foram para as oficinas do Diário Oficial” e chegou a pedir a alguns colegas para colaborarem com publicações no jornal, porém, por conta de problemas administrativos envolvendo a *Imprensa Oficial*, eles conseguiram imprimir um único número¹³².

1.5 Modificações nas instalações da FFCL e na Missão Italiana em 1937 e 1938

Em junho de 1937, o professor Ernesto de Souza Campos assumiu a diretoria da FFCL. Por deliberação do Governo do Estado de São Paulo, a administração e a seção de Letras, ao lado das subseções de Geografia e História e Ciências Sociais, que se encontravam na Faculdade de Medicina, tiveram que ser transferidas, podendo permanecer somente as seções de laboratório: Zoologia, Botânica Geral, Química e Mineralogia. O problema foi que a faculdade não dispunha nem de tempo, nem de verba suficiente para a transferência, que permitisse alugar um espaço imediatamente. A solução veio através da concessão temporária de um prédio da prefeitura da cidade, que ficava na rua da Consolação, região central, e não cobraria aluguel pelo período em que a FFCL estivesse instalada. Depois de um período de busca, a diretoria finalmente encontrou um prédio onde era possível uma instalação definitiva, na Alameda Glette, também conhecido como “prédio Street”, adquirido pelo valor de 850 contos de réis¹³³.

Com relação aos cursos de Matemática e Física, estes continuaram instalados na

131 Universidade de São Paulo, 1937b.

132 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

133 Universidade de São Paulo, 1938a, p. 109-110. Esse prédio ficou conhecido dessa maneira pois o antigo dono era o industrial Jorge Street (PAVAN; CUNHA & MENDES, 1993).

Escola Politécnica, que, de acordo com Souza Campos, estava acolhendo-os muito bem (o diretor não comentava sobre os conflitos entre as duas unidades). No entanto, o diretor acreditava ser necessário encontrar um lugar mais adequado para que essas subseções desenvolvessem suas atividades didáticas. Para se ter uma ideia, a subseção de Matemática, naquele momento, contava com apenas uma sala de aula e a sua biblioteca era compartilhada com a das engenharias, mas Souza Campos demonstrava otimismo com relações aos esforços da FFCL em adquirir obras de qualidade para aquelas subseções. A subseção de Química também se encontrava em situações precárias, na Faculdade de Medicina, e, portanto, pretendiam construir o “pavilhão da Química”, o que permitiria que ela se transferisse para o prédio da Alameda Glette¹³⁴.

No texto publicado no Anuário da FFCL de 1937-1938, Souza Campos não mencionou um fato que pode ter influenciado substancialmente para que a FFCL mudasse de prédio; o evento classificado pela reitoria da USP como “lamentável e passageiro incidente promovido por alunos da Faculdade de Medicina com relação à instalação da Faculdade de Filosofia no mesmo edifício”¹³⁵. Esse evento foi sutilmente mencionado no relatório do diretor Souza Campos, quando disse que “Utilizando a verba restante da que fôra empregada no início da construção da sala de Química, na Faculdade de Medicina, encetamos as obras do pavilhão da Química, na área de terreno disponível”¹³⁶.

De acordo com os jornais *OESP* e *Correio Paulistano*, no dia 8 de junho de 1937, os alunos da Faculdade de Medicina se reuniram em assembleia e decidiram derrubar uma torre de despejo de concreto, utilizada no projeto de ampliação do prédio provisoriamente utilizado pela FFCL. No entanto, é notável o modo como cada jornal noticia o evento; o *Correio Paulistano* apresenta o fato da destruição da torre, mas justifica a insurgência dos alunos da Medicina, ao afirmar que eles estavam sendo prejudicados pela tomada de espaço físico pelo pessoal da FFCL, que estava ali havia dois anos¹³⁷. O jornal *OESP*, por sua vez, apresenta um longo relato do ocorrido, sob o título de “Scenas Degradantes”, onde dizia que havia um movimento infiltrado na comunidade acadêmica que visava incentivar os alunos da Medicina a hostilizarem os colegas da FFCL e essa ação foi a oportunidade que encontraram para colocarem a suposta rivalidade em prática. Além da destruição da torre, noticiaram que

---

134 Universidade de São Paulo, 1938a, p. 114-115.

135 *Idem*, 1938b, p. 23.

136 *Idem*, 1938a, p. 113.

137 *Correio Paulistano*, São Paulo, 9, jun. 1937, p. 13.

alguns cursos da FFCL estavam em aula, as quais foram interrompidas após o ocorrido¹³⁸.

Essa divergência de opiniões expressas pelos jornais *OESP* e *Correio Paulistano* pode estar relacionada à defesa de projetos políticos distintos, onde o primeiro defende o modelo de universidade do qual seus dirigentes tiveram participação e o segundo parece endossar não só os grupos de oposição ao modelo, mas realiza uma defesa das faculdades “tradicionais”. Após o ocorrido, os alunos do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, da Faculdade de Medicina, chegaram a enviar um ofício ao diretor da FFCL, com o objetivo de restabelecer a cordialidade entre os institutos¹³⁹.

O ano de 1938 também foi muito conturbado para a FFCL. Armando de Salles Oliveira se exilou, após sua tentativa frustrada de se candidatar à presidência da República, em 1937, e o interventor federal que o sucedeu foi Adhemar de Barros, do PRP. Nesse ano, teria ocorrido uma reunião do Conselho Universitário da USP, onde havia um forte movimento para fechamento daquela faculdade. Segundo Erasmo Garcia Mendes, os professores Ernst Marcus e Fantappiè teriam sido convidados para essa reunião e o matemático italiano teria emudecido a todos ao defender a continuidade dos trabalhos da instituição, dizendo que seu fechamento representaria perdas culturais e científicas para o país. Na opinião de Mendes, ele teria salvado a FFCL¹⁴⁰.

Ao lado desse cenário de mudanças de espaço físico, modificações no grupo da *Missão Italiana* também aconteceram. Os contratos firmados em 1934 chegaram ao fim e foram renovados, com exceção de Francesco Piccolo, que retornou à Itália para assumir o posto de catedrático na Universidade de Messina¹⁴¹. Assim, para ocupar a sua cadeira, foi contratado o poeta Giuseppe Ungaretti¹⁴², em 23 de março de 1937¹⁴³. De acordo com Fabris (1998), Ungaretti recebeu o convite para ser professor ainda em 1936, ano em que havia apresentado algumas conferências na própria FFCL. De acordo com Fantappiè, ele mesmo teria sido responsável pela contratação de Ungaretti¹⁴⁴. Em sua autobiografia, Ungaretti fala sobre sua passagem pelo Brasil, no período de 1937 a 1942, mas não menciona esse suposto

138 O Estado de S. Paulo, São Paulo, 9, jun. 1937, p. 9.

139 Universidade de São Paulo, 1938b, p. 45.

140 Pavan; Cunha & Mendes, 1993, p. 205-206.

141 Universidade de São Paulo, 1937b.

142 Universidade de São Paulo, 1938a.

143 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fls. 6 (verso), 7.

144 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

convite de Fantappiè, citando somente um convite oficial do Estado de São Paulo (LUCA, 1983).

Luca (1983) também menciona a passagem de Ungaretti no Brasil na primavera de 1936, onde ele buscava se encontrar com os participantes do Congresso dos “Pen Clubs”, em Buenos Aires, para o qual ele era convidado de honra. Quando retornou do congresso, passando novamente por São Paulo, Ungaretti foi convidado a proferir algumas palavras sobre a sua poesia na USP. Segundo Luca (1983),

alguns importantes fatores confluíram para marcar a presença de G. Ungaretti no Brasil, durante pouco mais de cinco anos: O Professor Francesco Piccolo, docente de italiano na USP (mais tarde diretor da Faculdade de Educação, em Roma), exatamente naquele 'momento' deveria retornar à Itália – contingência imposta por compromissos inadiáveis – deixando vago o seu cargo (LUCA, 1983:2).

Outro fator que teria contribuído para a vinda de Ungaretti foi a proposta financeiramente vantajosa que fizeram a ele, principalmente em um momento em que a Itália enfrentava uma dura crise. Além disso, a esposa de Ungaretti, a francesa Jeanne Dupoix, “encontrava-se bastante angustiada e ansiosa com a tensão anti-francesa na Itália; logo, recebeu com simpatia a imprevista proposta” (LUCA, 1983:2).

Segundo Luca (1983), Ungaretti chegou ao Brasil através do navio *Neptunia* e, em São Paulo, se instalou nas imediações do *Colégio Dante Alighieri*, no qual estudou sua filha, Anna Maria Lafragola Ungaretti. Observadores da época afirmam que Ungaretti adorava o Brasil e costumava se referir a ele enquanto um local “inocente” e atribuía essa inocência à cidade de São Paulo por considerá-la um lugar sem história e sem memória, por conta de sua arquitetura relativamente recente (LUCA, 1983)¹⁴⁵. O contato de Ungaretti com o então diretor da FFCL, Almeida Prado, foi mais além de uma simples relação institucional, pois o diretor tornou-se médico da família do poeta. No Brasil, ele estabeleceu laços mais estreitos de amizade com Albanese e Occhialini, mas também teve forte ligação com brasileiros, como o grupo envolvido com a revista *Clima* (Lourival Gomes Machado, Antonio Cândido de

145 Lévi-Strauss também teceu comentários sobre a arquitetura da cidade de São Paulo, que, em sua opinião, se modificava de maneira acelerada: “Em 1935, os paulistas se gabavam do ritmo de construção em sua cidade; a média de uma casa por hora. Tratava-se então, de palacetes. (...) A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição. (...) Descrevia-se então São Paulo como uma cidade feia. Sem dúvida, os imóveis do centro eram pomposos e fora de moda; a indigência pretensiosa de sua ornamentação era ainda agravada pela pobreza das fundações: as estátuas e guirlandas não eram de pedra, mas de estuque lambuzado de amarelo para fingir pátina.” (LÉVI-STRAUSS, 1957:97-98).

Mello e Souza, Ruy Coelho, Paulo Emílio Sales Gomes e Décio de Almeida Prado) (LUCA, 1983).

Outro professor contratado em 1937 foi o barão Ottorino De Fiore Di Cropani. Em abril daquele ano, a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro enviou um telegrama ao MAE dizendo que o Consulado Italiano de São Paulo pedia com urgência que o professor Di Cropani enviasse um currículo para dar continuidade ao seu processo de contratação junto à USP¹⁴⁶. No mesmo ano ocorreu o desdobramento da cadeira de Mineralogia e Geologia¹⁴⁷, que deu origem à cadeira de Mineralogia e Petrografia, que ficou por conta do professor Onorato, e à de Geologia e Paleontologia, para a qual foi efetivamente contratado o professor Ottorino De Fiore Di Cropani, em 31 de agosto de 1937¹⁴⁸. Segundo Lucia Wataghin (1992), Cropani era apaixonado por vulcanologia e uma das razões para ele ter aceitado o convite de vir para o Brasil era para “ganhar alguns pontos junto ao governo italiano a fim de participar do concurso para a direção do Instituto Vulcanológico do Etna (Sicilia)” (WATAGHIN, 1992:169).

Uma questão muito frequente nos discursos da *Missão Italiana* era a urgência quanto à contratação de assistentes, conforme observamos, por exemplo, no texto *Sugestões e orientação científica*, de Ettore Onorato¹⁴⁹. Fantappiè contou com dois brasileiros: Omar Catunda¹⁵⁰, que veio da Escola Politécnica, e Cândido Lima da Silva Dias¹⁵¹, que se formou nas primeiras turmas de matemática da FFCL¹⁵². Gleb Wataghin, por sua vez, contou com a presença de um assistente italiano, o físico Giuseppe Occhialini (WATAGHIN, 1992). Uma das razões que trouxeram Occhialini ao Brasil foram os problemas que ele enfrentou por volta de 1934, quando teve que se inscrever na Escola Militar de Lucca. Além disso, apesar de ser filiado ao PNF desde a adolescência e de ter jurado fidelidade ao partido no início dos anos de 1930, assim como todos os outros professores que desejavam prosseguir com suas carreiras, diante da aproximação da Itália com a Alemanha hitleriana, ele passou a fazer propaganda

---

146 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. “Propaganda Culturale”, fasc. “Miscelanea”. Telegrama da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro para o DIE/MAE, de 23/04/1937 e *idem*, de 02/06/1937.

147 No início de funcionamento da FFCL, Onorato chegou a defender o desdobramento de sua cadeira no discurso “Sugestões e orientação didática”, publicado pelo Anuário da FFCL de 1934-1935 (Universidade de São Paulo, 1937a).

148 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 2 (verso).

149 Universidade de São Paulo, 1937a.

150 Universidade de São Paulo, 1937b.

151 *Idem*, 1938a.

152 *Idem*, 1953b.

clandestina de material antifascista. O pai de Occhialini se preocupava com essa militância, por acreditar que isso poderia lhe trazer problemas futuros e, por conta de seu contato com Wataghin, conseguiu que o filho fosse convidado para vir ao Brasil (GARIBOLDI, 2007). O contrato de Occhialini foi assinado em 31 de agosto de 1937, mesmo dia que o de Di Cropani¹⁵³. Assim, observamos que o envio de professores italianos para o Brasil serviu, ao mesmo tempo, para que a Itália Fascista executasse sua política exterior de propaganda cultural e para que os opositores do Regime se dirigissem a outros países, se aproveitando dos interesses de ambos países, alinhados às suas necessidades individuais.

A chegada dos novos membros da *Missão Italiana* não recebeu a mesma atenção dos jornais, como ocorreu com os colegas que chegaram nos anos anteriores. Somente Ungaretti, que era poeta na Itália e já contava com contatos com a colônia italiana da cidade de São Paulo¹⁵⁴, teve sua chegada ao Brasil noticiada pela *Folha da Manhã*, de maneira muito sutil:

Encontram-se em S. Paulo, de regresso da Italia, onde estiveram de férias, os professores Luigi Fantappiè, Giuseppe Ungaretti, Ettore Onorato e Luigi Galvani (...) Os illustres professores estiveram hontem, em visita á redacção da 'Folha da Manhã', em companhia do nosso collega do 'Fanfulla', dr. Nino Augusto Gaeta¹⁵⁵.

No ano de 1938, Attilio Venturi foi incorporado à *Missão Italiana*, para ocupar a cadeira de Língua e Literatura Grega¹⁵⁶. Em 1931, o professor foi nomeado “Diretor das Escolas Italianas no Estrangeiro” e, desde 1935, era “Diretor do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri de São Paulo”¹⁵⁷, sendo, portanto, o único professor do grupo que já possuía certa trajetória profissional em solo brasileiro. Antes da existência de uma cadeira separada para Língua e Literatura Grega, existiu a de Filologia Grega e Latina, onde o primeiro professor foi o francês Michel Berveiller, entre 1934 e 1937, sendo substituído por Rebêlo Gonçalves, em 1937. Em 1938, ocorreu uma separação entre o grego e o latim, quando finalmente foi contratado Venturi (STARZYNSLI, 1994).

Conforme veremos adiante, Attilio Venturi foi substituído por Vittorio de Falco, em 1939. Segundo uma carta enviada pelo cônsul G. Castruccio ao MAE em 1940, a razão para

153 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl.3.

154 Correio Paulistano, São Paulo, 16, ago. 1936.

155 Folha da Manhã, São Paulo, 11, mar. 1937, p. 5.

156 Universidade de São Paulo, 1938a.

157 *Idem, ibidem*, p. 98.

Venturi ter ocupado essa cadeira por tão pouco tempo, entre os meses de junho e novembro de 1938, foi a de que os italianos queriam “segurar” a vaga colocando, interinamente, o diretor do *Dante Alighieri*¹⁵⁸. Esse seria mais um exemplo de como as *Missões Estrangeiras*, mais do que conquistar mais espaço dentro da FFCL, queriam manter aquele espaço já conquistado. Em outra carta enviada pelo cônsul, dessa vez ao Ministério da Cultura Popular italiano, ele elogiava Attilio Venturi por ter assumido interinamente aquela cadeira, “atendendo à deliberação do Conselho Acadêmico”¹⁵⁹. Em outra carta o cônsul disse que “o progressivo aumento de professores italianos junto a essa Universidade é a mais eloquente documentação dessa magnífica forma de intercâmbio cultural”¹⁶⁰.

Em 1938, Fantappiè estabeleceu um contato mais próximo com uma outra instituição de ensino, a Universidade de Porto Alegre. Ele foi convidado pelo reitor daquela universidade para proferir conferências sobre matemática superior¹⁶¹. Segundo Fantappiè, mesmo depois de anunciar seu retorno à Itália, no ano seguinte, o reitor Ary de Abreu Lima lhe pediu para continuar ministrando cursos periódicos naquela instituição, cinco meses por ano, durante suas férias, e informou que faria a mesma proposta a Onorato, que partiria para a Itália no mesmo ano. Segundo Fantappiè, isso “prova como a obra dos primeiros Professores Italianos que aqui vieram e agora retornam à Pátria é julgada favoravelmente no ambiente brasileiro, também fora de S. Paulo”¹⁶².

As relações de Fantappiè com a Universidade de Porto Alegre foram tão próximas, que ele chegou a indicar professores italianos para lecionar geometria naquela instituição. Ele sugeriu o nome de Enrico Bompiani e, caso ele não aceitasse, o de Gaetano Scorza, ambos da Universidade de Roma¹⁶³. O governo gaúcho estava disposto a pagar três contos de réis por

158 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Istituto di Alta Cultura Italo-Brasileiro”. Carta do cônsul G. Castruccio para o *Ministero degli Affari Esteri*, de 13/03/1940, tradução nossa.

159 Talvez Castruccio estivesse se referindo a uma decisão do Conselho Universitário em contratar interinamente o professor Venturi. Ver: ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Università di San Paolo”. Carta do cônsul G. Castruccio ao *Ministero degli Affari Esteri*, com cópia para o *Ministero della Cultura Popolare* e para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 17/11/1938, tradução nossa.

160 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Università di San Paolo”. Carta do cônsul G. Castruccio ao Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, com cópia para o *Ministero degli Affari Esteri*, de 20/10/1938, tradução nossa.

161 Correio Paulistano, São Paulo, 23, jun. 1938; Folha da Manhã, São Paulo, 28, jun. 1938.

162 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Carta de Fantappiè a Ugo Sola, de 25/10/1939, tradução nossa.

163 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.20, p. “Propaganda Culturale”, s.p. 1 “Miscelanea”.

mês e a arcar com as despesas da viagem da Itália para o Brasil. Além disso, a universidade havia declarado exclusividade às escolhas de Fantappiè, dizendo que não contrataria um professor que não tivesse sido indicado por ele¹⁶⁴.

1.6 Substituições e modificações em 1939

Em 17 de novembro de 1938, o cônsul G. Castruccio enviou uma carta ao Ministério da Cultura Popular para informar que o diretor da FFCL assegurou que a contratação do professor Vittorio de Falco para a cadeira de Língua e Literatura Grega se concretizara, porém era importante que aquele Ministério agilizasse a vinda do professor ao Brasil, uma vez que ele deveria se apresentar em março de 1939. Castruccio ressaltava a importância de um professor italiano ocupar essa cátedra e afirmava que “seria supérfluo qualquer comentário meu sobre o importante resultado conseguido, o qual o mérito se deve em grande parte ao Prof. Ungaretti, e a propagação cultural que poderá desse modo se efetuar no ambiente intelectual de S. Paulo”¹⁶⁵. O que indica que foi Ungaretti o responsável por fazer a mediação na contratação desse professor. Os esforços de Castruccio parecem ter sido suficientes, uma vez que Vittorio de Falco assinou seu contrato em 1º de março daquele ano¹⁶⁶.

O matemático Luigi Fantappiè deixou a *Missão Italiana* em fins 1939¹⁶⁷, para assumir a cátedra de análise matemática junto ao Instituto Nacional de Alta Matemática, em Roma (GAMBINI & PEPE, 1982). Onorato também deixou o Brasil nesse ano. Conforme veremos no terceiro capítulo da presente dissertação, é possível que as leis antisemitas italianas, de 1938, bem como o início da Segunda Guerra, em 1939, tenham pesado para essas repatriações.

Telegrama do embaixador Lojacono para a DIE/MAE, de 27/03/1938.

164 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.20, p. “Propaganda Culturale”, s.p. 1 “Miscelanea”.

Telegrama do embaixador Lojacono para a DIE/MAE, de 16/03/1938.

165 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Università di San Paolo”. Carta do cônsul G. Castrucci ao *Ministero degli Affari Esteri*, com cópia para o *Ministero della Cultura Popolare* e para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 17/11/1938, tradução nossa.

166 Universidade de São Paulo, 1953a.

167 Universidade de São Paulo, 1953b.

1.7 Os contratos entre 1940 e 1942

Nesse período, outros dois professores italianos foram convidados para ministrar cursos mais curtos na FFCL: Gabriele Mammana, para o curso de Cálculo das Variações, no segundo semestre de 1940, e Achille Bassi, para o curso de Topologia Combinatória, entre julho e agosto de 1942. Ambos professores pertenciam à Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro (WATAGHIN, 1992).

Os contratos firmados em 1940¹⁶⁸ se tratam de prorrogações de contratos firmados em anos anteriores, pois indicam, inclusive, a data de celebração e a localização desses contratos em seus respectivos livros. A partir desse momento, eles passaram a ter duração de um ano, devendo ser renovados após esse período, diferentemente da situação dos anos de 1930, onde os contratos duravam três anos. Com relação aos franceses, Petitjean (1996) aponta que, com o passar do tempo, ficou cada vez mais difícil atrair professores que aceitassem um contrato tão longo. Talvez, por isso, a FFCL tenha decidido diminuir a vigência dos contratos, para atrair os estrangeiros e facilitar a rotatividade.

Nos termos de prorrogação de 1941, além dos salários a serem pagos e da cadeira a qual cada professor estaria vinculado, existe a informação de que eles deveriam se dedicar, no mínimo, a seis horas de trabalho semanal, em aulas com duração de 55 minutos¹⁶⁹. Nesse ano, o professor Occhialini, além de ocupar o cargo de assistente científico, passou a ser responsável pela regência da cadeira de Física Superior. Em seu contrato, observamos algumas cláusulas interessantes, que revelam um pouco do cotidiano dos professores da FFCL nesse momento. Uma delas é a que impõe que, caso se dedicassem a trabalhos extraordinários, como a regência de um maior número de aulas, não seria pago nenhum acréscimo por esse serviço¹⁷⁰.

Seria vetada a realização de pesquisas, de qualquer natureza, fora da cidade de São Paulo, a não ser atividades práticas envolvendo os alunos, que deveriam originar um relatório

168 Para consultar os contratos analisados nesta seção, ver o anexo A.

169 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 18.

170 Fantappiè afirmou, em um relatório apresentado à FFCL em 1939, que ministrou muitas horas a mais do que previa o seu contrato. Ver: ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

a ser publicado no Anuário¹⁷¹. Algo bem interessante é o item VII desse contrato, que diz que “O professor poderá ter como auxiliares de ensino, na parte prática, assistentes obrigatoriamente brasileiros, cuja escolha e cujo numero e vencimentos serão estipulados pelo Govêrno do Estado”¹⁷². Essa cláusula parece indicar uma tentativa de nacionalização das cadeiras, uma vez que existia a possibilidade dos assistentes se tornarem catedráticos ou mesmo passarem a ocupar interinamente as cadeiras caso os estrangeiros contratados retornassem a seus países, como foi o caso de Omar Catunda, que assumiu a cadeira de Análise Matemática em 1939¹⁷³, vindo a se tornar catedrático em 1944, após a realização de um concurso (LIMA, 2006). Mesmo assim, a partir de 1939, Albanese contou com um assistente italiano, Narcisio Mensciassi Lupi, que permaneceu na FFCL até 1942 (WATAGHIN, 1992).

Outra cláusula interessante é a IX, que diz que os professores são obrigados a se apresentarem em conferências públicas¹⁷⁴. Desde 1934, os professores se apresentavam nesses eventos¹⁷⁵, mas, observando a obrigatoriedade dessa atividade em 1941, podemos supor que, com o passar dos anos, uma atividade eletiva tenha se tornado obrigatória. De todo modo, somente a análise dos contratos dos anos anteriores poderia auxiliar no melhor entendimento dessa questão.

Os possíveis envolvimento políticos ou religiosos também estavam previstos nos contratos, em sua cláusula XI: “O professor se obriga a empregar toda sua atividade profissional ao estudo e ao ensino das matérias de seu curso, devendo, no exercício de suas funções na Universidade, abster-se de qualquer propaganda de carater político ou religioso”¹⁷⁶. Essa questão, no entanto, já estava presente nos contratos de 1934 (PETITJEAN, 1996). Roger Bastide comenta, em entrevista, sobre a existência dessa cláusula e, além disso, uma das razões para o afastamento de Claude Lévi-Strauss parece ter sido a sua ligação com a Frente Popular Francesa, considerada comunista por Mesquita Filho (CARDOSO, 1982).

---

171 Claude Lévi-Strauss teve problemas quando, em 1938, teve que partir para uma expedição à Amazônia. Ele queria um suplente, mas “a USP recusa, nenhuma suplência estava prevista nos contratos, a universidade quer Lévi-Strauss como docente. Claude Lévi-Strauss renuncia, e Dumas propõe Roger Bastide para substituí-lo” (PETITJEAN, 1996:283).

172 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 30.

173 Universidade de São Paulo, 1953a.

174 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 29 (verso).

175 Universidade de São Paulo, 1937a.

176 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 31.

Além do controle ideológico imposto pelos próprios fundadores da USP, também as políticas do governo federal, em tempos de *Estado Novo*, cerceavam a expressão política e religiosa de grupos estrangeiros (CORSETTI, 1987). Assim, o Estado se prevenia das possíveis inclinações e manifestações políticas ou religiosas de seus professores deixando explícito em seus contratos que não deveriam se dedicar a nada mais, nada menos, do que ensino e pesquisa.

Em 1934, os salários eram pagos na moeda do país de cada professor, o que pode representar uma espécie de estratégia do governo paulista para atraí-los e facilitar que retornassem a seus países em períodos de férias. Os franceses, por exemplo, recebiam entre 2.600 e 4.000 francos (de acordo com a hierarquia, conforme ressaltado por Petitjean (1996)); os italianos, por sua vez, recebiam um salário igual: 3.000 liras¹⁷⁷. O professor Paul Arbousse-Bastide, que rebebia 3.500 francos, não teria ficado contente com essa remuneração inicial, apontando que os salários dos franceses eram proporcionalmente inferiores aos dos italianos, que viajavam todos os anos à Europa (PETITJEAN, 1996). Analisando o câmbio de setembro daquele ano, observamos que o franco custava \$800 réis, enquanto a lira italiana custava 1\$181. Com o câmbio, o salário dos italianos (3000 liras) seria, em réis, 3:543\$000, ao passo que o professor francês que ganhasse 4000 francos (o maior valor de salário), receberia 3:520\$000¹⁷⁸, o que indica que os italianos ganhavam um pouco mais que os franceses naquele período, de fato¹⁷⁹.

Uma informação não mencionada por Arbousse-Bastide é sobre o complemento salarial oferecido pelo governo italiano. Segundo Petitjean (1996), o governo francês também deveria pagar uma parte do salário, respeitando a posição ocupada pelos professores na França, mas não sabemos se ambos os países pagavam proporcionalmente a mesma quantia. O complemento salarial do governo italiano foi notícia no jornal *Diário de São Paulo*, em abril de 1934:

o governo italiano ofereceu aos professores que quisessem vir para a USP todas as facilidades entre as quais: contagem do tempo [de serviço] em

177 SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil). 5, jul. 1934, num.145, anno 44º, p. 13.

178 BRASIL. Seção 1. Parte Commercial. Camara Syndical. Cotações officiaes de cambio e títulos fixadas pela Camara Syndical de Corretores de Fundos Publicos da Capital Federal. Diário Oficial da União. 29, set. 1934, p. 44.

179 De todo modo, devemos ter em mente que italianos e franceses não estavam no mesmo momento de suas carreiras, conforme discutimos no início do presente capítulo. Assim, é possível que a diferença de salário estivesse atrelada ao nível de formação (graduação, doutorado etc.) e à posição ocupada no país de origem, conforme já mencionado por Petitjean (1996), no caso dos franceses.

dobro, manutenção dos ordenados e passagens [...]. O secretário telegrafou autorizando Teodoro Ramos a concluir os entendimentos com esses professores¹⁸⁰.

De fato, os italianos eram pagos em parte pelo Brasil e em parte pela Itália¹⁸¹, o que pode ter ajudado a firmar a desigualdade entre os salários de italianos e franceses. Além disso, os anos de trabalho no Brasil valeriam para o progresso na carreira na Itália, o que tornava a oferta mais atrativa, também (WATAGHIN, 1992). Nos anos subsequentes, a FFCL tentou resolver esse problema tomando como diretriz o pagamento em moeda brasileira, conforme veremos nos contratos firmados entre 1940 e 1942, adiante. Enquanto em 1934 os professores recebiam em libras, nos anos de 1940 os salários foram pagos em moeda corrente brasileira¹⁸². No período de 1940 a 1942, os salários dos professores variaram entre três e quatro mil réis, conforme pode ser observado na tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Salários dos professores da *Missão Italiana*

Professor	Ano e moeda paga			
	1934 (libras)	1940 (réis)	1941 (réis)	1942 (réis)
Francesco Piccolo	3.000			
Gleb Wataghin	3.000	4:000\$000	4:000\$000 + 1:000\$000	4:000\$000 + 1:000\$000
Luigi Fantappiè	3.000			
Ettore Onorato	3.000			
Luigi Galvani			3:600\$000	4:000\$000
Giacomo Albanese		4:000\$000	4:000\$000 + 1:000\$000	4:000\$000 + 1:000\$000
Giuseppe Ungaretti		3:000\$000	3:000\$000	4:000\$000
Giuseppe Occhialini		1:600\$000	3:900\$000	3:900\$000
Ottorino de Fiore Di Cropani				4:000\$000
Attilio Venturi				
Vittorio de Falco			3:000\$000	4:000\$000

Fonte: Tabela elaborada a partir de dados encontrados em SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil). 5, jul. 1934, num.145, anno 44º, p. 13 e AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fls.1; 2; 3; 6 (verso); 18; 19 (verso); 20 (verso); 24 (verso); 27 (verso).

180 Diário de São Paulo, 21, abr. 1934, p. 3 *apud* Silva, 2000, p. 3.

181 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 33, Brasile “Rio de Janeiro, 8.1, p. 10 “Brasile”, s.p. 7 “8.1 Rio de Janeiro”, 1. “1940 e prec.”, p. “Articoli giornali”, s.p. “Rio de Janeiro – professori stranieri nelle Università brasiliane”. Carta enviada da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro para o D.G. *per i Servizi della Propaganda*, de 24/01/1940.

182 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl.29 (verso).

Apesar de estar previsto nos contratos que os professores poderiam se dedicar a outras disciplinas ou atividades sem acréscimo salarial, Giacomo Albanese recebia 4:000\$000 pela regência das cadeiras de Geometria e Projetiva e Analítica e História das Matemáticas, mais a quantia de 1:000\$000 pela regência da cadeira de Complementos de Geometria e Geometria Superior, a partir de 1941. Do mesmo modo, entre os anos de 1940 e 1942, o professor Gleb Wataghin recebia a quantia de 4:000\$000, referente à regência da cadeira de Física Geral e Experimental e Física Teórica e, a partir de 1942, ele recebeu um acréscimo de 1:000\$000 por conta da regência da cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste¹⁸³. Giuseppe Occhialini teve uma mudança significativa em seu salário; enquanto ocupava somente o cargo de assistente científico, recebia 1:600\$000, bem inferior aos demais, que foram contratados como professores. A partir de 1º de janeiro de 1941, além do cargo de assistente, ficou responsável pela regência da cadeira de Física Geral e Experimental, o que elevou seu salário para 3:900\$000, mas ainda inferior à maioria dos colegas italianos.

De acordo com Petitjean (1996), uma das queixas entre os professores franceses era com relação à equidade salarial entre professores que, na França, estariam em diferentes momentos da carreira docente universitária; é o caso de Braudel, que em 1936 se queixava de receber a mesma quantia que Paul Arbousse-Bastide. Essas reclamações com relação à hierarquia dos salários podem ter contribuído para a criação de uma das cláusulas contratuais que observamos nos contratos de 1941, que dizia o seguinte:

Terão tratamento igual, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no desempenho de suas funções, todos os professores contratados no estrangeiro, qualquer que seja a sua posição na hierarquia do ensino em seu país¹⁸⁴.

Assim, uma vez previsto nos contratos, os professores não poderiam se queixar *a posteriori* sobre a equidade dos salários. Mesmo assim, conforme observamos, existiram momentos em que a diferença de salários entre os italianos era relevante, como o professor Albanese que, em 1940, ganha 1:000\$000 a mais que seu colega da literatura, Ungaretti. De todo modo, não encontramos relatos desses professores onde denunciasses alguma injustiça por parte da FFCL, referente aos diferentes salários.

---

183 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 38 (verso).

184 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 19 (verso).

Para termos uma noção sobre o poder de compra do salário dos professores italianos, levantamos os preços de alguns produtos do período.

Tabela 2: Valores de alguns produtos em 1940

Produto	Preço
Pão francês (quilo)	1\$400
Alcatra (quilo)	2\$500
Frango (quilo)	6\$500
Leite de vaca (litro)	1\$600

Fonte: Tabela elaborada a partir de dados encontrados no Jornal Correio Paulistano de 21/08/1940, p.2 e 28/02/1940, p.3.

Outros valores úteis para compreender o poder de compra desse salário podem ser os valores de uma diária em um hotel. Nesse sentido, encontramos o Hotel Pensão Avenida, localizado na Av. Brigadeiro Luis Antônio, anunciado como um local que contava com água e conforto, com diária no valor de 10\$¹⁸⁵. No entanto, conforme encontramos em diversas notícias quando da chegada da *Missão Italiana*, eles costumavam ser recebidos em hotéis luxuosos, como o Esplanada, cujo projeto arquitetônico foi projetado pelos mesmos autores do Copacabana Palace e “disputava com o vizinho teatro Municipal os elogios da época” e ainda recebia diversos eventos da capital paulistana (MONTEIRO, 2006:65). Segundo documentos encontrados, Galvani¹⁸⁶ e Onorato¹⁸⁷ se hospedaram no Hotel São Bento, um local de arquitetura marcante e que “buscava atingir a faixa dos novos homens de negócios, estrangeiros e viajantes que vinham do interior e até então não tinham muitas opções na cidade” (MONTEIRO, 2006:65). Alguns professores podem ter residido em casas, como Wataghin, que assinou uma de suas cartas a Levi-Civita com o endereço Rua Padre João Manoel, 609. Não sabemos se esse era, de fato, o endereço residencial de Wataghin, porém era próximo ao prédio da FFCL da Avenida Glette, no bairro dos Campos Elíseos e não encontramos nos documentos consultados nenhuma referência a esse endereço da Padre João Manoel que informasse que ele fizesse parte da faculdade, sugerindo, assim, que aquela fosse

185 Correio Paulistano, São Paulo, 25, abr. 1937, p. 31.

186 AESP/DEOPS. Prontuário 23.241, Luigi Galvani.

187 AESP/DEOPS. Prontuário 19.618, Ettore Onorato e ASANL/Fondo Guglielmo Marconi. Cartão de visita de Ettore Onorato a Marconi. B. 31 – “Viaggio in Brasile” – Serie 2 “Attività istituzional”. Viaggi. b. 31. Fasc. 8. Sott. 2.

mesmo sua residência¹⁸⁸.

Segundo Luca (1983), Ungaretti se instalou nas imediações do *Colégio Dante Alighieri*, o que indica que ele também procurou residir em um local mais confortável que uma pensão. É importante relatar que o primeiro salário mínimo brasileiro foi instituído em 1º de maio de 1940, a partir da publicação do Decreto-Lei nº 2.162, onde foram determinados valores mínimos por região do país (SANTOS, 2004). A média do salário mínimo era de 240\$000¹⁸⁹, o que significa que a *Missão Italiana* recebia cerca de 16,66 salários mínimos por mês. Esses exemplos indicam que, conforme teria dito Gleb Wataghin (2000), os salários dos professores italianos da FFCL eram atrativos e podem ter sido uma das razões pessoais que os trouxe ao Brasil.

Por outro lado, devemos lembrar que o governo italiano tinha outros interesses para enviar seus cientistas e intelectuais a países como o Brasil: a propaganda cultural (BERTONHA, 2001). No item a seguir, buscaremos explorar essa questão, tendo em vista os esforços de italianos e brasileiros em promover a cultura italiana no Brasil.

1.8 A Missão Italiana como embaixadora cultural

Para o historiador João Fábio Bertonha (2000; 2001), a vinda da *Missão Italiana* para a FFCL estava diretamente relacionada aos planos do Regime Fascista de divulgar a cultura italiana no exterior. De fato, conforme observamos em algumas cartas do cônsul G. Castruccio, ao citar a contratação de alguns dos professores, era ressaltada a importância de se manter italianos nas cadeiras universitárias, como um modo de assegurar a propaganda cultural naquele meio. No entanto, o presente item tem como objetivo compreender de que modo, propriamente, a *Missão Italiana* desempenhou a função de embaixadora cultural. Aqui, pretendemos evidenciar as relações do grupo com o PNF, fosse pela via ideológica ou pela

---

188 André Weil, matemático francês que ficou responsável pela cadeira de Análise Matemática da FFCL entre 1945 e 1947, fala sobre sua casa em São Paulo, que era “modesta mas confortável, um jardim agradável, uma grande mimosa, e rosas florescendo o ano inteiro” (WEIL, 1992:187, tradução nossa), o que sugere que seu salário também o permitia habitar uma casa, como alguns de seus colegas italianos, poucos anos antes.

189 T16. Salário mínimo real Brasil 1940-2000 DIEESE/2000-2001 – ANUÁRIO DOS TRABALHADORES, p.51. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/anuario/2001/3/pg51.pdf>. Acesso em 17/04/2015. Maior salário mínimo nominal 1940/2011 – Ministério do Trabalho e do Emprego. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D2E7318C8012F2744EB0D61BF/MINIMO2011.pdf>. Acesso em 17 abr. 2015.

obrigatoriedade de filiação. Além disso, consideramos importante evidenciar os contatos do grupo com a colônia ítalo-brasileira, tendo como hipótese que tal aproximação se deu como uma estratégia de fortalecer os laços entre a colônia e a Itália fascista, algo importante para Mussolini.

A primeira questão a ressaltarmos é com relação à obrigatoriedade de os professores italianos se filiarem ao PNF, para não perderem seus postos de trabalho. Os processos de fascistização da escola se iniciaram ainda em 1922, com a Reforma Gentile, e a principal preocupação do governo era com relação à fascistização dos professores (WOLFF, 1980; HORTA, 2009). De acordo com Trento (1986),

(...) o mundo universitário sentiu com maior intensidade a atração ao regime. Quando, em 1931, os professores foram obrigados ao juramento de fidelidade, somente 13 se recusaram a fazê-lo, muitos deles já prestes a se aposentar. Naturalmente, as motivações podiam ser muitas (a defesa do emprego, em primeiro lugar), e a atitude não revelava necessariamente adesão profunda, mas em geral os intelectuais cortejaram bastante o fascismo e foram por ele cortejados. (...) tendo sido numerosos os intelectuais famosos (...) e menos famosos a aderir ao fascismo, alguns por oportunismo (inclusive econômico), outros por convicção, mas contribuindo juntos para a consolidação do consenso (TRENTO, 1986:48).

O juramento de que fala Trento (1986) é o seguinte:

Juramento dos Professores Universitários

Juro ser fiel ao Rei, e aos seus Reais sucessores, observar lealmente o Estatuto e demais leis do Estado, aderir espiritualmente e ativamente, como cidadão e como professor, ao ideário do Regime Fascista, exercer o ofício de professor e cumprir todos os deveres acadêmicos com o propósito de formar cidadãos trabalhadores, honestos e devotos à Pátria.

Juro que não pertenço nem pertencerei a Associações ou Partidos, cuja atividade não se concilie com os deveres de meu ofício¹⁹⁰.

Não sabemos estimar em quais circunstâncias os professores seriam obrigados a proferir tal discurso. No entanto, Horta (2009) nos alerta para o fato de que o pronunciamento dessas palavras se tornou obrigatório, mas isso não significa, necessariamente, que todos que

190 “Giuramento dei Professori Universitari . Giuro di essere fedele al Re, ed ai suoi Reali successori, di osservare lealmente lo Statuto e le altre leggi dello Stato, di aderire espiritualmente e attivamente, come cittadino e come insegnante, alle idealità del Regime Fascista, di esercitare l'ufficio di insegnante ed adempiere tutti i doveri accademici col proposito di formare cittadini operosi, probi e devoti alla Patria. Giuro che non appartengo né apparterrò ad Associazioni o Partiti, la cui attività non si concilli con i doveri del mio ufficio”. In: ACS/SEGRETARIA PARTICOLARE DEL DUCE. Carteggio Riservato (1922-1943), b. 30, fasc. “Gran Consiglio”, sottofasc. 8 – 1930, tradução nossa.

as pronunciavam eram convictos da ideologia fascista, algo também ressaltado por Trento (1986). Era mais uma obrigação dos docentes, para manterem seus empregos. O que esse juramento pretende, na realidade, é inculcar nos professores o seguinte: que o ideário fascista estava além de um simples engajamento em uma corrente política, mas deveria ser vivenciado pelos que a ele aderiam em todos os sentidos, fosse espiritual ou na prática do trabalho, devendo “formar cidadãos trabalhadores, honestos e devotos à Pátria”, conforme diz o juramento, acima de qualquer prática particular. Além disso, para garantir que os professores se mantivessem engajados ao PNF, foram decretadas diversas leis, como a de nº 1482, de 28 de setembro de 1940¹⁹¹, que versava sobre a obrigatoriedade do pertencimento ao partido para que os profissionais ligados ao serviço público avançassem em suas carreiras. Assim, o governo fascista italiano trabalhava no sentido de atrair o mundo universitário de diversas maneiras, pelo lado ideológico e pela obrigatoriedade de filiação, a fim de fortalecer e divulgar os seus interesses específicos (SILVA & SIQUEIRA, 2014).

Petitjean (1996) acredita que se Wataghin aceitou o convite e veio para o Brasil para se distanciar do fascismo italiano, Fantappiè decidiu aceitá-lo justamente por ser fascista, filiado ao PNF desde 1921. Piccolo também era filiado ao PNF, desde 1922 (PETITJEAN, 1996). No entanto, tendo em vista as leis decretadas durante o fascismo, até mesmo Wataghin deveria ser filiado ao partido, mas não encontramos, até o momento, fontes que corroborem essa hipótese.

Ao chegarem ao Brasil, os professores Fantappiè e Piccolo foram notícia em uma série de jornais, conforme apresentamos anteriormente. No entanto, não foi só a imprensa propriamente brasileira que se interessou por esse assunto, mas também a ítalo-brasileira. O jornal *Il Pasquino Coloniale*, de inclinação fascista (BERTONHA, 2001), além de noticiar a chegada dos professores, em 1934, ainda informou que ambos visitaram a redação e foram convidados a fazer parte do *Servizio Controllo* e *Servizio Collaborazione* da administração daquela entidade, da qual figuras eminentes da colônia já faziam parte. Os nomes dos professores Wataghin e Onorato também foram mencionados, mas, naquele momento, eles ainda não haviam chegado¹⁹². Cerca de dez dias após a chegada dos professores, o *Pasquino Coloniale* publicou um poema intitulado *L'automobile di domani* (O automóvel de amanhã),

---

191 ROMA. Leggi e Decreti. Legge 28 settembre 1940-XVIII, n. 1482. Obbligo dell'appartenenza al Partito Nazionale Fascista per l'avanzamento in carriera dei dipendenti dalle pubbliche amministrazioni. In: Gazzeta Ufficiale del Regno d'Italia, 7 de nov. 1940, n. 260, anno 81o, p. 4230.

192 Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 19, mai. 1934.

de autoria de Wataghin¹⁹³. Apesar de ser notável esse contato dos professores com esse jornal, segundo avaliações do governo italiano, o periódico não seria influente na colônia ítalo-brasileira¹⁹⁴.

Fantappiè e Piccolo chegaram a participar de diversos bailes promovidos pelo *Circolo Italiano*¹⁹⁵, desde junho de 1934¹⁹⁶, o que sugere que houve uma aproximação com a colônia italiana desde os primeiros momentos de circulação pela cidade. Em 8 de setembro daquele mesmo ano, o *Circolo* chegou a oferecer uma festa de gala para os professores italianos da FFCL; o *Pasquino* fez uma reportagem de duas páginas sob o seguinte título: “La brillante serata in onore dei Professori Universitari Italiani”¹⁹⁷. Entre os convidados do evento figuraram Fantappiè, Piccolo, Wataghin e a esposa, Onorato e a esposa, os professores franceses Arbousse Bastide, Emille Coornaert, Pierre Deffontaine, além dos alemães Rawitscher, acompanhado pela esposa, e Heinrich Rheinbolt. O reitor da USP, prof. Reynaldo Porchat, também esteve presente no jantar, ao lado do prof. Ernesto de Souza Campos. Entre os representantes da imprensa figuraram o pessoal do *OESP*, *Diário Popular*, *Folha da Manhã e da Noite*, *A Gazeta*, *Correio Paulistano*¹⁹⁸ e, também, da imprensa ligada à colônia, como o *Fanfulla* e, evidentemente, o *Pasquino Coloniale*. O comandante Biaggio Altieri, do *Fascio di S. Paolo*, também esteve presente. Durante o jantar, foi realizada uma homenagem aos professores italianos da FFCL, que se estendeu aos demais professores estrangeiros e brasileiros, pelas palavras do presidente do *Circolo*, Marquês Nicastro Guidiccioni. Em sinal de agradecimento à homenagem, Piccolo proferiu um discurso em latim¹⁹⁹.

O fato do discurso de Piccolo ser em latim é algo notável, pois, conforme veremos no segundo capítulo da presente dissertação, a *Missão Italiana* participou, de certo modo, dos debates educacionais brasileiros em defesa do ensino humanístico, principalmente do ensino do latim no secundário. Esse discurso, portanto, pode ser considerado mais um esforço de

193 *Idem*, 20, jun. 1934, tradução nossa.

194 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 30, I.9. p. 2, s.p. 21. Carta do Consulado Geral da Itália em São Paulo para o R. *Ministero degli Affari Esteri*, em Roma, de 27/04/1934.

195 De acordo com Trento (1989), após a ascensão do fascismo na Itália, desde 1925 que representantes daquela ideologia tentavam penetrar o *Circolo Italiano* de São Paulo. A partir de 1928, após substituições na diretoria, a associação se tornou um centro propagador do fascismo na cidade, contando com diversas reuniões do *Fascio di San Paolo*, por exemplo.

196 Il *Pasquino Coloniale*, São Paulo, 09, jun. 1934.

197 “A brilhante noite de gala em homenagem aos Professores Universitários Italianos” (tradução nossa). In: Il *Pasquino Coloniale*, São Paulo, 15, set. 1934, p. 10-11.

198 Apesar do *Circolo Italiano*, nesse período, já estar sob comando dos fascistas, a imprensa classificada pela Embaixada como antifascista ou liberal esteve presente, caso do *OESP*. Já os jornais *A Gazeta* e *Correio Paulistano*, são considerados filo fascistas, em 1937, segundo Bertonha (2001).

199 Il *Pasquino Coloniale*, São Paulo, 15, set. 1934, p. 10.

Piccolo em ressaltar a importância que ele conferia a essa língua.

Ainda em novembro de 1934, a Livraria Editora Latina ofereceu um banquete em homenagem ao professor Piccolo, no qual comparecem diversos “intelectuais italianos e brasileiros, o R. Cônsul Geral Comm. Gaetano Vecchiotti e o Diretor da Faculdade onde o prof. Piccolo ensina”²⁰⁰.

Fantappiè participou de diversos eventos culturais ligados à colônia italiana de São Paulo, como a ópera da Companhia Bragaglia, que se apresentou no Teatro Municipal, em junho de 1937²⁰¹. O matemático compareceu, ainda, à apresentação do escultor De Fiori²⁰² e também chegou a participar de homenagens a outras personalidades ligadas à colônia, como o banquete oferecido ao Comissário Consular Salvatori Pisani, que estava deixando São Paulo para retornar à Itália, evento do qual também participaram Albanese, Galvani, Occhialini, Wataghin e Ungaretti²⁰³.

No ano de 1938, quando mais professores italianos já faziam parte da *Missão* na FFCL, o Instituto de Cultura Ítalo-Brasileiro, centro divulgador da cultura italiana e fascista, também prestou uma homenagem ao grupo. Em novembro daquele ano, o professor Spencer Vampré, da Faculdade de Direito da USP, ofereceu um jantar à *Missão Italiana*, no qual estiveram presentes Luigi Galvani, Giuseppe Ungaretti, Luigi Fantappiè, Giuseppe Occhialini, Giacomo Albanese, Ettore Onorato e Attilio Venturi²⁰⁴.

Uma outra maneira de contribuir para a propaganda cultural, era a indicação de nomes de outros professores italianos. Conforme vimos até o momento, Fantappiè chegou a indicar diversos nomes para a USP e também para a Universidade de Porto Alegre. Outro professor que contribuiu, nesse sentido, foi Gleb Wataghin. Enquanto estava organizando a Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) da Universidade do Brasil, fundada em 1939, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, recebeu sugestões de nomes para ocuparem as diversas cadeiras. Wataghin chegou a indicar Umberto Nobile e Signorini, ambos da Universidade de Nápoles, e Giovanni Giorgi, da Universidade de Roma, todos para a cadeira de Mecânica Racional. Para a cadeira de Físico-química, ele indicou o nome de Bonino, catedrático da Universidade de Bolonha. Outra indicação foi Beniamino Segre, da

---

200 *Idem*, 10, nov. 1934, p. 4, tradução nossa.

201 Folha da Manhã, São Paulo, 11, jun. 1937.

202 Folha da Manhã, São Paulo, 13, jun. 1937.

203 Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 30, abr. 1938.

204 Folha da Manhã, São Paulo, 22, nov. 1938.

Universidade de Bolonha, para Geometria Superior, e de Alessandro Terracini, da Universidade de Turim, para Geometria. Também sugeriu o nome de Bruno Rossi, da Universidade de Pádua, para a cadeira de Física Experimental. As indicações de Wataghin podem ter sido orientadas a partir de seu círculo social e, talvez, ele não tivesse intenções claras de propaganda cultural, uma vez que também sugeriu o nome de um sujeito de outra nacionalidade, mas com eminente carreira científica: o prêmio nobel E. Schrödinger²⁰⁵.

De certo modo, Wataghin estava se apropriando daquele caminho de *trocias interculturais* traçado por conta dos interesses da Itália Fascista em divulgar sua cultura no exterior e, também, do Brasil, que buscava adquirir produtos culturais e atrair intelectuais italianos para suas universidades. Assim, Wataghin demonstrava estar atento a essas questões e, ainda que não tivesse a intenção de trabalhar pela propaganda cultural, se apropriava dela para alcançar seus objetivos particulares, tais como atuar na construção de um espaço científico em um país estrangeiro, dentro do qual ele mesmo poderia se beneficiar.

Diferentemente de Wataghin, outros professores da *Missão Italiana* atuaram enquanto divulgadores culturais de maneira mais explícita. É o caso de Ungaretti, que, por conta de sua carreira como poeta, já possuía um contato com a colônia italiana antes de sua vinda para a FFCL. O próprio *Pasquino Coloniale* chegou a publicar alguns de seus trabalhos ao longo do ano de 1936²⁰⁶. Quando ele passou a compor a *Missão Italiana*, atuou de maneira mais substancial como embaixador cultural de seu país. Em agosto de 1938, ele escreveu uma carta para o Ministro da Cultura Popular italiano onde informava que a USP estava organizando uma resenha bibliográfica com livros brasileiros e portugueses. No entanto, o reitor teria dito a ele que seria interessante que essa resenha também contasse com notas sobre os livros italianos. O que ele deveria fazer era escrever algumas páginas, periodicamente, sobre as obras mais influentes publicadas, fossem elas sobre poesia, prosa, direito, medicina, filologia, história, filosofia, matemáticas, entre outros. Ele estava pedindo ajuda ao Ministério, porque estava com dificuldades de fazer esse tipo de trabalho estando no Brasil, distante do cenário italiano. Assim, ele acreditava que, para a Divisão de Propaganda, seria mais fácil desempenhar tal tarefa. Ele se encarregaria de fazer as devidas traduções, reduções ou adaptações²⁰⁷.

205 FGV-CPDOC. Arquivo Gustavo Capanema. Indicação de nomes de professores para a Faculdade Nacional de Filosofia por Gleb Wataghin. GC g 1936.01.18 (Textual), rolo 39, 1 a 720.

206 Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 07, nov. 1936; 11, nov. 1936; 5, dez. 1936.

207 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35, “Brasile”, “San Paolo” - 1a Parte, 8.7. p. “Università di San Paolo”. Carta de Giuseppe Ungaretti ao *Ministro della Cultura*

Em outubro de 1940, as resenhas foram enviadas para o professor Ungaretti²⁰⁸. De acordo com o Ministro da Cultura Popular, um redator do Livro Italiano no Exterior ficou encarregado de enviar dez resenhas por mês para Ungaretti. O Ministro ainda ressaltava a importância da publicação para fazer circular o livro italiano no Brasil²⁰⁹.

Fantappiè tomou para si essa *missão* de propagar a cultura italiana, em diversos aspectos. Em outubro de 1935, por exemplo, ele escreveu uma carta a Levi-Civita onde acusava o recebimento de trinta e cinco publicações suas e agradecia por elas, informando que os alunos e professores da FFCL costumavam consultá-las com frequência. Fantappiè aproveitou a oportunidade para pedir que Levi-Civita continuasse enviando seus trabalhos, para que fossem publicados no *Jornal de Matemática Pura e Aplicada da Universidade de São Paulo*, que havia acabado de ser criado e onde ele gostaria de publicar memórias originais. Ele informava, ainda, que aos autores seriam oferecidos cem exemplares. Fantappiè ainda pedia que Levi-Civita enviasse uma lista onde constassem todas as suas publicações até aquele momento e uma síntese, de quatro ou cinco páginas, sobre seus interesses de pesquisa, para serem publicados no *Jornal*. Ao final da carta, Fantappiè procurou ressaltar o caráter propagandístico dessa relação:

Agradecendo-o novamente pela ajuda eficaz que nos deu, e por aquilo que nos dará no futuro, em favor do desenvolvimento científico desse país (de grandes promessas também no campo da nossa ciência), e em favor de um sempre melhor conhecimento da cultura italiana no Exterior, peço ao senhor que aceite os meus melhores cumprimentos²¹⁰.

Um fato curioso da carta de Fantappiè é que ele assinou, no endereço remetente, “Seminário Matemático – Rua Três Rios”, ao invés de colocar FFCL ou mesmo Escola Politécnica, o que parece ser uma estratégia para instituir aquele Seminário através de sua propaganda, principalmente através de uma carta a Levi-Civita, um cientista que representava um importante contato com um círculo de cientistas internacionais.

Vittorio de Falco também trabalhou pela manutenção da propaganda da cultura

---

Popolare, de 26/08/1938.

208 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35, “Brasile” , “San Paolo” - 1a Parte, 8.7. p. “Università di San Paolo”. Carta do Ministro da Cultura Popular para o Consulado em São Paulo, de 14/10/1940.

209 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35, “Brasile” , “San Paolo” - 1a Parte, 8.7. p. “Università di San Paolo”. Carta do Ministro da Cultura Popular para Giuseppe Ungaretti, de 06/10/1940.

210 ASANL/Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1934, L. - 1935, O. Box 16. Carta de Luigi Fantappiè a Levi-Civita, de 31/10/1935, tradução nossa.

italiana no Brasil. No dia 11 de abril de 1940, ele proferiu uma conferência em português sobre o mundo antigo grego e romano no *Istituto Italo-Brasiliano di Alta Cultura*, fundado em 26 de janeiro daquele mesmo ano²¹¹, um local que tinha como principal objetivo realizar a propaganda da cultura italiana (BERTONHA, 2001). Na mesma época, no salão do *Dante Alighieri*, ocorreu mais uma edição do Natal de Roma, que celebra a fundação daquela cidade. O inspetor federal brasileiro tinha proibido a realização do evento, por considerá-lo contrário às leis nacionalistas de Vargas. A solução encontrada pelo *Istituto Italo-Brasiliano di Alta Cultura* foi dizer que o evento seria apenas de cunho histórico e cultural. Macedo Soares deveria ter participado, mas não pôde comparecer e enviou Jorge Americano como seu representante. O Natal de Roma foi conduzido pelo prof. Vittorio de Falco, que fez uma conferência histórica e crítica sobre o tema, que foi muito elogiada pelo cônsul²¹².

Um problema enfrentado pelo Instituto era a falta de professores italianos para ministrarem seus cursos, que eram muitos. Segundo o cônsul G. Castruccio, havia um certo número de professores italianos em São Paulo, mas a maior parte deles pertencia à FFCL, enquanto o objetivo daquela nova instituição era o de promover a “cultura geral de base moral, histórica, artística e substancialmente clássica²¹³”. E, contudo, faltavam professores que se dedicassem a esses assuntos.

De acordo com o cônsul Castruccio, o professor Giacomo Albanese, em um relatório de 1939 (encaminhado ao governo italiano em março de 1940), sugeriu uma estratégia para manter professores italianos trabalhando no Brasil. Na opinião de Albanese, seria interessante procurar, entre os professores do *Dante Alighieri*, aqueles que poderiam substituir eventuais cátedras universitárias vagas, para garantir a vinda de novos professores ao Brasil (como teria ocorrido com Attilio Venturi, que ocupou interinamente a cátedra de Língua e Literatura Grega). Assim, o cônsul também considerava interessante procurar professores daquele colégio para ministrar cursos junto ao *Istituto Italo-Brasiliano di Alta Cultura*. O cônsul ainda informava que o professor de Falco teria conseguido, por conta de

211 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Istituto di Alta Cultura Italo-Brasiliano”. Ver também: *Idem*. Carta do Consulado Italiano em São Paulo para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 28/03/1940. Para maiores detalhes sobre o Instituto Ítalo Brasileiro de Alta Cultura, consultar Bertonha (2001).

212 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35, p. “Celebrazione 28 ott. 1939. 4 nov 1939”. Carta do cônsul G. Castruccio à Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, com cópia para o *Ministero degli Affari Esteri* e para o *Ministero della Cultura Popolare*, de 23/04/1940.

213 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Istituto di Alta Cultura Italo-Brasiliano”. Carta do cônsul G. Castruccio para o *Ministero degli Affari Esteri*, de 13/03/1940, tradução nossa.

algumas aulas que ministrou na Universidade Livre de Santo Agostinho, um pedido para contratar um novo professor italiano para aquela instituição. O cônsul pensava na possibilidade de procurar um professor do *Dante Alighieri* para ocupar a vaga, caso fosse preciso, para não perdê-la²¹⁴.

Aliás, quando o *Istituto Italo-Brasiliano di Alta Cultura* foi fundado, outros membros da *Missão Italiana* foram convidados a visitá-lo e a participar de suas atividades. Em 2 de abril de 1940, o cônsul G. Castruccio enviou um ofício aos professores italianos (recebido por Occhialini), que informava sobre a criação do Instituto, sob presidência de Macedo Soares. O objetivo do documento era o de convidá-los a colaborar com aquela nova entidade, uma vez que seu grande objetivo seria a promoção da cultura italiana. Certo de que poderia contar com a colaboração dos professores, assim finalizava o cônsul:

O presente R. Ofício tem por objetivo contar com Vossa plena entusiástica colaboração com o Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, certo de que sabem que na Vossa qualidade de professores universitários italianos estão necessariamente ao primeiríssimo plano de qualquer iniciativa cultural das R. Autoridades italianas²¹⁵.

Apesar dos esforços da *Missão Italiana* em trabalhar em favor da propaganda cultural no Brasil, o governo italiano via com preocupação o fato da maioria deles ser das ciências exatas e, apesar de estarem desempenhando um trabalho acadêmico notável, não estariam conseguindo divulgar a cultura italiana de maneira efetiva. De uma maneira geral, a atuação desses professores no Brasil era assunto de interesse do governo italiano não só por razões de propaganda cultural, mas também econômica, uma vez que eles eram pagos em parte pelo Brasil e em parte pela Itália. Assim, o investimento econômico deveria ser convertido em propaganda, senão o negócio não valeria a pena; era preciso que eles desempenhassem o papel de embaixadores culturais, mais do que de professores de física ou matemática. Para agravar o problema, o governo italiano observava que as matérias humanísticas e filosóficas estavam nas mãos dos franceses, sendo Ungaretti uma das poucas exceções nas humanidades. Segundo o embaixador italiano no Rio de Janeiro, Giuseppe Valentini, era notável o quanto a cultura francesa se espalhava pelo mundo, ainda que pelas mãos de professores “mediócre”²¹⁶.

---

214 *Idem*.

215 AHIFUSP. Doc. 2.34, cx. 2, p. 5. Ofício de Giuseppe Castruccio, Cônsul Geral da Itália, recebido por Occhialini, sobre a criação do Instituto Ítalo Brasileiro de Alta Cultura, 02/04/1940, tradução nossa.

216 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 33, Brasile “Rio de

Em agosto de 1939, o cônsul G. Castruccio, de São Paulo, informou ao Ministério da Cultura Popular italiano que recebeu as seguintes obras, encomendadas por Ettore Onorato: *La Donna in Italia*; *Lo Stato Corporativo*; *O.N.D.*; *Autarchia*; *Fascismo, conquista proletária*; *Testimonianze straniere nella Guerra 1915-18*; *Maternità e Infanzia*; *LL. PP*; *O.N.D.*; *Assistenza*; *Bonifica Integrale*; *Bonifica Integrale*. Conforme podemos notar, olhando para os títulos, não se tratavam de compêndios científicos ou obras de geologia, mas material político, o que pode ter sido utilizado tanto para o consumo do próprio professor quanto para divulgação em espaços sociais brasileiros ou ítalo-brasileiros²¹⁷.

De uma maneira geral, a posição desses professores ante ao fascismo italiano é suscitada em uma série de trabalhos. Petitjean (1996) apresenta uma declaração de Paulus Aulus Pompéia, que afirma que Fantappiè, ao chegar à sala de aula, costumava fazer a saudação fascista, o que não era bem recebido pelos alunos, que debochavam do professor. Outra questão levantada por Pompéia é a de que Fantappiè teria organizado um grupo fascista dentro da FFCL, do qual Wataghin e Occhialini não teriam participado. Petitjean (1996) apresenta, ainda, versões sobre a conduta dos italianos que indicam que eles não tiveram qualquer envolvimento com o fascismo, conforme observamos no depoimento de Paulo Duarte, que dizia não haver fascistas entre eles, que os professores seriam, inclusive, “de esquerda, neutros” (PETITJEAN, 1996:264). No entanto, as memórias de Paulo Duarte devem ser analisadas com cuidado, pois, em diversos casos, não são comprovadas no confronto com documentos históricos²¹⁸; assim, essa afirmação de que não haveria fascistas ou que eles eram de esquerda deve ser interpretada como uma tentativa de afastar da memória da universidade a filiação política e ideológica dos primeiros docentes.

O francês Paul Arbousse-Bastide também disse não se recordar “de problemas com os italianos, somente um 'certo mal-estar quando eles festejaram a tomada de Adis-Abeba” (PETITJEAN, 1996:264) . De fato, em 1936, a invasão de Adis-Abeba (Etiópia) pelas tropas de Mussolini foi largamente comemorada pela comunidade de ítalo-brasileiros da cidade de São Paulo (TRENTO, 1986). Na ocasião, o jornal *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, realizou uma reportagem sobre a recepção da notícia no Brasil, na qual procurou algumas

Janeiro, 8.1, p. 10-Brasile, s.p. 7 “8.1 Rio de Janeiro”, 1. “1940 e prec.”, p. “Articoli giornali”, s.p. “Rio de Janeiro – professori stranieri nelle Università brasiliane”. Carta enviada da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro para o D.G. per i Servizi della Propaganda, de 24/01/1940.

217 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Ettore Onorato”. Carta do cônsul G. Castruccio ao *Ministero della Cultura Popolare*, de 21/08/1939 e carta do Ministro ao cônsul, de 01/05/1939.

218 Conforme observamos no trabalho de Silva (2013), no início desse capítulo.

personalidades da colônia para darem a opinião sobre o assunto. Assim, foram entrevistados os condes Matarazzo e Crespi, Tito Tuccimei, então diretor do *Fascio* de São Paulo, e o professor Luigi Fantappiè, que fez a seguinte declaração:

A espada da lei civilizadora descansa na terra calcinada da Africa. Os adubos da prosperidade irão substituí-la, como já foram derrubadas as adagas envenenadas da barbaria.

A victoria de hoje pelas legiões romanas, gloriosas como as ancestrais e milenárias, possui o esplendor de uma paisagem dantesca, maravilha da cultura ocidental²¹⁹.

A posição de Fantappiè não nos parece neutra ou de esquerda, mas de apoio ao Regime Fascista. Além disso, devemos pensar na atitude do jornal que, ao procurar algumas figuras da colônia italiana, elegeu o professor da FFCL. De acordo com Bourdieu (2007), os intelectuais podem converter os capitais simbólicos acumulados em seus campos de atuação específicos em outros campos sociais; quanto mais capitais acumulados e reconvertidos, mais autônomo se torna aquele intelectual e tanto mais capaz de defender os interesses de seu grupo de origem em outros espaços. Deste modo, o professor Fantappiè pode ser compreendido como um intelectual que ultrapassa os limites de seu campo de atuação profissional específico, o científico e acadêmico, e passa a defender interesses para além dessa esfera social. Nesse momento, ele, sujeito matemático e italiano, ocupava duas posições que foram importantes para colocá-lo na posição de intelectual a favor do Regime Fascista. Talvez aquele “mal estar” apontado por Arrousse-Bastide tenha sido gerado por Fantappiè (e por outros professores fascistas) que, de algum modo, pode ter comemorado, assim como fizeram os ítalo-brasileiros nas ruas, ou mesmo feito menções positivas àquele evento, assim como fez para o *Diário da Noite*.

No bojo dessas opiniões contraditórias sobre os italianos da FFCL serem ou não serem fascistas, em seu sentido ideológico e militante, podemos incluir a versão de André Weil, matemático francês que ocupou a cátedra de Análise Superior daquela instituição entre os anos de 1945 e 1947²²⁰ e conviveu com Fantappiè na Itália. Em sua obra autobiográfica, Weil comenta que o italiano teria sido o aluno favorito de Vito Volterra, mas afirma que os laços entre eles se romperam quando as leis antisemitas de Mussolini foram promulgadas e comemoradas por Fantappiè, em 1938. Por ser de origem judaica, Volterra teve que deixar a

219 *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 06, mai. 1936, p. 8.

220 Universidade de São Paulo, 1953a.

Itália, onde não teria mais espaço para atuar. Além disso, Weil ainda comenta que teve contato com Fantappiè, em 1925, e afirma que, desde esses tempos, ele usava um distintivo do partido fascista na lapela²²¹. De fato, em diversas fotos oficiais encontradas nos documentos produzidos pela FFCL, observamos o distintivo no paletó de Fantappiè. As figuras 2 e 3, a seguir, apresentam uma foto e o detalhe do distintivo do professor, publicadas na revista do Grêmio dos alunos da FFCL, que costumava apresentar fotografias e homenagens aos professores, entre os artigos publicados.

Figura 2 – Foto de Fantappiè em publicação dos alunos da FFCL. In: Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista Filosofia, Ciências e Letras*. Ano 1, nº2, São Paulo, 1936, s.p.

---

221 Weil, 1992, p. 48.

Figura 3 – Detalhe do distintivo de Fantappiè em publicação dos alunos da FFCL. In: Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista Filosofia, Ciências e Letras*. Ano 1, nº2, São Paulo, 1936, s.p.

O professor Onorato também chegou a usar o distintivo em seu paletó, conforme observamos nas figuras 4 e 5, a seguir.

Figura 4 – Foto de Onorato em publicação dos alunos da FFCL. In: Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista Filosofia, Ciências e Letras*. Ano 1, nº3, São Paulo, 1936b, s.p.

Figura 5 – Detalhe do distintivo de Onorato em publicação dos alunos da FFCL. In: Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Revista Filosofia, Ciências e Letras*. Ano 1, nº3, São Paulo, 1936b, s.p.

O distintivo do professor Onorato é bem semelhante ao de Fantappiè. Se as declarações de Weil estiverem corretas, é possível que ambos estivessem portando um símbolo em alusão ao Partido Nacional Fascista (PNF) da Itália. A figura 6, a seguir, faz parte do documento “La cultura fascista”, publicado pelo PNF em 1936, e se assemelha aos distintivos dos professores.

Figura 6 – Símbolo ligado ao “Partito Nazionale Fascista”. In: Partito Nazionale Fascista. Testi Per I Corsi Di Preparazione Politica. *La cultura fascista*. La Libreria dello Stato, anno XIV E. F., 1936, p.1.

De fato, o uso de distintivo era uma obrigatoriedade entre filiados ao PNF. Além do distintivo, era obrigatório que todos os anos fosse renovada a carteirinha e fossem pagas todas as taxas²²². Ao que parece, Fantappiè e Onorato continuaram com a prática mesmo quando estavam no Brasil. Segundo depoimento de Antonio Candido, Ungaretti e Galvani também chegaram a usar o distintivo do PNF na FFCL (WATAGHIN, 1992).

O PNF costumava publicar relatórios de filiados que poderiam ser úteis para o Regime, em algum momento. Em um desses relatórios, encontramos o nome do professor Giuseppe Ungaretti. Segundo o documento, ele serviu como soldado e cabo na Primeira Guerra, combatendo no Carso e na França, e foi condecorado com a Cruz ao Mérito de Guerra. Ele era filiado ao PNF, precisamente no *Fascio* de Roma, desde 30 de agosto de 1924. Segundo o relatório, além de ser um poeta renomado, chegou a proferir conferências sobre o fascismo nas principais cidades holandesas e belgas. Segundo a prefeitura de Roma, ele fez conferências de propaganda política e literária na França, Suíça, Holanda, Bélgica, Checoslováquia, Espanha, Brasil, Argentina e Uruguai²²³.

Giuseppe Occhialini, por sua vez, se filiou ao PNF aos quinze anos, “como ato de rebelião adolescente às ideias liberais do pai”, mas depois do assassinato do socialista Giacomo Matteotti²²⁴ por fascistas, em 1924, começou a se opor ao fascismo (GARIBOLDI, 2007:65, tradução nossa).

Para Hugo Suppo (2000), o fato das aulas da *Missão Francesa* serem ministradas em idioma francês também deve ser encarado como uma maneira de se realizar propaganda cultural. Se concordarmos com Suppo, podemos considerar que os italianos também utilizaram dessa ferramenta, uma vez que, em diversos relatos, encontramos menções às aulas e livros utilizados serem em língua italiana²²⁵ (LUCA, 1983; TÁBOAS, 2005). Galvani contou, em um livro publicado por ele em 1948, que teve um aluno japonês, que, no início, não conseguia compreender as aulas, por conta do idioma, o que teria impossibilitado que realizasse os exames no final do ano. Contudo, no ano seguinte, ele aparentava compreender

222 ACS/MinPubblicazioni. Dir. Gen. Personale e degli Affari Amm. (1910-1964), b. 195, p. 1093. Circular do *Ministero della Pubblica Istruzione* para todas as *Direzioni Generali All'Ispettorato Generale*, de 24/08/1935.

223 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. N.U.P.I.E., b. 11., p. “Roma”. Circular da prefeitura de Roma, de 02/6/1940.

224 Giacomo Matteotti foi deputado pelo Partido Socialista Unitário, eleito em 1919 e denunciou a violência do fascismo. Seu discurso mais polêmico foi proferido em 30 de maio de 1924, o qual provocou a ira dos fascistas tanto do parlamento quanto da imprensa. Por isso, em 10 de junho daquele ano, ele foi assassinado, a mando de Amerigo Dumini (DELZELL, 2013).

225 Galvani, 1948; Castrucci, 1992.

mais, pois participava das aulas de maneira oral, interagindo tanto em português quanto em italiano²²⁶.

Se olharmos as listas de livros comprados para a biblioteca central e da subseção de matemática, intermediados por Fantappiè, de fato, veremos somente autores italianos. Aliás, a maioria dos livros presentes na biblioteca da subseção de matemática no período inicial da FFCL foram mobilizados por Fantappiè. Em 1939, ela contava com aproximadamente 5.706 obras e estariam para chegar mais de 2.162 extratos de memórias e notas de matemáticos italianos, conhecidos de Fantappiè. Além disso, ele ainda conseguiu doações do governo italiano de “quasi todos os tratados mais importantes editados pela casa editora Nicola Zanichelli, de Bologna”²²⁷. Ele também importou livros de ensino secundário italiano das editoras Dante Alighietti, Mondadori, Vallecchi e Zanichelli. Outras obras científicas de matemática e física importadas pertenciam à editora CEDAM, à *Reale Accademia d'Italia*, *Reale Istituto Lombardo*, *Reale Osservatorio di Bologna*, *Reale Accademia delle Scienze dell'Istituto di Bologna*, *Società Italiana delle Scienze*, *Seminario Matematico da Universidade de Roma*, *Circolo Matematico di Palermo*, *Reale Accademia dei Lincei*, *Reale Istituto Veneto di Scienze e Lettere ed Arti*, *Reale Accademia delle Scienze di Torino*, *Reale Accademia delle Scienze Fisica e Matematica delle Società Reale di Napoli*, *Società Italiana di Fisica*, *Società Italiana per il Progresso delle Scienze*, *Società linguistica di Scienze e Lettere*, *Reale Osservatorio di Brera*, *Reale Osservatorio di Merate*, *Accademia Gioenia di Scienze Naturali em Catania*, *Seminario Matematico della R. Università di Padova*. Também foram enviadas obras independentemente das editoras. Além de matemática e física, também encontramos obras de ciências naturais, medicina, história, arte, literatura, e outros, sempre de autores italianos²²⁸.

Bertonha (2001) ressalta a presença de obras fascistas entre aquelas encomendadas por Fantappiè, as quais teriam contribuído para a difusão daquele ideário em solo brasileiro e, principalmente, dentro da universidade. De fato, encontramos, por exemplo, a informação de que foram recebidos 11 exemplares de *Scritti e Discorsi*, de Mussolini, e um exemplar de cada uma das seguintes obras: *Origini e Dottrina del Fascismo*, de Gentile; *Undici Anni di*

---

226 Galvani, 1948.

227 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939. Tradução nossa, grifos no original.

228 *Idem*.

Fascismo, de Romoli; *L'Arte e il Duce*, de Saporti; *Dux*, de Sarfatti; *Il Segreto di Mussolini*, de Scorza; *Storia del Fascismo*, de Pini e Bresadola; *Lo Stato e la Dottrina Corporativa*, de Bortolotto²²⁹. De fato, as obras ligadas ao fascismo contribuiriam para a penetração daquela ideologia na FFCL, mas as obras italianas, mesmo as científicas, no geral, também desempenhavam um papel de propaganda cultural.

Os professores Galvani, Onorato e Albanese tiveram um contato mais direto com entidades italianas em São Paulo. Entre junho de 1936 e dezembro de 1937, o professor Galvani foi sócio contribuinte da *Opera Nazionale Dopolavoro* (OND) (figura 7), enquanto Onorato, conforme nos indicam os documentos analisados, esteve formalmente associado à entidade somente em outubro de 1939 (figura 8). De acordo com Trento (1989), essa associação sempre teve como discurso a busca pela “socialização política das classes populares” (TRENTO, 1989:340). De uma maneira geral, a OND foi criada em São Paulo em 1931 e atuou como uma importante ponte entre o governo italiano e a comunidade de italianos de São Paulo, com a finalidade de divulgar a ideologia fascista através de atividades de recreação, esporte, cultura e assistencialismo à população, o que teria atraído muitos membros e facilitaria a penetração do fascismo na colônia. No ano de 1938, devido às leis nacionalistas do Estado Novo, a entidade mudou de nome, passando a se chamar *Organização Nacional Desportiva*, mantendo a antiga sigla (SANTOS, 2001).

---

229 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. “Livros oferecidos pelo governo italiano à biblioteca da subsecção de matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”. As obras *Scritti e Discorsi*; *Origini e Dottrina del Fascismo*; *Undici Anni di Fascismo* e *Dux* foram conservadas pela FFCL e atualmente podem ser consultadas na Biblioteca “Florestan Fernandes”, da FFLCH/USP.

TESSERA N.º 7727

ARQUIVO GERAL
Diretoria Aberto por:
S. Paulo 22/11/1944

O. N. D.
SAN PAULO

NOME **GALVANI Prof. LUIGI**

RESIDENZA **Hotel S. Bento**

PROFESSIONE **Professore Universitario** LAVORA

RISCUOTERE

NUOVO INDIRIZZO

ISCRITTO IL

E SOCIO DEL

OSSERVAZIONI

IDENTITÀ DEL SOCIO

PATERNITÀ **Asdrualdo** E DI

NATO A **Pesaro**

PROV. DI **Pesaro** IL **3 Aprile 1878**

STATO CIVILE

ATTIVITÀ SOCIALE

MENSALITÀ PAGATE

	1936	1937	1938	1939	1940	1941
GENNAIO						
FEBBRAIO						
MARZO						
APRILE						
MAGGIO						
GIUGNO						
LUGLIO						
AGOSTO						
SETTEMBRE						
OTTOBRE						
NOVEMBRE						
DICEMBRE						

Arquivo Geral
S. Paulo 10-8-44

ARQUIVO GERAL
Diretoria Aberto por:
S. Paulo 22/11/1944

Figura 7 – Cartão de identificação de Luigi Galvani junto à OND de São Paulo. AESP/DEOPS. Prontuário 23.241, Luigi Galvani.

IDENTITÀ DEL SOCIO		MENSALITÀ PAGATE						
			1937	1938	1939	1940	1941	1942
PATERNITÀ	E DI	GENNAIO						
NATO A		FEBBRAIO						
PROV. DI	IL	MARZO						
STATO CIVILE		APRILE						
		MAGGIO						
		GIUGNO						
		LUGLIO						
ATTIVITÀ SOCIALE		AGOSTO						
		SETTEMBRE						
		OTTOBRE						
		NOVEMBRE						
		DICEMBRE						

Arquiverio Geral
S. Paulo 6-7-44

Figura 8 – Cartão de identificação de Ettore Onorato junto à OND de São Paulo. AESP/DEOPS. Prontuário 19.618, Ettore Onorato.

Independente do tempo que estiveram ligados a essa entidade, o mais interessante é notar que os professores mantiveram um contato mais próximo da colônia ítalo-brasileira, sobretudo de uma associação com fins políticos. As atividades de integração promovidas pela OND podem ter atraído os professores tanto por conta da propaganda fascista quanto pela possibilidade de aproximá-los da cultura italiana como um todo, bem como de outros indivíduos italianos ou ítalo-brasileiros. Esses fatores podem ter contribuído para que eles se ambientassem na cidade de São Paulo, para que se sentissem mais próximos de seus lugares de origem. Apesar do evento da *Missão Italiana* ter se dado em um contexto bem diferente daquele da grande imigração italiana para o Brasil, na passagem do século XIX para o XX, pode ser que a condição de estarem em um momento de distanciamento de seus laços culturais nacionais os tenha aproximado não só dessas entidades, mas das demais atividades que outros braços da colônia promoviam. Pode ter havido uma atração pela propaganda

cultural italiana e, também, pela ideologia fascista, uma vez que, na colônia italiana daquele momento, a questão do “ser fascista” representava mais do que uma inclinação política, mas uma condição de “ser italiano”, de ter orgulho de sua nacionalidade, de fazer resgatar a *italianità* (ARAÚJO, 2003).

De todo modo, mesmo o professor Onorato tendo retornado à Itália em 1939 e Galvani em 1942, no ano de 1944, a polícia da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS) apreendeu material da OND de São Paulo, onde constavam os cartões de identificação dos professores. Essa apreensão lhes rendeu a abertura de prontuários junto à Secretaria da Segurança Pública. Apesar do material ter sido apreendido em 1944, a data que consta na ficha de Onorato é 17 de novembro de 1945, onde observamos apenas o seu nome e a sua residência no “Hotel São Bento Centro”²³⁰, exatamente as mesmas informações de seu cartão de identificação apreendido. Já o professor Galvani tem o prontuário aberto em agosto de 1944, mesmo mês da apreensão do material da OND e, além das informações que constam em seu cartão de identificação, como nome e endereço, foi acrescentada a sua profissão de “prof. universitário”²³¹.

O professor Albanese também conta com um prontuário em seu nome junto ao DEOPS. Diferentemente dos outros, ele é acusado de fascismo, conforme observamos na figura 9, a seguir.

---

230 AESP/DEOPS. Prontuário 19.618, Ettore Onorato.

231 AESP/DEOPS. Prontuário 23.241, Luigi Galvani.

ficha anterior datava de 9/2		SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA	
DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL			
Cutis	fama-revisão	Ficha n.º	Nome: ALBANESE GIACOMO
Cabelos		Data: 5-3-1945	Vulgo: V/ GIACOMO ALBANESE
Bigodes			Prontuário, Delegacia, n.º
Olhos			Prontuário geral n.º
Estatutura			Atividade: fascista .
Marcas			
Filiação -- Pai:		Mãe:	
Idade: anos. Nascido em de de 1 Sero:			
Nacionalidade:		Natural de	
Estado civil:		Profissão:	
Ordenado:		Local de trabalho:	
Residências:			
É sindicalizado?		Sindicato e locais que costuma frequentar:	

Figura 9 – Ficha de Giacomo Albanese junto ao DEOPS. DEOPS/AESP. Prontuário 27.804, vol. 2, Fascio de São Paulo.

A ficha de Albanese está associada ao *Fascio de São Paulo*, pois o material onde constava o seu nome foi apreendido junto com demais documentos dessa entidade. Se observarmos os dizeres localizados no canto superior esquerdo, veremos que havia uma outra ficha em nome de Albanese, já em 1942. Isso deve estar relacionado ao momento em que o DEOPS apreendeu o material da OND, em 22 de julho de 1942. Localizamos o nome de Albanese em uma das listas de membros da entidade, sob o título: “Elenco Iscritti che hanno Ritirato Tessera. Anno 1940 – XVIII° (F. Maschile e Femminile)”²³². Portanto, se as informações do prontuário estiverem corretas, Albanese também pertenceu à OND, porém, por algum motivo ainda desconhecido, em seu caso a polícia decidiu classificá-lo como fascista.

No ano de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Itália, assunto que trataremos no terceiro capítulo, uma vez que é após esse evento que a *Missão Italiana* se

²³² Giacomo Albanese e demais nomes que teriam retirado o cartão de identificação junto à OND. In: AESP/DEOPS. Prontuário 27.804, vol. 2, fl.15, Fascio de São Paulo.

desfaz. No entanto, cabe ressaltar que essas fichas produzidas em 1944 e 1945 buscavam criminalizar os professores tanto por serem fascistas quanto por serem italianos e, mais do que isso, por manifestarem sua *italianità* através da participação naquele tipo de associação. Desde 1938, já existiam leis específicas que proibiam que os sujeitos estrangeiros participassem de organizações que difundissem questões políticas de seus países. Mas foi em 1942, após o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Itália, que

a seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores estabeleceu medidas destinadas a manter a ordem e disciplina em todos os pontos do território nacional e, também, o controle e desarticulação de qualquer iniciativa que pudesse parecer perigosa à segurança do país e que derivasse das populações de origem germânica e itálica (CORSETTI, 1987:376).

Com isso, se iniciou no Brasil uma verdadeira perseguição àqueles que aparentemente representassem perigo à ordem nacional e uma das medidas adotadas foi o fechamento das associações pertencentes aos países do *Eixo*: Itália, Alemanha e Japão²³³. Foi o caso das OND do Estado de São Paulo, que foram todas fechadas em julho de 1942 (SANTOS, 2001) e aqueles indivíduos identificados pela polícia como sendo membros da entidade foram tão criminalizados quanto as próprias instituições, conforme observamos nos casos de Onorato, Galvani e Albanese.

1.9 A Missão Italiana e a visita de Guglielmo Marconi ao Brasil

Em 1935, o cientista Guglielmo Marconi²³⁴ veio ao Brasil, o que foi muito aclamado por uma parte significativa da colônia italiana²³⁵. Se, por um lado, podemos compreender sua visita enquanto uma das estratégias do governo italiano em divulgar sua cultura no Brasil (BERTONHA, 2001), por outro devemos levar em consideração que foi o governo brasileiro

233 Para um maior detalhamento das medidas adotadas pelo Estado Novo para controle da circulação dos estrangeiros pertencentes aos países do Eixo, ver Corsetti (1987:376-377).

234 Marconi foi um físico que entrou para a vida pública em 1914, após ser nomeado senador. Em 1927, foi nomeado presidente do Conselho Nacional de Pesquisas (Consiglio Nazionale delle Ricerche) (PAOLONI & SIMILI, 1996). Em 1932, Marconi publicou um opúsculo intitulado *Scienza e fascismo*, que foi originalmente publicado no periódico *Il Popolo d'Italia*, de 28 de outubro de 1932, e no *La Ricerca Scientifica*, de 09-10 de novembro de 1932, um periódico do Conselho Nacional de Pesquisas. Ali, Marconi fala sobre os diversos investimentos do Regime Fascista no campo da ciência e da cultura (MARCONI, 1932).

235 Marpicati, 1936.

que insistiu em sua vinda²³⁶. Naquele ano, estava para ser inaugurada a rádio *Tupy*²³⁷ e, portanto, a presença do “inventor” do rádio²³⁸ poderia trazer maior credibilidade ao evento. As negociações em torno da visita de Marconi foram intensas e, inicialmente, ele não poderia comparecer por conta de problemas com a data sugerida²³⁹. Sendo assim, os organizadores do evento trataram de antecipá-lo, para garantir sua presença²⁴⁰.

No Brasil, Marconi esteve no Rio de Janeiro e em São Paulo. Primeiro, visitou a Academia Brasileira de Letras, o que foi noticiado pelo *Diário de Notícias*, que publicou uma matéria de capa com a seguinte manchete: “O genio do 'Duce' é uma concessão que Deus fez à Itália”, com o seguinte subtítulo: “O fascismo, ao contrário do que se supõe em certos ambientes estrangeiros, encoraja a intelligencia e diffunde a cultura”, que seriam dizeres de Marconi, defendendo Mussolini e o Regime Fascista²⁴¹. Ainda no Rio de Janeiro, esteve presente na inauguração da rádio *Tupy*, razão principal de sua viagem, e na do *Fascio do Rio de Janeiro*, onde proferiu outro discurso, que terminaria da seguinte maneira: “Viva l'Italia! Viva il Re! Viva il Duce! Viva il Brasile!”²⁴².

Em São Paulo, Marconi visitou a Escola Politécnica e a Faculdade de Medicina da USP, acompanhado pelo Ministro das Relações Exteriores brasileiro, Macedo Soares, o prefeito Fábio Prado e sua esposa, Renata Crespi, uma “férvida fascista”, nos dizeres de um dos membros da comitiva do cientista²⁴³. Ele também foi homenageado pela colônia ítalo-paulista, em um evento que deveria ocorrer no estádio do *Palestra Italia*, mas, por conta de mau tempo, acabou ocorrendo no Teatro Municipal. Assim como teria feito no Rio de Janeiro, Marconi participou da inauguração do *Fascio di San Paolo*²⁴⁴, ocasião que contou com uma multidão de ouvintes (TRENTO, 1989).

Armando de Salles Oliveira chegou a oferecer um banquete a Marconi²⁴⁵, do qual

---

236 ASANL/Fondo Guglielmo Marconi, B. 31 – “Viaggio in Brasile” – Serie 2 “Attività istituzional”. “Viaggi”. b.31. Fasc. 8. Sott. 7. Carta do embaixador brasileiro na Itália a Marconi, de 09/03/1935, tradução nossa.

237 Marpicati, 1936.

238 Ainda que Marconi reivindicasse seu posto de inventor do rádio, ao mesmo tempo em que realizava suas experiências, outros cientistas trabalhavam com questões semelhantes (DALTRO, 2011).

239 ASANL/Fondo Guglielmo Marconi, b. 31 – “Viaggio in Brasile” – Serie 2 “Attività istituzional”. “Viaggi”. b.31. Fasc. 8. Sott. 7. Carta de Marconi ao embaixador brasileiro na Itália, de 12/03/1935.

240 ASANL/Fondo Guglielmo Marconi, b. 31 – “Viaggio in Brasile” – Serie 2 “Attività istituzional”. “Viaggi”. b.31. Fasc. 8. Sott. 7. Carta do embaixador brasileiro na Itália a Marconi, de 17/04/1935.

241 *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27, set. 1937, capa *apud* Marpicati (1936).

242 Marpicati, 1936, p. 22.

243 *Idem, ibidem*, p. 25.

244 *Idem, ibidem*.

245 ASANL/Fondo Guglielmo Marconi, b. 31 – “Viaggio in Brasile” – Serie 2 “Attività istituzional”. “Viaggi”. b.31. Fasc. 8. Sott. 7. *Diário de Antonio Bezzi Scali*.

participaram os professores da FFCL Onorato, Wataghin, Piccolo, Fantappiè e outros convidados, como Júlio de Mesquita Filho e os condes Crespi e Matarazzo²⁴⁶. Na ocasião, Marconi proferiu um discurso onde ressaltou o seu papel de inventor e, principalmente, de legítimo representante da Itália fascista e do Duce²⁴⁷. Antonio Bezzi Scali, funcionário do Conselho Nacional de Pesquisas, chegou a descrever o evento em um diário, porém não citou, em nenhum momento, a presença da *Missão Italiana*²⁴⁸.

Após a visita de Marconi ao Brasil, foi fundada a *Associazione Amici del Brasile*, da qual ele mesmo seria o primeiro presidente²⁴⁹. Ao mesmo tempo, foi criada a Associação Amigos da Itália, presidida por Aloysio de Castro²⁵⁰. A criação dessas duas entidades ilustra um pouco dos resultados do *encontro intercultural* entre Brasil e Itália proporcionado pela vinda de Marconi ao Brasil. Tendo em vista a insistência da parte brasileira para que ele participasse da inauguração da rádio *Tupy*, a ideia de um Brasil receptor passivo, mais uma vez, dá lugar à noção de que brasileiros e italianos trabalharam em favor da penetração da cultura italiana no Brasil, ainda que cada polo tivesse seus interesses específicos nas diversas situações.

Após a morte de Marconi, em 1937, ocorreram diversos eventos em sua homenagem²⁵¹. O que merece maior destaque é a conferência proferida por Gleb Wataghin, intitulada *A Commemoração de Marconi*. Na ocasião, Wataghin ressaltou o posto ocupado por

246 O Estado de S. Paulo, 1, out. 1935.

247 *Idem*.

248 ASANL/Fondo Guglielmo Marconi, b. 31 – “Viaggio in Brasile” – Serie 2 “Attività istituzional”. Viaggi. b.31. Fasc. 8. Sott. 7. Diário de Antonio Bezzi Scali.

249 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.31. - I.9. “Brasile” “1936”. p. 10 “Brasile”, s.p. 4 “1936” p. “Amici del Brasile”. Segundo Bertonha (2000:97), “Em 1938, a associação passou a ser subordinada justamente ao órgão sucessor do *Istituto Colombo*, ou seja, o *Centro di Studi Americani* de Roma e há sinais de que sua atividade, que nunca foi tão ampla quanto gostariam seus fundadores, estava quase que interrompida por volta de 1941”.

250 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 20, p. “Propaganda Culturale”, fasc. 5 “Associazione Amici del Brasile”. Telegrama de Macedo Soares à Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 07/05/1936. Ver também Bertonha (2000).

251 Em 26 de julho de 1937, foi realizada uma missa na Catedral de Porto Alegre para celebrar a memória de Guglielmo Marconi. Estiveram presentes o *Fascio* e a comunidade ítalo-brasileira gaúcha, o governador do estado, o Comando da 3ª Região Militar, o Comando da Brigada Militar, o prefeito, o reitor da Universidade de Porto Alegre, jornalistas que noticiaram o evento na imprensa e na rádio, além de outras personalidades (Ver: ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.31. p. “Manifestazioni Varie in Brasile”, 1.5. Documento enviado pelo Consulado Italiano de Porto Alegre para o *R. Ministero degli Affari Esteri*, de Roma, com cópia para a *R. Ambasciata d'Italia* no Rio de Janeiro e do *R. Ministero della Cultura Popolare* em Roma, de 31/07/1937). Outro evento em comemoração foi o Grande Concurso *Guglielmo Marconi*, promovido entre diversas escolas brasileiras (tanto aquelas ligadas à colônia italiana quanto escolas alemãs, americanas, hebraicas e, também, nacionais), privadas e públicas, onde o objetivo era escrever a biografia do cientista (Ver: ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. “Onoreficenze e onoranze”, fasc. “Miscelanea”. Telegrama do Consulado Italiano em Porto Alegre para o MAE, de 14/08/1937).

Marconi, de inventor da radiotelegrafia, a despeito das disputas que existiam em torno dessa questão. Além disso, procurou chamar a atenção para a genialidade e, sobretudo, a origem italiana do cientista²⁵². O fato de relacionar a nacionalidade aos feitos científicos colocaria a Itália, de certo modo, em posição de destaque no campo científico, o que pode ter sido reconvertido em fomento à *italianità* dos ítalo-brasileiros, ou seja, pode ter servido para despertar nesses sujeitos o orgulho de pertencer à mesma nacionalidade daquele “gênio”.

1.10 O outro lado da propaganda cultural italiana: intercâmbios de estudantes, professores e conhecimento

Uma das maneiras do Brasil se beneficiar com as políticas de propaganda italiana no exterior foram os intercâmbios culturais universitários. Nesse sentido, as faculdades de Direito, Medicina e a Escola Politécnica, todas da USP, conseguiram tirar proveito da situação. O primeiro a ocorrer foi o dos alunos da Medicina, no início de 1937. A comitiva de 15 estudantes, liderada pelo professor Benedito Montenegro, esteve na Itália entre 6 de junho e 17 de julho e ocorreu à pedido de Guglielmo Marconi, então presidente da *Associazione Amici del Brasile*. Os alunos foram recepcionados pela *Giuventù Universitaria Fascista* (GUF)²⁵³ e as passagens de ida e volta foram pagas pelo Ministério da Cultura Popular italiano²⁵⁴. Na ocasião, os estudantes visitaram clínicas e universidades²⁵⁵. Segundo o Anuário da Reitoria da USP de 1936-1937, essa viagem dos estudantes de Medicina fez parte de um conjunto de viagens de intercâmbio que partiram para a Europa, naquela época. Segundo relato enviado para a reitoria, a viagem teria um caráter científico, mas Montenegro fez questão de prestar uma homenagem à memória do professor italiano Alfonso Bovero, que havia ensinado na Faculdade de Medicina. Na ocasião da viagem, Montenegro ainda teria

252 O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15, out. 1937, p. 8.

253 A Secretaria dos GUF contava com um setor específico que cuidava de viagens de grupos universitários estrangeiros à Itália (ver: ACS/Partito Nazionale Fascista. Dir. Nazionale. Segreteria GUF, b. 6, p. 51, “Studenti brasiliani giugno/luglio 937”. Circular de Mezzasoma a Arturo Marpicati, Secretário Geral da *Associazione Amici del Brasile*, de 19/07/1937).

254 ACS/Partito Nazionale Fascista. Dir. Nazionale. Segreteria GUF, b. 6, p. 51, “Studenti brasiliani giugno/luglio 937”. Circular enviada pela *Associazione Amici del Brasile* para Achille Starace, *Ministro Segretario di Stato, Segretario del PNF*, de 31/03/1937.

255 ACS/Partito Nazionale Fascista. Dir. Nazionale. Segreteria GUF, b. 6, p. 51, “Studenti brasiliani giugno/luglio 937”. Circular de Fernando Mezzasoma, V. *Segretario dei GUF*, a Enzo Taddei, Segretario do GUF de Firenze, de 17/06/1937. Ver também ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasil), b. 14, p. “Propaganda Culturale”, p. “Miscelanea”, “Associazione Amici del Brasile”. Diversos documentos. Telegrama do Consulado Italiano de São Paulo para o MAE, de 22/05/1937 e Bertonha (2001).

proferido algumas conferências e realizado algumas intervenções cirúrgicas²⁵⁶.

A Faculdade de Direito também procurou o governo italiano para a realização de um intercâmbio cultural (BERTONHA, 2001). O responsável por contatar o consulado italiano em São Paulo foi o professor Spencer Vampré, que diria que um grupo de quinze estudantes daquela faculdade pretendia, sob sua responsabilidade, “fazer uma viagem de estudos e intercâmbio cultural na Itália, no próximo dez de janeiro”²⁵⁷. Segundo o professor, o objetivo da viagem era o de fazer os estudantes tomarem “conhecimento dos principais problemas jurídicos e judiciais, e das soluções que lhes está dando a Itália Fascista”. Segundo Vampré, tanto ele quanto alguns estudantes pretendiam fazer “conferências e conversações públicas a respeito de relações italo-brasileiras no Brasil, e sobre os progressos culturais, principalmente no ramo das ciências político-sociais”²⁵⁸.

Com relação às condições impostas, o professor afirmou que o grupo contava com a quantia de R\$: 22:500\$000, em moeda brasileira, mas pedia que o governo italiano fornecesse a viagem de navio, de ida e volta, a partir do porto de Santos, até o porto italiano mais conveniente, e também arcasse com a hospedagem e transporte dentro da Itália. Segundo Vampré,

seria de grande vantagem para o intercâmbio, que essa hospedagem fosse feita com a colaboração de estudantes de direito e professores italianos, que, em cada cidade visitada, se prontificassem a receber cada um dos viajantes brasileiros, por poucos dias, sob promessa de obterem no Brasil igual hospedagem quando aqui vierem futuramente, também em viagem de intercâmbio²⁵⁹.

A ideia de Vampré era a de que estudantes brasileiros e italianos trocassem experiências sobre seus respectivos países. Uma das estratégias seria a apresentação de filmes e fotografias. Além disso, propunha que, ao retornarem ao Brasil, também realizariam conferências, onde fariam relatos da experiência. Para Vampré, o evento representaria o “princípio de um intercâmbio cultural permanente e cada vez mais eficiente para maior amizade e comunhão de interesses entre o Brasil e a Itália”²⁶⁰.

---

256 Universidade de São Paulo, 1938b, p. 35.

257 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Carta de Spencer Vampré ao Cônsul G. Castruccio, de 04/09/1937.

258 *Idem*.

259 *Idem*.

260 *Idem*.

Vampré conquistou o apoio do cônsul italiano, que recomendou que seu governo arcasse com parte das despesas da viagem. O principal argumento seriam os resultados obtidos a partir do intercâmbio dos alunos da Medicina, no início daquele ano. A participação de Vampré na Sociedade Amigos da Itália também foi lembrada pelo cônsul, entre suas recomendações²⁶¹.

No dia 21 de dezembro de 1937, o cônsul Castruccio enviou um telegrama reservado para a Embaixada Italiana no Rio, onde ele dizia que

Entre os meios de propaganda mais eficazes e mais duráveis, se deve considerar aquele do envio de caravanas estudantescas brasileiras na Itália. A primeira tentativa foi no ano passado com uma caravana de 12 estudantes brasileiros, quase todos de origem italiana, provenientes da Faculdade de Medicina, e dirigidos pelo Claríssimo professor Benedicto Montenegro²⁶².

Com relação à viagem dos alunos da Faculdade de Direito, o cônsul acreditava que os frutos poderiam ser ainda melhores; em sua opinião, existia “a necessidade de introduzir professores italianos na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e desenvolver a noção da legislação Fascista no Brasil”²⁶³. Segundo o cônsul, entre os 15 estudantes de direito, a maior parte seria de origem italiana e filiados à Sociedade Acadêmicos Amigos da Itália de São Paulo. Os estudantes gostariam de visitar lugares relacionados com a cultura do direito, além de assistir algumas aulas nas universidades mais importantes, visitar as principais cidades e realizar um intercâmbio cultural com os estudantes italianos. O cônsul ainda informou que os alunos estariam sob a responsabilidade do professor Spencer Vampré, um sujeito influente, “com o qual se poderia em um segundo momento conversar para se obter algum professor italiano na Faculdade de Direito”. Seria, portanto, “uma proposta de escopo cultural e propagandístico”, o que seria suficiente o bastante para cobrir as despesas da comitiva²⁶⁴.

261 Entre os resultados positivos do intercâmbio dos alunos da Medicina, o cônsul destaca a publicação de artigos, conferências e, principalmente, a divulgação da Itália Fascista no âmbito científico. Ver: ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Carta do Consulado italiano em São Paulo para a Embaixada no Rio de Janeiro, de 8/09/1938.

262 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Telegrama reservado do cônsul G. Castruccio a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 21/12/1937, tradução nossa.

263 *Idem*.

264 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Telegrama reservado do cônsul G. Castruccio a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 21/12/1937, tradução nossa. Ver também: ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 20, p. “Propaganda Culturale”, fasc. 20 “Viaggio studenti, di legge di San Paolo in Italia”.

Em um outro telegrama enviado pelo cônsul ao embaixador, ele dizia que seria interessante arcar com os custos da viagem, uma vez que “dos estudantes de direito se formam elementos próximos do governo”²⁶⁵. Assim, o peso de se aproximar da faculdade era grande, pois eles sabiam que esses indivíduos pertenciam a uma elite dirigente brasileira. Além disso, a partir desse intercâmbio o governo italiano esperava conseguir com que professores italianos fossem contratados para o Largo São Francisco. Em termos de aproximação com uma elite influente no governo do Brasil, a aproximação com o Direito poderia ser mais interessante do que com a FFCL, onde o alunado não era formado propriamente por membros de uma elite dirigente (LIMONGI, 1989). Para o embaixador italiano no Brasil, Lojacono, aquele grupo de alunos representava os “homens de amanhã”. Além disso, ele considerava importante que junto dos alunos viajassem alguns jornalistas, para que difundissem na opinião pública suas observações sobre a Itália Fascista²⁶⁶. É notável esse tipo de iniciativa do governo italiano, em exercer uma espécie de controle acerca da imagem que seria construída no exterior, tanto sobre a viagem dos alunos quanto das atividades desenvolvidas pelos italianos no Direito e, também, em outras áreas. Ora, não era à toa que a Itália enviava um grande volume de fotografias e notícias para o Brasil (BERTONHA, 2001): era um esforço para se criar, em solo estrangeiro, a imagem de uma Itália em ascensão econômica, cultural e social, que seria associada aos feitos do Regime Fascista. Para os ítalo-brasileiros, isso poderia funcionar como parte da construção de suas *identidades*, ainda que distante da própria Itália, na diáspora (HALL, 2003).

De todo modo, a penetração da cultura e ciência italianas na USP era algo importante para o governo fascista, pois acreditavam que a presença de professores italianos em universidades brasileiras garantiria que se formasse “ao menos em parte a ossada da classe superior brasileira”²⁶⁷.

Em 14 de janeiro de 1938, o cônsul Castruccio informou a Embaixada italiana no Rio de Janeiro que o professor Vampré não poderia mais viajar por motivos de saúde e, por isso, ele designou o professor Jorge Americano para ir em seu lugar. Vampré informou que

---

Telegrama do *MinCulPopolare* para Italdi, no Rio de Janeiro, de 13/10/1937.

265 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.20, p. “Propaganda Culturale”, fasc. 20 “Viaggio studenti, di legge di San Paolo in Italia”. Telegrama do Embaixador Lojacono ao *MinCulPopolare*, de 23/10/1937, tradução nossa.

266 *Idem*.

267 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.24, p. “Propaganda Culturale”, fasc. 1 “Propaganda Culturale Miscelanea”. Telegrama da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro sobre “Propaganda”, ao *MinCulPopolare*, com cópia para o MAE, de 03/01/1940, tradução nossa.

Americano era professor da Faculdade de Direito e “irmão do On. Alberto Americano, que em abril de 1936 fez uma belíssima comemoração do Natal de Roma”²⁶⁸. Segundo o cônsul, era realmente melhor que Jorge Americano fosse no lugar de Vampré, pois ele era jovem, enérgico e influente. Além disso, o cônsul informou que Americano proferiu uma série de conferências, onde procurava ressaltar que o direito brasileiro era uma consequência do direito romano e, também, costumava falar sobre a influência da cultura italiana na cultura brasileira.

A Direção Geral dos Serviços da Propaganda italiana avisou as seguintes entidades, sobre a visita dos estudantes: Ministério da Educação Nacional e da Graça e Justiça e a Secretaria Geral do GUF, que se encarregou de informar os GUF locais e os reitores das Universidades²⁶⁹.

A divisão de propaganda do Ministério da Cultura Popular italiano enviou uma circular para diversas instituições, avisando sobre a viagem dos estudantes. Em 9 de fevereiro de 1938, o Ministério da Educação Nacional informou que os estudantes iriam visitar as Universidades de Nápoles, Roma, Firenze, Bolonha, Pádua, Milão e Turim, além do Instituto Superior de Economia e Comércio de Veneza. O Ministério ainda iria tentar conseguir que os estudantes entrassem gratuitamente em museus e galerias de arte²⁷⁰. Os reitores das Universidades de Pádua, Milão, Bolonha, Firenze, Turim, Roma e Gênova autorizaram a visita²⁷¹. O cônsul italiano em São Paulo conseguiu uma visita dos estudantes à *Mostra Augustea della Romanità*, sob visita guiada do professor Roberto Vighi, que chegou a proferir conferências na FFCL (ver apêndice B)²⁷². O professor Jorge Americano ainda ficaria

268 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Telegrama enviado pelo Cônsul G. Castruccio para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 14/01/1938, tradução nossa.

269 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Telegrama enviado pela da *Direzione Gen. per i Servizi della Propaganda* para o *MinCulPopolare*, de 08/02/1938.

270 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Circular enviada pela Divisão de Propaganda do *MinCulPopolare* para o “Ministero dell'Educazione Nazionale”, em 09/02/1938.

271 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. *R. Università degli Studi di Padova* (autorização dada pelo reitor em 12/2/38); *R. Università degli Studi di Milano* (autorização dada pelo reitor em 18/2/38); *R. Università degli Studi di Bologna* (autorização dada pelo reitor em 17/2/1938); *R. Università degli Studi di Firenze* (autorização dada pelo reitor em 9/2/1938); *R. Università degli Studi di Torino* (autorização dada pelo reitor em 9/2/1938); *Regia Università degli Studi di Roma* (autorização dada pelo reitor em 17/2/1938); *R. Università degli Studi di Genova* (autorização dada pelo reitor em 15/2/1938), tradução nossa.

272 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Ver carta da Divisão de Propaganda enviada para a *Mostra Augusta della Romanità*, de 14/03/1938.

encarregado de proferir algumas conferências sobre o desenvolvimento do direito brasileiro, como uma derivação do direito romano²⁷³.

O cônsul enviou diversos telegramas para o MAE, onde colocava que a viagem deveria acontecer, pois existia um interesse no caráter propagandístico do evento. Em diversos telegramas, o cônsul reafirmava os resultados positivos obtidos com a viagem dos alunos da medicina²⁷⁴.

Em 7 de fevereiro daquele ano, o reitor da USP, Reynaldo Porchat, enviou uma carta ao cônsul, agradecendo pelo “convite” do governo italiano em custear a viagem de intercâmbio dos alunos de direito²⁷⁵. No mesmo dia, o cônsul Castruccio encaminhou a carta de Porchat para Geisser Celesia, diretor geral dos Serviços da Propaganda do Ministério da Cultura Popular e informou que a chegada dos estudantes estava prevista para o dia 22 de fevereiro, através do navio *Neptunia*. Ele enviou, também, alguns recortes de jornal onde constavam notícias referentes ao intercâmbio cultural²⁷⁶.

A lista oficial de estudantes que participaram da comitiva foi divulgada pelo cônsul Castruccio em 03 de fevereiro de 1938, endereçada ao Ministério da Cultura Popular²⁷⁷. Os nomes são os seguintes: Luiz Domingues de Castro; João Baptista Pereira de Almeida Filho; Ethayba Gilson Parahyba; Mario Engler Pinto; Antonio Affonso Rocco; Carlos Quintella Filho; Helio Tupynambá Fonseca; Ulysses Silveira Guimarães; Francisco de Paula Machado Netto; José Alipio Furquim Fonseca; Tullio Canale; Humberto Savoia; Ugo Caccuri; Fabio Guimaraes; Helio Reis²⁷⁸.

Esses estudantes também deveriam ser recebidos por parte da *Missão Italiana*, que

273 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Circular enviada às instituições pelo *Ministero della Cultura Popolare*, em 08/02/1938.

274 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Telegrama reservado do cônsul G. Castruccio a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 21/12/1937.

275 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Carta de Porchat ao Cônsul G. Castruccio, de 07/02/1938.

276 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Carta de G. Castruccio para Geisser Celesia, de 07/02/1938, tradução nossa.

277 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Carta Cônsul G. Castruccio para o *Ministero della Cultura Popolare*, em Roma, de 03/02/1938.

278 Em seu estudo, Bertonha (2001) ressalta a presença de um jovem que, mais tarde, se tornaria um influente político brasileiro: Ulysses Guimarães. No entanto, o autor acredita não poder afirmar que ele efetivamente viajou com a comitiva brasileira.

se encontrava de férias no país. No entanto, a maior preocupação do governo italiano era que eles entrassem em contato com os GUF²⁷⁹, o que, de fato, foi atendido pela entidade²⁸⁰.

Os jornais *Diário de São Paulo*²⁸¹ e *Folha da Manhã*²⁸² publicaram notícias referentes à partida dos estudantes para a Itália. A matéria da *Folha* é notável, pois ela trazia o título “Parte hoje para a Italia a 'embaixada universitaria brasileira”, com um tom de missão cultural atribuído aos jovens brasileiros, em um movimento contrário do que vinha sendo feito pela Itália no Brasil, até aquele momento. Na mesma página da notícia, o *Diário de São Paulo* publicou uma foto de Bruno Mussolini, filho do Duce, tomando “banho de Sol” em Copacabana.

Entre os locais visitados pelos estudantes, destacamos a passagem pela Sede dos Estudantes Estrangeiros da Secretaria dos GUF; a conferência de Jorge Americano na Sede do Centro Italiano de Estudos Americanos, onde ele falou, de maneira sintética, sobre a história do Brasil e a influência dos italianos; a visita à Mostra da Revolução Fascista; e a visita ao Sindicato Fascista dos Advogados e Procuradores²⁸³.

Assim, é plausível classificar esse intercâmbio como uma maneira de estreitar relações culturais entre os dois países. Da parte italiana, a julgar pelos locais acima descritos por onde passaram os estudantes brasileiros, havia a iniciativa de fazer propaganda da Itália fascista na área universitária e, principalmente, no Direito. Além disso, ainda havia o interesse de estreitar os laços com aquela Faculdade, que ainda não contava com docentes italianos. Da parte brasileira, aproveitando essa política externa, havia a questão de *i)* se aproximar de um local onde os professores simpatizavam, por conta do Direito Romano e *ii)* trabalhar como uma fonte capital cultural²⁸⁴, por ser uma viagem de intercâmbio a diversas instituições europeias, o que poderia ser convertido em capital simbólico quando retornassem ao Brasil.

279 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Telegrama enviado pela Embaixada do Rio de Janeiro para o Ministero della Cultura Popolare, em 17/02/1938. Ver também: ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Circular para o *Ministero dell'Educazione Nazionale*, de 09/02/1938.

280 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Telegrama, de Tosti/ Capelli, para o prefeito de Torino, de 02/03/1938.

281 *Diário de São Paulo*, 8, fev. 1938, capa.

282 *Folha da Manhã*, São Paulo, 6, fev. 1938, p. 7

283 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Carta Cônsul G. Castruccio para o *Ministero della Cultura Popolare*, em Roma, de 03/02/1938.

284 O capital cultural é algo formado pelos conhecimentos adquiridos na escola, na família, na rede de amigos, em livros e, entre outros, através de contato com instituições e outros sujeitos sociais (BOURDIEU, 2011).

Por fim, o professor Jorge Americano cumpriu com a sua parte do acordo, de ministrar conferências sobre a Itália em seu retorno ao Brasil. No dia 13 de dezembro de 1938, o jornal *Fanfulla* noticiou uma conferência proferida por ele no *Circolo Italiano*, onde contou sobre as experiências vividas na viagem de intercâmbio que participou ao lado de seus alunos²⁸⁵.

O governo italiano tinha muito interesse em enviar professores para a Faculdade de Direito. Após o envio da *Missão Italiana* para a FFCL e de promover esse intercâmbio cultural, suas possibilidades parecem ter aumentado. Em 1940, uma iniciativa teria partido do governo brasileiro, que pediu à Itália que enviasse três professores, para que ocupassem as seguintes cadeiras: Criminologia, Direito Romano e Filosofia do Direito²⁸⁶. Assim, foram indicados os seguintes nomes: Giuseppe Bettiol (Universidade de Trieste), para a de Criminologia; Emilio Betti (Universidade de Milão) e Silvio Romano (Universidade de Turim), para a cadeira de Direito Romano; Eugenio Di Carlo (Universidade de Palermo) e Giacomo Perticono (Universidade de Pisa), para a de Filosofia do Direito²⁸⁷.

Em 12 de abril de 1940, temos notícia de que o advogado Antonio Cuocco proferiu uma conferência na Sala João Mendes da Faculdade de Direito, que contou com a presença de diversas personalidades, como professores, entre eles Spencer Vampré, e mais de 200 alunos, além de representantes do jornal *OESP* e Macedo Soares (ex-Ministro das Relações Exteriores brasileiro). Cuocco falou sobre o direito corporativo nos tempos romanos em uma aula inaugural do curso de Direito Romano²⁸⁸.

Em junho de 1940, o professor Soares de Faria, da Faculdade de Direito da USP, escreveu para o professor Alessandro Levi, que se ofereceu para ensinar naquela instituição. As condições da faculdade seriam: um salário de 2:300\$000 por mês (equivalente a 2.300 libras); contrato de três anos; três lições por semana; dois meses de férias²⁸⁹. Assim,

285 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, 1.15, p. “Viaggio in Italia di Studenti in legge (Spencer Vampré)”. Recorte do jornal *Fanfulla*, de 13/12/1938.

286 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”. Telegrama de Ugo Sola para o *Ministero della Cultura Popolare*, de 11/02/1940.

287 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 24, p. “Propaganda Culturale”, fasc. 1 “Propaganda Culturale Miscelanea”. Telegrama do *Ministero dell'Educazione Nazionale* para o DIE/Trans./MAE, de 18/03/1940.

288 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Istituto di Alta Cultura Italo-Brasileiro”. Carta do cônsul G. Castruccio para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 12/04/1940.

289 ASANL/Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1939, T – 1941. Material received after 1941. Box 20. Carta de S. Soares de Faria para Levi-Civita, de 04/06/1940.

observamos que tanto o Brasil quanto a Itália demonstravam interesse em enviar e receber professores para o Direito.

Dentro desse movimento de intercâmbios culturais, 12 estudantes da Escola Politécnica também passaram pela Itália. A viagem ocorreu em 6 de julho de 1937 e a comitiva foi liderada pelo estudante Giuseppe Negrini. O Ministério da Imprensa e Propaganda pediu ao GUF de Nápoles que recepcionasse e conduzisse o grupo aos principais estabelecimentos industriais locais. As despesas seriam custeadas pelos próprios estudantes, que depois da Itália seguiriam para a França²⁹⁰, onde participariam da Exposição Internacional de Paris²⁹¹. O secretário do *GUF Mussolini*, Mario Corona, acatou o pedido do Ministério e se dispôs a receber o grupo em Nápoles. Segundo Corona, “ficará sob nossa responsabilidade receber os estudantes mencionados com uma representação de fascistas universitários e contentá-los em seus desejos”²⁹². Participaram da viagem os seguintes estudantes: José Negrini²⁹³, Agenor Guerra, Correa Filho, Francisco Machado de Campos, Luiz Alberto Munhoz, Mauro Aguiar, Paulo Cintra Leite, Augusto Barreto Prado, Reynaldo Fanganiello, Caio Queiroz, Renato Siqueira, Wander Corradini e Udo Riedel²⁹⁴.

Essa viagem dos estudantes da Escola Politécnica é bem diferente daquela dos estudantes da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito da USP. No caso dos estudantes de direito, as correspondências apresentam sempre as vantagens de caráter de propaganda cultural da viagem, do mesmo modo como sucedeu com os estudantes de medicina. Isso não é observado explicitamente no caso dos estudantes de engenharia. Por outro lado, observamos que todos os grupos foram recebidos pelos GUF, inclusive o da Politécnica, o que não deixa de representar um intercâmbio cultural entre os estudantes, em um contato entre brasileiros e jovens militantes do fascismo.

Consideramos importante apresentar esses contatos estabelecidos por outras faculdades da USP para refletirmos que a *Missão Italiana* era parte de todo um conjunto de

290 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, p. “Viaggio in Italia studenti ingegneri brasiliani. Sig. Negrini Giuseppe”. Carta do Ministero della Stampa e Propaganda para o GUF de Napoli, de 26/06/1937.

291 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. “Propaganda Culturale”, fasc. “Miscelanea”. Telegrama do Consulado Italiano de São Paulo para o MAE, de 22/06/1937.

292 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 32, p. “Viaggio in Italia studenti ingegneri brasiliani. Sig. Negrini Giuseppe”. Carta de Mario Corona em resposta ao *Ministero per la Cultura Popolare*, de 28/06/1937, tradução nossa.

293 O governo italiano se referia a ele como Giuseppe.

294 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.32, p. “Viaggio in Italia studenti ingegneri brasiliani. Sig. Negrini Giuseppe”. Telegrama do cônsul G. Castruccio ao *Ministero per la Stampa e Propaganda*, de 22/06/1937.

esforços do governo italiano para uma aproximação com a universidade brasileira, que também estava interessada em tal relação. Assim, o Brasil também desenvolveu estratégias para entrar em contato com a cultura italiana. Além disso, devemos ressaltar que os contatos com a Faculdade de Direito se deram antes mesmo da viagem dos estudantes. Em 1936, a biblioteca dessa faculdade pediu ao consulado italiano o fornecimento de uma assinatura gratuita e permanente de *Il Giornale d'Italia*. Uma das justificativas do pedido era a de que, de acordo com o bibliotecário, diversos consulentes pediam por jornais italianos. O pedido foi atendido em 26 de janeiro de 1937²⁹⁵. Em novembro de 1938, em uma outra relação com aquela faculdade, o professor José de Mello, da cadeira de Direito Penal, enquanto estava de passagem por Roma, foi convidado a proferir uma conferência junto à seção genovesa do *Istituto Nazionale Fascista di Cultura*, para falar sobre *Literatura Contemporânea do Brasil* ou *Usos e Costumes do Brasil*²⁹⁶.

Do mesmo modo, o Instituto de Educação da USP procurou o governo italiano, a fim de pedir material para compor o seu futuro Laboratório de Estatística. O Instituto gostaria de receber, se possível regularmente, publicações ligadas à estatística, mas não somente aquelas do Ministério da Educação Nacional, como também um material mais amplo, publicado pelo Instituto Central de Estatística²⁹⁷. Ao que tudo indica, o Instituto conseguiu ser cadastrado entre os recebedores regulares do *Compendio Scolastico Italiano*²⁹⁸.

Luigi Fantappiè e Gleb Wataghin também enviaram seus alunos à Itália. Em 1938, o matemático procurou o governo italiano para que concedesse duas bolsas, uma para cada um de seus assistentes, Omar Catunda e Cândido Lima da Silva Dias. No entanto, por problemas pessoais, Dias não pôde viajar e, com isso, somente Catunda realizou o intercâmbio de quatro meses em Roma. A viagem de Catunda foi frutífera, pois ele chegou a apresentar uma memória junto à *Reale Accademia Nazionale dei Lincei* e iniciou a preparação de uma nova nota, que foi publicada posteriormente. Além disso, Catunda ainda apresentou três

295 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.31. p. “Invio materiale Vario di propaganda nel Brasile”, s.p. 1.

296 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 20, p. “Propaganda Culturale”, fasc. 1 “Miscelanea”. Telegrama do MAE para o *Istituto Nazionale Fascista di Cultura* com cópia para o *Istituto Nazionale per le Relazioni Culturali con l'Esterio* e *Direzione Generali Affari Transoceanici-Sede*, de 17/11/1938.

297 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.31., I.9 “Brasile” “1937” “parte I”, p. “Invio Pubblicazioni in Brasile”. (1.3). Carta do Consul Geral da Itália em São Paulo G. Castruccio, para o *Ministero per la Stampa e per la Propaganda* de Roma, de 09/04/1937.

298 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.31., I.9 “Brasile” “1937” “parte I”, p. “Invio Pubblicazioni in Brasile”. (1.3). Resposta do Presidente do *Istituto Centrale di Statistica del Regno d'Italia* para o *Ministero per la Stampa e la Propaganda – Direzione Generale per i Servizi della Propaganda*, de Roma, 15/05/1937.

conferências junto ao Seminário Matemático da Universidade de Roma. Alguns anos depois, Fantappiè tentaria conseguir mais bolsas, desta vez junto ao governo brasileiro, o que não se concretizou²⁹⁹. Wataghin, por sua vez, estabeleceu uma rede de intercâmbio para que seus alunos viajassem para diversos países, como Inglaterra, para onde foi Marcelo Damy e Sonja Ashauer, e Estados Unidos. Para a Itália enviou Mário Schenberg, para trabalhar com Enrico Fermi na Universidade de Roma, em 1938. Conforme veremos adiante, esse é o ano em que a Itália promulga suas leis antissemitas, o que fez com que Fermi deixasse o país e permanecesse nos Estados Unidos, onde foi receber seu prêmio Nobel. Em um depoimento, Schenberg lembra esse fato e afirma que, por conta dessa situação política e a eminente aproximação de uma guerra, resolveu sair da Itália e ir para a Suíça, depois França e, somente depois, retornou para o Brasil (FERREIRA, 2009).

O que essas iniciativas ilustram é que ambos países, Brasil e Itália, conseguiram obter vantagens a partir dos *encontros interculturais*, sobretudo aqueles proporcionados a partir da fundação da USP e da FFCL. Se, por um lado, havia uma Itália Fascista interessada na propagação de sua cultura, por outro havia um Brasil ciente da política exterior italiana e atento ao modo como poderia se beneficiar disso.

---

299 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

2 EM DEFESA DO ENSINO FORMATIVO E HUMANÍSTICO: OS DISCURSOS DA MISSÃO ITALIANA E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO SECUNDÁRIO BRASILEIRO E ITALIANO

O grupo da *Comunhão Paulista* tinha interesses bem específicos com relação ao ensino secundário, sobretudo quanto ao papel desse ensino na formação da chamada *nova elite intelectual*, que deveria se ocupar da direção do país. Em um movimento semelhante ao dos Bandeirantes Paulistas, do passado, os egressos da FFCL deveriam, através da atuação no secundário, levar a regeneração da nacionalidade para os demais estados brasileiros (CARDOSO, 1982). Antes da formatura das primeiras turmas, a FFCL procurou cooptar seu corpo docente para a causa do ensino secundário, através de pedidos formais para a produção de projetos, publicação de artigos e apresentação de conferências públicas sobre o tema. A primeira iniciativa, nesse sentido, foi a realização de uma Sessão Didática da Congregação³⁰⁰, em 28 de setembro de 1936³⁰¹.

Segundo a ata da reunião, “urgia fazer-se uma reunião geral de todos os professores para o efeito de lhes comunicar que o Govêrno do Estado solicita a todos êles a sua contribuição para um plano de reforma do Regulamento da Faculdade de Filosofia”³⁰². Uma das maneiras de contribuir com o Governo seria a partir da publicação de artigos nos Anuários da FFCL, que, àquela altura, já estariam no prelo (os dois primeiros números). De fato, a maior parte desses artigos seguiria um tom de proposição de reformas, tanto para o secundário quanto para o superior. Segundo recomendações da diretoria da FFCL, esses textos deveriam ser “tão sòmente, um subsídio para o estudo do problema educacional” onde “os professores, dentro da solicitação que lhes foi feita pela Direção da Faculdade, criticaram a atual

300 Nesse período inicial, a FFCL não contava com uma Congregação regulamentada, uma vez que ela deveria ser “formada de professores catedráticos de nacionalidade brasileira” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937:122), de acordo com a Regimento da USP. A realidade da FFCL, por outro lado, era a de um corpo docente essencialmente estrangeiro e em regime contratual, o que fazia com que as decisões normalmente fossem discutidas diretamente no Conselho Universitário (ver capítulo 1).

301 Participaram da reunião o diretor, Almeida Prado, o secretário da FFCL, Rui Bloem, e os professores: Paul Arbousse-Bastide, Michel Berveiller, Pierre Hourcade, Pierre Monbeig, Claude Levi-Strauss, Fernand Braudel, Jean Maugué, François Perroux, Luigi Galvani, Gleb Wataghin, Ettore Onorato, Francesco Piccolo, Luigi Fantappiè, Heinrich Rheinboldt, Felix Rawitscher, Ernst Marcus, F. Rebêlo Gonçalves, Paul Vanorden Shaw, Affonso de E. Taunay, André Dreyfus, Sampaio Dória, Soares Romêo, Giacomo Albanese, Otoniel Mota, além dos seguintes assistentes: Omar Catunda, Ernesto Luiz de Oliveira Júnior, Fernando Jorge Larrabure, Paulo Sawaya, H. Hauptmann e Edgar Barroso do Amaral (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937b:122).

302 Universidade de São Paulo, 1937b, p. 122.

organização do ensino, tanto superior como pré-universitário e secundário, em face das leis vigentes”³⁰³. Alguns dos discursos dos professores da FFCL datam de um momento anterior a essa reunião de Congregação, como o de Fantappiè, em *Da organização do ensino secundário e universitário*, que é fruto de uma conferência ocorrida em 1935. Mesmo assim, tanto os discursos do Anuário de 1934-1935 quanto os do Anuário de 1936 são publicados em 1937, portanto, de fato, estavam no prelo na ocasião dessa Sessão Didática da Congregação. Assim, é possível que alguns discursos não tenham sido produzidos para atender a essa demanda do Governo Estadual, mas demandas criadas pela própria FFCL, em seu início de atividades. Outra hipótese plausível é que a própria FFCL tenha solicitado ao governador que ordenasse, formalmente, uma contribuição de seus professores.

Segundo a ata dessa reunião da Congregação, a FFCL estaria enfrentando dificuldades com relação à sua organização por dois motivos: primeiro, por ser uma instituição nova e, segundo, ela teria sua autonomia dificultada pela legislação vigente. Cabe ressaltar que a FFCL e a USP foram criadas sob as organizações definidas pela Reforma Francisco Campos, de 1931. Conforme estudado por Cardoso (1982), a despeito das rivalidades entre o Estado de São Paulo e o governo de Vargas, a USP tanto surgiu dentro dessa Reforma quanto foi viabilizada somente após a nomeação de Armando de Salles Oliveira como Interventor Federal. Quer dizer, duas ações do governo federal propiciaram a fundação da USP. O que se percebe é que, mesmo que a FFCL tenha sido criada nesse contexto e apesar de seus fundadores terem aproveitado a oportunidade política para colocarem o projeto de universidade em prática, isso não bastava; eles estariam tentando adequar a FFCL, através da reformulação dos regimentos, aos seus objetivos específicos. Percebe-se tal intenção na seguinte passagem:

O Governo do Estado, por intermédio do Exmo. Sr. Governador, dr. Armando de Sales Oliveira, autorizou a Faculdade, contudo, a estudar um plano amplo de reforma, de maneira a reorganizá-la nos moldes mais úteis ao ensino. Para isso, poderão os srs. professores organizar um plano ideal, *como se não existisse lei alguma restritiva, federal ou estadual*³⁰⁴.

Ressaltamos na citação acima a ideia colocada pelo diretor da FFCL, Almeida Prado, de que os professores poderiam propor reformas para o ensino superior e secundário como se não houvesse nenhuma lei, quer dizer, ele estava orientando seus professores a

---

³⁰³ *Idem, ibidem.*

³⁰⁴ Universidade de São Paulo, 1937b, p. 123, grifos nossos.

ignorarem, de certo modo, a Reforma Francisco Campos. O que não fica evidente na ata dessa Congregação era o destino das propostas dos professores. De todo modo, é explicitado que ficaria a cargo do governador a análise das propostas dos professores e a aplicação daquilo que ele julgasse conveniente. O ponto principal dessa reunião foi a nomeação de uma comissão de professores, que ficaria responsável por escrever projetos de reforma para o ensino secundário e para a FFCL. Por sugestão do prof. Sampaio Dória, tal comissão foi nomeada pelo próprio diretor. Por fim, os nomes indicados foram: Sampaio Dória, Luigi Fantappiè, Paul Vanorden Shaw, Felix Rawitscher, Paul Arbousse-Bastide, Jean Maugüe e Rebêlo Gonçalves. Como secretário da comissão foi nomeado o representante dos assistentes, Ernesto Luiz de Oliveira Júnior³⁰⁵.

Após o encerramento dessa reunião, ficou determinado que a comissão se reuniria e, posteriormente, deveria apresentar suas sugestões com relação à nova organização do ensino na FFCL. Porém, conforme consta na ata da reunião seguinte, os professores da comissão declararam não terem entrado em um consenso e, por isso, cada um enviaria suas propostas em separado. No entanto, as únicas propostas de reforma do regimento da FFCL e do ensino secundário presentes no Anuário foram apresentadas por Luigi Fantappiè, junto ao assistente Ernesto Luiz de Oliveira Júnior³⁰⁶.

Uma das motivações para essa reunião de Congregação ter ocorrido pode ser um questionário enviado pelo Ministro Gustavo Capanema no início de 1936, onde pedia a contribuição de “professores, estudantes, jornalistas, escritores, cientistas, sacerdotes e políticos para a elaboração de um Plano Nacional de Educação” (SCHWARTZMAN *et al.*, 2000:192). Segundo o professor Luigi Fantappiè, em seu relatório final apresentado à direção da FFCL em 1939, quando de seu retorno à Itália, seus discursos sobre o ensino secundário reverberaram no Plano Nacional de Capanema. Em suas palavras:

Desde os primeiros tempos que lecionei procurei responder com o máximo entusiasmo ao apelo das autoridades brasileiras que pediam a minha colaboração para o estudo de um padrão de ensino secundário e superior no Brasil, de acordo com as normas que reputo acertadas e adequadas para este país. Essa atividade desenvolvi em varias conferencias realizadas sob o patrocínio desta Faculdade, assim como em varios projetos de reforma do ensino, feitos em colaboração com o Dr. Ernesto de Oliveira, assistente de Geometria desta Subsecção e publicados no anuário desta Faculdade. Alguma influência dessa atividade pode-se ver, penso, no fato de ser adotada pelo Conselho Nacional de Educação, no seu Plano Nacional, já publicado, a

---

305 *Idem, ibidem*, p. 124.

306 *Idem, ibidem*.

orientação formativa e clássica do ensino secundário, sempre preconizada por mim, e que encontrou apoio decidido entre várias pessoa [sic] que também se interessam pelo assunto³⁰⁷.

De fato, conforme veremos adiante, Fantappiè utilizou seus discursos para defender o chamado ensino formativo. Nesse mesmo relatório, ele ainda afirmou que, em 1937, foi designado pelo governo de São Paulo para ir ao Conselho Nacional de Educação defender os interesses do estado a respeito da educação em geral e, particularmente, o Colégio Universitário. No entanto, devemos compreender esse relatório de Fantappiè como um indício de que ele estava atento aos debates em torno do ensino secundário brasileiro e de que ele atuou como representante dos interesses do Estado de São Paulo, talvez por conta do interesse e engajamento que ele teria demonstrado com relação à temática da educação. No entanto, não podemos tomar como certo que suas ideias foram adotadas por Capanema. Do mesmo modo, não contamos com fontes suficientes que nos permitam afirmar que a iniciativa dos dirigentes da FFCL e do Governo do Estado de São Paulo, em pedir que seu corpo docente escrevesse sobre o ensino secundário e superior, tenha sido motivada pela elaboração do Plano Nacional de Educação, apesar de ambos movimentos terem ocorrido na mesma época.

O prefácio do Anuário de 1934-1935 da FFCL não menciona o fato do Governo do Estado ter pedido tais opiniões sobre o ensino aos professores, apenas informa que lhes foi pedido “um parecer sincero, não só sobre as deficiências encontradas na organização da Faculdade e no preparo dos alunos, como também sobre os rumos a dar ao ensino nela ministrado”³⁰⁸. O modo como o Anuário apresenta os discursos tende a suscitar nos leitores a ideia de que os professores se expressariam com o objetivo de “colaborar na tarefa educativa do país”³⁰⁹, quase que de uma maneira “desinteressada” ou espontânea. Segundo Piccolo, a diretoria da FFCL enviou o seguinte pedido: “cada professor se referirá à cadeira a seu cargo, para mostrar o alcance dos referidos estudos e o desenvolvimento que os mesmos poderão vir a ter em São Paulo e no Brasil”³¹⁰. Fantappiè, em um de seus discursos, deixaria claro que

o problema da educação, embora debatida diretamente pelos órgãos competentes, deve entrar, a todo custo, na consciência da opinião pública, para que esta colabore, com pleno conhecimento de causa, na determinação

307 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

308 Universidade de São Paulo, 1937a, p. 7-8.

309 Universidade de São Paulo, 1937a, p. 7-8.

310 *Idem, ibidem*, p. 207.

das diretrizes e orientação a serem seguidas, na reforma que se tem em mira³¹¹.

Assim, desde seus primeiros posicionamentos públicos, o matemático já se demonstrava engajado nos debates sobre o ensino secundário, tendo abraçado a causa inicialmente defendida por seus patrões. Não se pode negar que essa atitude de mobilizar o corpo docente à causa da educação pode ser compreendida como uma estratégia encontrada pela FFCL para colocar em prática parte de suas aspirações para o ensino secundário: ora, levaria algum tempo até que a elite intelectual que seria formada pelos professores secundários oriundos da FFCL passasse a pensar as questões nacionais. Assim, os dirigentes, junto a Armando de Salles Oliveira, teriam se antecipado no projeto, fazendo com que os próprios professores universitários, muitos deles estrangeiros, já iniciassem esse movimento de reforma.

Apesar da ata da Sessão Didática da Congregação estar dentro do Anuário de 1936, o prefácio dessa edição também não menciona a reunião. Ao contrário, ao falar sobre os discursos ali presentes, coloca que o objetivo dos professores era o de evidenciar seus posicionamentos ante ao estado da arte do ensino superior e secundário brasileiro. Naquele ano, mais professores foram incorporados à instituição e, portanto, eles também foram convidados a fazer suas reflexões sobre o ensino. De acordo com o Anuário,

os novos professores, contratados para a regência das cátedras criadas a fim de atender ao funcionamento do terceiro ano dos diferentes cursos da Faculdade, traçam desembaraçadamente, mas com intuito construtivo e não de crítica, o programa de suas respectivas disciplinas, dentro do desenvolvimento que, acaso, possam vir a ter no nosso meio³¹².

Segundo o prefácio do Anuário referente aos anos de 1937 e 1938, os discursos dos professores sobre a temática do ensino são apresentados como uma espécie de “tradição” dos anuários da FFCL: “Continuando a praxe já estabelecida, prestam o seu concurso na elaboração deste Anuário vários Professores da Faculdade com seus trabalhos de orientação didática”³¹³. O Anuário de 1939-1949 não conta com discursos dos professores sobre o ensino e uma das razões pode ser o longo período que ele abrange. Assim, quando de sua publicação, muitos dos professores contratados já haviam deixado seus postos e, também, o volume de

---

311 *Idem, ibidem*, p. 34.

312 *Idem*, 1937b, p. 7

313 Universidade de São Paulo, 1938a, p. 9.

informações a ser apresentado era deveras extenso. Além disso, entre os anos de 1934 e 1937, os fundadores da FFCL conseguiam se fazer mais presentes nas decisões da instituição. Esse cenário vai mudar em 1937, quando Armando de Salles Oliveira apareceu nas campanhas eleitorais como possível sucessor e principal figura de oposição a Vargas na presidência. No entanto, as eleições foram anuladas, por conta do golpe de estado que dava início ao Estado Novo (SKIDMORE, 2010).

Além disso, a partir de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) passou a controlar e censurar a imprensa. A família Mesquita retornou a suas atividades à frente do jornal *OESP* somente em 1945, com o fim do Estado Novo, após cinco anos distante dos trabalhos (BONTEMPI JÚNIOR, 2006). Esse afastamento do “grupo do *Estado*” e da *Comunhão Paulista* do cenário político, ao lado da renovação dos quadros docentes da FFCL, pode ter contribuído para que os discursos sobre educação, nos moldes daqueles produzidos nos primeiros anos de funcionamento da instituição, dessem lugar a outras atividades. Essas e outras razões podem ter feito com que este número não trouxesse discursos dos professores sobre a questão do ensino.

Os textos apresentados no primeiro Anuário da FFCL (1934-1935), portanto, têm como tema comum o ensino superior e o secundário³¹⁴. Ao observarmos os títulos dos discursos que compõe esse Anuário, notamos que a questão do ensino está efetivamente presente em todos eles, seja nos apontamentos sobre o secundário, como já havia sido anunciado pelo prefácio da publicação, seja sobre ensino superior, área onde atuam esses professores, e no campo científico acadêmico, conforme podemos observar no quadro 3, a seguir.

---

314 Plínio Táboas (2014) já havia chamado a atenção para o fato de os discursos nesse Anuário possuírem a mesma temática e, em sua opinião, demonstrarem “certa coesão nas diretrizes que orientaram a execução de um projeto definitivamente político-pedagógico para a USP” (TÁBOAS, 2014:452).

Quadro 3: Discursos sobre educação presentes no Anuário de 1934-1935 da FFCL

Título	Autor
A função cultural do ensino	A. de Almeida Prado
O ensino da filosofia. Suas diretrizes	Jean Maugüe
Da organização do ensino secundário e universitário	Luigi Fantappiè
Do ensino da Física nas escolas secundárias e superiores	Gleb Wataghin
Orientação do ensino	Heinrich Rheinboldt
Sugestões e orientação científica	Ettore Onorato
Observações gerais sobre o ensino de botânica	Felix Rawitscher
Diretrizes do ensino da Zoologia na Universidade de S. Paulo	Paulo Sawaya (assistente)
A biologia como ciência autônoma	André Dreyfus
Orientação didática	Pierre Monbeig
O ensino da História – Suas diretrizes	Fernand Braudel
A propósito do curso de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	Affonso de E. Taunay
Orientação geral dos cursos: Etnografia Brasileira e Língua Tupi-guarani	Plínio Ayrosa
Condições e organização do ensino da Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	P. Arbousse-Bastide
A sociologia cultural e seu ensino	Claude Lévi-Strauss
Relatório sobre os exames das cadeiras de Finanças e de Economia	Edgar Otto Götttsch
Relatório acerca do ensino das literaturas e filologias greco-latinas	Michel Berveiller
O ensino da língua portuguesa perante as necessidades universitárias do Brasil	F. Rebêlo Gonçalves
Literatura francesa	Pierre Hourcade
Observações e reflexões	Francesco Piccolo

Fonte: Quadro elaborado a partir de dados coletados no Anuário da FFCL de 1934-1935 (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937a).

Além dos textos presentes nos Anuários por encomenda da direção da FFCL e do governo estadual, os professores também realizaram contribuições através de conferências públicas, uma atividade presente nos primeiros anos de funcionamento da instituição. Parte dessas conferências foi utilizada pelos professores franceses para falar de temas como religião e política (PETITJEAN, 1996). Entre os italianos, como Wataghin, esse espaço foi utilizado, também, para homenagear cientistas, como no caso da *Comemoração de Marconi* (1935),

conforme vimos no primeiro capítulo. No entanto, tendo em vista os interesses da FFCL para com uma reforma educacional, observamos a presença da temática do ensino e formação de professores em diversas conferências.

De acordo com o Anuário de 1934-1935, a maior parte das conferências ocorreu “no salão do Instituto Histórico (...) sempre com grande assistência”³¹⁵. Segundo o Anuário de 1936, as conferências do segundo semestre foram realizadas no Instituto de Educação, por conta de um acordo com seu diretor, Fernando de Azevedo, onde o tema central foi a “pedagogia secundária”³¹⁶. O Anuário de 1937-1938, por sua vez, trouxe um espaço significativo para abordar as conferências públicas, tratando do tema em duas seções diferentes. Primeiro, apresenta-as junto ao relatório “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”, apresentado pelo então diretor, prof. Ernesto de Souza Campos, ao reitor da USP. O texto trata de diversos temas relativos à criação e implantação da FFCL, onde consta aquilo que denomina “O Programa de Extensão Universitária”, que diz:

Foram realizadas 18 conferências, abrangendo os mais diversos capítulos das ciências e das letras. Quinze destas dissertações foram realizadas pelos professores desta Faculdade e três por eminentes personalidades do estrangeiro para êsse fim especialmente convidados. No primeiro semestre houve 6 conferências e no segundo 12. Versaram os tópicos mais interessantes sobre Filosofia, Sociologia, Economia, Geografia, Literatura, História, Poesia, Estatística, Arqueologia, Zôologia, Botânica, Física e Matemática.

Estas palestras, sempre muito concorridas, realizaram-se nos salões de conferências da Faculdade de Direito³¹⁷.

Além das conferências dos professores da FFCL, também participaram professores convidados, como parte do programa institucional. Um deles foi Roberto Vighi,

conhecido arqueólogo italiano, que se achava em São Paulo, em missão oficial do Governo da Itália junto à Exposição do Cincoentenário da Imigração. A conferência versou sobre 'As recentes descobertas arqueológicas da Roma Imperial', no dia 2 de junho³¹⁸.

Essa conferência foi promovida pela FFCL, assim como a da escritora italiana Anna Maria Speckel e as dos professores italianos Levi-Civita e Antonio Piccarolo (ver apêndice B).

Conforme vimos no capítulo anterior, antes da vinda de Levi-Civita ao Brasil, ele já

---

³¹⁵ Universidade de São Paulo, 1937a, p. 218.

³¹⁶ *Idem*, 1938a, p. 95.

³¹⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 132.

³¹⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 133.

mantinha um contato com os professores Wataghin e Fantappiè. Em abril de 1937, a Embaixada Italiana do Rio de Janeiro enviou um telegrama para o MAE, na Divisão de Italianos no Exterior (DIE), avisando que a USP tinha feito um pedido ao professor, que, naquela época, estava em Lima, no Peru, para que ele proferisse algumas conferências antes de retornar à Itália. No entanto, o embaixador informou que a universidade não pretendia arcar com nenhuma despesa. Mesmo assim, o embaixador considerava importante que o governo italiano apoiasse essa passagem de Levi-Civita no Brasil, por conta da possível repercussão científica que tal evento poderia gerar³¹⁹. Após a passagem de Levi-Civita pela FFCL, Wataghin chegou a enviar dois manuscritos do então aluno Mário Schenberg ao colega, para que analisasse-os e, se possível, publicasse-os junto aos *Atti della Accademia Nazionale dei Lincei*. Nas palavras de Wataghin, “o assunto me parece muito interessante e os resultados do dr. Schönberg notáveis. O colega L. Fantappiè também leu as duas notas e considerou-as interessantes”³²⁰.

Já a professora Anna Maria Speckel, escritora e conferencista, estava na Argentina, onde deveria proferir algumas palestras. Depois, ela se dirigiria ao Brasil para se apresentar no Instituto Médio *Dante Alighieri*³²¹. A FFCL deve ter aproveitado a oportunidade para convidá-la a realizar conferências quando de sua passagem pelo Brasil.

Para o governo italiano, essas conferências públicas eram excelentes oportunidades para divulgação de sua cultura. Em junho de 1938, o embaixador italiano no Brasil escreveu para o Ministro da Cultura Popular italiano para falar sobre as atividades desenvolvidas pelos professores italianos na USP. Ele destacou a atuação dos professores tanto no campo universitário quanto junto às associações culturais e artísticas, o que representava “uma eficaz contribuição à propaganda da *italianità*”³²². A motivação do telegrama foi uma conferência

319 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. “Propaganda Culturale”, fasc. “Miscelanea”. Telegrama da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro para o DIE/MAE, de 12/08/1937.

320 ASANL. Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1937-1938, G. Box 18. Carta de Gleb Wataghin a Levi-Civita, de 19/06/1937, tradução nossa. Em 1937, foi publicado um trabalho fruto do contato de Levi-Civita com Wataghin, *Sopra un sistema di equazioni gravitazionali del primo ordine*, apresentado por Levi-Civita na *Accademia Nazionale dei Lincei* e publicadas no periódico da instituição (Ver: ASANL. Atti della Reale Accademia Nazionale dei Lincei. Anno CCCXXXIV. 1937 (XV). “Serie sesta”. Rendiconti. Classe di Scienze fisiche, matematiche e naturali. Volume XXVI. - Fascicolo 1-2. Comunicazioni pervenute all'Accademia durante le ferie del 1937. Roma. Dott. Giovanni Bardi – tipografo della R. Accademia Nazionale dei Lincei). Levi-Civita também chegou a publicar nos Anais da Academia Brasileira de Ciências, em 1940 (Ver: ASANL. Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1939, T – 1941. Material received after 1941. Box 20. Carta de Ignacio M. Azevedo do Amaral para Tullio Levi-Civita, de 23/05/1940).

321 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 14, p. “Propaganda Culturale”, fasc. “Dottorressa Anna Maria Speckel”. Telegrama enviado pelo MAE à Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 04/06/1937.

322 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”.

proferida pelo prof. Francesco Isoldi, então diretor do *Dante Alighieri*, na FFCL, como forma de contribuir “validamente para uma difusão da Cultura Clássica Italiana”³²³. O Consulado ainda enviou um recorte de jornal, com a notícia da conferência³²⁴. Para o Ministro da Cultura Popular, conferências como a de Isoldi contribuía “à difusão da nossa cultura”³²⁵.

Uma outra passagem do Anuário de 1937-1938 onde as conferências são tratadas é na seção V, “Atividades Gerais da Faculdade”. Aqui, a atividade parece ser considerada uma espécie de tradição da FFCL:

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tem realizado, desde a sua fundação, cursos anuais de extensão universitária.

Em 1934, além de alguns visitantes ilustres, como o escritor francês Luc Durtain e o cientista português Mendes Corrêa, realizaram conferências os professores recém-chegados da Europa para a Faculdade, srs. Ernst Bresslau, Pierre Deffontaines, Emil Coornaert, Etienne Borne, Robert Garric e Paul Arbousse-Bastide³²⁶.

O Anuário de 1939-1949 não faz nenhuma menção às conferências públicas. Assim, não sabemos estimar se elas pararam de ocorrer após 1938 ou se apenas não foram registradas pelo Anuário, uma vez que ele compreende pouco mais de uma década de atividades e foi publicado somente em 1953. Portanto, é bastante plausível que parte das atividades realizadas pela FFCL não tenham sido registradas por essa publicação³²⁷. Segundo João Cruz Costa, aluno da primeira turma de filosofia da FFCL e, depois, professor da instituição, antes da criação da faculdade já existiam cursos de conferências de professores franceses, que aconteciam entre os meses de setembro e novembro e se iniciaram em 1922. Naquela época, as conferências eram anunciadas pelo jornal *OESP* na seção de *Notas e Opiniões*, o que continuou a acontecer quando das conferências proferidas pelos professores da FFCL, a partir

---

Telegrama da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro para o *Ministero della Cultura Popolare*, de 01/06/1938, tradução nossa.

323 *Idem*.

324 *Idem*.

325 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”. Telegrama do *Ministero della Cultura Popolare* para a Embaixada Italiana no Rio de Janeiro, de 27/07/1938, tradução nossa, e recorte do jornal *Correio Paulistano* de 24/07/1938, anexo.

326 Universidade de São Paulo, 1938a, p. 249.

327 Esse anuário traz diversos discursos de paraninfos, proferidos nas formaturas das turmas ao longo dos anos abrangidos pela publicação, além de listas de professores, alunos matriculados, discursos de aulas inaugurais, concursos de cátedras realizados, doutoramentos, atividades das cadeiras, informações sobre a biblioteca, intercâmbios e atividades administrativas. Analisando os anuários anteriores, observamos diferenças no modo de apresentar as informações: os primeiros contavam com um maior detalhamento, enquanto esse de 1939-1949 traz textos mais gerais.

de 1934, conforme observamos nas nossas buscas por conferências no jornal. Do mesmo modo, tanto nos anos de 1920 quanto nos tempos de FFCL, as conferências ocorriam no Instituto Histórico, no auditório da Escola Normal e no Jardim da Infância, anexo ao Instituto de Educação. Segundo Cruz Costa, “antes de ser fundada a nossa Faculdade [FFCL], já aqui existia uma faculdadezinha francêza, como a instigar a criação de uma Faculdade permanente posta ao serviço da cultura nacional”³²⁸. Para Cruz Costa, esses cursos de conferências dos professores franceses foram precursores da FFCL. No entanto, ele não fornece maiores informações sobre as dinâmicas e organização das conferências ocorridas após 1934, quando a faculdade já havia sido fundada e participavam desses eventos professores de outras nacionalidades, como italianos e alemães.

A leitura dos discursos da *Missão Italiana* nos permite compreender, sob alguns aspectos, como esse grupo pensava. Nesse sentido, observamos a existência de duas vertentes educacionais e culturais colocadas em oposição pelos italianos: a *enciclopédica*, que foi duramente criticada, e a *orgânica*, que eles consideravam a ideal. A seguir, veremos de que modo cada professor atacava ou defendia cada uma dessas vertentes, buscando compreendê-los à luz dos debates ocorridos no campo educacional brasileiro e italiano dos anos de 1930. Tendo em vista um maior engajamento dos matemáticos Luigi Fantappiè e Giacomo Albanese, procuraremos evidenciar, também, os debates específicos ocorridos no campo da educação matemática, para compreendermos a que grupos eles se alinhavam ou se opunham, em certa medida.

2.1 A crítica ao enciclopedismo

A cultura enciclopédica é “formada de conhecimentos destacados, que possui um homem que, mesmo erudito, pode ser um nécio, repetindo como um papagaio aquilo que aprendeu. Em geral, um homem assim é antipático e vaidoso”³²⁹, dizia Luigi Fantappiè, em *Da organização do ensino secundário e universitário*, de 1935³³⁰.

328 Cruz Costa, 1945, p. 13, colchetes nossos.

329 Universidade de São Paulo, 1937a, p. 39.

330 Plínio Táboas (2014) cita esse discurso de Luigi Fantappiè e ressalta as oposições levantadas pelo matemático, entre orgânico e enciclopédico, ensino formativo e técnico, e sobre suas ideias com relação à formação de professores. Apesar de considerar que o discurso representa o pensamento de Fantappiè sobre o

Essa seria uma das primeiras críticas públicas do matemático ao enciclopedismo. A partir de adjetivações, tais como papagaio, nécio ou vaidoso, Fantappiè buscava evidenciar, em diversas situações, como a cultura enciclopédica representava um dos grandes males de seu tempo.

A noção de enciclopedismo de Fantappiè também estava relacionada a um ensino que ele considerava menos importante: o profissional. Para o matemático, esse era o ensino mais imediato, utilitário, onde o homem era “uma peça de engrenagem em um mecanismo de organização industrial”³³¹. Nesse modelo de ensino, o aluno não era formado para se tornar um ser pensante, nem o adulto capaz de produzir a máquina, mas aquele que poderia manuseá-la, o qual denomina “homo *æconomicus*”, que muito contribui para o mundo econômico, mas não era capaz de pensá-lo. Na formação do ensino profissional “entram em jogo elementos que não dependem das suas qualidades pessoais”³³² e, por isso, apesar de considerar que esse ensino seja importante para o funcionamento econômico de uma nação, com ele corria-se o risco de “limitar-se a coletividade a viver em função de restritos fins materiais, oscilantes com as crises inevitáveis, sem a atividade intelectual própria que constitua base segura em que se possa alicerçar”³³³. Mesmo as qualidades pessoais dos alunos do ensino profissional, na opinião de Fantappiè, estavam comprometidas por conta da formação escolar, pois eles não trabalhavam segundo uma formação intelectual, mas mecânica. No Brasil, iniciativas de equiparar o ensino das escolas técnicas com o das escolas de cultura geral, como o Colégio Pedro II, a partir da equivalência dos diplomas, também não tiveram muito sucesso³³⁴ (NUNES, 2000). Segundo Carvalho (2004), entre os anos de 1920 e 1930 ocorreram

profundas inquietações educacionais e reformas substanciais no ensino brasileiro. Aumentavam as tensões entre uma estrutura voltada para a formação humanista desinteressada das elites e as necessidades de uma

---

ensino médio, Táboas (2014) não tinha como objetivo realizar uma análise detalhada desse discurso, mas situá-lo enquanto parte dos trabalhos desenvolvidos por Fantappiè junto à organização da subseção de matemática da FFCL.

331 *Idem, ibidem*, p. 35.

332 *Idem, ibidem*.

333 *Idem, ibidem*, p. 36.

334 Em 1932, com a publicação dos decretos 3.763 e 3.804, se pretendia equiparar os diplomas dessas escolas, onde a ideia seria a de “alargar o conteúdo de cultura geral, recolocando a prática de trabalho como complemento à prática de classe e laboratório” (NUNES, 2000:53). A medida sofreu diversas críticas e, em 1937, no Estado Novo, as Escolas Técnicas Secundárias sofreram uma nova organização, encabeçada por Joaquim Faria Goes Filho, “que as tornou cursos intensivos de treinamento profissional para as camadas populares. Seriam, portanto, descaracterizadas com relação à iniciativa pioneira, implantada em 1932” (*Idem, ibidem*:53).

sociedade em processo de industrialização e urbanização (CARVALHO, 2004:89).

Ainda que não falasse em termos de *enciclopedismo*, a Reforma Capanema, de 1942, também trazia um caráter de diferenciação hierárquica entre o ensino secundário e o profissional:

Dentro dessa dualidade, a função do ensino secundário, como formador dos adolescentes, era oferecer uma sólida cultura geral, apoiada sobre as humanidades antigas e modernas, com o objetivo de preparar as individualidades condutoras, isto é, os homens que assumiriam maiores responsabilidades dentro da sociedade e da nação, portadores de concepções que seriam infundidas no povo (NUNES, 2000:40).

Assim, observamos que parte do pensamento de Fantappiè com relação à hierarquia simbólica atribuída aos diferentes tipos de ensino também eram, de certo modo, defendidas por grupos sociais brasileiros, o que o colocava no âmbito desses debates, de alguma maneira.

Para Fantappiè,

uma personalidade humana não se pode formar da pura soma de fatos destacados, regras, teoremas, juxtapostos sem conexão, como uma enciclopédia ou um vocabulário (...) A personalidade só nasce quando todos êsses dados estão reunidos e assimilados, formando um todo orgânico³³⁵.

Assim, a formação enciclopédica se revelava um problema moral. Do mesmo modo que os saberes não teriam conexões entre si, a própria personalidade dos indivíduos formados dentro da perspectiva enciclopedista estaria comprometida. Aliás, ao adjetivar o enciclopedista enquanto nécio, falso erudito, papagaio e vaidoso, Fantappiè já estava dando o tom do tipo de sujeito que não era do seu gosto.

Uma contribuição mais prática proposta por Fantappiè para que o ensino secundário de matemática brasileiro não formasse seus alunos dentro de uma perspectiva enciclopedista, foi a de pedir “às autoridades competentes que aliviem os programas dessa matéria, da grande quantidade de fórmulas e regras que os mesmos contêm” e ainda defendia que “O ensino da matemática nos ginásios deve dar, sobretudo, os conceitos elementares, mas com o absoluto rigor lógico que caracteriza a matemática, e que constitui o seu grande valor no ensino”³³⁶. Para Fantappiè, além do problema mais geral de formação da personalidade, a “acumulação”

³³⁵ Universidade de São Paulo, 1937a, p. 37.

³³⁶ Universidade de São Paulo, 1937a, p.41.

de conceitos e temas no secundário dificultaria o trabalho dos professores no ensino superior, pois eles teriam o trabalho de organizar estes saberes, uma vez que foram ensinados de maneira desconexa. A grande quantidade de conteúdos observada nos programas do ensino secundário brasileiro dos anos de 1930 também foi criticada por Gleb Wataghin, em *Do ensino da física nas escolas secundárias e superiores*³³⁷ e em *O ensino das ciências físicas*³³⁸, e por Giacomo Albanese, em *Sobre o ensino da Geometria*³³⁹. Outra característica do ensino enciclopedista era a existência do exame parcial, que não avaliava o conhecimento do aluno como um todo, mas de maneira fragmentada e, por isso, Fantappiè e Onorato se posicionaram contra a ele³⁴⁰.

Francesco Piccolo, em *Observações e Reflexões*, acusou de enciclopedista a própria FFCL, por não ser uma faculdade homogênea, sobretudo pelo fato dela contar com três áreas muito distintas: Filosofia, Ciências e Letras. Uma possível solução seria o desmembramento da faculdade, criando uma Faculdade de Ciências, colocando a Geografia e a História na Faculdade de Filosofia e Letras, e as Ciências Sociais na Faculdade de Direito³⁴¹. Wataghin e Onorato também defenderam a criação de uma Faculdade de Ciências, uma vez que eles costumavam se referir à FFCL dessa maneira, ignorando a presença de outras áreas na faculdade³⁴².

Para Piccolo, a disciplina de *Filosofia das Ciências* era uma das que mais contribuíam para o enciclopedismo na FFCL. Em sua opinião, ela não faria sentido, uma vez que “o ato filosófico, isto é, do pensar os universais e do pensar por universais começa do ponto onde chegam as conclusões de todas as ciências; ou um compromisso entre filosofia propriamente dita e história das ciências”³⁴³. Quanto à *História das Ciências*, acreditava que nela seria

fácil perceber um resíduo do velho mito da filosofia positivista. Digo resíduo do velho mito da filosofia positivista, e poder-se-ia realmente remontar à filosofia iluminista, ao enciclopedismo, para encontrar seus esquemas e ensaios mais brilhantes³⁴⁴.

---

337 *Idem, ibidem*.

338 Folha da Manhã, 26, set. 1936, capa.

339 Universidade de São Paulo, 1937b.

340 *Idem*, 1937a.

341 *Idem, ibidem*.

342 *Idem, ibidem*.

343 Universidade de São Paulo, 1937a, p. 211.

344 *Idem, ibidem*, p. 212.

A preocupação de Piccolo com relação ao modo como os professores conduziam as disciplinas de *História* era compreensível, pois, para ele, a história seria o elemento chave para garantir um ensino orgânico, o oposto do enciclopedismo. Por isso, ele também criticava a cadeira de *História da Civilização*. Ao se deparar com o nome dessa cadeira, Piccolo se questionaria: a qual civilização se refere? Em sua opinião, esse tipo de disciplina “pomposa” em nada contribuiria para a faculdade, apenas para trazer o conhecimento de um modo universalístico, enciclopédico, e chegou a alertar os estudantes: “Eu sinto a obrigação de advertir a inteligência dos moços brasileiros, que demonstram uma grande vontade de aprender e têm para isso capacidade, contra tais métodos genéricos, informativos e não formativos”³⁴⁵. Assim, o enciclopédico não formaria, mas informaria; não deixaria “raízes”, pois não se preocupava com a *história*, ou a contava de maneira deslocada dos contextos, fazendo com que os alunos não compreendessem as matérias ensinadas como um todo.

Fantappiè desprezava tanto o enciclopedismo que chegou a sensibilizar aqueles que entraram em contato com seu discurso, advertindo, como fizera Piccolo: “Deveremos todos nos deixar mecanizar passivamente, reduzindo a nossa vida de homens a uma pura sucessão de atos mais ou menos materiais, com objetivo restrito?”³⁴⁶. Sua resposta não poderia ser mais incisiva: “Evidentemente não!”. E, em uma possível tentativa de se aproximar de seu público, disse que

nós, latinos, devemos, neste momento, reagir segundo a nossa índole, harmonizando novamente os maravilhosos meios de que dispomos, pondo-os ao serviço do maior bem de todos, o que deve constituir, não um fim em si mesmo, mas base firme e segura para o vigoroso ressurgimento de novas, mais numerosas, mais completas e mais altas personalidades³⁴⁷.

No entanto, não foi somente a *Missão Italiana* que criticou o enciclopedismo publicamente. O padre jesuíta Arlindo Vieira, um conhecido representante dos interesses da igreja na área da educação brasileira, atribuiu diversas críticas à Reforma Francisco Campos³⁴⁸ (ROCHA, 2005; SOUZA, 2009). Boa parte de seus questionamentos estão presentes no livro *O Problema do Ensino Secundário*, publicado em 1936. Um dos problemas da Reforma, segundo o padre, foi a “diminuição das horas destinadas aos estudos clássicos, a divisão do

345 *Idem, ibidem*, p. 213.

346 *Idem, ibidem*, p. 42.

347 Universidade de São Paulo, 1937a, p. 42.

348 Outros setores sociais criticaram a Reforma Francisco Campos, além da igreja. É o caso de Anísio Teixeira, que foi diretor de Instrução Pública (Rio de Janeiro), e chegou a tecer críticas à reforma, por considerá-la elitista (NUNES, 2000).

curso secundário em dois ciclos, a extensão dos programas de ensino colocados em vigor e a finalidade utilitária atribuída ao secundário” (SOUZA, 2009:77). Assim, o padre, ao contrário da *Missão Italiana*, endereçava a sua crítica ao enciclopedismo de maneira mais contundente, culpabilizando aqueles que considerava responsáveis por esse “mal” do ensino³⁴⁹.

O padre, porém, teceu críticas mais substanciais ao currículo da matemática modificado pela Reforma Francisco Campos e, principalmente, ao responsável por essas mudanças, o catedrático do Colégio Pedro II, Euclides Roxo³⁵⁰. Em carta endereçada ao Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, sucessor de Francisco Campos, padre Vieira fez duras críticas a Roxo:

O melhor e mais decisivo argumento contra os pontos de vista do ilustre professor é o efeito desastroso dos programas de matemática de 1931, que ele elaborou e procura defender. Um inquérito entre os professores mostraria que mais de 90% condenam esse amálgama inassimilável (VIEIRA *apud* CARVALHO, 2004:121)³⁵¹.

De acordo com Carvalho (2004:139), o padre Arlindo Vieira lutava por uma “redução dos conteúdos da matemática, coerentemente com sua campanha de valorização dos clássicos”. Além disso, acusava Euclides Roxo de enciclopedista, por conta da quantidade de conteúdos propostos em sua reforma da matemática³⁵². De acordo com o padre, cair no enciclopedismo era um retorno aos velhos programas de ensino, o que não auxiliava na

349 A Igreja Católica, através de sua revista, *A Ordem*, dirigiu severas críticas a Francisco Campos, em 1932, quando foi revogado o decreto que permitia o ensino religioso nas escolas e por conta da laicização dos setores cultural e educativo. Todos que se opunham ao ensino religioso foram criticados, sobretudo os *escola novistas*, que foram acusados de comunistas, principalmente Fernando de Azevedo (SCHWARTZMAN *et al*, 2000). A entrada de Gustavo Capanema no lugar de Campos, a partir de 1934, e a “aprovação de emendas religiosas (...) arrefeceriam essa preocupação dos católicos com os perigos do Estado” (*Idem, ibidem*: 84).

350 Euclides Roxo se formou pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1914, e iniciou no magistério como professor substituto do Colégio Pedro II, em 1915. Em 1919, com a morte do professor Raja Gabaglia, assumiu a cátedra de matemática do Colégio de forma interina e depois foi nomeado catedrático (VALENTE, 2004). Entre 1925 e 1935, foi diretor do externato (DASSIE & CARVALHO, 2010) e, nesse tempo, empreendeu mudanças nos programas de matemática do Pedro II, o que desencadeou um grande movimento de críticas públicas de uma parte dos professores, como Joaquim Almeida Lisboa (VALENTE, 2004). Na gestão de Francisco Campos no Ministério da Educação e Saúde, foi convidado a participar da comissão responsável por elaborar os novos programas de ensino, o que o permitiu difundir suas reformas iniciadas no Pedro II para toda a nação (VALENTE, 2010). Parte das propostas de Roxo também foram utilizadas na Reforma Capanema, de 1942 (DASSIE & CARVALHO, 2010).

351 Fonte do autor: “FGV-CPDOC – Arquivo Gustavo Capanema, documento código 41.09.03 I-1 (série g). Documento datado de 9 de março de 1941” (CARVALHO, 2004:121).

352 A atuação do professor Euclides Roxo no Colégio Pedro II foi fundamental para a sua inserção nos debates sobre o ensino secundário a partir dos anos de 1920 e, além disso, pelo *status* que sua trajetória dentro do Colégio o conferia por ter sido, além de professor, diretor do externato entre 1925 e 1935, conseguiu participar de maneira efetiva das reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema (VALENTE, 2010; DASSIE & CARVALHO, 2010; RABELLO & SAITO, 2014).

aprendizagem dos alunos (CARVALHO, 2004). Em 1942, em tempos de Reforma Capanema, padre Vieira publicou um artigo na imprensa, que provocou um grande descontentamento em Roxo. Como resultado, o padre chegou a enviar uma carta a ele, explicando que

nem de leve me passou pela mente a ideia de ofender um professor tão distinto, tão amigo nosso e tão digno de todo respeito e consideração. Defendendo exclusivamente os interesses do ensino, referi-me a abusos que já se registraram em outros tempos e que poderiam influir na elaboração dos novos programas³⁵³.

A fim de apaziguar os conflitos, outro padre, José Achotegui, também escreveu para Roxo. Segundo Achotegui, o padre Vieira lhe pediu para dizer que ele “Ignorava naquela ocasião que o programa havia sido elaborado por V. Excia. e, por isso, sentiu-se sumamente sensibilizado, quando soube que, inconscientemente [sic], fôra causar desgosto a V. Excia”³⁵⁴. Desse modo, padre Vieira buscou se desculpar com Roxo, o que pode representar uma tentativa de sua parte de manter boas relações com um professor influente nas discussões do ensino do período, a despeito das críticas públicas que o padre costumava fazer, havia algum tempo.

Outra questão importante de ser ressaltada no âmbito desses conflitos é que não devemos incorporar o discurso crítico do padre e passarmos a considerar Roxo um “enciclopedista”. Mais importante do que isso é ressaltarmos que o campo da educação matemática, entre as Reformas Francisco Campos e Capanema, vivenciou um intenso debate. Além disso, devemos nos atentar que padre Vieira atacava o enciclopedismo por conta da diminuição do espaço dos estudos clássicos (CARVALHO, 2004; ROCHA, 2005; SOUZA, 2009), como se o contrário do ensino enciclopedista fosse o ensino humanístico. Nesse sentido, encontramos uma carta de Roxo para Capanema, onde ele ressaltava que a reforma empreendida pelo Ministro, em 1942, tinha um caráter humanístico:

(...) confesso a magnífica impressão que recebi do conjunto do trabalho, norteados em rumo seguro por uma corajosa e elevada concepção dos objetivos da formação humanística. (...) não se pode negar que a Reforma Gustavo Capanema tem a prioridade em dar ao ensino secundário um sentido verdadeiramente humanístico, cogitando, em prescrições claras e precisas, da formação moral e patriótica do adolescente. Repontam, com efeito, a cada passo, dispositivos de alcance altamente espiritual e humano, tirando ao

353 Centro de Documentação GHEMAT. ER T 1 088. Carta do padre Arlindo Vieira a Euclides Roxo, de 13/07/1942. 1f. 11 de 79.

354 Centro de Documentação GHEMAT. ER T 1 088. Carta do padre José Achotegui a Euclides Roxo, de 11/07/1942. 1f. 11 de 79.

projeto a habitual secura burocrática dos textos legais e infundindo-lhe vida e realidade³⁵⁵.

Com isso, observamos que Euclides Roxo, apesar de ser acusado de enciclopedista, não fazia oposição ao ensino humanístico, o que vem a problematizar um pouco as críticas que recebeu³⁵⁶. De todo modo, consideramos importante ressaltar a participação de padre Vieira nesse cenário, porque existe um indício de que ele apreciava os discursos de Fantappiè e, além disso, chegou a usar da figura representativa do matemático italiano para embasar suas críticas ao enciclopedismo. De acordo com o artigo intitulado *Encyclopedismo do Ensino Secundario*³⁵⁷, publicado pelo *Diário Carioca* em abril de 1939, muitos leigos e estudiosos estavam discutindo a questão do chamado enciclopedismo no ensino secundário, dentre os quais o padre Arlindo Vieira. O artigo faz uma defesa das posições do padre, colocando-o enquanto uma das pessoas mais entendidas do assunto.

Segundo um artigo publicado no dia 25 de abril de 1939, citado nessa edição do *Diário Carioca*, padre Vieira teria afirmado que “é esse encyclopedismo a causa fundamental da ignorancia revelada pelos moços que, deixando os collegios, se apresentam, em lastimavel estado de conhecimentos culturaes, ás bancas examinadoras das Academias”³⁵⁸. O autor do artigo do *Diário Carioca* concordava com a posição do padre, dizendo que ele teria razão, uma vez que 95% dos alunos saíam dos colégios e ginásios “vazios de cultura”, por conta dos programas de ensino carregados de conteúdos, que estariam arruinando a sociedade. De acordo com o artigo,

O padre Arlindo Vieira cita, por exemplo, a opinião do professor Luigi Fantapplé [sic], illustre mathematico italiano, que affirma isso: 'o programma de mathematica do nosso curso fundamental contém desenvolvimento que só deveria ser objecto de estudos em uma escola superior'³⁵⁹,

e complementa afirmando que “Isso é apenas uma opinião. Ha muitos outras de notaveis professores brasileiros e estrangeiros que não poderiamos citar neste commentario por falta de

355 Centro de Documentação GHEMAT. ER T 3 176. Carta de Euclides Roxo para Gustavo Capanema, de 02/03/1942. 12f. 48 de 79.

356 Para compreender melhor as posições defendidas por Euclides Roxo, no que tange ao papel da educação matemática no ensino secundário, ver os estudos de Carvalho (2004) e Dassie (2011). Sobre os interesses da Igreja Católica na educação dos anos 30 e 40, ver Schwartzman *et al* (2000).

357 *Diário Carioca*, 26, abr. 1939, p.6.

358 *Idem, ibidem*.

359 *Idem, ibidem*.

espaço para contel-as”³⁶⁰. Assim, notamos que padre Vieira, além de se interessar pelos discursos de Fantappiè que criticavam o enciclopedismo, também enxergava no matemático italiano a figura de um legítimo representante de um sistema de ensino mais próximo de seus ideais e, por isso, teria baseado sua argumentação nas opiniões desse professor.

É possível que padre Vieira tenha se aproximado das ideias de Fantappiè por conta de seu interesse pela educação italiana. É o que observamos em um telegrama enviado por Tullio Grazioli, do Consulado Italiano em Belo Horizonte, para o Real Ministério da Imprensa e Propaganda na Itália, em março de 1937, relatando algumas das propostas do padre para o ensino secundário brasileiro e comentando sobre o seu interesse pelo sistema educacional italiano. Segundo o telegrama, já fazia algum tempo que o sacerdote estava

desenvolvendo ativa campanha pela reforma do ensino secundário, já em várias ocasiões, seja através de publicações como de conferências, tem ilustrado e exaltado a organização italiana de ensino médio com palavras plenas de simpatia pelo nosso País e demonstrando conhecer profundamente os nossos ordenamentos em propósito³⁶¹.

Segundo Grazioli, o padre procurou o consulado a fim de conseguir os “Orários e programas de Ensino para as escolas médias de instrução clássica, científica, magistral e técnica”³⁶², o que, de fato, foi enviado a ele, em dezembro daquele ano.

Assim, observamos que os discursos da *Missão Italiana* que criticavam o enciclopedismo, de certo modo, se alinharam às posições de um membro da educação ligada à Igreja Católica brasileira. Talvez essa conexão entre as ideias defendidas pelo padre Vieira e o ensino na Itália tenha alguma relação com os acordos estabelecidas entre o Vaticano e a *escola fascista*³⁶³. Apesar de não encontrarmos na bibliografia possíveis ataques da escola italiana ao ensino *enciclopédico*, notamos uma distinção entre o ensino técnico, que ensinaria uma profissão, e o humanístico, que privilegiaria o ensino do latim e prepararia os jovens para ingressarem nas universidades (HORTA, 2009), o que pode ter ajudado a despertar no padre

360 *Idem, ibidem*.

361 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b.31., I.9 “Brasile” “1937” “parte I”: p. “Invio Pubblicazioni in Brasile”. (1.3). Telegrama de Tullio Grazioli para o *Regio Ministero per la Stampa e Propaganda*, de 23/03/1937, tradução nossa.

362 *Idem*.

363 Wolff (1980) divide as relações entre o Regime Fascista e a Igreja Católica em períodos demarcados entre a Reforma Gentile, de 1922, até a publicação da *Carta della Scuola*, em 1939, pelo Ministro Giuseppe Bottai: o primeiro vai de 1922 a 1928, quando o Vaticano observa atentamente as iniciativas de Mussolini em se aproximar da igreja; de 1928 a 1931, quando as diferenças entre as concepções católicas e fascistas são intensamente debatidas; 1931, ano que marca um conflito aberto entre estes dois grupos; e de 1932 a 1939, que marca um período de relativa calma, até a publicação da *Carta*, que agrada a ambos os grupos.

Vieira o gosto pela organização da escola na Itália. Além disso, por ser um representante dos interesses da Igreja Católica, não estranhemos que suas ideias estivessem alinhadas às aquelas defendidas pelo Vaticano.

A seguir, veremos de que modo a *Missão Italiana* procurou defender a cultura orgânica e o ensino humanístico, em oposição ao enciclopedismo.

2.2 O apelo ao orgânico

Para Fantappiè, a cultura orgânica,

é a única que impele o homem a adquirir sempre maior número de conhecimentos, a fim de completar as lacunas que sempre, infalivelmente há de sentir. Isto não se dá com o simples erudito. Não havendo uma conexão geral entre os seus conhecimentos, não poderá ele notar, na sua cultura, lacunas por preencher. Sòmente o estímulo exterior o levará a aumentar o acervo dos conhecimentos conquistados³⁶⁴.

Assim, diferentemente do “falso” erudito, que apenas repete conhecimentos como se fosse um papagaio, Fantappiè estabeleceu que aquele sujeito educado de maneira orgânica era capaz de identificar as lacunas entre os saberes que detém, sempre buscando harmonizá-los.

Dentre as diferentes concepções de ensino, aquela que melhor atenderia à vertente orgânica, segundo Fantappiè, era a formativa ou humanística. Para Fantappiè, mais do que formar estudantes, o ensino humanístico formaria a própria personalidade do indivíduo. Enquanto o ensino profissional formava o “*homo æconomicus*”, o humanístico formava o “*homo*”, sem complemento na palavra, pois se referia ao homem completo, “na acepção mais alta da palavra”³⁶⁵. Segundo Fantappiè, os homens completos eram “os cientistas, literatos e artistas e, em geral, todos os laureados pelas faculdades universitárias, como médicos, engenheiros, advogados”³⁶⁶, por se tratarem de pessoas que, quando do exercício de suas profissões, não executavam tarefas de forma mecânica, “mas encarando os casos com toda a sua personalidade, enquadrando-os, harmônicamente, no *organismo* complexo da sua

³⁶⁴ Universidade de São Paulo, 1937a, p. 39.

³⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 36.

³⁶⁶ *Idem, ibidem*.

cultura”³⁶⁷.

Assim, ao contrário dos sujeitos formados pelo ensino profissional e enciclopédico, Fantappiè acreditava que os profissionais formados pela universidade poderiam exercer melhor suas funções “quanto mais rica e organizada fôr a sua cultura, isto é, a sua personalidade espiritual”³⁶⁸. Do mesmo modo, a ciência também deveria ser organizada de maneira orgânica, para facilitar a sua compreensão.

Uma das características desse ensino orgânico, segundo Fantappiè, era o fato dele ser apreendido pelo aluno e não ser esquecido pouco tempo depois. Assim, sempre que precisasse, o sujeito conseguiria relacionar os novos aprendizados àquilo que ele estudou em algum momento de sua vida.

O principal elemento do ensino orgânico, formativo ou humanístico seria o ensino do latim. Para Fantappiè, ele atuaria na formação da cultura geral do sujeito, não só pelo *rigor* de sua gramática, como também pelo conhecimento a ser obtido através do contato com os escritores. Para ele, o contato com o latim era importante pois “A nossa civilização começa com a greco-romana. É natural, pois, que procuremos conhecer da melhor forma possível esta civilização, pois teremos assim consciência da nossa situação e do nosso papel no porvir do mundo”³⁶⁹. Um de seus argumentos para sustentar a defesa do latim era o de que ele mesmo vivenciou os benefícios intelectuais e espirituais de ter sido formado pelo ensino humanístico.

Em *As mathematics na escola secundaria*, de 1936, Fantappiè propôs que um mesmo professor ministrasse disciplinas afins, como matemática e física, o que pode ser compreendido como uma de suas estratégias para garantir a organicidade do ensino³⁷⁰. Fantappiè, assim como Wataghin, defendia que o professor secundário, além de ser um profissional que ensina, tinha que ser um pesquisador, um cientista, pois somente assim ele seria capaz de acompanhar os avanços da ciência e levá-los para a sua sala de aula³⁷¹. Essa visão de que o conhecimento não era algo acabado, de que sempre haveria lacunas, está intimamente relacionada ao modo como Fantappiè compreende a cultura orgânica.

367 *Idem, ibidem*, grifo nosso.

368 Universidade de São Paulo, 1937a, p.36.

369 *Idem, ibidem*, p. 40.

370 Folha da Manhã, 21, out. 1936, capa. No início da reportagem, o jornal afirma que, segundo Fantappiè, o ensino secundário não deveria se preocupar tanto com a organicidade do ensino. No entanto, consideramos que o jornal possa ter se equivocado, uma vez que, em seguida Fantappiè teria defendido o ensino de diferentes disciplinas por um mesmo professor, o que ele compreende enquanto parte do ensino formativo, conforme veremos em seu projeto de reforma para o ensino secundário, adiante.

371 Folha da Manhã, 21, out. 1936, capa.

Um dos problemas do ensino da matemática observado por Fantappiè era relativo ao modo como ela seria compreendida pelos próprios professores. Para ele, diferentemente da física e da filosofia, muitas vezes se tem a impressão de que ela é uma ciência acabada, que não muda de tempos em tempos, o que prejudica completamente o seu ensino. Com isso, mais uma vez, Fantappiè buscou aconselhar seus ouvintes, sobretudo os professores secundários, dizendo: “que aprenda profundamente esta sciencia. Que aprenda o que também ella ainda não sabe. Para tanto, pesquisar sempre. Nisto reside um dos melhores meios de se evitar a mecanização do ensino, que é a morte do ensino”³⁷². Fantappiè, consciente de seu lugar privilegiado de fala, se dirigia e aconselhava os professores secundários de uma maneira geral e não somente os da matemática.

Como o ensino enciclopédico presumia o ensino de uma série de conteúdos sem ligações entre si, que não faziam sentido para os alunos, em seu antônimo, no orgânico, os conteúdos fariam mais sentido de serem ensinados. Além da redução em termos de quantidade de coisas a serem ensinadas, tanto Fantappiè quanto Wataghin primavam pelo rigor no ensino. Wataghin dizia que o mais importante no secundário seria “1) dar ao estudante as noções fundamentais de Física, de uma maneira clara, 2) fornecer-lhe exemplos de investigação indutiva e dedutiva dos fenômenos naturais e, 3) formar a sua mente, acostumando-a aos raciocínios e métodos rigorosos da ciência exata”³⁷³.

Wataghin defendia que a formação de professores não deveria ser o único objetivo da FFCL, mas sim estar ao lado do despertar o interesse pela pesquisa científica, algo fundamental para que se tornassem bons professores. Em suas palavras, “o ensino universitário está intimamente ligado ao trabalho de pesquisa científica dos professores e à criação do interesse pela ciência que formam a essência do espírito universitário”³⁷⁴. Wataghin também se preocupava com a formação “espiritual”, mas em termos de um espírito universitário, que teria íntima ligação com o interesse pela pesquisa científica.

Para Piccolo, o ensino da língua italiana em uma universidade brasileira contribuiria para o desenvolvimento do país e chegou a afirmar que “não há quem não veja a importância que o estudo da língua e da literatura italiana pode alcançar no ulterior desenvolvimento da vida espiritual da nação”³⁷⁵. Assim, propunha que se estudasse no Brasil

---

³⁷² *Idem, ibidem.*

³⁷³ Universidade de São Paulo, 1937a, p. 43.

³⁷⁴ *Idem, ibidem*, p. 44.

³⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 207.

as origens das línguas românicas, a cultura, a arte, o pensamento dos séculos XIII e XIV, e comentados integralmente o 'Inferno' e o 'Purgatório' de Dante, que são as formas do pensamento e da imaginação humana nas quais se refletem as próprias origens da nossa civilização moderna, néo-latina, católica, inauguradora e antecipadora da grande civilização do humanismo e da renascença, que descobre novos mundos, intelectuais e terrestres³⁷⁶.

Segundo Piccolo, o Brasil demonstrava grande interesse na produção científica italiana, principalmente em seus livros nas áreas de direito, medicina e matemática. Em suas palavras, “A história de um povo, de uma civilização, não consiste unicamente nas obras de imaginação, mas desenvolve-se na unidade do espírito, nas atividades da fantasia e da lógica, nas criações do individual e nas pesquisas e descobertas do universal”. E complementou: “Compraz-me por isso assinalar aqui o meu orgulho de italiano toda vez que noto com quanta contribuição de gentileza artística e de conhecimento científico a minha pátria intervém no enriquecimento mútuo espiritual”³⁷⁷. Para Piccolo, a arte e a ciência, o “resgate” da história para se compreender as origens, contribuiriam para a formação espiritual dos indivíduos e, principalmente, da nação.

Enquanto Fantappiè defendia o ensino humanístico no secundário, Piccolo procurava ressaltar sua presença também no superior, o que ele, por sinal, não observava na FFCL. No entanto, para que fosse possível trabalhar latim ou grego (mesmo que história ou filosofia grega), acreditava ser necessário que os jovens entrassem na universidade com o prévio conhecimento dessas línguas, uma vez que

Se o ensino pré-universitário corresponder bem ao seu fim, a Universidade de S. Paulo poderá sem dúvida ter dentro de tres ou quatro anos uma secção de filosofia e uma secção de letras preparadas para novos e mais difíceis estudos, e realmente orgânicas³⁷⁸.

Assim, o ensino humanista, do latim, mais uma vez, pode ser compreendido como a principal via para se alcançar a organicidade do ensino e, também, a formação espiritual dos sujeitos, ao menos na visão de parte da *Missão Italiana*. Albanese também defendia o ensino do latim, o qual, ao lado do ensino da geometria, teria um importante papel na “formação mental dos jovens estudantes”³⁷⁹. A geometria, disciplina de sua especialidade, atuaria no desenvolvimento da intuição e dedução.

³⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 207.

³⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 208.

³⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 209.

³⁷⁹ Universidade de São Paulo, 1937b, p. 27.

Esse apelo à história para defender a organicidade no ensino e na formação dos jovens, que observamos de maneira consistente no discurso de Piccolo, também surgiu no de Albanese no embasamento de sua argumentação. Ao defender o ensino da geometria, ele disse que “o desenvolvimento da geometria (elementar) se deve ao povo grego, o qual harmonizou admiravelmente o gosto estético mais refinado com as mais geniais e audaciosas tendências especulativas”³⁸⁰. Em sua conexão entre o desenvolvimento da geometria e o papel dos gregos, Albanese justificou a importância formativa do ensino daquela disciplina³⁸¹.

A geometria, para Albanese, assumia uma posição elevada, como uma das únicas disciplinas escolares capazes de unir a formação do espírito artístico e a construção racional e científica de pensamento, o que conferia a ela um lugar não apenas na ciência, mas na formação do todo, do espírito.

Cabe ressaltar que algumas opiniões não se alinhavam nem às críticas ao enciclopedismo, nem ao apelo ao orgânico. É o caso de Wataghin, que em seu discurso *O ensino das ciências físicas*, de 1936, defendeu que o ensino da física, como todas as outras disciplinas, deveria proporcionar “um conhecimento proveitoso, rigorosamente útil”³⁸². Essa colocação é interessante, pois os fundadores e dirigentes da FFCL sempre buscavam ressaltar o caráter desinteressado da cultura e da ciência a serem produzidas na instituição. Por outro lado, figuras como Fantappiè criticavam o ensino secundário de fins puramente práticos e utilitaristas. Wataghin, por sua vez, trouxe o termo “rigorosamente útil”, sem maiores explicações sobre o que entendia com essa expressão, mas utilizou de um termo que não era comum aos discursos de seus colegas.

Luigi Galvani, em *O ensino da estatística na Universidade de S. Paulo*, de 1936, conforme pode-se observar no título, não fez nenhuma observação sobre a situação do ensino secundário brasileiro. Assim como Piccolo e Albanese, ele procurou embasar sua argumentação em aspectos históricos da estatística, bem como ressaltar a importância dos

³⁸⁰ *Idem, ibidem*.

³⁸¹ Apesar de recorrer à história dos gregos para embasar seu discurso e de ter sido contratado para reger, também, a cadeira de *História das Matemáticas*, Albanese, em nenhum momento, comenta sobre ela. Talvez sua concepção fosse próxima à de Piccolo, que não aceitava a divisão entre o ensino de um saber e a sua história. Ao analisarmos os programas de ensino da subseção de matemática para o ano de 1936, notamos que o curso de *História das Matemáticas* estava previsto para ser ensinado no terceiro ano. No entanto, quando observamos os pontos a serem efetivamente trabalhados nesse ano, notamos apenas geometria do hiperespaço (a cargo de Albanese) e teoria dos funcionais analíticos (a cargo de Fantappiè), não existindo um curso separado para *História das Matemáticas*, o que pode significar que ele a trabalharia ao longo de seu curso de geometria ou que ela seria incorporada ao programa em um outro momento (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937b: 217-220).

³⁸² Folha da Manhã, 26, set. 1936, capa.

italianos nesse contexto. No entanto, em nenhum momento se posicionou com relação ao enciclopedismo ou à cultura de ordem mais orgânica. Ao falar sobre seus alunos, Galvani ressaltou que eles tinham bons conhecimentos prévios e que conseguiam acompanhar as aulas sem maiores dificuldades. De todo modo, devemos levar em consideração que o seu curso estava alocado na seção de Ciências Sociais e, portanto, o corpo discente com o qual ele trabalhou não era o mesmo que o da Matemática ou da Física, o que pode ter contribuído para que suas impressões fossem diferentes das de seus colegas.

2.3 Uma solução para o problema: reformas do ensino pensadas por Luigi Fantappiè e Giacomo Albanese

Conforme vimos anteriormente, Luigi Fantappiè apresentou dois projetos de reforma: um para a FFCL³⁸³ e outro para o ensino secundário brasileiro. Giacomo Albanese também foi requisitado a apresentar sugestões para uma reforma do ensino e as publicou no artigo *Considerações sobre o curso secundário*³⁸⁴. É importante ressaltar que não é intenção do presente trabalho uma análise aprofundada de cada item defendido pelos autores em seus projetos, mas sim destacar os pontos que ilustram as estratégias encontradas por eles para garantir a organicidade do ensino, algo caro à *Missão Italiana*³⁸⁵.

A primeira proposta apresentada pelo projeto de reforma dos estatutos da FFCL, de Fantappiè, seria a de substituir o Decreto nº39 de 3 de setembro de 1934, que definia o funcionamento da FFCL. De uma certa forma, Fantappiè parecia atender a uma exigência presente em alguns dos discursos da *Missão Italiana*, sobre a possibilidade de “homogeneizar” a FFCL. Segundo Piccolo, existia um ponto fundamental que dificultava que a FFCL se tornasse uma faculdade orgânica, que era a reunião de Filosofia, Ciências e Letras em uma mesma instituição. Na proposta de Fantappiè, a ideia era criar uma Faculdade de

383 Bontempi Júnior (2001:53), em sua tese de doutorado, cita o projeto de reforma dos estatutos de FFCL apresentado por Fantappiè e resalta que, a despeito daquele discurso de Mesquita Filho, onde teria dito que os italianos teriam sido designados para as cadeiras que não ensinariam a pensar, “a presença de Fantappiè na definição dos rumos da instituição é bastante destacada”.

384 Albanese, 1941.

385 Mesmo assim, consideramos importante a realização de uma análise aprofundada de cada uma das reformas, em comparação com as Reformas Francisco Campos e Capanema, para compreender ainda mais o contexto histórico de produção dos discursos de Fantappiè. No entanto, reconhecemos os limites temporais e temáticos para a elaboração de uma dissertação de mestrado, os quais impõe que sejam feitos recortes, concessões e escolhas, para não comprometer o entendimento do objeto de estudo.

Letras e Ciências que abrigaria duas seções: Letras, que seria composta pelas seguintes subseções: Letras Clássicas, Letras Modernas, Filosofia, Disciplinas Sociais, História, Geografia e Antropologia, e a seção de Ciências, que seria composta por Matemática, Física, Química, Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia³⁸⁶.

Segundo sua proposta, as decisões didático-científicas da instituição ficariam a cargo da Congregação, que deveria ser composta por professores catedráticos e pelo diretor, que seria seu presidente. Não haveria a necessidade dos catedráticos serem propriamente brasileiros, o que representa uma diferença com relação ao regimento vigente no período, que impunha limites burocráticos à participação dos estrangeiros que, além de não atenderem às exigências relativas à nacionalidade, também não eram catedráticos. Além da Congregação, os chamados Conselhos das Seções, formados por todos os catedráticos de cada seção, e os Conselhos das Subseções, formados por todos os catedráticos de cada subseção, também cuidariam do funcionamento didático-científico da faculdade. Além disso, cada Conselho deveria escolher um diretor entre seus membros, que ficaria responsável por convocar e presidir as reuniões.

Um ponto curioso desse projeto é o terceiro parágrafo do Artigo 5º, que diz:

Os atuais diretores de tôdas as Sub-seções da Secção de Ciências, exceto a de matemática, ficarão no cargo, a fim de assegurar a continuidade administrativa nos respectivos laboratórios, salvo renúncia ou falta grave devidamente provada em inquérito³⁸⁷.

Na ocasião da reunião dessa Congregação, Giacomo Albanese ainda não havia assinado o contrato com a FFCL³⁸⁸. Sendo assim, o único professor da subseção de matemática era Luigi Fantappiè. O trecho supracitado é curioso, pois atribui a todos os diretores de subseção a tarefa de continuarem em seus postos por um tempo (que não fica claro de quanto deveria ser), até que os laboratórios estivessem devidamente organizados, com exceção do diretor da matemática, que, provavelmente, seria ele mesmo. É interessante notar essa questão, uma vez que ele retornou à Itália em 1939; essa posição definida no projeto de reforma do Estatuto da FFCL pode indicar a sua intenção de não permanecer no Brasil por muito tempo.

Em seu projeto, Fantappiè demonstra uma atenção especial à formação do professor

---

³⁸⁶ Universidade de São Paulo, 1937b, p. 125.

³⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 126.

³⁸⁸ Conforme apresentado no capítulo anterior, o contrato de Albanese foi assinado em outubro de 1936.

secundário, pois apresenta a ideia da formação de um “Seminário Pedagógico”, “destinado a ministrar o preparo pedagógico aos alunos da Faculdade candidatos aos diplomas de habilitação ao exercício do magistério secundário”³⁸⁹. Uma comissão nomeada pela Congregação ficaria responsável por coordenar esse seminário. Entre as atividades desenvolvidas por essa comissão, estaria o preparo de conferências sobre a temática do ensino secundário, bem como o estabelecimento de um plano de aulas a serem ministradas pelos alunos em instituições de ensino, com a supervisão de professores ou assistentes. Aos que frequentassem as conferências com assiduidade e ministrassem um número suficiente de aulas práticas, seria conferido um certificado de aproveitamento pedagógico. É importante ressaltar que esse projeto não previa a necessidade de os alunos cursarem suas disciplinas em um local especialmente voltado aos estudos da educação, como o Instituto de Educação, onde os alunos cursavam as disciplinas pedagógicas naquele momento. Aliás, Fantappiè não considerava esse tipo de disciplina importante para a formação de um professor. Segundo Benedito Castrucci, matemático formado pela FFCL em 1939³⁹⁰, Fantappiè dizia que para ser um bom professor bastava que se soubesse a matéria e fosse um bom artista e, por isso, teria aconselhado-o a não cursar as disciplinas didáticas³⁹¹.

Em seu relatório entregue quando de sua despedida da FFCL, em 1939, Fantappiè ressaltou, mais uma vez, sua preocupação com a existência de disciplinas de educação para a formação de professores. Ele acreditava que os programas estavam muito pesados e, por isso, o curso deveria se estender e passar a ter duração de quatro anos. Além disso, acreditava ser importante ir “diminuindo tanto quanto possível o peso dos cursos *accessórios* de pedagogia, semelhantemente a quanto se faz em vários países da Europa”³⁹². Quer dizer, na opinião de Fantappiè, as disciplinas da área da educação representavam um tempo perdido na formação dos estudantes, futuros professores secundários. Nesse sentido, Circe Silva (2000) acredita que “a formação pedagógica do futuro professor de Matemática não era valorizada pelos professores italianos” (SILVA, 2000:13). No entanto, considerando os discursos de Fantappiè expostos até agora, é mais razoável dizer que ele não concebia uma formação pedagógica separada das matemáticas, que ele era contra a realização de disciplinas na área da educação

---

389 Universidade de São Paulo, *op. cit.*, p. 126.

390 Universidade de São Paulo, 1953a.

391 Castrucci, 1992.

392 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939, grifo nosso.

em um espaço separado, como no Instituto de Educação. De fato, tendo em vista a preocupação do matemático com o ensino *orgânico*, a formação do professor secundário que ele pensava também não poderia ser fragmentada dessa maneira. Ao contrário, a preparação pedagógica viria ao lado do contato com o conhecimento científico, de modo interconectado, orgânico, dentro da própria Faculdade de Letras e Ciências.

Segundo esse projeto, a Faculdade outorgaria diplomas para habilitação ao magistério secundário nos seguintes blocos de disciplinas: Português, Latim e Grego; Matemática e Física; Química e História Natural; História e Geografia; Filosofia e Sociologia; Francês, Italiano e Espanhol; Inglês e Alemão. Conforme podemos observar, Fantappiè propunha algo que ele já havia defendido em seu discurso *As mathematicas na escola secundaria* (1936), onde dizia que um mesmo professor deveria ensinar disciplinas afins. Assim, a própria FFCL cuidaria de formar esse profissional mais *orgânico*.

No artigo 10º do decreto de organização da FFCL então vigente, ficava previsto que “Para o doutoramento em cada uma das secções ou subsecções, o licenciado é obrigado, a um curso e estágio de 2 anos, em seminarios ou laboratorios, findos os quais lhes será conferido o grau de doutor se aprovado na defesa de trabalho original, de pesquisa ou de alta cultura”³⁹³. A proposta de Fantappiè, por sua vez, apresentava a possibilidade de se conferir o *título* de doutor e o *grau* de doutor, mas não definia em que áreas e nem sob quais exigências, salvo a apresentação de uma tese, mas indicava que isso deveria ser decidido pelos Conselhos das Seções.

Com relação à frequência às aulas, o projeto dizia que não seria cobrada a presença dos estudantes, desde que ele não atrapalhasse o bom andamento dos cursos. Em caso de excesso de ouvintes, seriam priorizados aqueles devidamente matriculados. No entanto, no Artigo 55º é colocado que, para se inscrever no exame de curso, que seria aplicado pelo professor responsável, o aluno deveria apresentar um certificado de aproveitamento mínimo; os critérios para obtenção desse diploma seriam apresentados pelos professores e deveriam passar pela aprovação do Conselho da Seção.

O segundo projeto apresentado por Fantappiè foi o de reforma do ensino secundário, que visava substituir o Decreto 21.241 de 04/04/1932, de Francisco Campos, que

---

393 SÃO PAULO. Diário do Executivo. Atos do Interventor Federal no Estado. Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. Crea a Universidade de São Paulo e dá outras providências. Diário Oficial do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil). Ano 44, numero 20, 27, jan. 1934, p. 2.

“Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundario e dá outras providências”³⁹⁴. De fato, Francisco Campos teria empreendido uma primeira reforma do ensino na segunda metade de 1931, porém este decreto deveria organizar especificamente o ensino secundário (DALLABRIDA, 2009). Primeiramente, devemos ressaltar que aquele projeto de Fantappiè definia o ensino secundário de caráter *formativo*, conforme explicitado logo no início de seu texto. Tendo em vista as ideias defendidas por Fantappiè em seu primeiro discurso proferido no Brasil, que versava sobre a organização do ensino secundário e superior, este projeto pode representar uma primeira materialização de suas propostas para um ensino que considerava intelectualmente elevado e que melhor contribuiria para uma nação mais *orgânica*.

Enquanto o decreto de Francisco Campos estabelecia que o ensino secundário oficialmente reconhecido era aquele do Colégio Pedro II e estabelecimentos oficialmente inspecionados, o projeto de Fantappiè colocava como ensino secundário reconhecido aquele que satisfizesse os termos de sua proposta, que almejava virar uma lei. Segundo seu projeto, o curso secundário contaria com dois cursos seriados, um fundamental e outro complementar, sendo o primeiro de cinco anos e o segundo de dois, totalizando sete anos, em uma organização igual à vigente no período³⁹⁵. Chamamos a atenção para um ponto defendido por Fantappiè, com relação ao ensino de língua estrangeira: o aluno deveria escolher duas línguas, entre francês, italiano, inglês, alemão e espanhol. No Decreto 21.241 de 04/04/1932, de Francisco Campos, não estava presente o ensino de italiano, mas o de francês e o de português, desde o início, e depois português ao lado de inglês. Tanto no decreto de Campos quanto no projeto de Fantappiè, observamos a presença do ensino do latim, porém no projeto de Fantappiè ele apareceria logo na primeira série do fundamental, enquanto no de Campos viria somente a partir da terceira.

O ensino complementar proposto por Fantappiè contaria com três seções: 1ª - Filosofia e Letras; 2ª - Ciências Biológicas; e 3ª - Ciências Exatas, ponto diferente da Reforma Francisco Campos, que dividia os cursos complementares em: Engenharia e Agronomia; Medicina, Odontologia, Farmácia e Veterinária; e Direito (ZOTTI, 2006). Tanto

394 RIO DE JANEIRO. Decreto n. 21.241 de 4 de abril de 1932. Diário Oficial. Estados Unidos do Brasil. 9, abr. 1932, p. 6666.

395 A Reforma Francisco Campos determinou o aumento do tempo de duração do ensino secundário, que passou a ter sete anos e o dividiu entre curso secundário fundamental, de cinco anos, e curso complementar, de dois anos, que se dividiria em três especialidades: engenharia e agronomia; medicina, odontologia, farmácia e veterinária; e direito (ZOTTI, 2006).

no decreto de Campos quanto no projeto de Fantappiè, notamos a presença do ensino da educação física para todas as classes. Nos cursos complementares propostos por Fantappiè ainda se encontraria o ensino de italiano como uma das línguas a ser escolhida, entre francês, inglês e alemão. Segundo sua proposta, o diploma obtido em cada uma das seções daria direito à matrícula em um curso superior: para a primeira seção poder-se-ia escolher entre Faculdades de Direito, de Ciências Sociais, Ciências Políticas, Ciências Econômicas ou uma das Seções de Letras de uma Faculdade de Letras e Ciências. Observa-se já, aqui, a sua Faculdade de Letras e Ciências, que seria criada pelo outro projeto. Os alunos com diploma na segunda seção poderiam escolher uma das seguintes faculdades: Medicina, Farmácia, Odontologia, Agricultura ou uma das subseções de ciências naturais da seção de ciências de uma Faculdade de Letras e Ciências. Aqueles formados pela terceira seção poderiam se matricular em cursos de Escolas Politécnicas ou em algum curso de uma das subseções de Matemática, Física ou Química de uma seção de ciências de uma Faculdade de Letras e Ciências.

Uma grande diferença entre o ensino vigente no período e o projeto de Fantappiè é que, no projeto do italiano, um mesmo professor deveria ficar responsável por um bloco de disciplinas, exatamente as mesmas definidas pelos diplomas de magistério a serem conferidos aos alunos formados por sua Faculdade de Letras e Ciências: Português e Latim; Matemática e Física; Química e História Natural; História e Geografia; Filosofia e Sociologia; Francês, Italiano e Espanhol; Inglês e Alemão. Enquanto não houvesse professores capazes de ministrar um mesmo bloco de línguas estrangeiras, elas deveriam ser divididas entre cada professor especialista. Assim, a organicidade do ensino, a interligação entre os saberes e formação moral e espiritual dos jovens seria garantida. Outra estratégia com relação ao trabalho dos professores secundários, seria manter os mesmos professores, em seus respectivos blocos de disciplina, acompanhando suas turmas ao longo dos anos.

Para garantir a educação de caráter formativo, Fantappiè propunha que se pensasse os programas dentro dos seguintes objetivos:

- Apresentar apenas os conceitos mais fundamentais de cada disciplina, deixando de lado a preocupação com a “utilidade” prática do ensino;
- Os conceitos abordados pelo professor nas diferentes disciplinas que ministra deveriam ser trabalhados de maneira harmônica, para contribuir na formação orgânica do

aluno e formar a sua personalidade;

- O que não fosse contemplado por esses objetivos formativos deveriam ser excluídos do programa, para não distrair os alunos;

- Deveria ser evitada a fragmentação dos programas de ensino em pontos.

Com relação à formação dos professores secundários, Fantappiè propunha que o Ministério da Educação e Saúde mantivesse uma espécie de registro dos profissionais, que deveriam estar inscritos por blocos de disciplinas. Além disso, para entrarem nesse registro, deveriam apresentar os seguintes documentos:

- a) prova de identidade;
- b) prova de idoneidade moral;
- c) atestado de idade;
- d) diploma de habilitação ao magistério secundário para as matérias requeridas, outorgado por um Instituto Superior devidamente autorizado pelo Governo Federal;
- e) quaisquer títulos ou diplomas científicos que possua o candidato, bem como exemplares de trabalhos publicados³⁹⁶.

Chamamos atenção para o item *e*. Conforme observamos anteriormente em seus discursos, Fantappiè tinha uma preocupação especial quanto à formação do professor secundário. Conforme vimos em seu discurso de 1936, ele demonstrava um maior interesse na formação científica e ressaltava que um bom professor deveria compreender, acompanhar e produzir conhecimento científico, para ensinar melhor aos seus alunos.

O Anuário de 1936 ainda conta com um comentário do professor Pierre Hourcade a respeito do projeto de Fantappiè. Em sua opinião, estava claro que o maior objetivo do matemático seria o de fazer uma oposição ao chamado ensino enciclopédico, o que pode ser observado quando ele colocava uma série de disciplinas humanísticas e certo “alívio” com relação aos programas, o que vai ao encontro das nossas análises feitas até aqui. Hourcade e seus colegas estavam plenamente de acordo com esse ponto da proposta de Fantappiè³⁹⁷.

Apesar de apresentar pontos em discordância com a Reforma Francisco Campos, o projeto de Fantappiè não trouxe pontos específicos para o ensino da matemática secundária, o que não permite que analisemos as possíveis concordâncias ou discordâncias com a reforma de Euclides Roxo. De todo modo, o fato de propor uma redução dos conteúdos e fazer

---

³⁹⁶ Universidade de São Paulo, 1937b, p. 134.

³⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 149.

oposição ao enciclopedismo já o colocava em posição contrária a Roxo, o que é reforçado quando observamos que as ideias de Fantappiè circularam em meios onde as críticas a essa reforma da matemática eram mais explícitas.

Em 1941, Giacomo Albanese publicou o artigo intitulado *Considerações sôbre o curso secundário*. O matemático procurou se justificar quanto aos motivos que o levaram a escrever sobre o tema; primeiramente, afirmou que o assunto já fora bastante debatido e não havia tantas contribuições a realizar. Por outro lado, reconhecia que poderia ser criticado por tocar no assunto, pelo fato de ser estrangeiro. A motivação para escrever o artigo, segundo Albanese, partiu de um convite feito pela própria *Revista Bibliográfica da USP*, que pediu que ele expusesse o seu pensamento sobre o tema. Albanese procurou se apresentar aos leitores como sendo um professor que foi requisitado pelo governo de São Paulo para ensinar naquela universidade, onde acreditou ter desenvolvido “desinteressadamente, durante quatro anos, trabalho intenso, cheio de zêlo e ardor pelo Magistério, pelo bem do Brasil e dos laços culturais das duas Nações amigas”³⁹⁸. Observamos, nessa apresentação, a menção à cultura desinteressada, tão cara aos fundadores da USP, além de uma reafirmação da missão de embaixadora cultural, que a *Missão Italiana* levou a cabo durante a estadia no Brasil. Albanese ainda utilizou o espaço para reforçar a aproximação entre os dois países, colocando seu artigo como parte desse processo.

Apesar de Albanese ter afirmado que não pretendia falar mal do ensino secundário brasileiro, ao elogiar a inteligência dos alunos colocava que essa capacidade intelectual também estava presente na faculdade, ainda que “o ginásio e os cursos pre-universitários façam o possível para desviá-los do bom caminho da cultura”³⁹⁹. Além disso, ele acreditava que diversos jovens deixavam de ingressar na universidade por conta da escola e da cultura que entravam em contato no período de formação, que ele considerava insuficientes.

Para Albanese, o bom funcionamento de uma nação dependia de quatro pilares: o exército, a justiça, a escola e a burocracia. Nesse sentido,

a escola particular não representa o ideal, principalmente no período de agitados nacionalismos que o mundo atravessa, e as louváveis exceções existentes não alteram, de modo algum, o conceito geral. Entretanto, não é possível cortar a vida de tais escolas⁴⁰⁰.

---

398 Albanese, 1941, p. 7.

399 *Idem, ibidem*, p. 8.

400 *Idem, ibidem*, p. 9.

Em um primeiro momento, poderíamos pensar que Albanese estava se referindo ao nacionalismo do Regime Fascista, até de maneira positiva. Porém, o Brasil também enfrentava um momento de políticas nacionalistas, que afetavam diretamente a vida dos estrangeiros que aqui viviam, não ficando evidente a qual tipo de nacionalismo ele se referia. De todo modo, ele acreditava que um caminho interessante para a escola era a centralização da maior parte do ensino nas mãos do Estado, ainda que, para tanto, fosse necessário estatizar as escolas particulares que apresentassem qualidade de ensino e dificultar a criação de novos estabelecimentos privados, o que demonstra seu alinhamento a Estados totalitários.

Com relação à duração da escola secundária, Albanese propunha que o ideal seria de sete ou oito anos, divididos da seguinte maneira:

- ginásio inferior, de três anos;
- ginásio superior, de dois anos;
- liceu, de dois ou três anos.

Segundo sua proposta, os liceus viriam a substituir os colégios preparatórios e pré-universitários que, em sua opinião, serviam apenas como extensões anteriores da universidade. Ele embasou sua crítica a esses colégios a partir de sua experiência tanto na Escola Politécnica, quanto na FFCL. Com relação à presença de liceus, notamos que a escola italiana daquele período contava com essa divisão⁴⁰¹, o que sugere que sua proposta foi inspirada na organização escolar de seu país de origem.

Com relação à corrente de ensino mais adequada, Albanese seguia a mesma linha de Fantappiè, que privilegiava o ensino de caráter humanístico. Em sua opinião, os estudos mais específicos deveriam ser realizados em âmbito universitário, enquanto a escola média deveria preparar os alunos de uma maneira mais ampla. Segundo Albanese, “É na escola secundária que se forma a alma da Nação e a cultura de um povo”⁴⁰².

Em seguida, ele tratou de quatro pontos que considerava centrais para pensar os problemas do ensino secundário: o corpo docente, os programas, os livros escolares e os

---

401 De acordo com a *Carta della Scuola*, apresentada em 1939 pelo Ministro Giuseppe Bottai, o ensino médio italiano contaria com a escola profissional, que permitiria ao aluno entrar em uma escola técnica onde poderia aprender uma profissão. Haveria também a escola humanística, que permitiria que os alunos ingressassem nas escolas superiores e, posteriormente, na universidade. O nível superior compreendia o liceu clássico, o liceu científico, o instituto magistral, o instituto técnico comercial, os institutos profissionais, o *Istituto Femminile* e o *Magistero Femminile*, para formar donas de casa (HORTA, 2009).

402 Albanese, 1941, p. 10.

exames. Para a *escola fascista*, essas questões também eram muito importantes; por exemplo, a fascistização do corpo docente⁴⁰³ veio antes da fascistização da própria escola, uma vez que os professores secundários eram considerados peças fundamentais para a formação da mentalidade dos alunos (HORTA, 2009). Para Albanese, esse ponto também era importante, por acreditar que “A fé, a disciplina, o saber, o decôro e a moralidade dos mestres constituem os próprios dotes da escola”⁴⁰⁴. No entanto, ele afirmava que, no caso do Brasil, questões de fé, disciplina e moralidade estavam em ascensão, o que era positivo para a escola. Ele ainda acreditava que esses professores deveriam ser formados pelas faculdades de filosofia, sobre as quais dizia que estavam “apenas em formação e só pode dizer que elas se preparam para o cumprimento da sua não fácil missão. Mas, ajudadas pelos poderes centrais, poderiam acelerar a marcha e colocar-se rapidamente à altura da sua tarefa”⁴⁰⁵.

Em seus discursos, Fantappiè e Wataghin insistiam que era preciso que os professores secundários tivessem uma formação como cientistas, pois somente assim conseguiriam ensinar melhor as matérias sob suas responsabilidades. Albanese também sustentava essa ideia quando afirmava que os estudos dos professores não deveriam se esgotar após os três anos de formação nas Faculdades de Filosofia, mas deveriam ser seguidos por doutoramentos e cursos de aperfeiçoamento.

Um problema destacado por Albanese era o salário dos professores secundários. Em sua opinião, eles não estavam recebendo o suficiente para se manterem, o que os obrigaria a complementar a renda desempenhando outras atividades profissionais. Por conta disso, ele acreditava que os melhores professores se dedicavam a outras carreiras, onde poderiam ganhar mais, enquanto os que ficavam na profissão eram “mediócras” ou “pouco idealistas”. Uma das possíveis saídas era uma hierarquização da carreira docente, onde, a cada nível de ensino, o professor receberia um pouco mais. A primeira categoria seria a dos professores do ginásio inferior, seguidos pelos do ginásio superior, professores do liceu (estes com mais uma quarta categoria, que seria ainda mais elevada) e, por fim, os diretores. Para o ingresso em cada categoria, existiria um concurso de provas e títulos e seria dada a preferência ao candidato que fizesse parte da categoria anterior, no caso de professores ginasiais em diante.

---

403 Uma das medidas adotadas pela *escola fascista* para garantir que os professores secundários aderissem à ideologia fascista foi a de fechar todas as associações não-fascistas e, com o tempo, impedir a participação de professores que não estivessem em dia com as obrigações do PNF nas associações reguladas pelo Estado, tais como a “Corporazione della Scuola”, criada em 1923 (HORTA, 2009).

404 Albanese, *op. cit.*, p. 11.

405 *Idem, ibidem.*

Tais concursos seriam realizados periodicamente e os professores deveriam se submeter a cada um deles, a fim de garantirem suas posições.

Albanese propunha, ainda, que cada categoria subsequente deveria receber salários sensivelmente maiores que as anteriores. Além disso, sugeria que fossem criados diferentes quadros, de cidades “provinciais” e cidades “sede”. No caso desta última, os professores deveriam ganhar mais, uma vez que o custo de vida nesses locais era maior. Uma outra proposta apresentada por Albanese com o objetivo de atrair mais professores à carreira docente era a criação de um “Quadro de Honra”, para premiar os professores que se destacassem e, também, os que alcançassem a livre-docência. Assim, o professor que recebesse tal título teria o salário e o *status* equiparado ao docente da categoria superior. Segundo Albanese, “O diretor de um ginásio-liceu deveria ser equiparado a um professor universitário. Na Itália é equiparado nas honras e nos vencimentos a um coronel do Exército”⁴⁰⁶.

Em sua opinião, as escolas particulares deveriam pagar aos professores o mesmo que as escolas públicas, o que poderia melhorar a qualidade desses estabelecimentos, por tender a diminuir a evasão dos docentes. Essas escolas também deveriam utilizar as classificações dos professores nos concursos para constituírem seus quadros.

Com relação aos programas, Albanese chegou a apresentar uma opinião semelhante à de Fantappiè e de educadores que pensavam como ele, como padre Vieira. Ele sugeriu a diminuição e simplificação dos conteúdos. Em suas palavras,

é necessário habituar os jovens a estudar em profundidade, e não em extensão, porque êste é o carater precípua e essencial do ensino médio e superior. Fazer trabalhar o cérebro e o coração, e não a memória, imprimir no espírito os fatos salientes das vicissitudes espirituais e históricas da humanidade e nunca recitar indiferentemente esta ou aquela lição⁴⁰⁷.

Deste modo, Albanese indicava a necessidade de uma formação espiritual dos jovens, tarefa a ser desempenhada primordialmente na escola secundária. Acreditava que a acumulação e a memorização dos conteúdos não ajudariam nesse processo, ao contrário, classificava esse tipo de ensino como “charlatanismo”, uma vez que não deixaria vestígios na vida dos jovens. Sua opinião assemelha-se às do padre Vieira e de Fantappiè, que afirmavam que esse tipo de ensino daria aos jovens uma imagem superficial de sabedoria, uma falsa

⁴⁰⁶ Albanese, 1941, p. 14.

⁴⁰⁷ *Idem, ibidem*, p. 15-16.

impressão que os faria acreditar que eram cultos.

Com relação aos programas da matemática, que acreditava poder falar com mais propriedade, considerava muito extensos, uma vez que o mesmo conteúdo que, no Brasil, era ensinado ao longo de cinco anos, na Itália era ensinado nos cinco anos de ginásio, três de liceu e um ou dois da universidade. Segundo Albanese, no Brasil “o absurdo é evidente e bastaria para liquidar o assunto, tanto mais que todos concordam em que o ginásio-liceu italiano é um verdadeiro modelo de escola, admirado e apreciado em toda a parte”⁴⁰⁸, o que demonstra, mais uma vez, sua afinidade com a escola italiana⁴⁰⁹. Assim, Albanese colocava esse tipo de ensino, de acumulação, enquanto algo “inorgânico”, termo caro a Fantappiè e Piccolo. No entanto, Albanese não citou o nome de seus colegas italianos, mas o do engenheiro J. O. Monteiro Camargo, que teria uma opinião “idêntica” à sua, conforme teria observado em seu discurso inaugural proferido naquele ano universitário.

Para Albanese, era interessante que um mesmo professor lecionasse algumas matérias no ginásio inferior, como Português, Latim e História, pensamento semelhante àquele proposto por Fantappiè em seu projeto de reforma do ensino secundário, onde os professores deveriam ensinar por blocos de disciplinas. Outra similaridade de organização era com relação às disciplinas existentes, que deveriam ser organizadas de acordo com os cursos presentes nas faculdades de filosofia. Nos demais níveis de ensino, principalmente no liceu, as disciplinas seriam regidas por diferentes professores, dada a necessidade de aprofundamento em cada uma delas. No entanto, Albanese sinalizava para a necessidade de uma redução na quantidade de disciplinas a serem ensinadas, bem como no número de horas de aula, que deveriam se restringir ao período da manhã.

Albanese teceu alguns comentários sobre os livros didáticos, também. Ele tinha consigo alguns exemplares de livros utilizados em São Paulo e, em sua opinião, os autores seriam dotados de uma atitude quase heroica, por tentarem colocar em poucas páginas uma quantidade considerável de conteúdos. Mesmo assim, ele considerava que o ensino a ser ministrado a partir desse tipo de material traria danos não só em termos de lógica e história,

---

408 *Idem, ibidem*, p. 16.

409 No Arquivo Pessoal Euclides Roxo, no Centro de Documentação do GHEMAT, encontramos um rascunho, sem data, com alguns dos pontos trabalhados em três séries da escola italiana (não é especificado qual o nível de ensino). Não encontramos nenhuma crítica ou concordância de Roxo para esse programa, mas consideramos notável a presença de tal rascunho, o que sugere que ele, de algum modo, estava atento à organização da educação matemática na Itália. Ver: Centro de Documentação GHEMAT. ER T 3 064. Programas italianos, sem data. 56f. 34 de 79.

como também ao que denominava “formação mental do aluno”⁴¹⁰. As principais críticas de Albanese destinavam-se ao ensino da geometria, área de sua competência, dentro da qual ele ainda lançou um apelo à memória de um famoso geômetra: “Que contraste com o imortal exemplo dos elementos de Euclides, sôbre os quais já pesam mais de dois milênios!”⁴¹¹. Segundo Schubring (2004), a matemática italiana contava com uma tradição em geometria, sobretudo a euclidiana, o que nos faz compreender o apelo de Albanese, pois os programas da matemática dos livros daquele período foram preparados a partir dos trabalhos de Roxo, que se inspirou nas reformas iniciadas por um outro geômetra, Félix Klein, que encabeçou um movimento que tinha como uma de suas características o abandono da didática rígida da Geometria de Euclides (CARVALHO, 2004).

Ainda com relação aos livros, Albanese sugeriu que, para assegurar a qualidade do material, fosse formada uma comissão de avaliação e, assim, os estabelecimentos de ensino deveriam adotar somente as obras aprovadas. Para assegurar a qualidade e transparência da avaliação, cada livro deveria portar o nome do presidente e do relator da comissão na primeira página.

O último ponto abordado por Albanese foi com relação aos exames. Assim como nos demais discursos contrários ao enciclopedismo, o matemático não concordava com a existência dos exames parciais, por não considerá-los formas adequadas de se avaliar o conhecimento dos alunos. Um problema oriundo dos exames parciais seria o modo de calcular as médias gerais, em que um aluno que tivesse conseguido boas notas nos primeiros exames poderia zerar nos exames finais e, ainda assim, ser aprovado. Ele defendia que o professor tivesse mais autonomia e que os exames, nesses moldes, representavam uma espécie de desconfiança com o seu trabalho, principalmente no que tange à avaliação. Além disso, ele acreditava que os exames iriam além da simples avaliação individual, dizendo que nestes “não estão em jogo simplesmente os interesses individuais dos candidatos, mas, interesses nacionais”⁴¹², dado o valor por ele atribuído à escola, de formadora da mentalidade de uma nação. Por fim, ele defendia a aplicação, por parte do Estado, de exames de licenciamento ao final de cada etapa do ensino, o que determinaria se os alunos estavam aptos ou não a seguirem adiante. Em sua opinião, isso garantiria uma espécie de solenidade entre as etapas a serem superadas pelos estudantes e um peso maior aos exames finais.

---

410 Albanese, 1941, p. 21.

411 *Idem, ibidem.*

412 Albanese, 1941, p. 24.

2.4 A circulação das ideias da Missão Italiana

Em um primeiro momento, poderíamos supor que a reforma pretendida pelos dirigentes e professores da FFCL se restringiu às aspirações institucionais, não alcançando outros espaços, o que se reforça quando pensamos nas oposições políticas entre o Governo do Estado de São Paulo e o federal. No entanto, algumas das proposições da *Missão Italiana* chegaram até as mãos do Ministro Gustavo Capanema, antes de sua reforma do ensino secundário, de 1942. No dia 9 de agosto de 1940, o então embaixador da Itália no Brasil, Ugo Sola, enviou uma carta a Capanema, contendo algumas sugestões dos professores italianos acerca do ensino secundário. De acordo com Sola, Capanema estava ciente do interesse desses professores nas movimentações com relação à reforma que estava por vir. Em um primeiro momento, Sola se dizia receoso em apresentar as propostas dos professores, mas teria se convencido a fazê-lo por conta do interesse demonstrado por Capanema em saber sobre a organização do campo educacional italiano. De acordo com Sola:

Os citados professores, referindo-se particularmente aos cursos bienaes preparatorios para a admissão às Faculdades Universitarias, observaram que taes cursos, na forma pela qual desenvolvem presentemente sua atividade, isto é, separadamente nas diversas Faculdades, com orientação totalmente diferente, não podem alcançar os fins praticos que se propõe, constituindo apenas antecipação unilateral dos cursos universitarios, e deformando o conceito unitario da formação cultural e nacional da mocidade estudiosa⁴¹³.

Os professores italianos eram favoráveis à substituição dos cursos preparatórios por liceus, seguindo o modelo italiano, em uma “Escola Única”, de ensino geral e formativo, onde se ensinaria português, latim, história, matemática e ciências. Assim, se proporcionaria aos alunos uma formação cultural e humanística, ao menos uma base desse tipo de educação.

Sola também mencionou as preocupações dos professores italianos com relação ao problema do latim. Segundo sua carta, eles consideravam insuficiente reservar apenas os dois últimos cursos do ginásio a essa disciplina, por considerarem-na fundamental para um melhor

---

⁴¹³ FGV-CPDOC. Arquivo Gustavo Capanema. Correspondência entre Ugo Sola e Gustavo Capanema sobre ensino de italiano no Instituto Médio “Dante Alighiere”, reforma de ensino secundário e pedidos de nomeação Rio de Janeiro. GC b Sola, U (Textual), rolo 6, 230 a 241. As cartas analisadas nesta seção foram consultadas diretamente no Arquivo Gustavo Capanema, mas também encontram-se disponíveis no apêndice do livro *Tempos de Capanema*, de Schwartzman *et al.* (2000).

aprendizado da língua portuguesa, o que justificaria o seu ensino em todos os anos do ginásio, do primeiro ao quinto, contando com o mínimo de três horas semanais dentro dos programas. Sola colocou os professores à disposição do Ministro para eventuais esclarecimentos:

caso isso pudesse constituir assunto de interesse para o Ministro da Educação Nacional, eu poderia convidar os professores da Missão italiana de São Paulo, a apresentarem-se ao seu Ministerio todas as vezes que tivessem oportunidade de vir individualmente ao Rio de Janeiro⁴¹⁴.

Também colocou à disposição os professores da *Missão Italiana* do Rio de Janeiro (da Faculdade Nacional de Filosofia), os quais teriam um contato mais próximo a Jurandyr Lodi⁴¹⁵.

No dia 14 de agosto de 1940, Capanema enviou uma carta em resposta a Ugo Sola. Segundo Capanema, os pontos apresentados pelos professores coincidiam com algumas de suas proposições para a reforma. Primeiro, no que tangia à divisão do curso secundário, que ele pretendia dividir em três ciclos: um de três anos e dois ciclos de dois anos cada. Em suas palavras,

O primeiro ciclo corresponderá mais ou menos à escola media italiana (nos termos da XI declaração da Carta da Escola); nos dois ultimos ciclos, os estudos serão correspondentes aos do liceu classico e do liceu cientifico italianos (ambos hoje com cinco anos conforme a XIV e a XV declarações da Carta da Escola)⁴¹⁶.

Capanema ainda informou que o curso complementar de dois anos, então vigente, iria sumir e dar origem a seções, de acordo com o curso universitário a ser escolhido pelo aluno. Assim, deveria surgir um currículo de três anos, na primeira etapa, e depois dois currículos de dois anos cada um, totalizando sete anos.

Capanema ainda considerava a possibilidade de se distinguir o liceu clássico do

414 FGV-CPDOC. Arquivo Gustavo Capanema. Correspondência entre Ugo Sola e Gustavo Capanema sobre ensino de italiano no Instituto Médio “Dante Alighiere”, reforma de ensino secundário e pedidos de nomeação Rio de Janeiro. GC b Sola, U (Textual), rolo 6, 230 a 241.

415 Em janeiro de 1941, Jurandyr Lodi foi nomeado diretor da Divisão de Ensino Superior do quadro I do Ministério de Educação e Saúde (BRASIL. Seção I. Ministério da Educação e Saúde. Decreto de 14 de janeiro de 1941. Diário Oficial. 16, jan. 1941, p. 815). Na ocasião da visita de Bruno Mussolini ao Brasil, em 1938, diversas autoridades brasileiras se mobilizaram para recebê-lo, dentre eles, Jurandyr Lodi, para o qual foi concedido o título de *Comendador*, pela ajuda prestada (ver: ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 19, p. “Onoranze e Onoreficenze”, p. 1 “Onorificenze”. *Appunto Urgente*, de 04/10/1938).

416 FGV-CPDOC. Arquivo Gustavo Capanema. Correspondência entre Ugo Sola e Gustavo Capanema sobre ensino de italiano no Instituto Médio “Dante Alighiere”, reforma de ensino secundário e pedidos de nomeação Rio de Janeiro. GC b Sola, U (Textual), rolo 6, 230 a 241.

científico, assim como era feito na Itália, mas afirmou que não seria tão favorável a essa organização, por ter preferência por um currículo único tanto no segundo, quanto no terceiro ciclo. No entanto, contrariando a posição exposta nessa carta, observamos que na Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942) o ensino se dividiria em dois ciclos: um de quatro e outro de três anos. Este último ciclo era dividido entre curso clássico e científico; o primeiro com um enfoque nas letras e filosofia e o outro nas ciências (ZOTTI, 2006).

Com relação ao ensino do latim, Capanema o considerava de suma importância, assim como os italianos. Ele não o compreendia como sendo uma língua estrangeira, mas como a base para se aprender o português e garantiu que ele teria espaço nos três ciclos do secundário. Conforme observado na Lei Orgânica do Ensino Secundário, o ensino do latim estava presente no primeiro ciclo e no curso clássico; no curso científico a disciplina estava ausente (ZOTTI, 2006). Em sua carta, Capanema demonstrou satisfação com relação ao interesse dos professores italianos em colaborar com a reforma do ensino e ainda informou ao embaixador Ugo Sola que suas proposições continuariam a ser bem vindas.

No Arquivo de Gustavo Capanema ainda encontramos um excerto do artigo do professor Giacomo Albanese, *Considerações sobre o ensino secundário* (1941)⁴¹⁷, que analisamos anteriormente. Uma das páginas do excerto apresenta em seu cabeçalho o nome da Prefeitura Municipal de Angatuba. Infelizmente, o documento não acompanha nenhuma carta indicando quem teria enviado esse documento ao Ministro, nem mesmo uma resposta de Capanema acusando o seu recebimento. No entanto, é interessante notar a presença desse trecho do artigo de Albanese nos arquivos do antigo Ministro da Educação, o que nos leva a pensar sobre o alcance das propostas do professor italiano para o ensino secundário brasileiro. Ainda que Capanema não tenha lido ou mesmo levado em consideração tais sugestões, alguém teve a iniciativa de fazer chegar a seu conhecimento as propostas de Albanese. Não encontramos, até o presente momento, quais as relações entre o matemático e o município de Angatuba, mas é possível que algum professor ou dirigente deste município tenha se encarregado de fazer com que o artigo chegasse até Capanema.

As preocupações de Fantappiè, Albanese e Wataghin com relação ao ensino do latim no ensino secundário atingiram outros setores, para além da universidade e do gabinete do Ministro da Educação e Saúde. Em um artigo escrito para o jornal *OESP* em 1987, o

417 FGV-CPDOC. Arquivo Gustavo Capanema. Excerto de artigo, publicado na Revista Bibliográfica da USP, abordando questões referentes a programas do ensino ginásial. São Paulo. GC pi Albanese, G. 1941.01.00 (Textual), rolo 6, 719.

gramático latinista Napoleão Mendes de Almeida comentou sobre a posição desses professores com relação ao latim nas escolas. O gramático tinha sido convidado a participar de um movimento da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em favor do retorno do ensino do latim e da filosofia nas escolas. De acordo com Almeida, assim que chegaram ao Brasil, os três professores cuidaram de “enviar um ofício ao então Ministro da Educação, que na época cogitava reformar o ensino secundário”⁴¹⁸. Segundo Almeida, ele entrou em contato com tal ofício antes dele chegar até Capanema, pois ele mesmo teria sido o responsável por fazer sua tradução ao português. Almeida transcreveu um trecho do prefácio de sua “Gramática Latina”, onde citou uma fala de Albanese:

Chegados ao Brasil, ficamos admirados com o cabedal de fórmulas decoradas de matemática com que os estudantes brasileiros deixam o curso secundário, fórmulas que na Itália – os três professores eram catedráticos de diferentes faculdades italianas – são ensinadas só no segundo ano de faculdade; ficamos, porém, chocados com a pobreza de raciocínio, com a falta de ilação dos estudantes brasileiros; pedimos a vossa excelência, que a reforma que se projeta se dê menos matemática e mais latim no curso secundário, para que possamos ensinar matemática no curso superior⁴¹⁹.

Não encontramos tal ofício no Arquivo de Capanema, porém seu tom segue o mesmo dos discursos da *Missão Italiana* que analisamos no presente capítulo: defesa do ensino do latim e uma diminuição considerável dos conteúdos, cujo aprofundamento deveria se dar somente no ensino superior. No prefácio do livro citado por Almeida no artigo em questão, o relato dos professores italianos junto a uma ampla defesa do ensino do latim vem sob o seguinte título: “A verdadeira importância do latim”⁴²⁰. Nesse mesmo trecho, Almeida dizia que “O professor Albanese costumava dizer – e muitas pessoas são disto prova – ‘Dêem-me um bom aluno de latim, que farei dele um grande matemático’”⁴²¹, o que reforça, mais uma vez, a defesa que a *Missão Italiana* fazia do ensino humanístico, com uma atenção especial ao ensino do latim.

---

418 O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28, nov. 1987, p. 36.

419 *Idem, ibidem*.

420 Almeida, 2000, p. 9.

421 *Idem, ibidem*.

2.5 Anti enciclopedistas, pró-orgânicos ou fascistas?

Uma estratégia para compreendermos o que a *Missão Italiana* queria dizer quando falava em enciclopédico ou orgânico pode ser trabalhar através dos contrastes entre as diferentes definições das palavras e dos sentidos que os diferentes grupos sociais empregavam aos termos⁴²². Tendo em vista as declarações do padre Vieira, acreditamos que a educação ligada à Igreja Católica colocava em oposição o ensino enciclopédico e o humanista. Mas esse sentido de enciclopédico não ia tão longe, quer dizer, não tinha a ver com a formação espiritual dos jovens. Ao contrário, padre Vieira falava mesmo era da quantidade de conteúdos e do excesso de disciplinas científicas em detrimento do desaparecimento das disciplinas clássicas, sobretudo do latim e do grego. Para compreendermos o sentido de orgânico dos italianos podemos pensar em um outro italiano contemporâneo a eles, que também ficou conhecido pelo uso do termo: o comunista Antonio Gramsci. Em *Os intelectuais e a organização da cultura*, Gramsci (1982) utiliza o termo para definir o modo como

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político⁴²³.

O intelectual formado dentro de seu grupo social de origem seria o “orgânico”. Nesse sentido, todas as classes poderiam produzir seus próprios intelectuais, de acordo com as suas necessidades: empresários, cientistas, pessoas ligadas à cultura etc.⁴²⁴.

A categoria criada por Gramsci para se opor ao intelectual orgânico, no entanto, não foi o enciclopédico e é justamente nesse ponto que encontramos diferenças entre o sentido que ele empregava à palavra e o sentido empregado pela *Missão Italiana*. Para Gramsci, o intelectual que não era orgânico era “tradicional”. Esses intelectuais acreditavam ser autônomos, podendo atuar de maneira independente às pressões das classes dominantes. De todo modo, para Gramsci “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem

---

422 Uma importante inspiração metodológica, nesse sentido, foi a investigação do significado do massacre de gatos estudado por Darnton (1986), onde ele procurou os diversos significados da palavra *gato* no Antigo Regime, para compreender o que os tipógrafos estavam propondo ao matar todos os gatos do vilarejo, principalmente a gata favorita da esposa do patrão.

423 Gramsci, 1982, p. 3.

424 *Idem, ibidem*, p. 5.

todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”⁴²⁵. Ainda assim, Gramsci não coloca os intelectuais que desempenham essa função na sociedade em um patamar acima dos que desempenham tarefas mais “mecânicas” (como teria feito Fantappiè). Ao contrário, ele defende que “em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora”⁴²⁶. O intelectual “tradicional”, que reivindica a criação de uma nova classe para si pelo fato de exercer uma atividade intelectual (literato, filósofo, artista e o jornalista, que acredita ser o “verdadeiro” intelectual), na verdade está ignorando o fato de que todas as atividades humanas exigem o uso do intelecto.

Assim, “No mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo do mais primitivo e desqualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual”⁴²⁷. Para Gramsci, portanto, melhor do que trabalhar pela assimilação e conquista de intelectuais “tradicionais”, seria “o grupo [social] em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos”⁴²⁸. Assim, compreendemos que, para Gramsci, todos os indivíduos poderiam ser intelectuais e, além disso, todo grupo social poderia produzir os seus, os “intelectuais orgânicos”, pois eles conheceriam melhor do que ninguém as necessidades e aspirações em questão. Tais grupos também poderiam assimilar intelectuais, que viriam de fora para dentro, os chamados “tradicionais”. Nesse sentido, tradicional não seria visto por Gramsci como aquele que “sabe de tudo”, como o enciclopédico da *Missão Italiana*, o que demonstra uma diferença entre as oposições por eles utilizadas.

Entre os discursos da *Missão Italiana* analisados, observamos que o conjunto de palavras frequentemente associado a *enciclopédico* foi: nécio, papagaio, falso erudito, vaidoso, diletante, amador, materialista, técnico, mecânico, charlatanismo, ensino profissional, *homo æconomicus*. Para orgânico encontramos termos como: organismo, homogêneo, nação, bloco, ligação, humanista, humanístico, intelectual, universidade, ensino formativo, personalidade, espírito, *homo*. Assim, esses termos nos levaram a recorrer a outras definições do tempo da *Missão Italiana*, que poderiam nos auxiliar a compreender o que eles queriam dizer quando criticavam o ensino enciclopedista e faziam alusão a um ensino orgânico.

---

425 *Idem, ibidem*, p. 7.

426 *Idem, ibidem*.

427 *Idem, ibidem*, p. 8.

428 *Idem, ibidem*, p. 9, colchetes nossos.

Segundo Mussolini, em *La Dottrina del fascismo* (1935), a concepção de mundo do fascismo é *orgânica*, no sentido de que tudo faz parte de um todo. Sendo assim, as mesmas leis que regem o Estado, regem a vida. Não importa o modo como cada um compreenda isso. Em uma perspectiva espiritualística,

o mundo para o fascismo não é esse mundo material que surge para a superfície, no qual o homem é um indivíduo separado de todos os outros por si, e é governado por uma lei natural, que instintivamente o leva a viver uma vida de prazer egoísta e momentâneo⁴²⁹.

Neste sentido, o contrário de viver uma vida espiritualística era levar uma vida materialista, individualista, egoísta e, para Mussolini, esse não era o homem ideal: não era o homem do fascismo. Ao contrário, o homem do fascismo deveria negar a sua individualidade, seus prazeres, em prol de um bem maior, do bem da nação⁴³⁰.

Para Mussolini, antes de ser um sistema de governo, o fascismo era um sistema de pensamento e, por isso, era espiritual. Além disso, ele atribuía um importante papel à história, responsável por mostrar o modo como os homens e suas nações estavam em sintonia através do tempo. Ele se opunha a tudo o que estava “fora” desse todo e a tudo que, mesmo dentro, buscasse um caminho independente⁴³¹.

O indivíduo era o Estado, por isso não seria possível alguém ser individualista. O povo era o Estado, enfim, tudo era o Estado. Enquanto a democracia se preocupava em contar os *indivíduos* de maneira separada, o fascismo, por ser totalitário, buscava contar o povo de uma única vez: como um bloco homogêneo. Por negar as vontades individuais e a liberdade, o fascismo não esperava que a vontade da “maioria” fosse respeitada, mas agia de modo a privilegiar aquilo que julgava ser adequado para esse *organismo* chamado Nação⁴³².

Se olharmos para a *Missão Italiana* como sendo um grupo que partilhava do ideário fascista, passamos a compreender melhor a crítica que eles faziam ao enciclopedismo: é a crítica moral ao individualismo, ao materialismo, ao excesso de liberdade dos sujeitos. Quer dizer, cada um deveria desempenhar a sua função no todo, como parte de um organismo. Se um indivíduo se propõe enciclopedista, quer dizer, aquele que sabe tudo (MELZI, 1938), ele sozinho é suficiente. Mas, para o fascismo, ninguém é capaz de viver sozinho: cada um é

---

429 Mussolini, 1935, p. 2, tradução nossa.

430 *Idem, ibidem.*

431 *Idem, ibidem.*

432 *Idem, ibidem.*

parte de um todo. Não existe um número de pessoas, mas existe o povo, um bloco homogêneo⁴³³.

Poderíamos nos contentar com a noção de que a *Missão Italiana* era ideologicamente ligada ao fascismo, uma vez que a *escola fascista* também fazia essa distinção entre ensino técnico e humanístico, sendo que os jovens educados para ingressar nas universidades seriam essencialmente formados dentro da escola humanística (HORTA, 2009), o que bastaria para afirmarmos que a *Missão Italiana* contava com ideias alinhadas ao fascismo, ao menos no que tange à organização e aos objetivos da escola secundária.

No entanto, devemos ter em mente que o fascismo enquanto “ideologia” não é de compreensão trivial. A adesão partidária, conforme vimos no primeiro capítulo, era algo obrigatório (TRENTO, 1986; HORTA, 2009) e, assim, toda a *Missão Italiana* deve ter, em algum momento, jurado fidelidade ao Regime. Mas a adesão ideológica é um pouco diferente. A crítica ao materialismo e ao individualismo, bem como o apelo ao orgânico, ao homem enquanto parte de um todo, dos saberes interligados e da preocupação com o funcionamento geral da sociedade (algo que observamos nos discursos de Fantappiè, Piccolo e Albanese) eram valores compartilhados pelos fascistas, se confiarmos nas declarações de Mussolini (1935). Porém, Mannheim (1986) nos adverte que o fascismo possui sua própria maneira de compreender as relações entre teoria e prática, com bases em um ativismo irracional e a-histórico. A seu ver, essas relações estão diretamente ligadas à ação prática, à subordinação a uma figura de liderança e à ideia de massa, que deve ser controlada. Apesar de, em diversos momentos de *La dottrina del fascismo*, Mussolini (1935) realizar um apelo à importância da história para justificar a adesão a determinados movimentos e pensamentos, seu discurso não condiz com sua vivência política, onde ele, na realidade, primeiro coordenaria a prática e, depois, selecionaria os momentos históricos mais adequados, a fim de fundamentar ou justificar suas ações. Por essa razão observamos, em diversos momentos, uma evocação tanto da Itália Fascista quanto do Ressurgimento, em uma mesma linha de pensamento, ou mesmo a menção a figuras que atribuíam importância e valor à história cultural italiana, como Dante Alighieri, em um esforço de justificar determinados pensamentos ou ações políticas.

Segundo Mannheim (1986), podemos perceber a ideia de construção histórica do fascismo quando, após 1921, eles dão uma guinada à direita e sua ação política traz a “noção de 'guerra nacional' e a ideologia do 'Império Romano'” (MANNHEIM, 1986:163). A história,

---

433 Mussolini, 1935.

no fascismo, é inserida enquanto ilusão e mito, tratando-a como uma sucessão de eventos isolados, que se alinham conforme a necessidade da ação. Apesar disso, segundo Mannheim (1986), o fascismo utiliza da psicologia social para convencer as massas de seu projeto de poder. Sendo assim, como a *Missão Italiana* teria compreendido e criado uma representação dessa ideologia?

É um pouco confuso quando Fantappiè defende que um mesmo professor ensine diferentes disciplinas, que ele considera terem relação. De fato, em um primeiro momento poderíamos compreender isso enquanto um esforço para assegurar que os professores seriam capazes de criar conexões entre os saberes e, assim, evitar o enciclopedismo, garantindo um ensino mais orgânico. No entanto, por que Fantappiè se opunha ao fato de um professor de uma única disciplina, como matemática, ensinar uma quantidade determinada de conteúdos, chegando a denominá-lo enciclopedista? Ora, por que, dentro de uma mesma disciplina, um professor não seria capaz de criar conexões entre os saberes e ensiná-los dentro de uma perspectiva orgânica? Por um lado, compreendemos que a questão do volume de conteúdos não era a única característica do enciclopedismo (segundo as definições da *Missão Italiana*), mas essa era uma preocupação central dos professores italianos.

De início, compreendemos quando Fantappiè chama um sujeito que pensa que é erudito de nécio, papagaio, vaidoso. Ora, ser enciclopedista e “pensar” que sabe de tudo é um erro moral para o matemático italiano. Para ele, esse tipo de sujeito não contribui para o desenvolvimento espiritual da nação. Assim, compreendemos que ele é contra o sujeito que se apropria indevidamente do conhecimento e, mais do que isso, busca imprimir uma autoimagem de erudição. Mas, então, por que ele, um matemático, professor universitário de Análise Matemática, estava indo a público falar sobre um tema que, até aquele momento, não figurava entre suas publicações? Acreditamos que, para Fantappiè, a formação de professores secundários não era assunto para “especialistas”, quer dizer, essa distinção, para ele, não fazia sentido. Por isso ele teria proposto um “Seminário Pedagógico”, dispensando a formação didática dos licenciandos da FFCL no Instituto de Educação.

Francesco Piccolo tocou nesse assunto diretamente, quando escreveu que

se eu tivesse que escrever para uma revista de meus compatriotas, sobre assuntos concernentes à cultura e ao ensino universitário de minha pátria, não tendo que temer o perigo de ferir a justificada suscetibilidade dos estudiosos e daqueles aos quais está confiada a direção do ensino, entraria no

assunto sem premissa alguma⁴³⁴.

Assim, ele também não parecia se incomodar com o fato de que poderia não ser considerado um especialista em assuntos da educação. Ao contrário: Piccolo, Fantappiè, Albanese e todos da *Missão Italiana* em que observamos a defesa do orgânico pareciam concordar com o fato de que por serem professores universitários, formadores de outros professores e cientistas, possuíam as credenciais necessárias para saber quais as melhores estratégias para educarem seus alunos e, além disso, se consideravam suficientemente capazes de opinar na organização do ensino secundário. Isso porque acreditavam que o ensino deveria ser orgânico. Eles não acreditavam que a formação secundária fosse algo distante deles, porque eles trabalhavam na formação dos futuros professores.

---

434 Universidade de São Paulo, 1937a, p. 209-210.

3 A PARTIDA?

A *Missão Italiana* começou a desfazer-se em 1937, com o retorno de Francesco Piccolo à Itália. Conforme vimos no primeiro capítulo, para a cadeira de sua responsabilidade foi contratado o poeta Giuseppe Ungaretti. Dois anos depois, foi a vez de Luigi Fantappiè e Ettore Onorato retornarem à Itália⁴³⁵.

Em 28 de outubro de 1939, o cônsul G. Castruccio enviou uma carta a Ugo Sola, embaixador italiano no Rio de Janeiro, informando sobre a rescisão contratual de Fantappiè. De acordo com o cônsul, o contrato duraria até 31 de dezembro de 1939, porém o Ministério da Educação Nacional da Itália tinha colocado o professor à disposição da *Direzione Generale degli Italiani all'Esterio* (DIE) somente até outubro. Fantappiè foi orientado pelo cônsul a pedir a rescisão para a USP, para que pudesse retornar à Itália prontamente. No entanto, se as autoridades acadêmicas brasileiras não aceitassem, Fantappiè deveria manter o contrato, para evitar problemas com a FFCL. O cônsul enviou ao embaixador cópias dos seguintes documentos: uma carta de 25 de outubro, onde Fantappiè resumia sua trajetória acadêmica; um relatório entregue por Fantappiè ao então diretor da FFCL, Alfredo Ellis Jr.; uma carta do Secretário da Educação e Saúde Pública para Fantappiè, onde ele autorizava que o professor retornasse à Itália antes do fim de seu contrato; uma carta do diretor da FFCL para Fantappiè; e uma lista com diversas obras científicas ofertadas pelo governo italiano à FFCL, por intermédio de Fantappiè. Com passagem já comprada, Fantappiè deveria partir do Porto de Santos no dia 25 de outubro, com o navio *Neptunia*. O cônsul ressaltava que o professor deixaria um grupo de alunos na FFCL e, também, uma ótima impressão na Universidade de Porto Alegre, onde costumava realizar conferências⁴³⁶.

Na carta enviada a Fantappiè por Ellis Jr., então diretor da FFCL, ele procurou agradecê-lo pelo trabalho prestado junto à universidade e dizia que esperava poder contar com colaborações do professor no futuro⁴³⁷. Em sua carta ao cônsul, Ellis Jr. dizia lamentar a

435 Universidade de São Paulo, 1953a.

436 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Carta do cônsul G. Castruccio ao embaixador Ugo Sola, com cópia ao *Ministero degli Affari Esteri e della Cultura Popolare*, em Roma, de 28/10/1939. Ver também: *Idem*, carta do Secretario da Educação e Saúde Pública a Fantappiè, de 24/10/1939.

437 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Carta de Ellis Jr. a Fantappiè, de 23/10/1939.

partida de Fantappiè e ressaltava o “quão acertada fôra a escolha de seu nome para a regência da Cadeira de Análise Matemática, não só pela excelência dos cursos que teve ocasião de desenvolver, como também pelo espírito constructivo de que se revestiu a sua acção”⁴³⁸. Ellis Jr. destacava o trabalho de Fantappiè na formação de matemáticos, por colocá-los em uma rede internacional de circulação, pela organização da subseção de matemática e, também, ressaltava a sua participação junto à “discussão dos problemas de aperfeiçoamento do ensino no país”⁴³⁹.

Em 1940, após seu retorno, Fantappiè assumiu a cátedra de Análise Matemática no *Istituto di Alta Matematica*, em Roma (GAMBINI & PEPE, 1982). Esse instituto foi criado após um pedido de Francesco Severi a Mussolini⁴⁴⁰ e se tornou realidade após a publicação da lei nº 1129, de 13 de julho de 1939, sendo inaugurado em 15 de abril de 1940 (GUERRAGGIO & NASTASI, 2006).

Consideramos importante ressaltar que o contrato de Fantappiè foi interrompido, quer dizer, ele deveria permanecer no Brasil até dezembro de 1939, mas foi requisitado pelo governo italiano alguns meses antes. Assim, passamos a considerar que poderia haver alguma relação entre sua rescisão contratual e sua condição de matemático *ariano* e membro do PNF. A promulgação das leis racistas italianas, que iniciavam o período antissemita do Regime Fascista, representaram uma dura repressão aos judeus, fazendo com que diversos cientistas perdessem seus postos e fossem substituídos por indivíduos considerados *arianos*, de “raça pura”. Nesse sentido, nomes como Enrico Fermi e Tullio Levi-Civita tiveram que se retirar da Itália, o que permitiu, inclusive, que alguns cientistas progredissem em suas carreiras (AVAGLIANO & PALMIERI, 2013). Alguns meses antes da decretação dessas leis, em janeiro de 1938, o Ministro da Educação Nacional, Giuseppe Bottai, enviou uma circular pedindo que os colaboradores do PNF retornassem a seus postos⁴⁴¹, o que pode ser compreendido como uma das tentativas do governo italiano em reaproximar os apoiadores do Regime que estavam ausentes.

438 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Carta de Ellis Jr. ao cônsul G. Castruccio, de 23/10/1939.

439 *Idem*.

440 ACS/Segreteria Particolare del Duce. Carteggio Riservato (1922-1943), b. 62, p. “Severi prof. Francesco”, s.p. Severi Francesco. Carta de Severi a Mussolini, de 25/05/1938. Consultamos a carta diretamente no *Archivio Centrale dello Stato*, mas ela também foi citada por Guerraggio & Nastasi (2006:272).

441 ACS/Min della Pubblica Istruzione. Dir. Gen. del Personale e degli Affari Generale e Amministrative (1910-1964), b. 195, p. 1093. Circular enviada pelo *Ministero dell'Educazione Nazionale* aos institutos ligados à educação, de 03/01/1939.

Na área da matemática, a questão da ocupação das cadeiras universitárias e científicas foi amplamente discutida. Na reunião da União Matemática Italiana (UMI) de 10 de dezembro de 1938, da qual participam Fantappiè, Severi e outros, ficou decidida a posição da entidade ante às leis raciais, a qual foi encaminhada para o Ministro da Educação Nacional. Segundo a ata da reunião, ficou determinado que “A escola matemática italiana, que conquistou grande renome em todo o mundo científico, é quase totalmente criação de cientistas de raça itálica (ariana)” (GUERRAGGIO & NASTASI, 2006:264, tradução nossa). Além disso, a ata ainda ressaltava que, mesmo após a partida de alguns judeus⁴⁴², os cientistas que naquele momento ainda se encontravam na Itália, portanto “arianos”, seriam suficientemente capazes de manter elevada a matemática italiana (GUERRAGGIO & NASTASI, 2006; ISRAEL, 2010).

Dada a expulsão de muitos italianos de origem judaica, incluindo matemáticos de renome, como Volterra (antigo professor de Fantappiè), Segre, Castelnuovo, Enriques, Levi-Civita e Leve (GUERRAGGIO & NASTASI, 2006), tendo como base essa reunião da UMI de 1938, que contou com a participação de Fantappiè, levantamos a hipótese de que os matemáticos *arianos* que estivessem vivendo no exterior poderiam ter sido convocados a retornarem à Itália, para que ocupassem as cátedras que ficariam vagas a partir de então e, também, para que suprissem as demandas surgidas com a criação das novas instituições, tais como o *Istituto di Alta Matematica*.

Não sabemos, até o presente momento, se na área de Mineralogia e Geologia italiana também existiu algum tipo de mobilização e separação entre “arianos” e “judeus”. No entanto, no mesmo ano de 1939, o professor Ettore Onorato também retornou à Itália e foi nomeado catedrático na Universidade de Roma⁴⁴³.

A *Missão Italiana* se desfez definitivamente em 1942, após a quebra de diplomacia entre Brasil e Itália. Antes de adentrarmos nas consequências desse evento, trataremos dos efeitos da aproximação dos Estados Unidos com o Brasil, em um contexto de acordos políticos que levariam o Brasil a apoiá-lo naquele ano.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, em 1939, os Estados Unidos buscaram

---

442 De acordo com Trento (1986), “entre setembro e novembro [de 1938], foi promulgada a legislação racial, com a proibição de casamentos mistos, a exclusão dos alunos semitas das escolas públicas, o afastamento do emprego público e as limitações no setor das propriedades imobiliárias e de algumas profissões” (TRENTO, 1986:65, colchetes nossos).

443 Universidade de São Paulo, 1953a.

aproximações de diversas ordens com países da América Latina (FREIRE JUNIOR & SILVA, 2014), e a Itália observava de perto essas iniciativas. Ela estava atenta quanto à possibilidade do Brasil apoiar os EUA em uma nova Guerra Mundial e um dos motivos para essa desconfiança foi um pronunciamento de Osvaldo Aranha, Ministro dos Negócios Exteriores brasileiro, no qual ele levantou essa possibilidade⁴⁴⁴. Mesmo assim, Vargas sustentava um discurso de que o Brasil se manteria neutro diante dos conflitos⁴⁴⁵.

Os cientistas também se envolveram neste contexto de aproximação diplomática norte-americana. Em 1941, Arthur Compton, físico e prêmio Nobel de Física em 1927, veio ao Brasil e, após sua vinda, diversas foram as trocas realizadas entre os dois países. Na ocasião, o governo americano financiou a viagem da equipe de Compton, composta por cientistas e suas respectivas esposas, com o objetivo de estreitar relações com o Brasil, visando um futuro apoio. Da parte brasileira, Wataghin, representando o Departamento de Física da FFCL, também tinha interesses em tal relação, por conta da oportunidade de conseguir financiamento para suas pesquisas com raios cósmicos, bem como estreitar relações especialmente com Compton, que naquele momento era editor chefe da revista *Physical Review*, um periódico de grande circulação, no qual Wataghin costumava publicar artigos científicos. De fato, após a visita de Compton, a Fundação Rockefeller passou a financiar uma série de intercâmbios dos alunos de Wataghin, contribuindo para que eles ingressassem em uma carreira científica internacionalizada, proporcionando o contato com laboratórios de pesquisa e pesquisadores de outros centros (FREIRE JUNIOR & SILVA, 2014). Segundo Lucia Wataghin (1992), os trabalhos do grupo de Wataghin com Compton se iniciaram ainda em 1939.

Assim como os Estados Unidos buscavam aproximação com o Brasil, a Itália também buscou manter o espaço já conquistado junto a diversos setores da vida social, utilizando como estratégia a prestação de homenagens a intelectuais e figuras influentes do governo (BERTONHA, 2001). Exemplo disso, são as homenagens concedidas em 1941 às seguintes personalidades:

- Gustavo Capanema, Ministro da Educação, homenageado com a *Gr. Croce Corona d'Italia*.

---

444 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 21, p. “Rapporti Politici”. Telegrama de D.A.T. para Embaixada Italiana em Londres, Paris, Berlim e Rio de Janeiro, de 17/02/1939.

445 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 21, p. “Rapporti Politici”. Telegrama da Embaixada Italiana no Rio de Janeiro para o MAE, de 07/09/1939.

- Francisco Campos, Ministro da Justiça, homenageado com a *Gr. Croce Corona d'Italia*.
- Federico Barros Barreto, Presidente da Segurança Nacional, homenageado com a *Gr. Croce Corona d'Italia*.
- Felinto Muller, Chefe da Polícia Federal, homenageado com a *Gr. Croce Corona d'Italia*.
- Dr. Ernani Reis, Diretor Geral do Ministério da Justiça, homenageado com a *Commendatore dei SS. Maurizio e Lazzaro*.
- Jurandyr Lodi, Diretor Geral do Ministério da Educação, homenageado com a *Commendatore SS. Maurizio e Lazzaro*.
- Godofredo de Silva Teles, Presidente do Departamento Administrativo do Estado de São Paulo, homenageado com a *Commendatore Ordine Corona d'Italia*.
- Francisco Borja de Almeida Gomes, Publicitário, homenageado com a *Cavaliere dell'ordine Corona d'Italia*⁴⁴⁶.

Apesar das tentativas de aproximação do governo italiano, em janeiro de 1942 ocorreu a *Conferência do Rio de Janeiro*, onde os Estados Unidos se encontraram com países da América do Sul, para decidir sobre as futuras relações diplomáticas e comerciais com os países do *Eixo*. A intenção dos EUA era uma ruptura coletiva daqueles países, o que não foi aceito pela Argentina, que propunha apenas uma “declaração formal de solidariedade com os Estados Unidos” (SEITENFUS, 2000:288). Do mesmo modo, Peru, Paraguai, Bolívia e Chile pareciam ter a intenção de se manterem neutros. Assim, os EUA viam no Brasil um dos principais apoiadores, na ocasião. No início de janeiro daquele ano, o próprio presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, teria se dirigido a Osvaldo Aranha com o discurso de que todo o continente americano deveria se unir naquele momento e, por fim, agradeceu a Aranha por todo apoio. Poucos dias depois, Peru, Paraguai e Bolívia mudaram de opinião e decidiram apoiar o rompimento coletivo com o *Eixo*, “em troca de promessas de auxílio econômico e de fornecimento de equipamento militar” (SEITENFUS, 2000:290). Já o Brasil, que receberia a reunião em seu território, preferiu expor suas posições durante a Conferência (*Idem, ibidem*).

Em seu discurso, Vargas falou sobre o dia 7 de dezembro, que teria marcado a

---

446 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 26. ufficio 4, p. “Onorificenze”. *Appunto per Cerimoniale*, de 06/11/1941.

chegada da Guerra ao continente americano. Em tom de apoio às “nações irmãs”, Vargas enfatizava que o Brasil devia ajudar a defender o território e as águas de possíveis ataques e afirma que apoiará as medidas que visem defender o continente Americano. Osvaldo Aranha, presidente da Conferência, tomou a palavra e seguiu no mesmo sentido de Vargas, afirmando que o ataque aos Estados Unidos não poderia ser aceito, o que não teria deixado outra alternativa aos demais habitantes do continente americano senão apoiá-los. Em sua opinião, o motivo daquela Conferência era uma defesa não só do território americano, como também de sua moral, religião, ideias, entre outros (SEITENFUS, 2000). Segundo Seitenfus (2000:291), o discurso de Aranha “representa a sequência lógica de um esforço constante para aproximar o país dos Estados Unidos. A declaração de Vargas, ao contrário, é baseada num cálculo oportunista”, pois ele estava mais interessado nas vantagens que poderia obter por conta da participação dos EUA na Guerra e sabia da futura impossibilidade de maiores contatos com a Alemanha, por conta disso (*Idem, ibidem*).

Assim, para que a Conferência terminasse com total apoio dos países Sul-Americanos à proposta de rompimento diplomático com o Eixo, os EUA chegaram a fazer, inclusive, promessas militares impossíveis de serem cumpridas. De todo modo, às 18 horas daquele mesmo dia, os embaixadores brasileiros em Berlim e Tóquio, bem como o encarregado de negócios do Brasil, em Roma, tiveram que avisar aqueles países sobre as decisões da reunião, que determinou o rompimento diplomático e comercial com o Eixo (SEITENFUS, 2000).

Em sua obra sobre o Brasil, Galvani afirma que, após a *Conferência do Rio de Janeiro*, os embaixadores da Itália, Alemanha e Japão, que se encontravam no Brasil, receberam seus passaportes para retornarem a seus respectivos países. Após a Conferência, diversas atividades ligadas aos países do Eixo que funcionavam em solo brasileiro foram perseguidas e tiveram que ser interrompidas. Uma delas foi a imprensa que, desde 1938, não poderia mais publicar na língua materna e, após o rompimento diplomático, teve que parar de publicar. Quando o jornal *Fanfulla* imprimiu o seu último número daquele período, o 41º, em 29 de janeiro de 1942, Galvani e outras figuras da colônia ítalo-brasileira chegaram a visitar a redação do jornal pela última vez⁴⁴⁷.

---

447 Galvani, 1948.

3.1 O rompimento dos contratos da Missão Italiana

No ano de 1942, foram assinados somente dois contratos: o de Giacomo Albanese, para a regência da cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva⁴⁴⁸, e o de Gleb Wataghin, para a cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste⁴⁴⁹. De fato, nesse ano não ocorreriam mais prorrogações. Apesar dos contratos assinados em fins de 1941 preverem seu término para dezembro de 1942, todos os contratos foram rescindidos antes dessa data, exceto o de Gleb Wataghin. Um primeiro bloco de rescisões foi assinado em 23 de abril de 1942, quando foram interrompidos os contratos de Albanese⁴⁵⁰, Occhialini⁴⁵¹, Ungaretti, Galvani⁴⁵² e Falco⁴⁵³, informação que foi publicada no DOSP do dia seguinte⁴⁵⁴. No mesmo mês foi redigida a rescisão de Di Cropani, que foi cancelada pelo secretário de Educação⁴⁵⁵, mas devidamente concluída em 28 de agosto daquele mesmo ano⁴⁵⁶. Não encontramos a rescisão do assistente Narcisio Lupi, mas segundo Wataghin (1992), ele deixou o Brasil no mesmo período que seus colegas da *Missão Italiana*.

O único professor que não deixa São Paulo é Gleb Wataghin. Na realidade, no mesmo conjunto de rescisões preparadas para abril de 1942 encontramos uma que deveria ter sido assinada por ele; no entanto, o documento sem assinatura conta com a seguinte inscrição lateral: “O presente termo foi cancelado pelo Senhor Secretario, conforme despacho no pr. 26854-42”⁴⁵⁷. Talvez a explicação para a permanência de Wataghin esteja em sua origem, que não era italiana, mas russa. É o que indica o contrato assinado pelo professor em junho de

448 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 38.

449 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 38 (verso).

450 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 40 (verso).

451 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 41 (verso).

452 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 41.

453 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 40 (verso).

454 SÃO PAULO. Secretaria de Educação e Saúde Pública. 2ª Diretoria de Informações. 2ª Seção. Rescisão de Contratos. In: Diário Oficial do Estado de São Paulo (E. U. do Brasil), 05, mai. 1942, n. 98, ano 52º, p.10.

455 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 41 (verso).

456 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 42 (verso).

457 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 42.

1943, conforme trecho abaixo transcrito:

A Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, de acordo com autorização do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, conforme consta dos processos ns. 9.912-43 e 28062-43, que se acham arquivados nesta Secretaria, resolve prorrogar por mais um (1) ano, a partir de primeiro de janeiro de mil novecentos e quarenta e três, o contrato celebrado em vinte e nove de Julho de mil novecentos e quarenta e um com o professor **Gleb Wataghin**, natural da Rússia e de nacionalidade italiana em virtude de naturalização (...) ⁴⁵⁸.

Em nenhum dos contratos anteriores de Wataghin havia sido mencionada a sua naturalidade. O que parece é que, nesse momento, diante do cenário de desavenças e perseguições aos italianos e ítalo-brasileiros existente no Brasil, se fazia necessário justificar a permanência de um professor que, em primeira instância, poderia ser classificado como um “súdito do Eixo”. Ao contrário, o rompimento diplomático entre o Brasil e esses países, no início de 1942, “trouxe constrangimentos à política anticomunista e anti-soviética em vigor. A URSS fazia parte da Grande Aliança contra os países do Eixo e, portanto, por vias indiretas, o Brasil tornara-se aliado do odiado e temido país dos soviets” (MOTTA, 2007:235). A nacionalidade de Wataghin, que ao chegar no Brasil foi sutilmente questionada pela imprensa, alguns anos depois passou a ser tratada a partir de uma outra ótica, não mais pelo “estranhamento” em não se tratar propriamente de um sujeito italiano, mas pela evidenciação de sua naturalidade russa. É o que indica uma reportagem da *Folha da Noite* publicada em 16 de abril de 1945, que tratou da inauguração do “Grande Bazar Russo”, na Galeria Ipiranga, em São Paulo, por organização do “Sub-Comitê Russo de Socorro às Vítimas da Guerra”. Ao lado de convidados, entre eles os cônsules de países do bloco dos *Aliados*, esteve presente o professor Gleb Wataghin, que proferiu um discurso. De acordo com o jornal, Wataghin

se refere inicialmente à cerimônia que naquele momento se estava realizando dizendo que aquele não era propriamente um salão de festas, mas um local de trabalho para auxílio às vítimas feitas pela guerra desencadeada pelo nazifascismo em terras da Europa (...) Falando em seguida em nome do Sub-Comitê Russo de Socorros às Vítimas da Guerra, o sr. Gleb Vataghin declara aberto o Bazar Russo ⁴⁵⁹.

Wataghin, nesse momento, não foi apresentado como um professor da *Missão Italiana*. Aliás, a notícia não mencionou a sua ligação com a FFCL. Ao contrário, ele foi tido

458 AESP/Instrução Pública. EO1145 - Registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) – 1943, fl. 51.

459 Folha da Noite, São Paulo, 16, abr. 1945, p. 3.

como um sujeito russo, que apresentava uma posição de contrariedade ao nazismo e ao fascismo italiano, representando o Sub-Comitê Russo de Socorro às Vítimas da Segunda Guerra Mundial. A sua atuação intelectual, portanto, ultrapassou os limites acadêmicos da FFCL e se converteu em um posicionamento político que o favorecia quanto à permanência no Brasil. Mesmo porque, há de se levar em consideração, que desde 1938, o cenário científico italiano era hostil aos “não arianos”, e o retorno de Wataghin para aquele país não seria nada interessante para a sua carreira. Talvez, por isso, naquela entrevista concedida em meados dos anos de 1970 ele disse que aceitou vir para o Brasil em 1934 porque “Estava o fascismo; e eu não podia ficar lá”⁴⁶⁰. Nos anos de 1970, tendo passado por essa espécie de “exílio” no Brasil e tendo conhecimento sobre as perseguições do fascismo italiano no pós-1938, talvez ele tenha ponderado que, realmente, ficar na Itália fascista dos anos de 1930 não teria sido, efetivamente, a melhor escolha. Mas isso não significa que a sua posição relativa ao fascismo em 1934 era de oposição, uma vez que o Regime estava em uma fase diferente daquela de 1938 em diante. Em agosto de 1942, em uma carta endereçada a Arthur Compton, Wataghin se declarou antifascista, ressaltou a sua origem russa e reafirmou seu apoio aos Estados Unidos. Em suas palavras:

Eu não posso dizer o quanto lamento não ter a possibilidade de lutar contra os nazistas na frente russa. Quebrei qualquer relação com a Itália e declarei estar pronto para lutar pelas Nações Unidas. Se meu trabalho pudesse ser de alguma utilidade nos EUA eu seria feliz indo para aí para fazer algum trabalho relacionado à defesa (WATAGHIN *apud* FREIRE JUNIOR & SILVA, 2014:193)⁴⁶¹.

Para Freire Junior & Silva (2014), toda a geração de físicos que se formou com Wataghin na FFCL, desde a segunda metade dos anos de 1930, era antifascista. No entanto, devemos recordar que essa carta de Wataghin é de 1942, quando ele quase teve que retornar à Itália, ainda em seu período antissemita, o que não seria interessante para ele, por conta de sua origem familiar. Assim, devemos problematizar, mais uma vez, sobre o significado de ser fascista antes e depois da Segunda Guerra, das leis raciais e da quebra de diplomacia entre Brasil e Itália.

Em março de 1942, ocorreu a suspensão de correspondência telegráfica da Itália

---

⁴⁶⁰ Wataghin, 2010, p. 11.

⁴⁶¹ Fonte dos autores: “Wataghin para Compton, 8 ago. 1942, Series 03 Box 02. Folder: South America, 1941-1942. CP” (FREIRE JUNIOR & SILVA, 2014:201).

com o Brasil⁴⁶². Na primeira metade desse ano, muitos italianos foram repatriados, pois, além dessa opção, teriam a de serem levados a campos de concentração (LUCA, 1983). Em 16 de maio daquele ano, embarcaram no navio *Bage* os professores Albanese, com a esposa e cinco filhos; Vittorio de Falco, com a esposa, dois filhos e uma cunhada; e Gabriele Mammana, da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), com a mulher e o filho. Eles viajaram em uma classe separada dos demais cidadãos italianos, por serem professores universitários. No navio *Serpapinto* embarcaram Luigi Sobrero, com a esposa e o filho; Giunini, com a esposa e o filho; Torreto; Dolci; Luzzi, com a esposa; Fagiani, com a esposa e dois filhos; e Gelvani, com a esposa⁴⁶³. Na ala dos professores médios, viajou Attilio Venturi. Luigi Galvani foi repatriado em 5 de março daquele ano⁴⁶⁴. Os professores universitários e também aqueles das escolas médias e elementares contaram com uma atenção especial do governo italiano para a repatriação, como o custeio de bilhetes e meios para que retornassem a suas casas⁴⁶⁵. Esse cuidado pode representar o *status* social ocupado por esses sujeitos, bem como uma espécie de retribuição por conta da missão cultural por eles desempenhada no Brasil, até aquele momento. Segundo Lucia Wataghin (1992), o barão Di Cropani não retornou à Itália porque estava doente. De fato, não encontramos seu nome nas listas de passageiros, mas não sabemos estimar o que ele teria feito após sua rescisão contratual.

Fica evidente que os contratos da *Missão Italiana* foram interrompidos por conta do rompimento diplomático. Essa questão já foi levantada por outros estudos, como o de Starzynski (1994), que atribui o retorno de Vittorio de Falco à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, e o de Fabris (1998) que, ao analisar a trajetória de Ungaretti, acredita que a interrupção de seus trabalhos tenha se dado, justamente, pelo rompimento das relações diplomáticas entre os dois países. Conforme mencionamos anteriormente, diversas atividades e entidades ligadas à manutenção das práticas culturais dos estrangeiros e de seus descendentes que viviam no Brasil foram proibidas. Na realidade, ocorreu uma verdadeira perseguição aos chamados “súditos do Eixo” (SANTOS, 2001). Assim, a vida do estrangeiro italiano, alemão e japonês, no Brasil, se tornou um tanto quanto hostil.

462 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 26. ufficio 4, p. “Poste telegrafo e radio”. Telegrama Italcable para o MAE, de 13/3/1942.

463 D'Ambrosio (1987), em seu estudo, comenta sobre o retorno de professores universitários italianos da FFCL e da FNF.

464 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.27, p. “Rottura Relazioni Diplomatiche com l'Italia e rimpatrio della Missione e connazionali”. Lista de 16/05/1942.

465 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.27, p. “Rottura Relazioni Diplomatiche com l'Italia e rimpatrio della Missione e connazionali”. Telegrama do *Ispettorato Emigrazione* para o MAE, de 19/05/1942.

A documentação diplomática nos fornece maiores detalhes sobre alguns dos problemas que poderiam ter surgido caso a *Missão Italiana* não tivesse retornado à Itália após o rompimento diplomático. Em julho de 1942, a Embaixada Italiana em Buenos Aires, em telegrama ao MAE, explicou que foi permitida a concessão de um “salvo conduto” somente aos italianos não fascistas que não fossem politicamente suspeitos ou que não fossem simpatizantes do Eixo. Com o salvo conduto, eles poderiam circular pelo país⁴⁶⁶. Conforme vimos, a inclinação à ideologia fascista penetrava o discurso e a ação de boa parte da *Missão Italiana*. Além disso, eles estavam no Brasil em caráter de missão cultural e, uma vez que os países romperam diplomacia, não faria mais sentido a presença dos professores.

Talvez, por conta disso, existiram iniciativas individuais em permanecer no Brasil, como o caso do professor Achille Bassi, que trabalhou no Rio de Janeiro e pediu, através de um telegrama, para “continuar missão científica valorizante cultura italiana”, principalmente por conta do grave estado de saúde de sua esposa, que não estaria em condições de viajar⁴⁶⁷. É notável a estratégia utilizada por Bassi, em ressaltar que sua missão era científica, mas estava intimamente relacionada com a propaganda cultural italiana. Outro ponto interessante é que ele, para continuar no Brasil, pediu ajuda à Itália e não ao governo brasileiro que, supostamente, estava “expulsando” os italianos mais ligados ao Eixo. Por fim, Bassi conseguiu permanecer em solo brasileiro, chegando, inclusive, a ministrar um curso de *Topologia Combinatória* na FFCL entre julho e agosto de 1942 (WATAGHIN, 1992). Outro italiano que passou pela FFCL depois do rompimento diplomático foi Carlo Tagliacozzo, que era judeu, estava foragido no Brasil e ministrou o curso *Teoria Matemática da Eletricidade*, entre os meses de março e dezembro de 1942 (WATAGHIN, 1992:164).

Além disso, conforme vimos anteriormente, a *Missão Italiana* recebia de ambos os países, o que certamente ficaria difícil de ser mantido depois do rompimento das relações diplomáticas. Nos casos em que não havia nenhuma razão especial que justificasse a permanência de determinado professor (salvo aqueles que estavam foragidos ou casos como o de Bassi), ocorreu a repatriação, assim como aconteceu com os demais italianos impossibilitados de continuarem no Brasil.

A permanência de Wataghin, bem como suas ligações com os norte-americanos, lhe

---

466 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b.27, p. “Rapporti Politici”. Telegrama da Embaixada Italiana em Buenos Aires para o MAE, de 23/07/1942.

467 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 28, p. “Propaganda Culturale”. Telegrama de Achille Bassi para o MAE, de 05/03/1942.

renderam diversos acordos para financiamento de pesquisa. Apesar dos discursos sobre o papel da USP em produzir ciência desinteressada (CARDOSO, 1982), Jorge Americano, em seu relatório publicado após deixar a reitoria da universidade, fala sobre um dos frutos da aproximação entre Brasil e Estados Unidos na Segunda Guerra: os Fundos Universitários de Pesquisa. Antes da criação destes Fundos, foi publicado o Manifesto da criação da Fundação Anchieta (CHASSOT & HAMBURGER, 1999), que tinha como objetivo “incrementar, por maior intercâmbio científico, concedendo bolsas de estudos a alunos universitários, a formação de professores para a Universidade de São Paulo”⁴⁶⁸. Segundo os signatários do Manifesto, a USP apresentava uma demanda de financiamento de suas pesquisas, pois sua infraestrutura não era suficientemente capaz de arcar com todos os pontos necessários à formação dos estudantes, principalmente aqueles da FFCL, que precisavam de laboratórios de pesquisa. No Manifesto foi destacado que a presença de professores estrangeiros, principalmente naqueles primeiros anos de formação da Faculdade, era algo importante, porém consideravam imprescindível a formação cultural e científica de professores nacionais, que teriam suas formações beneficiadas por conta do investimento feito por essa fundação. Segundo o Manifesto, os paulistas arcariam com o “apoio moral e material para a promissora obra que empreendem”, através de doações⁴⁶⁹.

Apesar do Manifesto da Fundação Anchieta datar de 5 de janeiro de 1940, no dia anterior o então reitor, Rubião Meira, encaminhou o documento a Giuseppe Occhialini. Na carta encaminhada, ele informava ao professor que aquela Fundação contaria com o “patrocínio da Universidade e de prestigiosas associações deste Estado, afim de estimular a cooperação entre a Universidade e o nosso meio social”⁴⁷⁰. De acordo com essa carta, a ideia da Fundação era a de proporcionar aos alunos e professores a oportunidade de realizar intercâmbio nacional e internacional, promover cursos e outras ações. O pedido de Meira a Occhialini consistia em requerer que o professor contribuísse com a divulgação daquele empreendimento “dentro de seu círculo de relações pessoais, para que êle receba generoso acolhimento da coletividade paulista”⁴⁷¹. Assim, Occhialini deveria entrar em contato com seus colegas cientistas (preferencialmente os estrangeiros), para que essas pessoas fossem

---

468 AHIFUSP. Manifesto para organização da “Fundação Anchieta”, de 05/01/1940. Cx. 1, p. 1. Documento 1.47a. Sobre a história das fundações de pesquisa que antecederam a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), ver Chassot & Hamburger (1999) e Hamburger (2004).

469 *Idem*.

470 AHIFUSP. Carta de Rubião Meira a Giuseppe Occhialini, de 04/01/1940. Cx. 1, p. 1. Documento 1.47.

471 *Idem*.

bem recebidas pelos paulistas, que dariam credibilidade ao empreendimento. Além disso, Meira ainda pedia a Occhialini que entrasse em contato com seus amigos mais íntimos, para que se colocassem à disposição para contribuir dentro da categoria de “doadores” e, assim, poderiam doar um conto de réis (taxa para ingresso nessa categoria), a ser pago “suavemente, em prestações mensais”⁴⁷². De todo modo, parece que essa Fundação não saiu do papel.

A fundação que renderia frutos mais precisos foi aquela criada em cooperação com os Estados Unidos, os Fundos Universitários de Pesquisa para a Defesa Nacional⁴⁷³. Eles foram criados pelo então reitor, Jorge Americano, e outros professores, “em 25 de Agosto de 1942, isto é, três dias depois da entrada do Brasil na Guerra, e teve por fim favorecer o esforço de guerra da Universidade”⁴⁷⁴. Foi a primeira fundação juridicamente estabelecida, visando o fomento à pesquisa. Segundo Americano, os auxílios concedidos durante a guerra visaram suprir demandas específicas daquele cenário, como telecomunicações com a Marinha, defesa da costa marítima, psiquiatria de guerra, entre outros. Mesmo após a guerra, novas demandas foram subsidiadas, como pesquisas que envolviam biologia e física nuclear. Para o Departamento de Física da FFCL, aliás, os auxílios concedidos pelo Fundo proporcionaram a construção de um pavilhão de física nuclear na Cidade Universitária⁴⁷⁵. Em seu relatório, Jorge Americano ainda aponta uma outra cooperação entre Brasil e Estados Unidos, que seriam as bolsas de estudos oferecidas não só pela Rockefeller, como também pela fundação “John Simon Gugenheim, Institute of International Education e outros, muitos deles através da União Cultural Brasil-Estados Unidos”⁴⁷⁶.

O primeiro projeto de lei da Fundação de Amparo à Pesquisa, inclusive, foi inspirada no estatuto dos Fundos Universitários de Pesquisa (SILVA, 1996). Em depoimento⁴⁷⁷, Oscar Sala, que foi aluno e professor do Departamento de Física da FFCL, afirmou que físicos como Marcello Damy e Paulus Aulus Pompéia, também alunos de Gleb Wataghin e futuros professores do departamento, deram importantes contribuições para a

---

472 *Idem*.

473 Os Fundos Universitários de Pesquisa para a Defesa Nacional “foram muito efetivos nos projetos aplicados às necessidades militares da época e, além disso, proporcionaram apoio à pesquisa em programas de bolsas de estudo, projetos de desenvolvimento de áreas humanas, básicas e aplicadas” (CHASSOT & HAMBURGER, 1999:106).

474 Americano, 1947, p. 84.

475 *Idem, ibidem*.

476 *Idem, ibidem*, p. 164.

477 Segundo Hamburger (2004), o depoimento foi colhido por Shozo Motoyama em 1977 e uma parte complementar em 1997, por Amélia Império Hamburger e Marilda Nagamini, sendo o depoimento revisto por Oscar Sala em 2002.

“defesa do país”. Segundo Sala, eles “pararam o que estavam fazendo e foram desenvolver sonares, instrumentação para detecção de ruídos submarinos, quer dizer, deram uma contribuição da maior importância” (HAMBURGER, 2004:244). Assim, boa parte das pesquisas do Departamento de Física se desenvolveu graças aos acordos com os EUA, por conta da Segunda Guerra Mundial, o que nos faz repensar a memória institucional que insiste em afirmar que um dos objetivos da FFCL era a produção de ciência *desinteressada*; ao contrário, essa ciência voltada à guerra tinha *interesses* bem específicos.

De acordo com Lucia Wataghin, mesmo após o fim da guerra, a Fundação Rockefeller chegou a doar a quantia de 75 mil dólares à USP, “para comprar um acelerador de partículas. Damy e Wataghin escolheram nos Estados Unidos um Bétatron de 23 Mev. O Bétatron marcou o início da física nuclear brasileira” (WATAGHIN, 1992:162). Com relação aos Fundos Universitários de Pesquisa, eles “acabaram se mostrando insuficientes perante a demanda, em muitos setores, como, por exemplo, o agrônomo e o rural, que reivindicavam a criação de um organismo mais eficiente” (CHASSOT & HAMBURGER, 1999:106). Em 1947, a Fundação Rockefeller ainda forneceu verba para a compra de um leitor de microfilmes para a biblioteca do Departamento de Matemática da FFCL, a pedido de Omar Catunda, então diretor, que estava realizando um intercâmbio financiado pela Fundação (TRIVIZOLI, 2011).

3.2 Retorno à Itália, retorno ao Brasil: a manutenção dos laços científicos, acadêmicos e afetivos da Missão Italiana

Retornar à Itália em 1942 não significaria romper os laços com o Brasil, ao menos para a *Missão Italiana*. Em 1946, após o fim da guerra, Albanese retornou “para reger, a convite, a cadeira (disciplina) Geometria Analítica e Projetiva, na Escola Politécnica da USP” (SILVA, 2006:70). Embora Circe Silva (2000) afirme que Albanese ficou no Brasil desde 1936 até sua morte, vimos anteriormente que ele embarcou para a Itália em 1942, após o rompimento diplomático. Com relação à sua morte, Circe Silva (2000) afirma que foi em 1948, enquanto Clóvis Silva (2006) traz a data de 8 de junho de 1947. Clóvis Silva está correto, pois encontramos na seção *Necrologia*, da *Folha da Manhã* de 10 de junho de 1947, a notícia da morte de Albanese, informando que seu corpo foi sepultado no dia anterior, no

cemitério São Paulo⁴⁷⁸.

Alguns dos professores italianos também participaram do corpo editorial da revista *Summa Brasiliensis Mathematicae*, fundada em 1945 por iniciativa do português António Aniceto Monteiro e outros nomes. A Comissão de Redação era formada por “Lélio Gama (Diretor), António Aniceto Monteiro, Francisco Mendes de Oliveira Castro, José Leite Lopes e Leopoldo Nachbin” (MINEIRO, 2014:913).

A revista contou com os seguintes colaboradores: Mário Schenberg⁴⁷⁹, Maurício Matos Peixoto, Omar Catunda, Paulo Ribenboim, Fernando Furquim de Almeida, Cândido Lima da Silva Dias e Alvercio Moreira Gomes, do Brasil; M. Stone, A. Albert, Zariski, Von Neumann e W. Ambrose, dos Estados Unidos; André Weil e Jean Dieudonné, da França; Achille Bassi, Luigi Sobrero e Luigi Fantappiè, da Itália; Hugo Ribeiro e Ruy Luís Gomes, de Portugal; Beppo Levi e L. Santaló, da Argentina; Godofredo Garcia, do Peru; Sixto Rios, da Espanha; e Rafael Laguardia e J. L. Massera, do Uruguai (MINEIRO, 2014).

Conforme observamos, Fantappiè foi um dos colaboradores da revista, ao lado de outros italianos que também estiveram no Brasil, bem como professores de outras nacionalidades, como os franceses Weil e Dieudonné, que lecionaram na FFCL alguns anos após o retorno da *Missão Italiana*⁴⁸⁰. Alguns exemplares dessa revista encontram-se na *Raccolta Fantappiè*, em Ferrara, ao norte da Itália. Outra revista, contemporânea a essa e que também se encontra na *Raccolta* é a *Summa Brasiliensis Physicae*, que contava com os seguintes colaboradores: B. Gross, C. M. G. Lattes, Gleb Wataghin, J. Costa Ribeiro, J. Leite Lopes, Mário Schenberg, M. D. de Souza Santos, Oscar Sala, P. A. Pompeia, Walter Schutzer (Brasil); C. F. Powell e G. Occhialini (Inglaterra)⁴⁸¹.

Mineiro (2014) ressalta que a *Summa Brasiliensis Mathematicae* era “uma publicação destinada exclusivamente à pesquisa em Matemática Superior no Rio de Janeiro” (MINEIRO, 2014:913). No entanto, encontramos na contracapa dos exemplares consultados a menção à Seção de Matemática da FFCL/USP e da FNF/Universidade do Brasil, bem como à Sociedade de Matemática de São Paulo e, entre seus objetivos, figurava o de “promover o desenvolvimento, a sistematização e a divulgação dos conhecimentos de matemática pura e

478 Folha da Manhã, São Paulo, 10, jun. 1936, p. 7.

479 Em diversos opúsculos da revista, observamos que Mario Schenberg assinava como “Schönberg” ou “Schonberg”. No entanto, a fim de estabelecer um padrão, optamos por escrever seu nome sempre como “Schenberg”.

480 Universidade de São Paulo, 1953a.

481 Schenberg, 1947, contracapa.

aplicada no Brasil, e, outrossim, fomentar a colaboração internacional neste domínio”⁴⁸², quer dizer, não se restringia à difusão de conhecimentos produzidos no Rio de Janeiro. Além disso, foram encontrados diversos opúsculos de matemáticos de São Paulo, como Omar Catunda, além de estrangeiros, como A. A. Albert. A revista *Summa Brasiliensis Physicae* também se apresentava como uma publicação organizada por indivíduos do Rio de Janeiro e de São Paulo, ao citar o Departamento de Física da FFCL/USP e o da FNF/Universidade do Brasil⁴⁸³. Ambas publicações foram editadas pela FGV e uma parte da *Mathematicae* pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), ambas editoras do Rio de Janeiro.

Entre os extratos de artigos dessas duas revistas encontrados na *Raccolta Fantappiè* (quadro 4), encontramos algumas marcas de leitura de Fantappiè, que sugerem que ele, de fato, teve a posse e leu o material. Entre elas destacamos as dedicatórias, o nome de Fantappiè carimbado em alguns dos opúsculos, bem como seu nome à lápis ou caneta.

Quadro 4: Opúsculos da *Summa Brasiliensis Mathematicae e Physicae* na *Raccolta Fantappiè* (continua)

Autor	Título	Ano	Revista	Marcas
A. A. Albert	New simple power – associative algebras	1951	Mathematicae	
Alfred Rosenblatt	On the gradient of green's function in the plane	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè
Alfred Rosenblatt	On the unicity of solutions of a system of two ordinary differential equations of the first order satisfying given initial conditions in the real domain	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè
Alfred Rosenblatt	Sobre el metodo de las aproximaciones sucesivas de E. Picard en el caso de un sistema de dos equaciones diferenciales ordinarias del primer order	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè
Fernando Furquim de Almeida	Sôbre uma fórmula de Cipolla	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè; preço no verso
Godofredo Garcia	El problema de los 3 cuerpos en los casos de Lagrange y de Euler, tratados en la teoria general de larelatividad	1946	Mathematicae	
Irving Kaplansky; George W. Mackey	A generalization of ULM'S theorem	1951	Mathematicae	
Jacques Dixmier	Sur certains espaces considérés par M. H. Stone	1951	Mathematicae	

482 Catunda, 1946, contracapa.

483 Schenberg, 1947, contracapa.

Quadro 4: Opúsculos da *Summa Brasiliensis Mathematicae e Physicae* na *Raccolta Fantappiè* (conclusão)

Autor	Título	Ano	Revista	Marcas
José Leite Lopes	High energy neutron-proton scattering and the meson theory of nuclear forces with strong coupling	1947	Physicae	Carimbo Fantappiè; preço no verso
L. A. Santaló	Measure of sets of geodesics in a Riemannian space and applications to integral formulas in elliptic and hyperbolic spaces	1952	Mathematicae	
L. A. Santaló	Sôbre figuras planas hiperconvexas	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè
Lélio Gama Itapuambyra	Limites d'ensembles dans les espaces abstraits	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè
Leopoldo Nachbin	On linear expansions II	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè
Leopoldo Nachbin	Linear continuous functionals positive on the increasing continuous functions	1951	Mathematicae	Carimbo Fantappiè; dedicatória a Fantappiè
Mário Schenberg	Classical theory of the point electron (part 1)	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè; partes sublinhadas à lápis
Mário Schenberg	Classical theory of the point electron (part 2)	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè
Mário Schenberg	The Hamiltonian formalism of relativistic dynamics	1947	Physicae	Carimbo Fantappiè
Omar Catunda	Sôbre uma função da fórmula de Cauchy	1946	Mathematicae	Carimbo Fantappiè; dedicatória a Fantappiè
Oscar Zariski	Generalized semi-local rings	1946	Mathematicae	
Paul R. Halmos	Normal dilations and extensions of operators	1950	Mathematicae	Relação de artigos publicados pela revista, no verso, alguns ticados
Paulo Ribenboim	Modules sur un anneau de Dedekind	1952	Mathematicae	

Fonte: Quadro elaborado a partir de dados coletados na *Raccolta Fantappiè* - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara.

Conforme podemos observar no quadro 4, alguns dos opúsculos apresentam o carimbo de Fantappiè, o que indica que pertenceram ao matemático. Outros também apresentam dedicatória. É o caso do opúsculo *Sôbre uma modificação da fórmula de Cauchy*, de Omar Catunda (1946), conforme podemos observar na figura 10, a seguir.

Figura 10 – Capa do opúsculo *Sôbre uma modificação da fórmula de Cauchy*, de Omar Catunda (1946) In: Raccolta Fantappiè - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara, b. 13.

Já o opúsculo de Mário Schenberg (1946a), *Classical theory of the point electron (part 1)*, apresenta algumas marcas que indicam que Fantappiè leu a obra (figura 13). No entanto, ele não fez nenhum comentário para além dessas marcações. Assim, não sabemos se teria concordado ou não com os resultados de Schenberg.

Figura 11 – Marcas de leitura de Fantappiè no opúsculo *Classical theory of the point electron (part 1)*, de Mário Schenberg (1946a). In: Raccolta Fantappiè - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara, b. 42.

Aliás, é preciso destacar a presença de opúsculos de Schenberg junto ao arquivo de Fantappiè. Em uma entrevista, Wataghin (2010) comentou sobre a trajetória de Schenberg, que teria passado, primeiro, pela engenharia, mas depois de frequentar as suas aulas e as de Fantappiè teria decidido “fazer ciência”. Segundo Wataghin, Schenberg teria muito talento para a matemática e, por isso, foi orientado a procurar Fantappiè, para desenvolver alguma pesquisa. No entanto, o matemático era fascista. Em suas palavras, “Ele soube que Mário era israelita e comunista, e disse: 'Não. Vai com Wataghin'. Eu disse: 'Mas eu sou feliz, venha trabalhar comigo’”⁴⁸⁴. A despeito desse evento, Schenberg parece ter mantido certa proximidade de Fantappiè. Na *Raccolta*, encontramos um documento datilografado, de autoria de Schenberg, datado de 1939, intitulado *Equações de movimento relativistas de 1ª ordem na mecânica quântica*, com cabeçalho da FFCL, com algumas partes em caneta e o carimbo de Fantappiè. Além disso, encontramos dois opúsculos de Schenberg com dedicatória a Fantappiè, conforme podemos observar nas figuras 12 e 13, a seguir. Os trabalhos presentes nesses opúsculos foram apresentados na *Accademia Nazionale dei Lincei* por Levi-Civita, em 1937, conforme pedido de Wataghin ao colega⁴⁸⁵.

Figura 12 – Dedicatória de Schenberg (1937) a Fantappiè. In: *Raccolta Fantappiè* - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara, b. 42.

⁴⁸⁴ Wataghin, 2010, p. 28.

⁴⁸⁵ ASANL. Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1937-1938, G. Box 18. Carta de Gleb Wataghin a Levi-Civita, de 19/06/1937.

Figura 13 – Dedicatória de Schenberg (1937b) a Fantappiè. In: Raccolta Fantappiè - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara, b. 42.

Conforme podemos notar na figura 13, Schenberg escreveu “Ao prof. Fantappiè com meus votos de amizade”. Conforme a carta enviada por Wataghin a Levi-Civita⁴⁸⁶, parte dos resultados de Schenberg também foram analisados por Fantappiè e Wataghin utiliza isso como argumento para que Levi-Civita de fato apresentasse o trabalho em uma das sessões da *Accademia Nazionale dei Lincei*. Essa contribuição de Fantappiè ao trabalho de Schenberg talvez justifique a afetuosa dedicatória e ainda sugere que existiu um laço entre eles (ainda que estritamente profissional).

De uma maneira geral, o que procuramos evidenciar com esses trabalhos de Schenberg enviados para Fantappiè é que essa questão de que eles não teriam trabalhado juntos por conta de divergências políticas deve ser questionada. Novamente, *ser fascista*, no início da FFCL, não representava, necessariamente, um empecilho para a manutenção das relações sociais entre os sujeitos.

Enquanto esteve ligado à FFCL, Fantappiè chegou a acompanhar o início do desenvolvimento de algumas teses, como a de Omar Catunda, que deveria ser apresentada

486 ASANL. Tullio Levi-Civita. Correspondence. 1937-1938, G. Box 18. Carta de Gleb Wataghin a Levi-Civita, de 19/06/1937.

para o concurso da cátedra de *Análise Matemática* da FFCL⁴⁸⁷. Nesta tese, constariam alguns dos resultados obtidos por Catunda durante seu intercâmbio à Itália, em 1938⁴⁸⁸. De acordo com Pires (2006), esse teria sido o primeiro concurso aberto na subseção de matemática. Apesar de Catunda ter se inscrito, o concurso não ocorreu e foi reaberto somente em 1943⁴⁸⁹. Na *Raccolta Fantappiè*, encontramos um exemplar datilografado dessa tese de Catunda de 1939, que acabou não sendo defendida⁴⁹⁰. Na capa, foi carimbado o nome de Fantappiè, indicando sua posse. Na página 4, observamos um “x” em vermelho na primeira sílaba da palavra *indefinita*. Catunda se referia a *integrais indefinidas*, mas essa correção indicaria que elas deveriam ser *definidas*. Na página 5, em uma nota de rodapé, foi feita uma correção na palavra italiana *giacitura* (que significa *arranjo*), que estava escrita da seguinte maneira: *giaccitura*. Já na página 9, observamos diversas correções, dessa vez sobre os conteúdos matemáticos, também com lápis vermelho. Observamos uma correção com relação ao uso de um conceito também na página 38, onde Catunda teria escrito *contravariante* e Fantappiè corrigiu para *covariante*.

De acordo com Fantappiè, o tema escolhido por Catunda, teoria das formas diferenciais alternantes, era de grande importância naquele momento, pois serviria de base para o estudo dos funcionais harmônicos de Volterra e para pesquisas de Hodge e Severi, o que o colocaria em diálogo com estes nomes. Fantappiè ainda ressaltava que a pesquisa de Catunda se iniciou durante seu intercâmbio em Roma e destacava que aquilo não era um trabalho de compilação, mas uma pesquisa com diversos pontos originais⁴⁹¹. Tendo em vista que esse exemplar corrigido da tese de Catunda se encontra na *Raccolta Fantappiè*, pode ser que ele não tenha entrado em contato com os apontamentos do matemático italiano ou, talvez, Fantappiè tenha transmitido suas considerações de outra maneira, para que pudesse ficar com aquele exemplar para si.

Fantappiè também acompanhou o desenvolvimento da tese de doutoramento de

---

487 Devemos ressaltar que não é objetivo da presente dissertação realizar uma análise do conteúdo das teses, somente indicar que Fantappiè acompanhou o trabalho de seus assistentes e alunos, mesmo no período em que se afastou da universidade.

488 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

489 Em sua tese, Eliene Lima (2012) realizou análises dos conteúdos das teses de Catunda, de 1939 e 1944.

490 *Raccolta Fantappiè* - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara, b. 12.

491 ACS/MinCulPopolare. D.G. Propaganda. Propaganda Stati Esteri (1930-1943), b. 35 p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Pubblicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”. Relatório apresentado por Fantappiè ao diretor da FFCL, de 25/10/1939.

Fernando Furquim de Almeida, que estaria em vias de preparação já em 1939⁴⁹². O primeiro regimento de doutoramento da FFCL foi publicado somente em 1941⁴⁹³. No entanto, tendo em vista as declarações de Fantappiè anteriores a esse momento, é possível que mesmo antes da institucionalização do doutoramento os alunos já estivessem preparando suas pesquisas. Além disso, em seu projeto de reforma dos estatutos da FFCL, de 1936, o matemático também falava sobre a possibilidade de se instituir os doutoramentos⁴⁹⁴. Assim, é possível que ele tenha incentivado seus alunos a iniciarem os trabalhos, mesmo antes do doutoramento se institucionalizar. De acordo Pires (2006), as primeiras teses defendidas na subseção de matemática tiveram grande influência da *escola italiana*, por conta dos professores da *Missão*, mas que, com o tempo, por conta da presença de professores franceses, membro do grupo *Nicolas Bourbaki*, as temáticas mudaram. A tese de Cândido Lima da Silva Dias, *Espaços Vectoriais Topológicos e sua Aplicação nos Espaços Funcionais Analíticos* (1951), por exemplo, teria seguido ambas as escolas, representando um momento de transição (PIRES, 2006).

Para Pires (2006), fica evidente a aproximação que Dias realiza, no sentido de trazer elementos da matemática italiana para junto da matemática *bourbakista*, algo que não se observa tanto nas teses de seus colegas Benedito Castrucci e Fernando Furquim de Almeida, que defendem suas teses na mesma época, mas apresentam pesquisas mais ligadas à escola italiana, a despeito do contato que tiveram com os *bourbakistas*.

A tese de Dias foi publicada no *Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo*, em 1952, e um exemplar da publicação também se encontra na *Raccolta Fantappiè*⁴⁹⁵. Ainda na *Raccolta*, encontramos um exemplar da tese de Dias, porém, na capa, consta a assinatura de Franco Pellegrino⁴⁹⁶ e não de Fantappiè.

Fantappiè também manteve certo contato com o Ignácio M. Azevedo do Amaral, do Rio de Janeiro. Em maio de 1940, Amaral enviou a Fantappiè trabalhos de dois de seus alunos, entre eles a tese de Othon Nogueira e, junto dela, uma carta em português, onde ele dizia estar recebendo notícias suas através da cônsul brasileira em Roma, Leontina Lucinio Cardoso. Ignácio lamentava a partida de Fantappiè e dizia que esperava que ele retornasse ao

---

492 *Idem*.

493 Universidade de São Paulo, 1953a.

494 Ver Art. 30.º do projeto de reforma dos Estatutos da FFCL, de Fantappiè, no anexo B da presente dissertação.

495 *Raccolta Fantappiè* - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara, b. 46.

496 Franco Pellegrino foi aluno de Luigi Fantappiè (GAMBINI & PEPE, 1982).

Brasil, onde ele teria conquistado admiradores e feito amigos⁴⁹⁷.

Como resultado de sua experiência no Brasil, Luigi Galvani publicou o livro *Brasile Moderno. Terra Incantata* (1948). No prefácio, é mencionada sua vinda ao Brasil, em 1936, e seu retorno, em 1942. A razão atribuída ao final de seu contrato seria a entrada do Brasil na Guerra, que “o obrigou a deixar com vivo lamento um país pelo qual teria rapidamente se ambientado e ao qual era fervorosamente afeicionado”⁴⁹⁸.

Em uma das passagens de seu livro, Galvani fala sobre a despedida da *Missão Italiana*. Diz ele:

(...) na manhã de 25 de abril de 1942, partimos de S. Paulo para o Rio com um primeiro escalão de 75 italianos, diplomatas, cónsules, professores, jornalistas, profissionais. A partida em trem especial, que deveria estar pronto uma noite antes, foi improvisadamente adiada por ordem da Polícia, no amanhecer do dia seguinte, para evitar na estação do Norte, Brás, multidões e manifestações. Mas uma manifestação não faltou, e, mesmo sem clamores, foi um grande, inesquecível testemunho de simpatia e de carinho, especialmente para o grupo dos professores que por 6-8 anos foram chamados a ensinar na Universidade estadual de S. Paulo. Os nossos caros jovens, homens e mulheres, eram todos ali a aguardar-nos; e com suas Autoridades acadêmicas, os Colegas da Faculdade, além dos brasileiros, e também os franceses e portugueses e todos os principais expoentes da nossa Colônia⁴⁹⁹.

Em seu livro, Galvani buscou evidenciar aquilo que ele entendia a respeito da história do Brasil, principalmente sobre as influências de povos de outras nacionalidades na formação da população brasileira, onde destacava a participação dos italianos. Em um dos trechos, ele falava sobre o fato de não existirem *brancos* entre os brasileiros, e dizia que “Será fácil encontrar uma mulher negra que tenha entre seus netinhos, além de mulatos, alguma face de ébano e algum belo rostinho branco, que será depois o predileto!”⁵⁰⁰. Em seguida, Galvani dizia que mesmo esses *brancos* não eram completamente brancos, uma vez que em seus genes carregavam o gene dos negros. De uma maneira geral, acreditamos que esse tipo de visão segregativa esteja diretamente relacionada à formação de Galvani dentro da ideologia fascista, principalmente após o período antissemita do Regime, onde esse tipo de separação étnica era comum entre os adeptos do fascismo. Galvani era um sujeito de seu tempo, alguém dentro de seu contexto de grupo político e ideológico.

497 Raccolta Fantappiè - Biblioteca do Instituto de Matemática da Universidade de Ferrara, b. 35.

498 Luzzatto in Galvani, 1948:X-XI, tradução nossa.

499 Galvani, 1948, p. 60-61, tradução nossa.

500 *Idem, ibidem*, p. 87, tradução nossa.

Galvani também falou sobre alguns ditos populares brasileiros, tais como: “Em festa de branco/ Negro não se mete”. Reforçando a sua opinião distintiva entre negros e brancos, mas sempre de uma maneira sutil, ele afirmava que no Brasil isso não era visto como ofensivo ou racista. Ele afirmou, ainda, que os negros repetiam esses ditos, mas como parte da cultura, como uma “brincadeira”, algo naturalmente enraizado. De fato, ele apresentou tais ditos com ironia, não com indignação. Em outro comentário sobre a população negra, ele disse que era um hábito dos brasileiros tomar banho todo dia, dos mais ricos aos mais pobres, por isso em todas as casas existia banheira ou, pelo menos, chuveiro. De maneira distintiva, ele dizia que até mesmo os negros tinham esse hábito⁵⁰¹.

De uma maneira geral, é importante pensarmos nos significados, nas possíveis intenções de Galvani com este livro. Ele foi publicado em italiano e, até o presente momento, não encontramos uma versão em português, o que sugere o público a que ele se dirigia: italiano ou italianófono. Uma das possíveis intenções do autor, nos parece razoável conceber, seria a de uma reafirmação de identidade nacional, um intelectual falando para a sua Pátria desequilibrada econômica e socialmente após uma Guerra. Além disso, devemos nos atentar ao fato de que ele falava sobre o Brasil, um país que conheceu de perto e com uma experiência que se iniciou e terminou por conta de negociações diplomáticas e políticas. O Brasil Moderno de que fala no título e ao longo de seu discurso parece ter surgido, quer dizer, ter alcançado o *status* de moderno, somente após a intervenção dos italianos. Apesar de tratar em alguns momentos de sua passagem ao lado da *Missão Italiana*, este não era o principal evento de contribuição para a modernização do Brasil, mas parte de um processo maior de imigração e troca cultural que os italianos teriam iniciado desde fins do século XIX. Isso explicaria a densa quantidade de dados acerca da presença italiana no Brasil e o crescimento dessa população étnica ao lado de processos *modernizadores* vivenciados pela nação. De todo modo, um dos principais significados da publicação desse livro pode ser o fato de que Galvani também se modificou após sua passagem pelo Brasil, pelo fato de ter se ocupado do trabalho de preparação, confecção e publicação desse livro.

Com relação aos efeitos da rescisão contratual de Giuseppe Occhialini, sabemos que ele, inicialmente, conseguiu um salvo conduto através do governo britânico, que depois o retirou⁵⁰². Segundo Gariboldi (2007), esse interesse britânico se iniciou por conta de uma

501 *Idem, ibidem*, p. 232-234, tradução nossa.

502 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, p. “Rottura Relazioni Diplomatiche com l'Italia e rimpatrio della Missione e connazionali”. Telegrama da *R. Legazione*, de Berna, para o MAE, de

intervenção do físico Patrick Blackett, que estava colaborando com a pesquisa científica voltada à guerra e com quem Occhialini trabalhou por um período do ano de 1931, junto ao *Cavendish Laboratory*, em Cambridge, dirigido por Lord Rutherford, uma referência em física nuclear. No entanto, até agosto de 1942, Occhialini ainda não havia se repatriado⁵⁰³. De fato, segundo Gariboldi (2007), depois da rescisão contratual de Occhialini, ele partiu em exílio voluntário para os montes Itatiaia, entre São Paulo e Rio de Janeiro, “onde sobreviveu como guia alpino interrompendo qualquer forma de comunicação com a Europa” (GARIBOLDI, 2007:70, tradução nossa). Depois, em 1944, ele foi pesquisador visitante no laboratório de biofísica de Carlos Chagas Jr., no Rio de Janeiro. Em seguida, ele conseguiu retornar brevemente para São Paulo, tendo como estudante César Lattes e, somente depois, retornou à Europa, especificamente à Inglaterra, em janeiro de 1945 (GARIBOLDI, 2007).

O retorno de Ungaretti à Itália naquele ano de 1942 também não significou a interrupção das relações que o poeta estabeleceu com os brasileiros. A revista *Clima*, por exemplo, publicou seis de seus poemas; no prefácio, foi informado o caráter de divulgação e, sobretudo, de homenagem ao poeta (LUCA, 1983). Ainda nos tempos em que estava no Brasil, Ungaretti estabeleceu relações bem próximas com alguns de seus alunos, como Ruy Coelho, que era ouvinte de suas aulas. Segundo depoimento de Coelho, as aulas de Ungaretti eram todas em italiano, o qual Coelho não falava, mas compreendia bem, uma vez que já frequentava as aulas de estatística de Luigi Galvani. Porém, segundo Luca (1983), as conversas entre Coelho e Ungaretti, em geral, se davam em francês. No entanto, o contato mais próximo foi estabelecido entre Ungaretti e Paulo Emílio, o responsável por apresentar Oswald de Andrade ao poeta italiano. Ungaretti ia à casa de Oswald quase todos os domingos. Aliás, a filha de Ungaretti chegou a namorar o filho de Oswald, em um relacionamento que não durou muito tempo. Essas relações estabelecidas durante sua estadia no Brasil lhe renderiam outros contatos nos anos seguintes (LUCA, 1983).

Em novembro 1954, Ungaretti voltou ao Brasil, em passagem para Montevidéu, no Uruguai. No porto de Santos, ele foi recepcionado por seus amigos, entre eles Antonio Cândido. Quando voltava de lá, passou por São Paulo e foi visitar o túmulo de seu filho, Antonietto, que morreu no Brasil, em 1939. Na ocasião, ainda lhe foram prestadas

---

16/07/1942.

503 ASMAE/Affari Politici 1931-1945 (Brasile), b. 27, p. “Rottura Relazioni Diplomatiche com l'Italia e rimpatrio della Missione e connazionali”. Telegrama da *R. Legazione*, de Berna, para o MAE, de 03/08/1942.

homenagens na FFCL, àquela altura na rua Maria Antônia, e no Museu de Arte Moderna. Ungaretti ainda teve contato com diversas outras personalidades brasileiras, como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, pintores como Di Cavalcanti, Cândido Portinari, Caribé e o escultor Mário Cravo (LUCA, 1983).

Nos anos 60, Ungaretti “participou como tradutor e declamador do elepê *La Vita, Amico è l'Arte dell'Incontro*, que reunia poesias e canções de Vinicius de Moraes, poeta que Ungaretti já havia traduzido em 1959” (FABRIS, 1998:162). De uma maneira geral, Ungaretti teve muitas relações com o grupo de Vinicius de Moraes⁵⁰⁴. Nos seus retornos durante a década de 1960, o poeta também esteve com Paulo Emílio, com quem se encontrou pela última vez em 1970, na França. Outros alunos, futuros professores, também tiveram contato próximo com Ungaretti, como Antonio Cândido, com quem também esteve na França e na Itália, nos anos 60 (LUCA, 1983). A própria FFCL homenageou o poeta, anos após o rompimento de seu contrato, conferindo a ele o título de doutor *honoris causa*, em 1967 (WATAGHIN, 1993), um reconhecimento *a posteriori*, a despeito da brusca interrupção dos trabalhos em 1942.

---

⁵⁰⁴ Para um aprofundamento sobre o tema e demais relações estabelecidas por Ungaretti com brasileiros, bem como detalhes das viagens que fez ao Brasil nos anos 50 e 60, consultar a dissertação de Luca (1983). Para um aprofundamento sobre as relações estabelecidas entre Ungaretti e os modernistas brasileiros, consultar a tese de Lucia Wataghin (1999). Sobre o contato entre Antonio Cândido e Ungaretti, ver dissertação de Lucia Wataghin (1993).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho procurou estudar os movimentos que propiciaram um *encontro intercultural* entre brasileiros e italianos na FFCL, bem como os resultados desse evento, sob a perspectiva da passagem da *Missão Italiana* pelo Brasil. Uma primeira hipótese era a de que a parte italiana não poderia ser considerada “colonizadora cultural”, uma vez que o projeto de universidade que possibilitou a sua contratação estava ligado a interesses políticos da parte brasileira. Mesmo assim, a questão da propaganda cultural insistia em parecer uma espécie de colonização, tendo em vista as estratégias desenvolvidas pelo Regime Fascista em fazer a cultura italiana circular no exterior (BERTONHA, 2001). De fato, essa estratégia foi amplamente aplicada no Brasil. No entanto, encontramos evidências de que, em muitos desses casos, foram os brasileiros que insistiram em trazer elementos culturais italianos. Exemplo disso é a visita de Guglielmo Marconi para a inauguração da rádio *Tupy*, em 1935. Conforme observamos, foram trocadas diversas correspondências diplomáticas até que Marconi finalmente encontrasse uma data adequada para sua viagem. Outro exemplo são os intercâmbios dos alunos da Medicina, do Direito e da Engenharia, que se aproveitaram desse momento de divulgação cultural para viajar à Itália.

O estudo desses eventos nos mostrou que o uso do conceito de *trocas interculturais*, de Kapil Raj (2007), era o mais adequado para compreender a atuação da *Missão Italiana*, ao invés das visões *imperialistas* de difusão do conhecimento e da cultura (PYENSON, 1989; SAID, 1995). De fato, havia uma Itália Fascista interessada em propagar a sua cultura, mas, por outro lado, havia um Brasil interessado em se apropriar de produtos culturais e em atrair intelectuais italianos. Nesse sentido, a análise dos documentos diplomáticos foi importante para compreender que tal *encontro* não foi passivo, mas amplamente negociado e discutido por ambas as partes envolvidas. Assim, ao mesmo tempo em que descartamos a visão *imperialista*, recusamos uma análise que ignorasse as movimentações políticas e sociais envolvidas no *encontro*.

Com relação à contratação da *Missão Italiana*, apresentamos algumas contribuições interessantes ao debate. Em seu discurso de 1958, Mesquita Filho (1969) dizia que a colônia ítalo-brasileira o pressionou para que fossem contratados professores italianos para a USP. O que seu discurso parece dizer é que a grande colônia o teria pressionado. No entanto,

encontramos indícios de que, ao contrário, indivíduos ligados à Faculdade de Direito da USP, admiradores do Direito Romano, entre eles Reynaldo Porchat, teriam sido os responsáveis pela contratação dos italianos naquele período inicial. Infelizmente, não encontramos fontes diplomáticas das negociações ainda em 1934, mas o nome de Porchat foi citado em duas correspondências do Consulado Italiano em São Paulo, pouco tempo depois das contratações, o que indica que, de fato, esse professor teve papel importante no evento.

Outra questão que nos interessou foi o engajamento da *Missão Italiana* com o Partido Nacional Fascista. Primeiramente, não foi difícil encontrar evidências tanto na bibliografia quanto nas fontes primárias de que era obrigatório se filiar ao partido. Por outro lado, isso não significaria pertença ideológica (TRENTO, 1986; HORTA, 2009). Assim, passamos a investigar nos documentos alguns movimentos que indicassem os posicionamentos políticos dos professores. A primeira questão, nesse sentido, foi a atuação como embaixadores culturais, algo que todo o grupo desempenhou, de maneira mais ou menos consciente, até mesmo aqueles que anos mais tarde se declarariam antifascistas. Outra questão era a divulgação de material fascista no Brasil, o que observamos nos casos de Fantappiè e Onorato. Além disso, esses dois professores, ao lado de Ungaretti e Galvani (WATAGHIN, 1992), também portaram o distintivo do PNF em seus paletós, o que contribuiu para criarem uma imagem de fascistas para aqueles que com eles conviveram, como em André Weil (1992). Outro engajamento foi junto às associações culturais, como a OND de São Paulo, da qual participaram Albanese, Galvani e Onorato. Além disso, mostramos diversos eventos ligados à camada fascista da colônia italiana dos quais esses professores participaram, o que sugere que eles tiveram alguma afinidade com esse grupo social.

Através da leitura e interpretação dos discursos da *Missão* sobre a temática da educação foi possível compreender a que grupos eles se alinharam. Ficou evidente a defesa do ensino formativo e humanista, onde eles valorizavam, sobretudo, o ensino do latim. Os utensílios linguísticos utilizados pelos professores italianos revelaram que eles partilhavam de termos comuns à ideologia fascista, entre eles a questão da formação *espiritual* da *personalidade* dos jovens, além da crítica ao *enciclopedismo* e um apelo à formação *orgânica*. Para o fascismo, o Estado era um todo *orgânico* e, dentro dele, não deveriam existir individualismos e todos deveriam trabalhar em favor da Pátria. Conforme vimos, a *escola fascista* trazia diversas estratégias para garantir essas questões. Quando da análise das propostas de reforma para o ensino secundário feitas pelos professores italianos, observamos

diversas semelhanças à *escola fascista*, o que indica que esse era um modelo que eles consideravam adequado.

Com as análises dos discursos e de outras fontes primárias, observamos que um representante da igreja católica na educação brasileira, o padre Arlindo Vieira, admirava a escola italiana e chegou a demonstrar concordância com as proposições de Fantappiè. Com isso, o matemático italiano passou a participar de um intenso debate que ocorria há algum tempo na educação matemática, onde Euclides Roxo, que participou das reformas da matemática tanto na Reforma Francisco Campos (1931) quanto na Capanema (1942), era acusado de *enciclopedismo* (CARVALHO, 2004). Albanese também entrou nesse debate quando trouxe suas propostas para a reforma do ensino, criticando o abandono da geometria euclidiana nos livros didáticos. Apesar de não citarem o nome de Euclides Roxo, eles endossaram o coro daqueles que o criticavam.

Tendo em vista a circulação da *Missão Italiana* em solo brasileiro e, principalmente, o fato da atuação do grupo ter se estendido para espaços para além da FFCL, concordamos com os estudos que dizem que a memória da instituição, em seus discursos *a posteriori*, tenta marcar sua posição contrária ao fascismo. No entanto, no momento em que o *encontro intercultural* aconteceu, a questão do fascismo não era um problema. Os “liberais” de *O Estado de S. Paulo* e muitos outros grupos sociais brasileiros que não se consideravam fascistas se beneficiaram da política externa de Mussolini, ao menos no que tange à construção do campo do ensino superior no Brasil.

Por fim, observamos que mesmo após o rompimento de seus contratos, a *Missão Italiana* não desfez sua ligação com o Brasil. Nesse sentido, apresentamos diversos exemplos de laços que foram mantidos e, inclusive, observamos que alguns deles retornaram após o término da Segunda Guerra. Com isso, consideramos que não foi somente a parte brasileira que se modificou após esse *encontro intercultural*, mas também a italiana.

BIBLIOGRAFIA

ABDANUR, E. F. Os “ilustrados e a política cultural em São Paulo. O departamento de cultura na Gestão Mário de Andrade (1935-1938). 179 f. *Dissertação*. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ALVIM, Z. *Brava gente! Os italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ARAÚJO, J. R. C. Migna Terra. Migrantes Italianos e Fascismo na Cidade de São Paulo (1922/1935). 269 f. *Tese*. Doutorado em Ciências Sociais: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

AVAGLIANO, M.; PALMIERI, M. *Di pura razza italiana. L'Italia “ariana” di fronte alle leggi razziali*. Milano: Baldini & Castoldi, 2013.

BERTONHA, J. F. Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. *Rev. de História Regional*, vol. 5, n. 2, p. 83-112, 2000.

_____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BIGAZZI, A. R. “In Difesa della Razza” . Os judeus italianos refugiados do fascismo e o anti-semitismo do governo Vargas 1938-1945. 449 f. *Tese*. Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais, 2007.

BLAIR, A. Reading strategies for coping with information overload ca. 1550-1700. *Journal of the History of Ideas*, vol. 64, pp. 11-28, 2003.

BONTEMPI JUNIOR, B. A cadeira de história e filosofia da educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa. 295 f. *Tese*. Doutorado em Educação: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

_____. Em defesa de “legítimos interesses”: o ensino secundário no discurso educacional de O Estado de S. Paulo (1946-1957). *Revista brasileira de história da educação*, nº 12 , p. 121-158, jul./dez. 2006.

BOURDIEU, P. Por uma ciência das obras. In: *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. CORRÊA, M. (trad.). Campinas: Papirus, 1996.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. MICELI, S. (introdução, organização e seleção); vários tradutores. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Kern, D.; Teixeira, G. J. F. (trad.). 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CAPELATO, M. H. *Os Arautos do Liberalismo. Imprensa Paulista (1920-1945)*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

CARELLI, M. *Carcamano e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1985)*. VASSALO, L. M. P. (trad.). São Paulo: Ática, 1985.

CARDOSO, I. R. *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Editores Associados/Cortez, 1982.

CARVALHO, J. B. P. Euclides roxo e as polêmicas sobre a modernização do ensino da matemática. In: VALENTE, W. R. (org.). *Euclides Roxo e a modernização do ensino da matemática no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, p. 85-149.

CELESTE FILHO, M. Os primórdios da Universidade de São Paulo. *Rev. Bras. de Hist. da Educação*, n. 19, p. 187-204, jan/abr. 2009.

_____. El conflictivo nacimiento de la Universidad de São Paulo en la década de 1930. *Rev. Iberoamericana de Educación Superior (RIES)*, México, issue-unam/Universia, vol. II, n. 3, p. 102-114, 2011. Disponível em: <<http://ries.universia.net/index.php/ries/article/view/83>>. Acesso em 01 abr. 2014.

_____. *A constituição da Universidade de São Paulo e a Reforma Universitária da década de 1960*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

CENI, F. *Italianos no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

CHARTIER, R. Textos, impressos, leituras. In: *A História Cultural, entre práticas e representações*. Galhardo, M. M. (tradução). Lisboa: Difel, 2002, p. 121-139.

CHASSOT, W. C. F.; HAMBURGER, M. A. I. Idéias e ações que implantaram e consolidaram a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. In: Shozo Motoyama. (Org.). *FAPESP : uma história de política científica e tecnológica*. São Paulo: FAPESP, 1999, p. 105-137.

CORSETTI, B. O crime de ser italiano no Brasil: a perseguição do Estado Novo. In: DE BONI, L. A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987.

DALLABRIDA, N. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. *Educação*, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

DALTRO, J. J. M. Anarqueologia da eletricidade. In: V Simpósio ABCiber, 2011, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011, p. 1-13.

D'AMBROSIO, U. A influência italiana nas atividades científicas brasileiras. In: DE BONI, L. A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987, p. 508-521.

DARNTON, R. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. COUTINHO, S. (trad.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DASSIE, B. A. As propostas pedagógicas de Euclides Roxo para o ensino da Matemática na escola secundária brasileira. *BOLETIM GEPEM*, N. 59, p. 81-94, Jul./Dez. 2011.

DASSIE, B. A.; CARVALHO, J. B. P. F. Euclides Roxo: engenheiro, professor, intelectual e educador matemático. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 23, no 35A, p. 137-158, abr. 2010.

DELZELL, C. F. *I nemici di Mussolini. Storia della Resistenza armata al regime fascista*. TALUCCHI, F. (trad.). Roma: Lit Edizioni Srl, 2013.

FABRIS, M. R. A 'Terra da Trágica Agonia': Giuseppe Ungaretti no Brasil. *Rev. USP*, São Paulo, n. 37, p. 154-167, março/maio, 1998.

FERREIRA, A. M. M. P. A Criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP – Um Estudo Sobre o Início da Formação de Pesquisadores e Professores de Matemática e de Física em São Paulo. 270 f. *Dissertação*. Mestrado em História das Ciências. Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo, 2009.

FREIRE JUNIOR, O.; SILVA, I. Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 34, n. 67, p.181-201, 2014.

GAMBINI, G; PEPE, L. (a cura). *La raccolta Fantappiè di opuscoli nella biblioteca dell'istituto matematico dell'Università di Ferrara*. Ferrara: Istituto di Matematica, 1982.

GARCIA, S. G. *Destino Ímpar. Sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2002.

GARIBOLDI, L. Giuseppe “Beppo” Occhialini. Dal positrone alla mappa gamma della galassia. *Emmeci Quadro*, p. 64-74, ago. 2007.

GUERRAGGIO, A.; NASTASI, P. *Italian Mathematics Between the Two World Wars*. Basel; Boston; Berlin: Birkhäuser Verlag, 2006.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, L. (org.); RESENDE, A. G.; ESCOSTEGUY, A.C.; ÁLVARES, C.; RÜDIGER, F.; AMARAL, S. (trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMBURGER, A. I. (org. e ed.). *FAPESP 40 anos Abrindo Fronteiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

HORTA, J. S. B. A educação na Itália fascista (1922-1945). *Revista Brasileira de História da Educação*, n° 19, p. 47-89, jan./abr. 2009.

ISRAEL, G. L'espulsione dei professori ebrei dalle facoltà scientifiche durante il fascismo. In: BEER, M; FOA, A.; IANNUZZI, I. (orgs.). *Leggi del 1938 e cultura del razzismo. Storia, memoria, rimozione*. Roma: Viella, p.45-64, 2010.

LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, P. Q. C. (trad.). São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

LIMA, E. B. Dos Infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a Modernização da análise matemática no Brasil. 145 f. *Dissertação*. Mestrado em Ensino,

Filosofia e História das Ciências: Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, 2006.

_____. Matemática e matemáticos na Universidade de São Paulo: italianos, brasileiros e bourbakistas (1934-1958). 260 f. *Tese*. Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências: Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual Feira de Santana, 2012.

LIMONGI, F. Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, S. (org). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 1, São Paulo: Vértice, Ed. Rev. dos Tribunais: IDESP, 1989, p.111-187.

LUCA, M. H. Giuseppe Ungaretti no Brasil: Mito e Crônica. 184 f. *Dissertação*. Departamento de Letras Modernas, Área de Língua e Literatura Italiana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983.

MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. GUIMARÃES, S. M. (trad.). 4ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARAFON, A. C. M. Vocação matemática como reconhecimento acadêmico. 311 f. *Tese*. Doutorado em Educação: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2001.

MINEIRO DA SILVA, P. A árvore da Summa Brasiliensis Mathematicae. In: 6º Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática, 2011, São João Del-Rei. *Anais...* Natal: Sociedade Brasileira de História da Matemática, 2014, p. 911-925.

MONTEIRO, A. C. C. A. Os hotéis da metrópole . O contexto histórico e urbano da cidade de São Paulo através da produção arquitetônica hoteleira (1940-1960). *Dissertação*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2006.

MONTINO, D. *Educazione scolastica, formazione del consenso e regime fascista*. Genova, s.d. Disponível em: <<http://www.liceograssi.it/storia%20del%20novecento/didattica/educazione%20e%20fascismo/davide%20montino.doc>>. Acesso em 11 abr. 2014.

MOTTA, R. P. S. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 227-246, 2007.

NUNES, C. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, p. 35-60, mai./ago. 2000.

PAOLONI, G; SIMILI, R. (a cura). *Guglielmo Marconi e l'Italia. Mostra storico-documentaria*. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, 1996.

PETITJEAN, P. As missões universitárias francesas na criação da USP. In: HAMBURGER, A. I. (org). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 259-330.

PETRONE, P. Italiani e discendenti di italiani in Brasile: le scuole e la língua. In: TRENTO, A. (org). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1991, p.301-328.

PIRES, R. C. A presença de Nicolas Bourbaki na Universidade de São Paulo. 369 f. *Tese*. Doutorado em Educação Matemática: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PYENSON, L. Empire of Reason. Exact Sciences in Indonesia, 1840-1940. In.: VANDERJAGT, A. J. (editor). *Brill's Studies in Intellectual History*. Vol. 13. Leiden/ New York/ Kobenhavn/ Köln: E. J. Brill, 1989.

RABELLO, P. C.; SAITO, F. A influência do positivismo na obra de Euclides Roxo. *Rev. Prod. Disc. Educ. Matem.*, São Paulo, v.3, n.1, pp.150-155, 2014.

RAJ, K. *Relocating Modern Science. Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Houndmills and New York: Palgrave Macmillan, 2007.

ROCHA, J. L. Debates sobre o ensino da matemática na década de 1930. *Revista brasileira de história da educação*, nº 9, p.199-230, jan./jun. 2005.

SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. BOTTMAN, D. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALMERON, R. A. Gleb Wataghin. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 16, n. 44, p. 310-315, 2002.

SANTOS, A. P. S. O comportamento histórico do poder de compra do salário mínimo no

Brasil. Rev. FSA, Teresina, v. 1, n. 1, jan./dez., p. 53-68, 2004.

SANTOS, V. T. *Inventário Deops: módulo v – italianos. Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no estado de São Paulo*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001.

SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática e o papel da Alemanha. In: VALENTE, W. R. (org.). *Euclides Roxo e a modernização do ensino da matemática no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, p. 11-43.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEITENFUS, R. *A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SILVA, A. C. Contribuição da FAPESP à Ciência e Tecnologia. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 28, p. 211-227, 1996.

SILVA, A. F. C. A diplomacia das cátedras: a política cultural externa alemã e o ensino superior paulista - os casos da USP e da Escola Paulista de Medicina (1934-1942). *História*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 401-431, jan./jun. 2013.

SILVA, C. M. S. *A faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e a formação de professores de Matemática*. In: 23a. Reunião Anual da ANPED, 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2000, p. 1-19.

SILVA, C. P. Sobre o início e consolidação da pesquisa matemática no Brasil – parte I. *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 6, n. 11, p. 67-96, abr./set.2006.

SILVA, L. V. S.; SIQUEIRA, R. M. A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP e o imaginário da imprensa e do paulistano sobre o fascismo antes da Segunda Guerra. *Intellèctus*, ano XIII, n. 2, p. 123-141, 2014.

SILVA, V. A. T. “Notícias do Rio” . A intervenção no jornal O Estado de São Paulo e a auto-legitimação do Estado Novo. *Projeto História*, São Paulo, n.38, p. 335-341, jun. 2009.

SIQUEIRA, R. M. Enciclopedismo, distinção profissional e modernidade nas ciências

matemáticas brasileiras (1808-1930). *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 81-91, jan./jun. 2014.

SKIDMORE, T. E. *Brasil: de Getúlio a Castello*. VARGAS, B. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, R. F. A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920-1960). *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, pp.72-90, Jan/Jun 2009.

SOUZA, V. S. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o ‘contextualismo linguístico’ na perspectiva de Quentin Skinner. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, ano V, n. 4, p. 1-19, out./ nov./ dez., 2008.

STARZYNSLI, G. M. R. Língua e Literatura Grega: origens. *Estudos Avançados*, vol. 8, n. 22, p. 395-400, 1994.

SUPPO, H. A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias. *Revista de História*, São Paulo, n. 142-143, p. 309-345, 2000.

TÁBOAS, P. Z. Luigi Fantappiè: influências na matemática brasileira. Um estudo de história como contribuição para a educação matemática. 207 f. *Tese*. Doutorado em Educação Matemática: Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2005.

_____. Anuário 1934-1935 FFCL-USP: o pensamento de Luigi Fantappiè no contexto da organização dos ensinos secundário e superior. In: 6º Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática, 2011, São João Del-Rei. *Anais...* Natal: Sociedade Brasileira de História da Matemática, 2014, p.445-467.

TRENTO, A. *Fascismo Italiano*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Do outro lado do Atlântico. Um século de Imigração Italiana no Brasil*. FABRIS, M. (trad. cap. 2 a 5); BRANDÃO, E. (trad. cap. 1, 6 e 7). São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

TRIVIZOLI, L. M. Intercâmbios acadêmicos matemáticos entre EUA e Brasil: uma globalização do saber. 158 f. *Tese*. Doutorado em Educação Matemática: Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho”, 2011.

VALENTE, W. R. Euclides Roxo e o movimento internacional de modernização da matemática escolar. In: VALENTE, W. R. (org.). *Euclides Roxo e a modernização do ensino da matemática no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, p. 45-83.

_____. Programas e livros didáticos modernos para o ensino de matemática no Brasil: de Euclides Roxo a Osvaldo Sangiorgi. In: MATOS, J. M.; VALENTE, W. R. (edit.). *A reforma da Matemática Moderna em contextos ibero-americanos*. CAPARICA: Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento/ Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2010, p.77-102.

WATAGHIN, L. Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos. *Rev. Inst. Est. Bras.*, São Paulo, n. 34, p.151-174, 1992.

_____. Giuseppe Ungaretti. Razões de uma poesia e outros ensaios. Traduções e comentários. 232 f. *Dissertação*. Departamento de Letras Modernas, Área de Língua e Literatura Italiana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993.

_____. Ungaretti e os modernistas: encontros e desencontros. 182 f. *Tese*. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

WOLFF, R. J. Catholicism, Fascism and Italian Education from the Riforma Gentile to the Carta Della Scuola 1922-1939. *History of Education Quarterly*, Vol. 20, nº 1, Spring, p. 3-26, 1980.

ZOTTI, S. A. O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006. *A Educação e seus Sujeitos na História*. Anais. Goiás: Universidade Católica de Goiás, 2006, p. 1-10.

Obra de Referência

MELZI, G. B. *Il Novissimo Melzi. Completo dizionario italiano in due parti: I linguistica. II scientifica*. 23ª ed. Milano: Antonio Vallardi Editore, 1938.

FONTES

Arquivos Visitados

- Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” (CAPH), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Arquivo Histórico do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.
- Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fundos consultados: Instrução Pública e DEOPS.
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), no Rio de Janeiro. Fundos consultados: Entrevistas do Programa de História Oral (On-line) e Arquivo Gustavo Capanema.
- Centro de Documentação do GHEMAT. Fundo consultado: Arquivo Pessoal Euclides Roxo.
- Archivio Centrale dello Stato, em Roma. Fundos consultados: Ministero della Cultura Popolare, Segreteria Particolare del Duce e Ministero della Pubblica Istruzione.
- Archivio Storico della Camera dei Deputati. Fundos consultados: Giovanni Alliaia Montereale 1923-1994, Archivio della Camera Regia, Archivio del Periodo Repubblicano, Archivio Mario Pannuzio.
- Archivio dell'Accademia Nazionale dei Lincei. Fundos consultados: Tullio Levi-Civita, Atti dell'Accademia Nazionale dei Lincei e Guglielmo Marconi.
- Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri. Fundo consultado: Affari Politici 1931-1945 (Brasile).

Bibliotecas Visitadas

- Biblioteca “Florestan Fernandes”, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

- Biblioteca do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo.
- Biblioteca do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.
- Biblioteca do Departamento de Matemática da Università degli Studi di Ferrara.

Jornais Consultados

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11/05/1934.
 Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 20/06/1934.
 Correio Paulistano, São Paulo, 06/08/1936.
 Correio Paulistano, São Paulo, 16/08/1936.
 Correio Paulistano, São Paulo, 25/04/1937.
 Correio Paulistano, São Paulo, 09/06/1937.
 Correio Paulistano, São Paulo, 23/06/1938.
 Correio Paulistano, São Paulo, 24/07/1938.
 Correio Paulistano, São Paulo, 25/08/1938.
 Correio Paulistano, São Paulo, 28/02/1940.
 Correio Paulistano, São Paulo, 21/08/1940.
 Diário Carioca, Rio de Janeiro, 26/04/1939.
 Diário da Noite, Rio de Janeiro, 10/05/1934, 2ª ed.
 Diário da Noite, Rio de Janeiro, 19/06/1934.
 Diário da Noite, Rio de Janeiro, 06/05/1936.
 Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 20/06/1934.
 Diário de São Paulo, São Paulo, 08/02/1938.
 Diário Carioca, Rio de Janeiro, 26/04/1939.
 Folha da Manhã, São Paulo, 23/12/1925.
 Folha da Manhã, São Paulo, 01/05/1934.
 Folha da Manhã, São Paulo, 03/06/1934.
 Folha da Manhã, São Paulo, 05/06/1934.
 Folha da Manhã, São Paulo, 16/10/1935.
 Folha da Manhã, São Paulo, 21/05/1936.
 Folha da Manhã, São Paulo, 10/06/1936.
 Folha da Manhã, São Paulo, 26/09/1936.

Folha da Manhã, São Paulo, 21/10/1936.
Folha da Manhã, São Paulo, 11/03/1937.
Folha da Manhã, São Paulo, 10/06/1937.
Folha da Manhã, São Paulo, 11/06/1937.
Folha da Manhã, São Paulo, 13/06/1937.
Folha da Manhã, São Paulo, 06/02/1938.
Folha da Manhã, São Paulo, 28/06/1938.
Folha da Manhã, São Paulo, 22/11/1938.
Folha da Manhã, São Paulo, 10/06/1936.
Folha da Noite, São Paulo, 16/04/1945.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 19/05/1934.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 09/06/1934.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 20/06/1934.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 15/09/1934.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 10/11/1934.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 07/11/1936.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 11/11/1936.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 05/12/1936.
Il Pasquino Coloniale, São Paulo, 30/04/1938.
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15/05/1934.
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 01/10/1935.
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19/05/1936.
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 09/06/1937.
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15/10/1937.
O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28/11/1987.
Diário Oficial do Estado de São Paulo, 27/01/1934.
Diário Oficial do Estado de São Paulo, 05/07/1934.
Diário Oficial do Estado de São Paulo, 23/10/1935.
Diário Oficial do Estado de São Paulo, 31/12/1936.
Diário Oficial do Estado de São Paulo, 05/05/1942.
Diário Oficial da União, 09/04/1932.
Diário Oficial da União, 29/09/1934.
Diário Oficial da União, 16/01/1941.
Gazzeta Ufficiale del Regno d'Italia, 07/11/1940.

Artigos, opúsculos, livros e capítulos

ALBERT, A. A. New simple power – associative algebras. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: IBECC, ano VI, v. 2, fasc. 12, p. 183-194, set./1951.

ALMEIDA, F. F. Sobre uma formula de Cipolla. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 10, p. 207-219, out./1946.

ALMEIDA, N. M. *Gramática latina: curso único e completo*. 29ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALBANESE, G. Considerações sobre o curso secundário. *Revista Bibliográfica da USP*, São Paulo, ano 1, n. 1, p.7-25, jan., 1941.

AMERICANO, J. *A Universidade de São Paulo. Dados, problemas e planos*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1947.

AZEVEDO, F. *História de Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

CASTRUCCI, B. Depoimento. In: FREITAS, S. M. *Reminiscências. Contribuição à memória da FFCL/USP:1934-1954. Dissertação*. Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1992.

CATUNDA, O. Sobre uma modificação da fórmula de Cauchy. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano 1, v. 1, fasc. 2, p. 9-16, jan./1946.

_____. Teoria das formas diferenciais e suas aplicações. *Tese*. Concurso para provimento da cátedra de Análise Matemática. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939.

CRUZ COSTA, J. Os Antigos Cursos de Conferências. A contribuição francesa nos primórdios da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. *Filosofia, Ciências e Letras*, órgão do grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 9, p. 9-13, set., 1945.

DIAS, C. L. S. Espaços Vectoriais Topológicos e sua Aplicação nos Espaços Funcionais Analíticos. *Tese*. Concurso para provimento da cátedra de Complementos de Geometria e

Geometria . Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951.

_____. Espaços Vectoriais Topológicos e sua Aplicação nos Espaços Funcionais Analíticos. *Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo*. São Paulo, v. 5, fasc. 1 e 2, p. 1-58, dez./1950.

_____. Entrevista. Cândido da Silva Dias: meio século como pesquisador. *Estudos Avançados*, vol. 8, n. 22, 1994, p.97-105.

DIXMIER, J. Sur certains espaces considérés par M. H. Stone. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: IBICC, ano VI, v. 2, fasc. 11, p. 151-181, jul./1951.

GALVANI, L. *Brasile moderno: terra incantata*. Milano: Cavallotti Editori, 1948.

GAMA, L. I. Limites d'ensembles dans les espaces abstraits. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 7, p. 115-167, ago./1946.

GARCIA, G. El problema de los 3 cuerpos en los casos de Lagrange y de Euler, tratados en la teoria general de la relatividad. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 9, set./1946.

GRAMSCI, A. *Intelectuais e a organização da cultura*. COUTINHO, C. N. (trad.). 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRÊMIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Filosofia, Ciências e Letras*. Ano 1, nº2, São Paulo, 1936.

_____. *Filosofia, Ciências e Letras*. Ano 1, nº3, São Paulo, 1936b.

HALMOS, P. R. Normal dilations and extensions of operators. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: IBICC, ano VI, v. 2, fasc. 9, p. 125-134, dez./1950.

KAPLANSKY, I.; MACKEY, G. W. A generalization of Ulm's theorem. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: IBICC, ano VI, v. 2, fasc. 13, p. 195-202, nov./1951.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. MARTINS, W. (trad.). São Paulo: Anhembi Limitada, 1957.

LOPES, J. L. High energy neutron-proton scattering and the meson theory of nuclear forces with strong coupling. *Summa Brasiliensis Physicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 1, p. 1-49, mai./1947.

MARCONI, G. *Scienza e fascismo*. Roma: Tipografia delle Terme, 1932.

MARPICATI, A. *Guglielmo Marconi in Brasile. Settembre-Ottobre 1935-XIII*. Roma: Reale Accademia d'Italia, 1936

MESQUITA FILHO, J. *Política e Cultura*. São Paulo: Livr. Martins Fontes, 1969.

MUSSOLINI, B. *La dottrina del fascismo*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1935-XIII. Ed. digitale a cura di F. Savarino, 2005. Disponível em: <<http://www.paginasprodigy.com/savarino/dottrinafasc.pdf>>. Acesso em 19 fev. 2014.

NACHBIN, L. On linear expansis II. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 3, p. 17-20, fev./1946.

_____. Linear continuous functionals positive on the increasing continuous functions. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: IBICC, ano VI, v. II, p. 135-150, jan./1951.

PARTITO NAZIONALE FASCISTA. Testi Per I Corsi Di Preparazione Politica. *La cultura fascista*. La Libreria dello Stato, anno XIV E. F., 1936.

PAVAN, C.; CUNHA, A. B.; MENDES, E. G. Entrevista. In: COELHO, M. A. Faculdade de Filosofia da USP: lições inesquecíveis. *Estudos Avançados*, v. 7, n. 18, p. 188-207.

RIBENBOIM, P. Modules sur un anneau de Dedekind. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: IBICC, v. 3, fasc. 3, p. 21-36, dez./1952.

ROSENBLATT, A. On the gradient of green's function in the plane. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 12, p. 241-246, out./1946.

_____. On the unicity of solutions of a system of two ordinary differential equations of the first order satisfying given initial conditions in the real domain. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 13, p. 247-255, nov./1946.

_____. Sobre el metodo de las aproximaciones sucesivas de E. Picard en el caso de un sistema de dos equaciones diferenciales ordinarias del primer order. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 14, p. 257-263, dez./1946.

SANTALÓ, L. A. Sôbre figuras planas hiperconvexas. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 11, p. 221-239, out./1946.

_____. Measure of sets of geodesics in a Riemannian space and applications to integral formulas in elliptic and hyperbolic spaces. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: IBCEC, v. 3, fasc. 1, p. 1-11, out./1952.

SCHENBERG, M. Sulla funzione $[\delta](x)$ di Dirac. Nota I. *Rendiconti della R. Accademia Nazionale dei Lincei*. Roma, v. 24, serie 6^a, 2^o sem., fasc. 3-4, p. 81-83, ago./1937.

_____. Sulla funzione $[\delta](x)$ di Dirac. Nota II. *Rendiconti della R. Accademia Nazionale dei Lincei*. Roma, v. 24, serie 6^a, 2^o sem., fasc. 5-6, p. 151-153, set./1937b.

_____. Classical theory of the point electron (part. I). *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 5, p. 41-75, jun./1946a.

_____. Classical theory of the point electron (part. II). *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 6, p. 77-114, jun./1946b.

_____. The Hamiltonian formalism of relativistic dynamics. *Summa Brasiliensis Physicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 2, p. 51-90, out./1947.

ZARISKI, O. Generalized semi-local rings. *Summa Brasiliensis Mathematicae*. Rio de Janeiro: FGV, ano I, v. 1, fasc. 8, p. 169-195, set./1946.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1935)*. São Paulo: Empresa Grafica da "Revista dos Tribunaes", 1937a.

_____. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1936)*. São Paulo: Empresa Grafica da “Revista dos Tribunais”, 1937b.

_____. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1937-1938)*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938a.

_____. *Anuário da Universidade de São Paulo (1936-1937)*. São Paulo: Empresa Grafica da “Revista dos Tribunais”, 1938b.

_____. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949)*. Vol. I. São Paulo: Seção de Publicações da USP, 1953a.

_____. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949)*. Vol. II. São Paulo: Seção de Publicações da USP, 1953b.

WATAGHIN, G. *Gleb Wataghin (depoimento, 1975)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 45 p.

WEIL, A. *The apprenticeship of a mathematician*. GAGE, J. (trad.). Basel; Boston; Berlin: Birkhäuser, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Discursos da *Missão Italiana* (1934-1942)

Autor	Título	Ano	Classificação	Veículo	Fonte
Ettore Onorato	La Struttura della Materia Cristallina ed i Raggi	1934	Artigo científico		Anuário 1934-1935
Ettore Onorato	La Struttura della Fosgenite	1934	Artigo científico		Anuário 1934-1935
Ettore Onorato	Pedras preciosas	1935	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1934-1935
Ettore Onorato	Il Metodo dei Bragg	1935	Artigo científico		Anuário 1934-1935
Ettore Onorato	Sugestões e orientação científica	1937	Texto Anuário	Pedido da diretoria da FFCL	Anuário 1934-1935
Francesco Piccolo	Os Medici	1935	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1934-1935
Francesco Piccolo	A casa dos Borgia	1935	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1934-1935
Francesco Piccolo	Um reformador do Sec. XIII (Savonarola)	1935	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1934-1935
Francesco Piccolo	Novalis	1936	Artigo outro	Revista Grêmio FFCL, nº 2	Revista Grêmio FFCL, nº2
Francesco Piccolo	Observações e reflexões	1937	Texto Anuário	Pedido da diretoria da FFCL	Anuário 1934-1935
Giacomo Albanese	Sobre os conceitos fundamentais da Geometria	1936	Conferência	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1936
Giacomo Albanese	Sobre o ensino da Geometria	1937	Texto Anuário	Pedido da diretoria da FFCL	Anuário 1936
Giacomo Albanese	Topologia	1937	Sessão pública	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1937-1938
Giacomo Albanese	Considerações sobre o curso secundário	1941	Artigo outro	Revista Bibliográfica da USP, ano 1. Jan, 1941, nº1	Revista Bibliográfica da USP, ano 1. Jan, 1941, nº1
Giacomo Albanese	Trattato di Geometria proiettiva III, Edizione	No prelo	Livro	Gozzani Pisa	Anuário 1936
Giacomo Albanese	Corrispondenze algebriche fra i punti di due superficie algebriche	No prelo	Memória		Anuário 1936
Giuseppe Occhialini	A simple type of non-ohmic resistance for use with Geiger Müller counters	1938	Artigo científico	Journal of Scientific Instruments, Vol. XV nº 3, Março	Anuário 1937-1938
Giuseppe Occhialini	Medida do efeito de latitude para showers	1938	Artigo científico	Boletins da FFCL/USP Física nº1	Boletins da FFCL/USP Física nº1
Giuseppe Occhialini	Diffusão dos raios gamma do Thorium C	1938	Artigo científico	Boletins da FFCL/USP Física nº1	Boletins da FFCL/USP Física nº1
Giuseppe Occhialini	A difusão anômala dos raios gama do Tório C	No prelo	Artigo científico	Boletim do Departamento de Física	Anuário 1937-1938
Giuseppe Ungaretti	Posição histórica e grandeza de João Baptista Vico	1937	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Giuseppe Ungaretti	Influência de João Batista Vico sobre as idéias estéticas da atualidade	1937	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Giuseppe Ungaretti	Idea al tempo e valore della memoria in Petrarca Sul Sonetto del Petrarca: Quand'io son tutto volto in quella parte. Indole del italiano	1937	Conferência		Luca (1983)
Giuseppe Ungaretti	Evoluzione delle forme metriche e italiane nei primi due secoli – Introduzione alla Matrica	1937	Conferência		Luca (1983)
Giuseppe Ungaretti	Sulla vita di Yacopone da Todi. La poesia di Yacopone di Todi.	1937	Conferência		Luca (1983)
Giuseppe Ungaretti	Vie d'un Homme	1939	Livro	Poesias. Ed. Gallimard, Paris	Anuário 1939-1949 vol 2
Giuseppe Ungaretti	Le Origini del Romanticismo Italiano	1941	Conferência	Jornal Fanfulla 11/5/41	Anuário 1939-1949 vol 2
Giuseppe Ungaretti	Sobre Dante		Conferência	Conferência na Faculdade de Filosofia	Anuário 1939-1949 vol 2
Giuseppe Ungaretti	Sobre D'Annunzio		Conferência	Conferência no Teatro Municipal	Anuário 1939-1949 vol 2
Giuseppe Ungaretti	As origens do romantismo italiano		Conferência	Conferência no Teatro Municipal	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Note on New Methode to Modulate Light	1934	Artigo científico	Proceed. of Electr. Eng.	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Statistics of positrons and electrons in equilibrium with radiation at high temperatures	1934	Artigo científico	Phil. Mag. S. 7 V. 17 p. 910	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Bemerkung ueber die Selbstenergie der Elektronen	1934	Artigo científico	ZS. f. Phys. 88, 92	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Ueber die relativistische Quantenelektrodynamik u. s. w.	1934	Artigo científico	ZS. f. Phys. 92, p. 547	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Sulla elettrodinamica relativistica e sull'irraggiamento nell'urto degli elettroni veloci	1934	Artigo científico	Nuovo Cimento Nº 9	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Istituti di Fisica	1934	Apresentação	Reale Accademia d'Italia	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Curso de Física – Parte I (Per gli studenti dell'Università di S. Paulo)	1934	Livro	Universidade de São Paulo	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Curso de Física – Parte II (Per gli studenti dell'Università di S. Paulo)	1934	Livro	Universidade de São Paulo	Anuário 1934-1935

Gleb Wataghin	O princípio da causalidade em física moderna	1935	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Corpúsculos elementares da Física Moderna	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Problemas da Física Moderna	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Physica Moderna	1935	Palestra	Reunião do Rotary Club de SP no Hotel Terminus em 07/06/35	OESP, 7 de junho de 1935
Gleb Wataghin	Últimas pesquisas sobre raios cósmicos	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	The Thermal equilibrium of elementary particles	1935	Artigo científico	Physical Review vol. 47 pag. 423	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	L'équilibre thermique des particules élémentaires à hautes températures	1935	Artigo científico	Comptes Rendus – 11 Mars, p. 900	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Sulle relazioni di commutazione nell'elettrodinamica quantistica	1935	Artigo científico	Nuovo Cimento, vol. 12, Maggio, p. 1	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Sobre as propriedades das partículas elementares	1935	Artigo científico	Annaes da Academia Brasileira de Ciências, Tomo 7, p. 273	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Sulle equazioni relativistiche del protone e del neutrone	1935	Artigo científico	R. Acc. Lincei, v. 21, p. 703	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Remarks on the theory of protons and neutrons	1935	Artigo científico	Phys. Review, Vol. 48, p. 284, August 1	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Radioatividade artificial	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1936
Gleb Wataghin	Sobre o desenvolvimento das teorias físicas	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Jornal de Matemática Pura e Aplicada
Gleb Wataghin	Sur l'interaction entre protons et neutrons	1936	Artigo científico	Comptes Rendus, 17 Février, T. 202, p. 833	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Sull'integrazione tra particelle elementari	1936	Artigo científico	La Ricerca Scientifica, Luglio	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	Idéias sobre a constituição dos núcleos	1936	Conferência	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1936
Gleb Wataghin	Nova teoria da luz	1936	Conferência	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1936
Gleb Wataghin	Teoria de electrons	1936	Conferência	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1936
Gleb Wataghin	O ensino das ciências físicas	1936	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1936
Gleb Wataghin	Do ensino da Física nas escolas secundárias e superiores	1937	Texto Anuário	Pedido da diretoria da FFCL	Anuário 1934-1935
Gleb Wataghin	A comemoração de Marconi	1937	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Gleb Wataghin	Sopra un nuovo tipo dei contarori di corpuscoli (com Marcelo Damy de Souza Santos)	1937	Artigo científico	Nuovo Cimento	Anuário 1937-1938
Gleb Wataghin	Sobre a tecnica das medidas referentes a contagem de partículas elementares e a radiação cósmica (Com Damy)	1938	Artigo científico	Boletins da FFCL/USP Física nº1	Boletins da FFCL/USP Física nº1
Gleb Wataghin	Sobre a teoria quântica e relatividade	1938	Artigo científico	Boletins da FFCL/USP Física nº1	Boletins da FFCL/USP Física nº1
Gleb Wataghin	Sobre a teoria da transformação das equações de Dirac e relatividade geral	1938	Artigo científico	Boletins da FFCL/USP Física nº1	Boletins da FFCL/USP Física nº1
Gleb Wataghin	Cosmic-ray showers at great depths (Com Marcelo Damy Souza Santos)	1939	Artigo científico	Anais da Acad. Bras. de Ciências, março	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Sobre os limites de validade da mecânica quântica	1939	Artigo científico	Anais da Acad. Bras. de Ciências, vol. XI, junho	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	On the explosion showers	1939	Artigo científico	Nature, vol. 145, setembro	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Simultaneous Penetrating Particles in the Cosmic Radiation (Com Damy e Pompéia)	1940	Artigo científico	Phys. Rev., vol. 57, nº 1, janeiro	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Simultaneous Penetrating Particles in the Cosmic Radiation II (Com Damy e Pompéia)	1940	Artigo científico	Phys. Rev., vol. 57, nº 4, janeiro	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	On the application of the iniconoscope to the observation of ionising particles	1940	Artigo científico	Anais da Acad. Bras. de Ciências, XII, dezembro	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Simultaneous Penetrating Particles in the Cosmic Radiation III	1941	Artigo científico	Phys. Rev., vol. 61, junho	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Simultaneous Penetrating Particles in the Cosmic Radiation (Com Damy e Pompéia)	1941	Artigo científico	Anais da Acad. Bras. de Ciências	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	On the production and absorpion of Mesotrons	1942	Artigo científico	Anais da Acad. Bras. de Ciências, XIV, p. 79, março	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	On the generalised relativistic transformations	1942	Artigo científico	Anais da Acad. Bras. de Ciências, junho	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	On the method of second quantisation		Artigo científico	Phys. Rev	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Sulla coerenza della componente penetrante della radiazione cósmica		Artigo científico	La Ricerca Scientifica	Anuário 1939-1949 vol 2
Gleb Wataghin	Sulla produzione degli sciami a esplosione		Artigo científico	La Ricerca Scientifica	Anuário 1939-1949 vol 2

Luigi Fantappiè	A função da mathematica no actual momento científico	1934	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Jornal Folha da Manhã, 8 de junho
Luigi Fantappiè	Aspectos geraes do desenvolvimento historico das mathematicas	1934	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Jornal Folha da Manhã, 17 de junho
Luigi Fantappiè	O problema do ensino secundário de matemática	1935	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1934-1935
Luigi Fantappiè	Teoria matemática da luta pela vida	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1934-1935
Luigi Fantappiè	Desenvolvimento da Matemática nos últimos cinquenta anos e no futuro próximo	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1934-1935
Luigi Fantappiè	Origem e desenvolvimento da teoria dos Funcionais	1935	Palestra	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1936
Luigi Fantappiè	Os métodos modernos da teoria dos "quanta"	1936	Conferência	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1936
Luigi Fantappiè	As matemáticas na escola secundária	1936	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1936
Luigi Fantappiè	Projeto de Reforma dos Estatutos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aprovados pelo Decr. nº39 de 3 de setembro de 1934 do governo federal (com assistente Prof. Ernesto Luiz de Oliveira Júnior)	1936	Projeto	Anuário 1936, p. 125-130	Anuário 1936
Luigi Fantappiè	Projeto de Reforma do Ensino Secundário (com Assistente Prof. Ernesto Luiz de Oliveira Jr.)	1936	Projeto	Anuário 1936, p. 131-143	Anuário 1936
Luigi Fantappiè	Da organização do ensino secundário e universitário	1937	Texto Anuário	Pedido da diretoria da FFCL	Anuário 1934-1935
Luigi Fantappiè	Integrazione in termini finiti di ogni sistema de equazione a derivate parziali, lineare e a coefficienti costanti, d'ordine qualunque	1937	Sessão pública	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1937-1938
Luigi Galvani	VIII censimento generale della popolazione. I quesiti del foglio di censimento	1936	Artigo científico	Notiziario Demografico (Istituto Centrale di Statistica, Roma)	Anuário 1936
Luigi Galvani	"Prime linee di Patologia economica" di Corrado Gini	1936	Resumo crítico	L'Economia Italiana	Anuário 1936
Luigi Galvani	O conceito moderno da estatística	1936	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Luigi Galvani	Curso de Estatística Metodológica e Aplicada	1936	Conferência	Curso oferecido aos funcionários do Instituto do Café do Estado de SP	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Importância da estatística no governo e na coisa publica	1936	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Jornal Folha da Manhã, 27 de maio de 1936
Luigi Galvani	O ensino da estatística na Universidade de S. Paulo	1937	Texto Anuário	Pedido da diretoria da FFCL	Anuário 1936
Luigi Galvani	Movimentos migratórios e os fenômenos correlatos	1937	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Luigi Galvani	Preços e poder aquisitivo da moeda	1938	Artigo científico	Revista do Arquivo Municipal, LI	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Centros territoriais e demográficos com aplicação ao Est. de S. Paulo (com Pedro Egídio)	1938	Artigo científico	Revista do Arquivo Municipal, XLIX	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Algumas características demográficas de São Paulo (com Eduardo Alcântara de Oliveira e Rita de Freitas)	1939	Artigo científico	Boletim do Departamento Estadual de Estatística, nº7	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Algumas observações sobre séries estatísticas a duas dimensões	1940	Artigo científico	Revista Brasileira de Estatística, Ano I, nº1	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Uma boa conselheira dos Governantes: A estatística	1940	Conferência	Escola de Comércio Álvares Penteado	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Outras observações sobre séries estatísticas a duas dimensões	1941	Artigo científico	Revista Brasileira de Estatística, Ano II nº7	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Aspectos evolutivos da população paulista	1941	Conferência	Conferência na Faculdade de Filosofia	Anuário 1939-1949 vol 2
Luigi Galvani	Distribuição do coeficiente de crescimento vegetativo nos municípios do Estado de São Paulo	1942	Artigo científico	Boletim do Departamento Estadual de Estatística, nº4	Anuário 1939-1949 vol 2
Vitório de Falco	Sobre uma cena do Ajax de Sófocles	1941	Artigo outro	Revista Grêmio FFCL, nº 8	Revista Grêmio FFCL, nº8

APÊNDICE B: Discursos dos professores italianos visitantes (1934-1942)

Autor	Título	Ano	Classificação	Veículo	Fonte
Anna Maria Speckel	A poesia de Carducci, Pascoli e d'Annunzio	1937	Conferência	Conferência patrocinada pela Faculdade	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	A fortuna de Augusto	1938	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	Origem do Império	1938	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	A cidade de Roma no tempo de Augusto	1938	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	A corte imperial	1938	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	As classe sociais no tempo de Augusto	1938	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	O ventre de Roma	1938	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	O exército e as guerras	1938	Conferência	Conferências Públicas FFCL	Anuário 1937-1938
Antonio Piccarolo	Rui Barbosa, mestre da língua	1938	Artigo	Revista Grêmio FFCL, nº 6	Revista Grêmio FFCL, nº 6
Tullio Levi-Civita	A nova exposição da relatividade	1937	Conferência	Conferência patrocinada pela Faculdade	Anuário 1937-1938
Tullio Levi-Civita	Trigonometria dos pequenos triângulos	1937	Sessão pública	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1937-1938
Tullio Levi-Civita	A geometria dos pequenos triângulos curvilíneos	1937	Conferência	Seminário Matemático e Físico	Anuário 1937-1938
Tullio Levi-Civita	Teoria da Relatividade	1937	Conferência	Conferência patrocinada pela Faculdade	Anuário 1937-1938
Tullio Levi-Civita	Sull integrazioni di alcuni tipi di equazioni differenziali		Artigo	Rendiconti della R. Accademia Nazionale dei Lincei	Anuário 1937-1938
Roberto Vighi	As recentes descobertas arqueológicas da Roma Imperial	1937	Conferência	Conferência patrocinada pela Faculdade	Anuário 1937-1938

ANEXOS

ANEXO A – CONTRATOS DOS PROFESSORES DA MISSÃO ITALIANA COM A FFCL NO PERÍODO DE 1940 A 1943

Os contratos transcritos nessa seção foram consultados no Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP), sob a localização: “EO1145 - Instrução Pública - registros de contratos de professores estrangeiros (para USP) 1943”.

DOCUMENTO 1

Pr. 60.860-9

Termo de prorrogação de contrato do Professor Giacomo Albanese, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O Secretário de Estado da Educação e Saúde Pública, de acôrdo com a autorização do Excelentíssimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo número 60.860-9, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar por mais um ano o contrato celebrado em 10 de outubro de mil novecentos e trinta e seis, com o professor Giacomo Albanese, da cadeira (Geometria projetiva e analitica. Historia das matematicas) da 1ª Sub-Secção (Ciências Matematicas), da Secção de Ciências, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, passando o contratado a perceber os vencimentos de quatro contos de reis (4:000\$000) mensais, revigoradas as demais disposições do aludido contrato.

E para constar, mandou o Senhor Doutor Secretario fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte contratante, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Francisco Assis Reys, Chefe de Secção da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo que assino. São Paulo, 6 de março de mil novecentos e quarenta.

(fl.1)

DOCUMENTO 2

Termo de prorrogação de contrato do Professôr Giacomo Albanese, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

O Secretário de Estado da Educação e Saúde Pública, de acôrdo com a autorização do

Excelentíssimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo número 24.324-41, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar até 31 de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois (1942), com os mesmo vencimentos, na base de quatro contos de réis (4:000\$000) mensais, o contrato que o Govêrno do Estado mantém com o Professôr Giácomo Albanese, para a regência da cadeira de Geometria-Projetiva e Analitica. História das Matemáticas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, atualmente IX cadeira – Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva, de acôrdo com o decreto número doze mil e trinta e oito (12.038), de primeiro (1º) de Julho de mil novecentos e quarenta e um (1941), com a seguinte modificação:

O professôr Giacomo Albanese se obriga a realizar, pelos vencimentos estipulados, pelo menos seis (6) horas de curso por semana, em aulas de cinquenta e cinco (55) minutos, de acôrdo com a distribuição estabelecida pela direção da Faculdade. Caso haja necessidade de maior número de horas de aulas, o Professôr se obriga a realiza-las, sem direito a qualquer quota suplementar.

E por estarem assim acordes, mandou o Senhor Secretario fosse lavrado o presente termo de contrato que assim com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Ondina San Juan, 4ª (quarta) escriturária da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 19 de Julho de mil novecentos e quarenta e um.

(fls. 18, 18 (verso)).

DOCUMENTO 3

Termo de contrato do Professôr Giacomo Albanese, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo

O Secretário de Estado da Educação e Saúde Pública resolve contratar, a partir de primeiro de janeiro de mil novecentos e quarenta e um e até trinta e um de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois, o Professôr Giacomo Albanese para a regência da cadeira (X) de Complementos de Geometria e Geometria Superior, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, percebendo a gratificação mensal de um conto de reis (1:000\$000) e mediante condições idênticas às do contrato do mesmo professôr para a regência da IX cadeira – Geometria Analitica, Projetiva e Descritiva – daquele Instituto Universitario, constante de fls. 18 e 18 verso, do presente livro.

E por estarem assim acórdes, mandou o Senhor Secretário fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Ondina San Juan, quarta escriturária na Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 27 de março de 1942.

(fl.38)

DOCUMENTO 4

Pr. 25835-42

Termo de rescisão

O Secretário de Estado da Educação e Saúde Pública resolve rescindir a partir de 24 do corrente, os contratos do professor Giacomo Albanese para a regencia da IX cadeira – Geometria Analítica, projetiva e descritiva – e da X cadeira – Complementos de geometria e geometria superior -, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

Resolve mais autorizar o pagamento dos vencimentos integrais correspondentes ao corrente mês de abril.

Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, 23 de abril de 1942.

(fl. 40 (verso)).

DOCUMENTO 5

Pro. 60.860

Termo de prorrogação de contrato do Professor Giuseppe Occhialini, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Pública, de acôrdo com a autorização do Excelentíssimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo numero 60860-9, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar até trinta e um (31) de dezembro do corrente ano, o contrato celebrado em trinta e um (31) de agosto de mil novecentos e trinta e sete (1937), com o professor Giuseppe Occhialini, constante de fls. 50 verso e 51 do livro respectivo, para o cargo de assistente científico da 1ª cadeira (Física Geral e Experimental) da 2ª Sub-Secção (Ciências Físicas) da Secção de Ciências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, passando o contrato a perceber os vencimentos de um conto e seiscentos mil réis (1:600\$000) mensais, revigoradas as demais disposições do aludido contrato.

E para constar, mandou o Senhor Doutor Secretario fôsse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Francisco de Assis Reys, chefe de Secção da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 20 de março de mil novecentos e quarenta.

(fl.3)

DOCUMENTO 6

Termo de contrato do Professor Giuseppe Occhialini, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.-

Aos 29 dias do mês de Julho de mil novecentos e quarenta e um (1941), à Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, perante o respectivo Secretario de Estado, Doutor José Rodrigues Alves Sobrinho, compareceu o Professor Giuseppe Occhialini, assistente científico da cadeira de Física Geral e Experimental, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, afim de reduzir a termo o presente contrato, devidamente autorizado pelo Excelentissimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo numero 35.923-41, que se acha arquivado nesta Secretaria, para a referida Faculdade, mediante as seguintes condições:

I

O Professor Giuseppe Occhialini tomará a seu cargo até trinta e um (31) de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois (1.942), a regência da disciplina de Física Superior, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, disciplina essa creada pelo artigo vinte e cinco (25), do decreto numero doze mil e trinta e oito (12.038), de primeiro (1º) de julho de mil novecentos e quarenta e um (1.941), obedecendo ao Regulamento da Faculdade, devidamente aprovado pelo Govêrno.-

II

O Govêrno do Estado obriga-se a pagar ao Professor Giuseppe Occhialini, até o dia quinze (15) de cada mês vencido, a partir de primeiro (1º) de janeiro de mil novecentos e quarenta e um (1.941), data de vigência do presente contrato, a importância de tres contos e novecentos mil réis (3:900\$000) mensais, sem direito a qualquer acrescimo por serviços extraordinarios. Este pagamento será feito por intermédio da Secretaria da Fazenda e do Tesouro do Estado, em moeda corrente do País.-

III

Este contrato poderá ser rescindido nos seguintes casos: força maior que obrigue o professor a suspender ou cessar o ensino; não cumprimento pelo professor dos deveres aqui estipulados; e nos casos previstos no Regulamento da Faculdade para destituição dos professores catedraticos.No caso de rescisão, serão pagos ao professor, integralmente, os vencimentos do mês corrente.-

IV

No caso de molestia na pessoa do professor, que impeça o exercício de suas funções, mediante parecer de junta médica, poderão ser-lhe concedidas até tres (3) meses de licença, com vencimentos integrais. Nos casos de falta, será feito o desconto correspondente na folha de pagamento.-

V

Durante o período de aulas, não será permitida a ausencia do professor para pesquisas de qualquer natureza, fóra da Capital, salvo trabalhos praticos realizados em companhia dos alunos, mediante autorização da Diretoria e apresentação do respectivo relatório, que será publicado no “Anuario”.-

VI

O professor se obriga a realizar, pelos vencimentos estipulados, pelo menos seis (6) horas de curso por semana, em aulas de cinquenta e cinco (55) minutos, de acôrdo com a distribuição estabelecida pela Diretoria. Caso haja necessidade de maior numero de horas de aula, o professor se obriga a realiza-las, sem direito a qualquer quôta suplementar.

VII

O professor poderá ter como auxiliares de ensino, na parte prática, assistentes obrigatoriamente brasileiros, cuja escolha e cujo numero e vencimentos serão estipulados pelo Govêrno do Estado, ouvida a Diretoria da Faculdade, e dentro da verba que o orçamento consignar para esse fim.

VIII

Constituem deveres e atribuições do professor, além das já consignadas no Regulamento da Faculdade para os professores em geral:

- a) – dirigir e orientar o ensino, executando integralmente, com o melhor critério didático, os programas detalhados aprovados pela Direção da Faculdade;
- b) – apresentar os programas detalhados do ensino, nêles discriminando o que se referir aos exercícios e trabalhos escolares;
- c) – assinar, após a aula, o livro de frequência, no qual registrará o assunto lecionado;
- d) – realizar os cursos de acôrdo com o horario estabelecido pela Secretaria da Faculdade;
- e) – submeter os alunos às provas parciais e finais e dar nota aos exercícios e trabalhos escolares, realizados durante o ano letivo, de acôrdo com o Regulamento da Faculdade;
- f) – fornecer à Secretaria da Faculdade, no decurso dos dez (10) que se seguirem à realização das provas parciais, as notas respectivas, bem como, no decurso dos tres (3) primeiros dias de cada mês, as notas dos trabalhos e exercícios escolares executados no mês anterior;
- g) – fiscalizar a observancia do Regulamento quanto à frequencia e realização dos exercicios e trabalhos escolares, bem como à atividade dos assistentes;
- h) – apresentar ao Diretor da Faculdade, no fim de cada ano, relatório minucioso do ensino a seu cargo;
- i) – tomar parte, de acôrdo com o Regulamento da Faculdade, nas reuniões do corpo docente;
- j) – fazer parte das comissões examinadoras e de outras para as quais fôr designado ou eleito durante o ano escolar, de acôrdo com o Regulamento ou Regimento Interno da Faculdade;
- k) – propôr ao Diretor da Faculdade, nos termos do Regulamento ou Regimento Interno, as medidas disciplinares que devam ser aplicadas aos assistentes.-

IX

Além do curso regular da Faculdade, o professor se obriga a realizar, durante o ano, um curso de conferencias publicas em torno da materia de sua especialidade, cujo numero será fixado de acôrdo com a Direção da Faculdade.

X

Terão tratamento igual, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no desempenho de suas funções, todos os professores contratádos no estrangeiro, qualquer que seja a sua posição na

hierarquia do ensino em seu país.

XI

O professor se obriga a empregar toda sua atividade profissional ao estudo e ao ensino das matérias de seu curso, devendo, no exercício de suas funções na Universidade, abster-se de qualquer propaganda de caráter político ou religioso.

XII

O pagamento do Professor Giuseppe Occhialini correrá, no presente ano, por conta da verba numero cento e oitenta e oito (188) consignação numero dois (2), sub-consignação numero tres (3), alinea numero cento e cinco (105), de orçamento vigente, e, no próximo exercício pela verba que para isso fôr consignada.

E por estarem assim acôrdes, mandou o Senhor Secretario fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Alfredo Monolin, segundo escrivario de Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 29 de Julho de mil novecentos e quarenta e um.

(fls. 29, 29 (verso), 30, 30 (verso), 31).

DOCUMENTO 7

Pr. 25835-42

Termo de rescisão

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica resolve rescindir, a partir de 24 do corrente o contrato do professor Giuseppe Occhialini para a regencia da disciplina de Fisica Superior, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

Resolve mais rescindir, digo autorizar o pagamento dos vencimentos integrais correspondentes ao corrente mês de abril.

Secretaria de Estado da Educação e Saúde Publica, 23 de abril de 1942.

(fl. 41 (verso))

DOCUMENTO 8

Pr. 40894

Termo de prorrogação de contrato do Professor Giuseppe Ungaretti, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Pública, de acôrdo com a autorização do

Excelentissimo Senhor Presidente da República, conforme consta do processo numero 10.753-40, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar por mais um (1) ano o contrato celebrado em vinte e três (23) de março de mil novecentos e trinta e sete (1937) com o professor Giuseppe Ungaretti, constante de folhas trinta e oito verso (38 v.) a quarenta (40) verso do livro respectivo, para a regência da 2ª (segunda) cadeira (Linguas Estrangeiras) da Secção de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, passando o contratado a perceber os vencimentos mensais de três contos de reis (3:000\$000), revigoradas as demais clausulas do aludido contrato. O pagamento correrá pela verba número cento e trinta e quatro (134), consignação número dois (2), alinea oitenta (80), do orçamento vigente, reforçada com a importância de oito contos e quatrocentos mil reis (8:400\$000), pelo quinze (15) do corrente.

E para constar, mandou o Senhor Doutor Secretário fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessanda além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Ondina San Juan, lavei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 17 de Outubro de 1940.

(fls. 6 (verso), 7).

DOCUMENTO 9

Termo de prorrogação de constráto do Professor Giuseppe Ungaretti, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica de acôrdo com a autorização do Excelentissimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo numero 35.923-41, que se acha arquivado nésta Secretaria, resolve prorrogar até trinta e um (31) de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois (1942), o constráto que o Govêrno do Estado mantem com o Professor Giuseppe Ungaretti, para a regência da cadeira de Lingua e Literatura Italiana (XXXIX cadeira, de acôrdo com o decreto numero 12.038, de 1º de julho de 1941), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, com as seguintes modificações:

I

O Professor Giuseppe Ungaretti, durante o ano de mil novecentos e quarenta e um (1941), perceberá os vencimentos mensais de tres contos de réis (3:000\$000) e, a partir de primeiro (1º) de janeiro de mil novecentos e quarenta e dois (1942), na base mensal de quatro contos de réis (4:000\$000).

II

O Professor Giuseppe Ungaretti se obriga a realizar, pelos vencimentos estipulados, pelo menos seis (6) horas de curso por semana, em aulas de cincoenta e cinco (55) minutos, de acôrdo com a distribuição estabelecida pela direção da Faculdade. Caso haja necessidade de maior numero de horas de aulas, o Professor se obriga a realiza-las, sem direito a qualquer quita suplementar.

E por estarem assim acordes, mandou o Senhor Secretario fosse lavrado o presente termo de contrato, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Alfredo Monolin, segundo escrivão da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 29 de Julho de mil novecentos e quarenta e um.

(fls. 20, 20 (verso), 21).

DOCUMENTO 10

Pr. 25835-42

Termo de rescisão:

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica resolve rescindir, a partir de 24 do corrente, o contrato do professor Giuseppe Ungaretti para a regência da XXXIX cadeira – Lingua e Literatura Italiana -, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

Resolve mais autorizar o pagamento dos vencimentos integrais correspondentes ao corrente mês de abril.-

Secretaria de Estado de Educação e Saúde Publica, 23 de abril de 1942.

(fl. 41).

DOCUMENTO 11

Termo de prorrogação de contrato do Professor Gleb Wataghin, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica, de acôrdo com a autorização do Excelentissimo Senhor Presidente da Republica, constante, digo conforme consta do processo número 60.860-9, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar por mais um ano o contrato celebrado em quatro de novembro de mil novecentos e trinta e seis com o professor Gleb Wataghin, constante de fls. 20 (vinte) a 22 (vinte e dois) do livro respectivo, para a regencia das cadeiras de Física Geral e Experimental (2º ano) e Física Teórica (3º ano – Curso Monografico) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, passando o contratado a perceber os vencimentos de quatro contos de reis (4:000\$000) mensais, revigoradas as demais disposições do aludido contrato.

E para constar, mandou o Senhor Doutor Secretario fôsse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, alem das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Francisco de Assis Reys, chefe de Secção da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Publica, lavrei o presente termo que dato e assino. São Paulo, 7 de março de mil novecentos e quarenta.

[Assinatura de Caterina Leoís Wataghin, por procuração].

(fl. 2)

DOCUMENTO 12

Termo de rescisão

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica resolve rescindir, a partir de 24 do corrente, os contrátos do professor Gleb Wataghin para a regencia da XI cadeira – Mecânica racional e Mecânica Celeste – a da XIII cadeira – Fisica teórica e Física matematica -, da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras, da Universidade de São Paulo.

Resolve mais autorizar o pagamento dos vencimentos integrais correspondentes ao corrente mês de abril.

Secretaria de Estado da Educação e Saúde Publica,   de abril de 1942.

(fl.42)

[Observação escrita na lateral esquerda do termo: “O presente termo foi cancelado pelo Senhor Secretario, conforme despacho no pr. 26854-42”]

DOCUMENTO 13

Termo de contrato do Professor Gleb Wataghin, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

O Secretário de Estado da Educação e Saúde Pública recebe contratar, a partir de primeiro de janeiro de mil novecentos e quarenta e um e até trinta e um de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois, o Professor Gleb Wataghin para a regência da cadeira (XI) de Mecânica Racional e Mecânica Celeste, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, percebendo a gratificação mensal de um conto de réis (1:000\$000) e mediante

condições idênticas às do contrato do mesmo professor para a regência da XIII cadeira – Física Teórica e Física Matemática – daquele Instituto Universitário, constante de fls. 18 verso e 19, do presente livro.

E, por estarem assim acôrdes, mandou o Senhor Secretário fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Ondina San Juan, quarta escriturária da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 27 de março de 1942.

(fl. 38 (verso))

DOCUMENTO 14

Proc. nº 28062-43

public. em 16.6.43

Termo de prorrogação de contrato do Professor **Gleb Wataghin**,
para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

A Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, de acordo com autorização do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, conforme consta dos processos ns. 9.912-43 e 28062-43, que se acham arquivados nesta Secretaria, resolve prorrogar por mais um (1) ano, a partir de primeiro de janeiro de mil novecentos e quarenta e três, o contrato celebrado em vinte e nove de Julho de mil novecentos e quarenta e um com o professor **Gleb Wataghin**, natural da Rússia e de nacionalidade italiana em virtude de naturalização, para a regência da XIII cadeira – Física Teórica e Física Matemática (tempo integral) -, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, revigoradas as demais cláusulas do aludido contrato.

E para constar, mandou o Senhor Doutor Secretário fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Pedro Setta, segundo escrivão da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, S. Paulo, 15 de Junho de 1943.

(fl. 51)

DOCUMENTO 15

Processo nº 36.562-43

Publ. Em 12-8-943 e antado em ficha:

Termo de contrato do Professor **Gleb Wataghin** para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

Aos vinte e treis de Julho de mil novecentos e quarenta e treis, na Secretaria de Estado da Educação e Saúde Publica, perante o respectivo Secretario, Doutor Theotonio Monteiro de Barros Filho, compareceu o Senhor **Gleb Wataghin**, a-fim-de se contratar para, sem prejuizo das funções de professor contratado da XIII cadeira – Fisica Teorica e Fisica-Matematica – da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, regêr a disciplina de Física Superior, mediante as seguintes condições:

I

O Professor Gleb Wataghin encarregar-se-á da regencia da disciplina acima mencionada, a partir de primeiro de junho do corrente ano e até seu provimento, ficando sujeito as disposições regulamentares da Faculdade.

II

O Professor Gleb Wataghin perceberá pela regencia daquela disciplina a remuneração mensal de Cr.\$1.000,00 (mil cruzeiros), que será paga pela Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, correndo a despesa pela verba propria consignada para esse fim no orçamento vigente.

III

E por estarem assim acordes, mandou o Senhor Secretario fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Pedro Setta, chefe de Secção substituto, da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 23 de Julho de 1.943.

(fls. 53, 53 (verso))

DOCUMENTO 16

Proc. 60.860-9

Termo de prorrogação de contrato do Professor **Luigi Galvani**, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica de acôrdo com a autorização do Excelentissimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo número 60.860-9, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar por mais um ano, em todos os seus termos, o contrato celebrado em quatorze (14) de novembro de mil novecentos e trinta e oito (1938) com o professor Luigi Galvani constante de fls. 86 a 88 verso do livro respectivo, para a regencia da cadeira de Estatistica da Sub-Secção de Ciências Sociais e Políticas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

E para constar, mandou o Senhor Doutor Secretário fôsse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, alem das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e

achado conforme. Eu, Francisco de Assis Reys, chefe de Secção da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 9 de março de mil novecentos e quarenta.

(fl. 1(verso)).

DOCUMENTO 17

Termo de prorrogação de contrato do Professor Luigi Galvani, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

O Secretário de Estado da Educação e Saúde Pública, de acôrdo com a autorização do excelentíssimo Senhor Presidente da República, conforme consta do processo numero 35.923-41, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar até trinta e um (31) de Dezembro de mil novecentos e quarenta e dois (1942), o contrato que o Governo do Estado mantém com o Professôr Luigi Galvani, para a regência da cadeira de Estatística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, atualmente VI cadeira – Estatística geral e aplicada, de acôrdo com o decreto número 12.038, de primeiro (1º) de Julho de mil novecentos e quarenta e um (1941), com as seguintes modificações:

I

O Professôr Luigi Galvani, durante o ano de mil novecentos e quarenta e um (1.941), perceberá os vencimentos mensais de três contos e seiscentos mil réis (3:600\$000), e, a partir de primeiro (1º) de Janeiro de mil novecentos e quarenta e dois (1942), na base mensal de quatro contos de réis (4:000\$000).-

II

O Professôr Luigi Galvani se obriga a realizar, pelos vencimentos estipulados, pelo menos seis (6) horas de curso por semana, em aulas de cinquenta e cinco (55) minutos, de acordo com a distribuição estabelecida pela direção da Faculdade. Caso haja necessidade de maior número de horas de aulas, o Professôr Luigi Galvani se obriga a realiza-las, sem direito a qualquer quota suplementar.

E, por estarem assim acôrdes, mandou o Senhor Secretário fosse lavrado o presente termo de contrato, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Ondina San Juan, quarta (4ª) escriturária da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 29 de Julho de mil novecentos e quarenta e um.

(fls. 19 (verso), 20).

DOCUMENTO 18

Pr. 25835-42

Termo de rescisão

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica resolve rescindir, a partir de 24 do corrente, o contrato do professor Luigi Galvani para a regencia da VI cadeira – Estatística geral e aplicada -, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

Resolve mais autorizar o pagamento dos vencimentos integrais correspondentes ao corrente mês de abril.

Secretaria de Estado da Educação e Saúde Publica, 23 de abril de 1942.

(fl. 41)

DOCUMENTO 19

Proc.60860-9

Termo de prorrogação de contratos do Professor Ottorino De Fiore Di Cropani, para Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O Secretario de Estado da Educação e Saude Publica, de acôrdo com a autorização do Excelentissimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo numero 60.860-9, que se acha arquivado nesta Secretaria, resolve prorrogar por mais um ano, em todos os seus termos, o contrato celebrado em trinta e um (31) de agosto de mil novecentos e trinta e sete (1937), com o professor Ottorino De Fiore Di Cropani, constante de fls. 48 (quarenta e oito) e 49 (quarenta e nove) do livro respectivo, para a regencia da cadeira de Geologia e Paleontologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

E para constar, mandou o Senhor Doutor Secretario fôsse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Francisco de Assis Reys, chefe de Secção da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Publica, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 18 de março de mil novecentos e quarenta.

(fl. 2 (verso)).

DOCUMENTO 20

Termo de prorrogação do contrato do Professor Ottorino De Fiore di Cropani, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

O Secretario de Estado de Educação e Saúde Pública, de acôrdo com a autorização do Excelentissimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo numero 35.923-41, que se acha arquivado nésta Secretaria, resolve prorrogar até trinta e um (31) de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois (1942) o contrato que o Govêrno do Estado mantem com o Professor Ottorino De Fiore Cropani, para a regência da cadeira de Geologia e Paleontologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, atualmente denominada XXI – Geologia e Paleontologia -, de acôrdo com o decreto numero 12.038, de 1º de julho de 1941, mediante os mesmos vencimentos mensais de quatro contos de réis (4:000\$000), com a seguinte modificação:

O professor Ottorino De Fiori di Cropani se obriga a realizar, pelos vencimentos estipulados, pelo menos seis (6) horas de curso por semana, em aulas de cinquenta e cinco (55) minutos, de acôrdo com a distribuição estabelecida pela direção da Faculdade. Caso haja necessidade de maior numero de horas de aulas, o Professor Ottorino De Fiore di Cropani se obriga a realiza-las, sem direito a qualquer quôta suplementar.

E por estarem assim acórdes, mandou o Senhor Secretario fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Alfredo Mondin, segundo escrivuario da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 5 de Agosto de mil novecentos e quarenta e um.

Cropani

(fls. 24 (verso), 25)

DOCUMENTO 21

[Observação manuscrita na lateral esquerda do documento: “O presente termo foi cancelado pelo Senhor Secretário conforme despacho no pr. 26854-42”]

Termo de rescisão

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica resolve rescindir, a partir de 24 do corrente, o contrato do professor Ottorino De Fiore Di Cropani para a regência da XXI cadeira – Geologia e Paleontologia -, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

Resolve mais autorizar o pagamento dos vencimentos integrais correspondentes ao corrente mês de abril.

Secretaria de Estado da Educação e Saúde Publica,   de abril de 1942.

(fl. 41(verso))

DOCUMENTO 22

Publ. Em 29.8.942

Termo de rescisão

O Secretario de Estado da Educação e Saude Pública resolve rescindir o contrato celebrado com o Professor Ottorino De Fiore Di Cropani, para a regência da cadeira de Geologia e Paleontologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Secretaria de Estado da Educação e Saude Pública, São Paulo, aos 28 de agosto de 1942.

(fl. 42(verso)).

DOCUMENTO 23

Termo de prorrogação do contrato do Professor Vittorio de Falco, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Pública, de acôrdo com a autorização do Excelentissimo Senhor Presidente da Republica, conforme consta do processo numero 35.923-41, que se acha arquivado nésta Secretaria, resolve prorrogar até trinta e um (31) de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois (1.942), o contrato do Professor Vittorio de Falco, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, a que se referem os decretos de quatro (4) de abril de mil novecentos e trinta e nove (1.939) e de vinte e oito (28) de novembro de mil novecentos e trinta e nove (1.939), mediante as seguintes condições:

I

O professor Vittorio de Falco tomará a seu cargo, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, o ensino de Língua e Literatura Grega (cadeira XXXIII), obedecendo ao Regulamento da Faculdade, devidamente aprovado pelo Govêrno.-

II

O Govêrno do Estado obriga-se a pagar ao Professor Vittorio de Falco, até o dia quinze (15) de cade mês vencido, a partir de primeiro (1º) de fevereiro do corrente ano, data da vigência do presente contrato, a importância de tres contos de réis (3:000\$000) mensais, e, a partir de primeiro (1º) de janeiro de mil novecentos e quarenta e dois (1.942), a importancia de quatro contos de réis (4:000\$000) mensais, sem direito a qualquer acrescimo por serviços extraordinarios. Este pagamanento será feito por intermédio da Secretaria da Fazenda e do Tesouro do Estado, em moéda corrente do País.-

III

Este contrato poderá ser rescindido nos seguintes casos: força maior, que obrigue o professor a suspender ou cessar o ensino; não cumprimento pelo professor dos deveres aqui estipulados; e nos casos previstos no Regulamento da Faculdade para destituição dos professores

catedráticos. No caso de rescisão, serão pagos ao professor, integralmente, os vencimentos do mês corrente.-

IV

No caso de moléstia na pessoa do professor, que impeça o exercício de suas funções, mediante parecer de junta médica, poderão ser-lhe concedidos até três (3) meses de licença, com vencimentos integrais. Nos casos de falta, será feito o desconto correspondente na folha de pagamento.-

V

Durante o período de aulas, não será permitida a ausência do professor para pesquisas de qualquer natureza fora da Capital, salvo trabalhos práticos realizados em companhia dos alunos, mediante autorização da Diretoria e apresentação do respectivo relatório, que será publicado no “Anuario”.-

VI

O professor se obriga a realizar, pelos vencimentos estipulados, pelo menos seis (6) horas de curso por semana, em aulas de cinquenta e cinco (55) minutos, de acordo com a distribuição estabelecida pela Diretoria. Caso haja necessidade de maior número de horas de aula, o professor se obriga a realizá-las, sem direito a qualquer quota suplementar.-

VII

O professor poderá ter como auxiliares de ensino, na parte prática da cadeira, assistentes, obrigatoriamente brasileiros, cuja escolha e cujo número e vencimentos serão estipulados pelo Governo do Estado, ouvida a Diretoria da Faculdade, e dentro da verba que o orçamento consignar para esse fim.-

VIII

Constituem deveres e atribuições de professor, além das já consignadas no Regulamento da Faculdade para os professores em geral:

- a) – dirigir e orientar o ensino, executando integralmente, com o melhor critério didático, os programas detalhados aprovados pela Direção da Faculdade;
- b) – apresentar os programas detalhados do ensino, nêles discriminando o que se referir aos exercícos e trabalhos escolares;
- c) – assinar, após a aula, o livro de frequência, no qual registrará o assunto lecionado;
- d) – realizar os cursos de acordo com o horário estabelecido pela Secretaria da Faculdade;
- e) – submeter os alunos às provas parciais e finais, e dar nota aos exercícos e trabalhos escolares realizados durante o ano letivo, de acordo com o Regulamento da Faculdade;
- f) – fornecer à Secretaria da Faculdade, no decurso dos dez (10) dias que se seguirem à realização das provas parciais, as notas respectivas, bem como, no decurso dos três (3) primeiros dias de cada mês, as notas dos trabalhos e exercícos escolares executados no mês anterior;
- g) – fiscalizar a observância do Regulamento quanto à frequência e realização dos exercícos e trabalhos escolares, bem como à atividade dos assistentes;
- h) – apresentar ao Diretor da Faculdade, no fim do ano, relatório minucioso do ensino a seu cargo;

- i) – tomar parte, de acôrdo com o Regulamento da Faculdade, nas reuniões do corpo docente;
- j) – fazer parte das comissões examinadoras e de outras para as quais fôr designado ou eleito durante o ano escolar, de acôrdo com o Regulamento ou Regimento Interno da Faculdade;
- k) – propôr ao Diretor da Faculdade, nos termos do Regulamento ou Regimento Interno, as medidas disciplinares que devam ser aplicadas aos assistentes.-

IX

Além do curso regular da Faculdade, o professor se obriga a realizar, durante o ano, um curso de conferencias públicas, em torno da materia de sua especialidade, cujo numero será fixado de acôrdo com a Direção da Faculdade.

X

Terão tratamento igual, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no desempenho de suas funções, todos os professores contratados no estrangeiro, qualquer que seja a sua posição na hierarquia do ensino em seu país.-

XI

O professor se obriga a empregar toda sua atividade profissional ao estudo e ao ensino das matérias de seu curso, devendo, no exercicio de suas funções na Universidade, abster-se de qualquer propaganda de caráter político ou religioso.-

XII

O pagamento do Professor Vittorio de Falco correrá, no presente ano, por conta da verba numero cento e oitenta e oito (188), consignação numero dois (2), sub-consignação numero um (1), alinea numero oitenta e um (81), do orçamento vigente.-

E por estarem assim acôrdes, mandou o Senhor Secretario fosse lavrado o presente termo, que assina com a parte interessada, além das testemunhas abaixo, a tudo presentes, depois de lido e achado conforme. Eu, Alfredo Mondin, segundo escrivario da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, lavrei o presente termo, que dato e assino. São Paulo, 29 de Julho de mil novecentos e quarenta e um.

(fls. 27, 27 (verso), 28, 28 (verso), 29)

DOCUMENTO 24

Pr. 25835-42

Termo de rescisão

O Secretario de Estado da Educação e Saúde Publica resolve rescindir a partir de 24 do corrente, o contrato do professor Vittorio De Falco para a regência da XXXIII cadeira – Lingua e Literatura Grega -, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.-

Resolve mais autorizar o pagamento dos vencimentos integrais correspondentes ao corrente mês de abril.-

Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, 23 de abril de 1.942.

(fl. 40 (verso))

ANEXO B – PROJETOS DE REFORMA DE LUIGI FANTAPPIÈ E ERNESTO LUIS DE OLIVEIRA JÚNIOR

Os projetos aqui transcritos se encontram no Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo referente ao 1936 (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1938b: 125-143).

PROJETO DE REFORMA DOS ESTATUTOS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS, APROVADOS PEO DECR. N.º 39 DE 3 DE SETEMBRO DE 1934 DO GOVERNO FEDERAL

Da Faculdade de Letras e Ciências

Art. 1.º – A Faculdade de Letras e Ciências dividir-se-á em 2 Secções:

- a) Letras (Letras clássicas, letras modernas, filosofia, disciplinas sociais, matérias históricas, geográficas e antropológicas).
- b) Ciências (Ciências matemáticas e Naturais).

Art. 2.º – A Secção de Letras abrangerá as seguintes Sub-secções:

- 1- Letras clássicas
- 2- Letras modernas
- 3- Filosofia
- 4- Disciplinas sociais
- 5- História
- 6- Geografia
- 7- Antropologia.

Art. 3.º – A secção de Ciências abrangerá as seguintes Sub-secções:

- 1- Matemática
- 2- Física
- 3- Química
- 4- Botânica
- 5- Zoologia
- 6- Mineralogia
- 7- Geologia

Art. 4º – O funcionamento didático-científico da Faculdade será de competência exclusiva dos seguintes órgãos:

- a) Congregação, composta de todos os professores catedráticos da Faculdade e presidida pelo Diretor.
- b) Conselhos das Secções, compostos, cada um, de todos os professores catedráticos da respectiva Secção;
- c) Conselhos das Sub-secções, compostos, cada um, de todos os professores catedráticos da respectiva Sub-secção;

Art. 5º – Os conselhos de que tratam as letras b e c escolherão um diretor entre os seus membros, ao qual competirá convocar e presidir as reuniões (em pé de absoluta igualdade com os colegas), quando estas se tornarem necessárias, ou a pedido de qualquer de seus membros.

§ 1.º – Os diretores da Congregação e dos conselhos deverão incluir no aviso de convocação a respectiva ordem do dia dos trabalhos.

§ 2.º – Todos os trabalhos e decisões dos órgãos precedentes serão registrados em um livro de atas pelo membro mais novo presente à sessão.

§ 3.º – Os atuais diretores de todas as Sub-seções da Seção de Ciências, exceto a de matemática, ficarão no cargo, afim de assegurar a continuidade administrativa nos respectivos laboratórios, salvo renúncia ou falta grave devidamente provada em inquérito.

Art. 6º – O funcionamento administrativo da Faculdade estará a cargo do Diretor, auxiliado pela Secretaria.

Art. 7º – Competirá ao conselho de cada Sub-seção:

- a) organizar o plano dos programas e os horários dos cursos que competem à Sub-seção;
- b) propor os orçamentos e distribuir as despesas dentro das verbas aprovadas;
- c) Decidir sobre qualquer questão que interesse ao funcionamento da Sub-seção.

§ 1.º – As decisões tomadas por unanimidade, quando não envolvam interesses de outras Sub-seções nem despesas que ultrapassem os orçamentos previstos, deverão ser imediatamente cumpridas pela Secretaria;

§ 2.º – O diretor da Sub-seção será o natural representante da mesma e assinará todos os papéis a ela referentes.

Art. 8º – Competirá ao conselho de cada Seção:

- a) discutir e resolver tôdas as questões que interessem duas ou mais Sub-seções, pertencentes à respectiva Seção;
- b) decidir as questões nas quais os membros de uma mesma Sub-seção não tenham chegado a acôrdo unânime.

§ único – As decisões tomadas por maioria do conselho de cada Seção, quando não envolvam interesses da outra Seção, nem despesas que ultrapassem os orçamentos previstos, deverão ser imediatamente cumpridas pela Secretaria.

Art. 9º – Além das atribuições legais comuns a tôdas as congregações dos Institutos pertencentes à Universidade de São Paulo, competirá à Congregação da Faculdade de Letras e Ciências organizar e dirigir um <<Seminário Pedagógico>>, destinado a ministrar o preparo pedagógico aos alunos da Faculdade candidatos aos diplomas de habilitação ao exercício do magistério secundário;

§ 1.º – No início de cada ano letivo, a Congregação designará uma comissão de seus membros para dar cumprimento ao disposto neste Artigo.

§ 2.º – A comissão de que trata o parágrafo precedente, estabelecerá imediatamente um plano de conferências sôbre assuntos pedagógicos, seja de caráter geral, seja de caráter próprio às diferentes matérias (uma conferência por semana, no máximo), assim como um plano de aulas práticas a serem ministradas pelos alunos em estabelecimentos oficiais ou oficializados,

na presença de professores ou assistentes especialmente designados pela comissão para tal fim.

§ 3.º – A comissão de que trata o parágrafo 1.º, outorgará aos alunos que, durante um dos anos de sua permanência na Faculdade, tiverem:

- a) Frequentado com assiduidade as conferências de que trata o parágrafo 2.º.
- b) realizado com eficiência, a juízo da referida comissão, o número de aulas práticas por ela determinado.

Art. 10.º – Ficarão a cargo da Sub-secção de Letras Clássicas os seguintes cursos:

- 1– Filologia latina;
- 2– Literatura latina;
- 3– Filologia grega;
- 4– Literatura grega;
- 5– Gramática comparativa do grego e do latim;
- 6– Filologia portuguesa;
- 7– Literatura portuguesa;
- 8– Literatura brasileira;
- 9– História do Humanismo do Renascimento.

Art. 11.º – Ficarão a cargo da Sub-secção de Letras Modernas os seguintes cursos:

- 1– Língua e literatura francesa;
- 2– Língua e literatura italiana;
- 3– Língua e literatura espanhola;
- 4– Língua e literatura inglesa;
- 5– Língua e literatura alemã;
- 6– Gramática comparativa das línguas românicas;
- 7– Gramática comparativa das línguas germânicas.

Art. 12.º – Ficarão a cargo da Sub-secção de Filosofia os seguintes cursos:

- 1– Filosofia geral;
- 2– História da filosofia;
- 3– Filosofia das ciências;
- 4– Psicologia.

Art. 30.º – Ficarão a cargo da Sub-secção de Disciplinas Sociais os seguintes cursos:

- 1– Sociologia geral;
- 2– Direito político;
- 3– Estatística metodológica;
- 4– Estatística demográfica e econômica.

Art. 14.º – Ficarão a cargo da Sub-secção de História os seguintes cursos:

- 1– História oriental e grega;
- 2– História romana;
- 3– História medieval;
- 4– História moderna;
- 5– História contemporânea;
- 6– História da arte;

7– História da América precolombiana.

Art. 15.º – Ficarão a cargo da Sub-seccção de Geografia os seguintes cursos:

- 1– Geografia física;
- 2– Geografia humana.

Art. 16.º – Ficarão a cargo da Sub-seccção de Antropologia os seguintes cursos:

- 1– Etnografia geral;
- 2– Etnografia brasileira e língua tupí-guaraní;
- 3– Arqueologia;

Art. 17.º – Ficarão a cargo da Sub-seccção de Matemática os seguintes cursos:

- 1– Análise matemática;
- 2– Complementos de análise matemática;
- 3– Geometria analítica e projetiva;
- 4– Geometria descritiva e complementos de geometria projetiva;
- 5– Análise superior;
- 6– Geometria superior;
- 7– Matemática complementar;
- 8– Cálculo vectorial;
- 9– Mecânica racional;
- 10– Física matemática;
- 11– Mecânica superior;
- 12– Geodésia e Astronomia;
- 13– Matemática para químicos e naturalistas;
- 14– Cálculo das probabilidades e aplicações.

Art. 18.º – Ficarão a cargo da Sub-seccção de Física os seguintes cursos:

- 1– Física geral e experimental (bienal);
- 2– Física superior;
- 3– Física teórica;
- 4– Física para naturalistas e agrários.

Art. 19.º – Ficarão a cargo da Subsecção de Química os seguintes cursos:

- 1– Química geral;
- 2– Química inorgânica;
- 3– Química orgânica;
- 4– Química física;
- 5– Química inorgânica especial;
- 6– Química orgânica especial e bioquímica.

Art. 20.º – Ficarão a cargo da Sub-seccção de Botânica os seguintes cursos:

- 1– Anatomia e morfologia;
- 2– Botânica sistemática;
- 3– Fisiologia e ecologia;
- 4– Fisiopatologia.

Art. 21.º – Ficarão a cargo da Sub-seccção de Zoologia os seguintes cursos:

- 1– Invertebrados;
- 2– Vertebrados;
- 3– Embriologia e anatomia comparada;
- 4– Genética.

Art. 23.º – Ficarão a cargo da Sub-secção de Geologia os seguintes cursos:

- 1– Mineralogia geral e descritiva;
- 2– Petrografia.⁵⁰⁵

Art. 23.º – Ficarão ao cargo da Sub-secção de Geologia os seguintes cursos:

- 1– Geologia geral;
- 2– Paleontologia.

Art. 24.º – O cursos de que se trata nos Arts. de número 27 a 41, serão instituídos sucessivamente segundo as possibilidades, podendo reunir-se provisoriamente alguns dêles em um mesmo curso.

§ único – A estes cursos poderão ser anexados, como parte integrante, cursos de exercícios práticos cujo desenvolvimento ficará sob a orientação e responsabilidade do professor do curso correspondente.

Art. 25.º – OS professores atualmente contratados para reger as seguintes cadeiras, previstas nos Estatutos até esta data vigentes, passarão a reger os cursos dispostos em frente, os quais serão considerados equivalentes aos anteriores para todos os direitos e obrigações resultantes dos respectivos contratos:

Cadeiras e Cursos equivalentes

Para os conselhos das Secções completarem o quadro, propõe-se, por exemplo:

Geometria (Projetiva e analítica) História das Matemáticas; equivalente a

Geometria analítica e Projetiva

Geometria descritiva e complementos de Geometria projetiva.

Análise matemática; equivalente a Análise matemática.

Complementos de análise matemática.

DIPLOMAS

Art. 26.º– A Faculdade outorgará diplomas de habilitação ao exercício do magistério no ensino secundário, para os seguintes grupos de matérias:

- 1– Português, Latim e Grego;
- 2– Matemática e Física;
- 3– Química e História Natural;
- 4– História e Geografia;
- 5– Filosofia e Sociologia;
- 6– Francês, Italiano e Espanhol;
- 7– Inglês e Alemão.

Art. 27.º – O diploma para cada um dos grupos de que trata o Art. anterior, poderá ser

---

⁵⁰⁵ No original, não há um Art. 22.º.

outorgado aos alunos da Faculdade após 3 anos de curso, uma vez satisfeitas as exigências seguintes:

- a) apresentarem os candidatos o certificado de aproveitamento pedagógico para o respectivo grupo de matérias de que trata no Art. 9.º, § 3);
- b) terem conseguido aprovação nos cursos abaixo indicados para cada um dos diferentes grupos:

(Aos conselhos das Secções, para decidir sôbre o assunto)

Art. 28.º – Além do título de <<doutor honoris causa>> que pode ser concedido pela Universidade de São Paulo com as modalidades constantes dos Estatutos agora vigentes, a Faculdade de Letras e Ciências outorgará dois tipos de dignidade doutoral:

- a) grau de doutor;
- b) título de doutor.

Art. 29.º – Estas dignidades doutorais poderão ser concedidas para as seguintes especialidades:

(Aos conselhos das Secções)

Art. 30.º – Para conseguir o grau ou título de doutor em qualquer das especialidades do Art. precedente, deverá o candidato apresentar uma tese original e, além disso, satisfazer as seguintes exigências:

(Aos conselhos das Secções)

Art. 31.º – As inscrições na Faculdade só poderão ser feitas com o intuito de conseguir um dos diplomas de que trata o Art. 26.º ou o grau de doutor em uma das especialidades constantes do Art. 29.º, apresentando o candidato os seguintes documentos:

- a) certidão de idade, provando ter, no mínimo, 17anos;
- b) prova de identidade;
- c) prova de sanidade;
- d) prova de idoneidade moral;
- e) prova do pagamento das taxas exigidas;
- f) certificado de aprovação na segunda série do curso complementar da

1.ª Secção (Filosofia e Letras para os candidatos aos diplomas de:

- 1.º) Português, Latim e Grego;
- 2.º) História e Geografia;
- 3.º) Filosofia e Sociologia;
- 4.º) Francês, Italiano e Espanhol;
- 5.º) Inglês e Alemão.

(e para os candidatos ao doutoramento em 1.º)

(Aos conselhos das Secções para completar o quadro)

Art. 32.º – Uma vez que os candidatos inscritos na Faculdade satisfaçam, no início de cada ano, aos pagamentos das taxas devidas, poderão matricular-se nos cursos exigidos nos anos

sucessivos, para a obtenção do diploma de habilitação ou ao grau de doutoramento para que fôr feita a inscrição.

Estes candidatos poderão ainda matricular-se gratuitamente, cada ano, em um ou mais cursos facultativos, ouvindo previamente o conselho da Secção.

DO REGIME ESCOLAR:

Art. 33.º – A frequência às aulas teóricas da Faculdade será absolutamente livre a qualquer pessoa, contanto que não perturbe o normal desenvolvimento das mesmas.

§ único – Quando houver afluência excessiva de assistentes, terão preferência as pessoas regularmente matriculadas.

Art. 34.º – A nota definitiva de cada curso da Faculdade, será atribuída em base a um único exame prestado perante uma banca de 3 professores, sobre toda a matéria do curso e sem sorteio de pontos.

§ 1.º – O exame de qualquer curso da Faculdade deverá sempre constar de pelo menos uma prova oral.

§ 2.º – As notas eventualmente obtidas pelos alunos durante o ano serão exclusivamente informativas, em nada concorrendo para a formação da nota final.

Art. 35.º – A matrícula em qualquer curso da Faculdade dará direito à prestação do exame relativo em épocas sucessivas ao término do curso, contanto que não seja excedido o prazo normalmente exigido para a obtenção do diploma ou do grau de doutor.

§ único – O candidato que ultrapassar o prazo referido neste Artigo, pagará uma taxa especial de exame.

Art. 36.º – Os exames dos cursos seguintes deverão efetuar-se em uma época sucessiva àquela em que o candidato fôr aprovado nos cursos escritos em frente:

(Aos conselhos das Secções)

Por exemplo:

Complementos de análise matemática depois de Análise matemática.

Análise superior depois de Complementos de análise matemática, etc.

Art. 55.º – Os alunos não são obrigados a frequentar as aulas, mas, para poderem apresentar-se ao exame do curso, deverão munir-se de um certificado de aproveitamento mínimo, outorgado pelo professor respectivo.

§ único – Os critérios em base aos quais são outorgados estes certificados deverão ser apresentados pelos professores ao conselho da Secção e por este aprovados.

PROJETO DE REFORMA DO ENSINO SECUNDÁRIO

E' o seguinte projeto de reforma do ensino secundário de carácter formativo, apresentado à Comissão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, pelos professores Luigi Fantappiè e Ernesto Luiz de Oliveira Júnior:

Em substituição ao Decreto 21.241 de 4/4/32, propõe-se o seguinte:

Capítulo 1.º

DOS CURSOS E DA SERIAÇÃO

Art. 1.º – O ensino secundário só será reconhecido enquanto satisfazer aos termos da presente lei.

Art. 2.º – O ensino secundário compreenderá dois cursos seriados: fundamental e complementar, o primeiro com cinco anos e o segundo com dois anos.

Art. 3.º – As matérias e o respectivo número de horas semanais de seu ensino, nas diferentes séries do curso fundamental, serão as seguintes:

<i>Matérias</i>	1.a série	2.a série	3.a série	4.a série	5.a série
Português.....	4	4	4	4	4
Latim.....	3	3	3	3	3
Francês	duas a escolha				
Italiano		2	2	2	2
Inglês					
Alemão		2	2	2	2
Espanhol					
História.....	2	2	2	2	2
Geografia.....	3	2	2		
Matemáticas.....	3	3	3	3	3
Física.....				3	3
Química.....					3
História Natural			3	3	3
Desenho.....	2	2	2	2	
Música.....	2	2	1		
Total das horas semanais	19	22	24	24	24

§ único – Durante o ano letivo haverá ainda, no curso fundamental dos estabelecimentos de ensino secundário, exercícios de educação física obrigatórios para tôdas as séries.

Art. 4.º – O curso complementar será dividido em três Secções:

1.ª Secção: Filosofia e Letras.

2.ª >> Ciências Biológicas.

3.ª >> Ciências Exatas.

Art. 5.º – As matérias e o respectivo número de horas semanais de seu ensino nas duas séries da primeira Secção do curso complementar serão as seguintes:

<i>Matérias</i>	1.a série	2.a série
Português.....	3	3
Latim.....	3	3
Grego.....	3	3
História.....	2	2

Geografia.....	2	2
Filosofia.....	3	3
Matemática.....	2	2
Francês	uma a escolha	2
Italiano		
Inglês		
Alemão		
Outra língua estrangeira à escolha entre as precedentes, ou Sociologia.....	2	2
História Natural.....	2	2
Total das horas semanais.....	19	22

Art. 6.º – As matérias e o respectivo número de horas semanais de seu ensino, nas duas séries da segunda Secção do curso complementar, serão as seguintes:

<i>Matérias</i>	1.a série	2.a série
Português.....	2	2
Inglês ou Alemão.....	2	2
Italiano ou Francês.....	2	2
Filosofia.....	3	3
História.....	2	2
Matemática.....	2	2
Física.....	2	3
Química.....	3	2
Biologia (Zoologia, Botânica, Genética).....	4	4
Geologia e Mineralogia..	2	2
Total das horas semanais	24	24

Art. 7.º – As matérias e o respectivo número de horas semanais de seu ensino nas duas séries da terceira Secção do curso complementar serão as seguintes:

<i>Matérias</i>	1.a série	2.a série
Português.....	2	2
Italiano ou Francês.....	2	2
Inglês ou Alemão.....	2	2
Filosofia.....	3	3
História.....	2	2
Matemática.....	6	6
Física.....	2	3
Química.....	3	2
Desenho.....	2	2
Total das horas semanais	24	24

Art. 8.º – O certificado de aprovação na segunda série de uma das Secções do curso complementar, dará direito à matrícula em um dos estabelecimentos de ensino superior conforme o quadro seguinte:

Primeira Secção:

Faculdades de Direito

>> >> Ciências Sociais

>> >> Ciências Políticas

>> >> Ciências Econômicas
 Seção de Letras das Faculdades de Letras e Ciências.

Segunda Seção:

Faculdade de Medicina

>> >> Farmácia

>> >> Odontologia

>> >> Agricultura e Sub-seções de Ciências Naturais da Seção de Ciências das Faculdades de Letras e Ciências.

Terceira Seção:

Faculdades de Engenharia

Escolas Politécnicas e Sub-seções de Matemática, Física e Química da Seção de Ciências das Faculdades de Letras e Ciências.

§ único – O Ministro da Educação e Saúde Pública resolverá, em caso de dúvida, qual a Seção que deverá ser cursada pelos candidatos à matrícula em institutos de ensino superior.

Art. 9.º – Para melhor orientação e organização do ensino, ficam reunidas e a cargo de um mesmo professor as matérias afins, da mesma série, da maneira seguinte:

Português e Latim;

Matemática e Física;

Química e História Natural;

História e Geografia;

Filosofia e Sociologia;

Francês, Italiano e Espanhol;

Inglês e Alemão.

§ 1.º – Enquanto não houver professores especializados em grupos de línguas estrangeiras, os cursos relativos poderão ficar a cargo dos professores destintos para cada língua.

§ 2.º – Quando houver professores especializados em Português, Latim e Grego, o ensino destas matérias, na mesma série da 1.ª Seção do curso complementar, será ministrado pelo mesmo professor.

Art. 10.º – Os professores de cada matéria deverão acompanhar as suas turmas nos anos sucessivos, salvo caso de força maior.

Art. 11.º – Os programas do ensino secundário, as instruções sobre os métodos de ensino, assim como as revisões que se tornarem necessárias, serão expedidas pelo Ministro d Educação e Saúde Pública, observadas as seguintes exigências que traduzem os fins característicos do ensino secundário formativo:

1.º) Os programas de cada matéria deverão conter apenas *assuntos fundamentais* e os *conceitos básicos*, deixando de lado qualquer consideração de utilidade prática imediata.

2.º) Êsses assuntos fundamentais e conceitos básicos deverão ser *harmônicamente encadeados* dentro de cada grupo de matérias afins a cargo do mesmo professor, afim de fornecerem ao jovem uma ossatura absolutamente orgânica de cultura, sobre a qual possa êle

apoiar os seus futuros conhecimentos e a formação de sua própria personalidade.

3.º) Deverão ser excluídos do ensino todos os detalhes que não sejam necessários aos objetivos dos parágrafos anteriores e que poderiam desvirtuá-los, distraindo a atenção dos alunos.

4.º) Deverá ser absolutamente evitada a fragmentação dos programas em pontos, afim de impedir, na medida do possível, que o ensino degenerem em uma série de perguntas e respostas mais ou menos fixas.

Capítulo 2.º

DOS PROFESSORES SECUNDÁRIOS

Art. 12.º – Para exercer o magistério nos estabelecimentos autorizados a ministrar o ensino secundário oficialmente reconhecido, é necessário possuir autorização do Ministério da Educação e Saúde Pública, que êste outorgará, respeitando as disposições dos artigos seguintes:

Art. 13.º – O Ministério da Educação da Saúde Pública manterá um registro dos Professores que podem exercer o magistério secundário, em cada uma das Unidades da Federação; dêste registro também constarão todos os fatos relacionados com a atividade profissional do professor.

Art. 14.º – O registro poderá ser concedido, para cada Unidade da Federação, em uma ou mais matérias, contanto que pertencentes a um único dos seguintes grupos:

- 1.º Português, Latim e Grego;
- 2.º Matemática, Física e Desenho;
- 3.º Química e História Natural;
- 4.º História e Geografia;
- 5.º Filosofia e Sociologia;
- 6.º Francês, Italiano e Espanhol;
- 7.º Inglês e Alemão;
- 8.º Música;
- 9.º Educação Física.

Art. 15.º – A inscrição no Registro de Professores será obtida mediante requerimento, instruído com os seguintes documentos:

- a) prova de identidade;
- b) prova de identidade moral;
- c) atestado de idade;
- d) diploma de habilitação ao magistério secundário para as matérias requeridas, outorgado por um Instituto superior devidamente autorizado pelo Governo Federal.
- e) quaisquer títulos ou diplomas científicos que possua o candidato, bem como exemplares de trabalhos publicados.

§ 1.º – Em vez do diploma de que trata a letra d), poderão ser apresentados pelo candidato títulos, outorgados por estabelecimentos superiores nacionais e estrangeiros, que sejam

reconhecidos equívalentes pelo Conselho Nacional de Educação.

Art. 16.º – Em caso de falta cometida por um professor e apurada por um inspetor federal, poderão ser aplicadas pelo Ministério da Educação e Saúde Pública as seguintes penalidades:

- a) censura;
- b) censura com multa de 50\$000 a 500\$000;
- c) cassação do registro.

§ 1.º – Estas penalidades serão comunicadas ao professor e serão transcritas no registro de que trata o Art. 13.º.

§ 2.º – As penalidades de que tratam as alíneas b) e c) só poderão ser aplicadas depois de inquérito aberto pela autoridade competente.

Disposições transitórias

Art. 17.º – Aos professores atualmente registrados a título provisório, somente será concedido registro provisório para lecionarem, em uma determinada unidade de Federação, uma ou mais matérias em que já tinham registro, contanto que pertencentes a um único dos grupos de que trata o Art. 14.º.

§ único – Estes professores deverão, portanto, escolher imediatamente a unidade da Federação e as matérias de um mesmo grupo em que possam continuar registrados a título provisório, sob pena de cancelamento de todos os respectivos registros.

Art. 18.º – Os professores atualmente registrados a título provisório, em qualquer matéria do ensino secundário, deverão submeter-se, no prazo de três anos, a um concurso de habilitação, para cada matéria, perante uma Faculdade ou Instituto Superior, especialmente autorizado para isso pelo Ministério da Educação e Saúde Pública.

§ 1.º – O Ministério da Educação e Saúde Pública baixará imediatamente as Instruções e os Programas mínimos a serem exigidos neste concurso, decorrendo o prazo de três anos, de que se trata, do dia da publicação do programa de cada matéria no Diário Oficial.

§ 2.º – Obtida aprovação neste concurso, terá o candidato direito ao registro definitivo na respectiva matéria, respeitado sempre o disposto no Art. 14.º

§ 3.º – ficam excluídos das exigências deste artigo os professores catedráticos dos estabelecimentos de ensino secundários mantidos pela União, pelos Estados ou pelo Distrito Federal, os quais obterão registro definitivo imediato nas respectivas matérias, respeitado sempre o disposto no Art. 14.º.

Art. 19.º – Para as Unidades da Federação onde houver Faculdades ou Institutos Superiores autorizados pelo Governo Federal a outorgar diplomas de habilitação ao magistério secundário em algumas matérias, fica proibida a expedição de novos certificados de registro provisório nessas matérias, salvo para candidatos que provem estar regularmente matriculados em estabelecimentos da categoria acima e, ano por ano, justifiquem aproveitamento nos cursos necessários, para conseguirem o diploma nas matérias em que requereram registro.

§ único – Este registro provisório será renovado anualmente, respeitadas as condições acima, e no máximo por três vezes.

Art. 20.º – Nas Unidades de Federação, e para as matérias referidas no Art. anterior, o registro provisório só permitirá ministrar o ensino no curso fundamental, excetuadas as pessoas que satisfaçam integralmente as condições do Art. precedente, as quais poderão ministrar o ensino das matérias em que possuam registro provisório, também no curso complementar.

Capítulo 3.º

DO SERVIÇO DE INSPEÇÃO

Art. 21.º – Fica mantido pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, o serviço de inspeção aos estabelecimentos que pretenderem ministrar o ensino secundário oficialmente reconhecido.

Art. 22.º – o serviço de inspeção, em cada Unidade da Federação, será exercido por inspetores especializados, pertencentes a uma das seguintes categorias:

- 1.ª Inspectores para Português, Latim e Grego.
- 2.ª Inspectores para Matemática, Física e Desenho.
- 3.ª inspetores para Química e História Natural.
- 4.ª Inspectores para História e Geografia.
- 5.ª Inspectores para Filosofia e Sociologia.
- 6.ª Inspectores para Francês, Italiano e Espanhol.
- 7.ª Inspectores para Inglês e Alemão.
- 8.ª >> Administrativos.

Art. 23.º – A nomeação para o exercício do cargo de inspetor de ensino, em uma das categorias de que trata o Art. 22.º, será feita depois de concurso, aberto pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, do qual participarão somente candidatos que apresentarem requerimento instruídos com os seguintes documentos:

- a) prova de ser brasileiro nato ou naturalizado;
- b) atestado de idade provando ser maior que 21 anos;
- c) atestado de sanidade firmado por junta médica do Departamento Nacional de Saúde Pública ou de repartição de Higiene Estadual, declarando ausência de defeitos físicos que impossibilitem o exercício do cargo;
- d) atestado de idoneidade moral;
- e) diploma de habilitação ao exercício do magistério secundário nas matérias do grupo correspondente, para as categorias 1.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª; diploma de habilitação ao exercício do magistério secundário em Matemática e Física para a segunda categoria; diploma de bacharel em Direito para a oitava categoria.
- f) documento comprovando o depósito ou remessa ao Ministério da Educação e Saúde Pública da taxa de inscrição.

§ único – As normas para estes concursos serão baixadas pelo Ministério da Educação e Saúde Pública.

Art. 24.º – Os inspetores nomeados nas condições do Art. 23.º serão funcionários efetivos da União e terão seus vencimentos consignados em verba do orçamento do Ministério da Educação e Saúde Pública.

§ único – Fica abolida a quota anual de inspeção, atualmente a cargo dos estabelecimentos de ensino.

Art. 25.º – Em cada unidade da Federação, os inspetores de cada uma das 7 primeiras categorias superintenderão e orientarão o ensino das respectivas matérias, em um número de estabelecimentos de ensino compatível com o bom andamento do serviço, para cumprimento do que:

- a) visitarão durante todo o período letivo os estabelecimentos de ensino confiados aos seus cuidados, assistindo a aulas, chamadas, exercícios, provas, etc., em cada uma das matérias da respectiva especialidade;
- b) trocarão idéias com os professores de cada uma das matérias da respectiva especialidade, sobre a orientação dos métodos de ensino, critérios de notas e tôdas as demais atividades docentes;
- c) depois de cada visita, apresentarão à autoridade superior um relatório completo sobre tudo que lhe fôr dado observar, e no qual proporão as medidas necessárias para corrigir eventuais defeitos notados no ensino, estando entre estas eventualmente incluídas as propostas de punições para professores nos termos do Art. 16.º;
- d) reverão as provas escritas dos exames das respectivas matérias, a êles distribuídas pela autoridade superior.

Art. 26.º – Em cada unidade da Federação, os inspetores administrativos (da 8.^a categoria) velarão pela observância das leis, regulamentos, instruções, etc., relativos ao ensino secundário, em um número de estabelecimentos compatível com o bom andamento do serviço.

§ único – Competir-lhe-á também velar por que seja bem ministrado o ensino da Música e a prática dos exercícios físicos.

Art. 27.º – Aos inspetores de qualquer das oito categorias, caberão também os serviços (inspirações prévias, inquéritos, etc.), que a êles sejam confiados pela autoridade competente.

Art. 28.º – Em caso da falta cometida por um inspetor, devidamente apurada em inquérito presidido pela autoridade federal competente, será aplicada pelo Ministro da Educação e Saúde Pública uma das seguintes penalidades:

- a) censura;
- b) censura com multa de 100\$000 a 500\$000;
- c) suspensão do cargo pelo prazo de um a três meses, com perda dos respectivos vencimentos;
- d) demissão do cargo

§ único – Qualquer destas penalidades constará da folha de serviço do inspetor.

Disposições transitórias

Art. 29. – Os inspetores do ensino secundário, atualmente em serviço há mais de dez anos, serão incluídos na oitava categoria.

Art. 30. – Os inspetores de ensino secundário nomeados por concurso deverão imediatamente escolher uma das categorias de que trata o Art. 22.º, desde que contenha ao

menos uma das matérias em que são especialistas, ficando definitivamente incluídos nesta categoria.

Art. 31.º – Os inspetores do ensino secundário atualmente em serviço e nomeados interinamente deverão submeter-se, no prazo de três anos, a um concurso obedecendo às normas seguintes:

- a) Para candidatos de inspetores de uma das sete primeiras categorias do Art. 22.º, o concurso abrangerá as matérias das respectivas categorias e será prestado com os mesmos programas e exigências previstas no Art. 18.º para os professores do ensino secundário.
- b) Para os candidatos de inspetores de oitava categoria, será exigido somente um concurso que abrangerá toda a legislação do ensino secundário no Brasil.

§ 1.º – Para os candidatos a inspetores da primeira categoria será suficiente submeter-se aos concursos para Português e Latim;

§ 2.º – Para os candidatos a inspetores da segunda categoria será suficiente submeter-se aos concursos para Matemática e Física;

§ 3.º – Para os candidatos a inspetores da sexta categoria será suficiente submeter-se aos concursos para duas das matérias do grupo.

§ 4.º – O Ministério da Educação e Saúde Pública baixará as instruções para a execução do concurso de que trata a letra b) deste artigo, decorrendo o prazo de três anos do dia da publicação destas instruções no Diário Oficial.

§ 5.º – Obtida a aprovação nos concursos de que trata a letra a) deste Art., os candidatos às sete primeiras categorias serão imediatamente efetivados na categoria correspondente.

§ 6.º – Obtida a aprovação no concurso de que trata a letra b) deste Art., os candidatos à oitava categoria serão efetivados na mesma, em ordem de mérito, até o número necessário ao serviço, ficando autorizado o Ministro da Educação e Saúde Pública a efetivar os restantes em um cargo de caráter administrativo do mesmo Ministério.

Capítulo 4.º

DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SECUNDÁRIO

Art. 32.º – Os estabelecimentos autorizados a ministrar o ensino secundário oficialmente reconhecidos serão classificados em uma das seguintes categorias:

- 1.^a – estabelecimentos oficiais, mantidos pela União, pelo Distrito Federal ou pelos Estados;
- 2.^a – estabelecimentos livres, mantidos pelas Municipalidades, associações ou particulares;
- 3.^a – estabelecimentos sob a inspeção preliminar.

Art. 33.º – Cada estabelecimento de ensino secundário poderá manter somente o curso fundamental ou este e uma ou mais Secções do curso complementar.

§ 1.º – As Faculdades ou Institutos superiores, que tiverem autorização para expedir diplomas habilitando ao exercício do magistério secundário, poderão manter as Secções do curso complementar que preparem alunos para os seus respectivos cursos.

§ 2.º – Nas unidades da União que não possuem Faculdades ou Institutos de que trata o parágrafo anterior ou nas quais esses Institutos não mantenham determinadas Secções do curso complementar, poderão ser estas Secções mantidas junto às escolas superiores a que

preparam candidatos.

Art. 34.º – Os estabelecimentos oficiais, classificados na 1.ª categoria do Art. 31.º, deverão satisfazer às seguintes exigências essenciais:

- 1.ª – Dispor de edifício, instalações e material didático em acôrdo com as normas estabelecidas pelo Ministro da Educação e Saúde pública;
- 2.ª – Ter professores inscritos no Registro de Professores e nomeados por concurso, nos termos da Constituição da República;
- 3.º – Garantir aos professores a qualidade de funcionários públicos com tôdas as responsabilidades e vantagens que dela derivam, tais como remuneração condigna, aposentadoria, monte-pio, e, além disto, a inamovibilidade;
- 4.ª – manter como diretor do estabelecimento um dos professores catedráticos do mesmo;
- 5.ª – Obedecer á organização didática e ao regime escolar estabelecido nesta lei e nos regulamentos e instruções a êste respeito baixados pelo Ministro da Educação e Saúde Pública.

§ único – Os diretores efetivos de estabelecimentos oficiais, em exercício ao ser promulgada esta lei, serão mantidos no cargo, mesmo que não preencham a exigência 4.ª dêste Art.

Art. 35.º – Os estabelecimentos livres, classificados na 2.ª categoria do Art. 32.º, deverão satisfazer as seguintes exigências essenciais:

- 1.ª – Dispor de edifício, instalações e material didático em acôrdo com as normas estabelecidas pelo Ministro da Educação e Saúde Pública;
- 2.ª – Ter professores inscritos no Registro de Professores;
- 3.ª – Garantir aos professores remuneração condigna;
- 4.ª – Garantir estabilidade de cargo e remuneração aos professores que, a qualquer título, contem três anos de exercício no estabelecimento, salvo falta grave devidamente apurada em inquérito instaurado pela autoridade Federal competente, a requerimento do Diretor do estabelecimento;
- 5.ª – Manter, na sua direção, em exercício efetivo, pessoa que apresente atestado de idoneidade moral;
- 6.ª – Oferecer garantias financeiras bastantes para o funcionamento durante o período mínimo de dois anos;
- 7.ª – Obedecer à organização didática e ao regime escolar estabelecido nesta lei e nos regulamentos e instruções a êste respeito baixados pelo Ministro da Educação e Saúde Pública.

Art. 36.º – Para a abertura de um estabelecimento de ensino secundário, seja oficial, seja livre, é preciso apresentar ao Ministro da Educação e Saúde Pública um requerimento instruído com a documentação completa que prove a possibilidade de o estabelecimento funcionar satisfazendo as exigências da respectiva categoria, referidas nos dois artigos precedentes.

§ 1.º – O requerimento e a relativa documentação deverão ser apresentados ao Ministro da Educação e Saúde Pública durante o mês de Dezembro, devendo no decurso do mês de Janeiro proceder-se, por parte da autoridade competente, às verificações dos requisitos exigidos.

§ 2.º – As despesas necessárias para as verificações de que trata o parágrafo anterior, correrão

por conta do estabelecimento requerente e serão arbitradas pelo Ministro da Educação e Saúde Pública; não podendo, entretanto, exceder de um conto e quinhentos mil réis por curso fundamental ou cada uma das Secções do curso complementar.

Art. 37.º – Uma vez despachado favoravelmente pelo Ministro da Educação e Saúde Pública o requerimento de que trata o Art. precedente, o estabelecimento será classificado, pelo prazo de dois anos, prorrogável por mais um, como estabelecimento sob inspeção preliminar, na 3.ª categoria do Art. 32.º.

Art. 38.º – No decurso do período de inspeção preliminar, o estabelecimento deverá funcionar sob o regime dos Art. 34.º ou 35.º, conforme a categoria em que, finalmente, pretenda ser classificado.

§ único – A autoridade federal competente providenciará para que a fiscalização dos estabelecimentos sob regime de inspeção preliminar seja particularmente rigorosa e freqüente, podendo o Ministro, a qualquer momento, fechar o estabelecimento sob regime de inspeção preliminar, desde que seja verificada a impossibilidade de o mesmo funcionar dentro das normas exigidas.

Art. 39.º – Terminando o período de inspeção preliminar, a autoridade federal competente designará uma comissão de três inspetores que será incumbida da revisão das condições enumeradas nos Art. 34.º e 35.º.

§ único – O relatório apresentado pela comissão de que trata este artigo, bem como todos os documentos relativos ao estabelecimento, serão submetidos à apreciação do Conselho Nacional de Educação.

Art. 40.º – Os estabelecimentos de ensino secundário que preencham as condições do Art. 38.º, mediante proposta do Conselho Nacional de Educação, aprovada por dois terços dos seus membros, serão classificados, por decreto do Governo Federal, em uma das duas primeiras categorias do Art. 32.º.

Art. 41.º – A autoridade federal competente notificará aos estabelecimentos de ensino secundário a eventual inobservância de qualquer dos dispositivos ou das exigências da legislação federal do ensino, impondo-lhes ainda, conforme a gravidade da infração ou reincidência na falta cometida, uma das seguintes penalidades:

- a) multa de 200\$000 a 2:000\$000;
- b) suspensão pelo prazo ainda restante do período letivo;
- c) fechamento do estabelecimento.

§ 1.º – De qualquer das penas aplicadas haverá recurso para o Ministro da Educação e Saúde Pública dentro do prazo de 60 dias.

§ 2.º – O arquivo escolar de qualquer estabelecimento de ensino secundário, a que fôr imposta uma das penas de que tratam as alíneas b) ou c) deste Art., será recolhido e guardado pela autoridade federal competente.

§ 3.º – Aos alunos dos estabelecimentos de ensino secundário que sofrerem as penas referidas nas alíneas b) ou c) deste Art., será permitida a transferência para outros estabelecimentos em qualquer época do ano, devendo nestes casos ser expedidas pela autoridade federal

competente as respectivas guias de transferência.

Capítulo 5.º

DO REGIME ESCOLAR

Art. 42.º – O candidato à matrícula na 1.ª série do curso fundamental, prestará exame de admissão na segunda quinzena de fevereiro.

§ 1.º – A inscrição neste exame será feita de 1.º a 15 do referido mês, mediante requerimento firmado pelo candidato ou seu representante legal.

§ 2.º – Constarão no requerimento a idade, filiação, naturalidade e residência do candidato.

§ 3.º – O requerimento virá acompanhado de atestado de vacinação anti-variolica recente, do recibo de pagamento da taxa de inscrição e da certidão do registro civil, provando ter o candidato a idade de onze anos, ou que a completará até 30 de junho do ano em que requerer inscrição.

Art. 43.º – Não será permitida inscrição em exame de admissão, na mesma época, em mais de um estabelecimento de ensino secundário, sendo nulos os exames realizados com transgressão dêste dispositivo.

§ 1.º – O exame de admissão realizar-se-á no estabelecimento de ensino em que o candidato pretender matrícula.

§ 2.º – O exame de admissão prestado nos estabelecimentos da primeira categoria será válido para a matrícula na 1.ª série do curso fundamental de qualquer outro estabelecimento de ensino.

Art. 44.º – O exame de admissão constará de provas escritas, uma de Português (redação e ditado) e a outra de Aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais.

§ 1.º – cada uma das provas escritas referidas neste Art. será eliminatória, ficando definitivamente excluído das demais provas o candidato que em qualquer das provas o candidato que em qualquer das provas escritas não atingir a nota 50 sobre 100.

§ 2.º – A banca examinadora será construída por três ou mais professores do estabelecimento, sob a fiscalização de um inspetor federal.

Art. 45.º – A matrícula em qualquer série do curso secundário será processada de 1.º 14 de março.

Art. 46.º – O requerimento de matrícula virá instruído com os seguintes documentos:

- a) certificado de habilitação no exame de admissão, para a matrícula na 1.ª série do curso fundamental, ou certificado de habilitação na série anterior para a matrícula nas demais séries;
- b) atestado de sanidade, especificando que o candidato não sofre de doenças contagiosas da vista;
- c) recibo do pagamento da taxa de matrícula.

§ único – No caso de transferência, o documento referido na alínea a) será substituído pela

guia de transferência.

Art. 47.º – A transferência será permitida de um para outro estabelecimento de ensino secundário, e só se efetuará nos períodos de férias, salvo o caso previsto no parágrafo 4.º.

§ 1.º – A transferência se fará mediante guia expedida pelo estabelecimento do ensino em que esteja matriculado o aluno e da qual deverá constar minuciosa informação sobre a sua vida escolar, de acordo com o modelo expedido pela autoridade federal competente.

§ 2.º – Pela guia de transferência o estabelecimento só poderá cobrar a taxa fixada pela autoridade federal competente.

§ 3.º – As guias de transferência, para que possam produzir efeito, deverão ser visadas pela autoridade federal competente.

§ 4.º – Os filhos de militares ou funcionários públicos poderão ser transferidos para estabelecimentos de outras cidades, em qualquer época do ano letivo, quando a isso obrigados para acompanhar seus pais.

Art. 48.º – Será permitida a matrícula nos estabelecimentos de ensino secundário aos alunos transferidos de estabelecimentos estrangeiros de ensino, desde que fique oficialmente comprovado que o curso seguido no estrangeiro, em seu final, permite a inscrição em institutos oficiais de ensino superior do país de onde provém o candidato.

§ 1.º – A matrícula prevista neste Art. será concedida à vista dos certificados do estabelecimento estrangeiro, devidamente autenticados pela competente autoridade consular brasileira ou pelo representante diplomático do país em que estiver situado o instituto de ensino cursado pelo candidato.

§ 2.º – Aceita a transferência, será o candidato classificado na série do curso secundário correspondente a que teria direito se continuasse seus estudos no estabelecimento de origem, submetendo-se, em época legal a pagas as devidas taxas, a exames das disciplinas de que não possua certificados de habilitação e exigidas para a sua adaptação ao curso secundário brasileiro.

Art. 49.º – O candidato à licença em uma das secções do curso complementar que apresentar certificado estrangeiro permitindo a matrícula em estabelecimento de ensino superior e seu país de origem, submeter-se-á, em um dos estabelecimentos de ensino secundário da 1.ª categoria do Art. 32.º, na época legal e pagas as devidas taxas, aos exames de Português, Corografia do Brasil, História do Brasil e das matérias da secção escolhida do curso complementar que não figurem com suficiente desenvolvimento no programa dos estudos feitos pelo candidato.

Art. 50.º – O ano letivo obrigatório começará em 15 de março e terminará em 14 de novembro, não podendo haver modificação destas datas senão por motivo de força maior, mediante autorização do Ministério da Educação e Saúde Pública.

§ 1.º – Nos estabelecimentos que iniciam os cursos em data anterior à fixada neste Art., a execução integral dos programas de ensino deverá ser feita dentro do período letivo obrigatório.

§ 2.º – A segunda quinzena de junho, embora pertencente ao período letivo, será considerada período de férias.

Art. 51.º – Em dezembro de cada ano o Ministro da Educação e Saúde Pública baixará um calendário oficial para o ano seguinte, no qual estarão fixados todos os dias do ano em que, por qualquer motivo, não funcionarão os estabelecimentos de ensino secundário.

§ único – Sòmente por decreto do Presidente da República deixarão as aulas de funcionar em dia que não esteja mencionado no calendário referido neste Art.

Art. 52.º – O horário escolar será organizado pelo diretor antes de abertura dos cursos, fixada em 50 minutos a duração de cada aula, com intervalo obrigatório de 10 minutos, no mínimo, entre uma e outra.

§ único – Nos cursos noturnos a duração de cada aula poderá ser limitada a 40 minutos, sendo, porém, obrigatório o intervalo a que se refere êste Art.

Art. 53.º – Será obrigatória a freqüência das aulas, não podendo prestar exame, no fim do ano, o aluno cuja freqüência não atingir metade das aulas obrigatórias para cada disciplina da respectiva serie.

Art. 54.º – Haverá durante o ano letivo argüições, exercícios e trabalhos práticos com atribuição de notas graduadas de zero a cem, exceto par Música.

§ 1.º – Durante os períodos de 15 de março a 15 de junho, 1 de julho a 31 de agosto, 1 de setembro a 31 de outubro, deverá ser atribuída a cada aluno e em cada disciplina, pelo respectivo professor, pelo menos uma nota relativa a argüições, exercícios ou trabalhos práticos.

§ 2.º – Essas notas serão, no fim de cada período, comunicadas aos pais dos alunos.

§ 3.º – Essas notas terão exclusivamente caráter informativo para as famílias e professores, não sendo computadas diretamente nas notas finais de aproveitamento dos alunos em cada matéria, exceto para Desenho.

Art. 4.º – A falta de nota em dado período, por não comparecimento, qualquer que seja o pretexto, inclusive por doença, equiivale à nota zero.

Art. 55.º – O aproveitamento em cada disciplina, exceto desenho, música e exercícios físicos, será avaliado com um exame final sôbre tôda a matéria do curso anual, prestado parente uma banca de pelo menos três professores do estabelecimento, em primeira ou segunda época.

§ 1.º – cada exame constará de uma prova escrita e outra oral, ou prático-oral, sendo a nota final da matéria a média destas duas notas.

§ 2.º – A nota final de desenho em cada série será simplesmente a média aritmética das notas obtidas em todo os trabalhos executados no correr do ano.

§ 3.º – não haverá nota nas cadeiras de música e exercícios físicos.

§ 4.º – Os exames de primeira época terão início no dia 16 de novembro e os de segunda época no dia 1.º de março.

Art. 56.º – Estará a cargo dos inspetores federais para isso designados, a superintendência geral dos exames, cabendo-lhes tomar as medidas que julgarem necessárias para a completa moralidade dos mesmos.

§ 1.º – Os inspetores federais de que trata êste Art., quando observarem irregularidades no decorrer de qualquer das provas, aplicarão ou proporão imediatamente a aplicação de uma das penalidades previstas no Art. 16.º, a todos os membros da respectiva banca examinadora.

§ 2.º – Se os inspetores federais de que trata êste Art. constatarem irregularidade grave no decorrer de qualquer prova, por parte dos membros da banca examinadora, além de tomarem as providências previstas no parágrafo precedente, deverão anular o respectivo exame, que só poderá ser repetido em um dos estabelecimentos da primeira categoria de que trata o Art. 31.º.

Art. 57.º – Para ser promovido à série seguinte ou licenciado no curso fundamental ou complementar, deverá o aluno conseguir nota não inferior a 50 sôbre 100 em tôdas as disciplinas da respectiva série, com exceção de música e exercícios físicos, respeitando-se sempre, porém, o disposto no Art. 52.º.

Art. 58.º – Quando um aluno não alcançar nota suficiente para promoção, em primeira época, em uma ou duas matérias no máximo, poderá repetir os ditos exames em segunda época.